

EDUARDO MOREIRA LEITE MAHON

**GERAÇÃO COXIPÓ:
O NASCIMENTO DE UMA NOVA GERAÇÃO LITERÁRIA
EM MATO GROSSO**

**TANGARÁ DA SERRA-MT
2020**

EDUARDO MOREIRA LEITE MAHON

**GERAÇÃO COXIPÓ:
O NASCIMENTO DE UMA NOVA GERAÇÃO LITERÁRIA
EM MATO GROSSO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – PPGEL – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras. Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Walnice Aparecida Matos Vilalva.

**TANGARÁ DA SERRA-MT
2020**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para os fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Mahon, Eduardo Moreira Leite.

Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso – Tangará da Serra, 2020.

288 p.; 30cm

Trabalho de Conclusão de Curso.

(Dissertação/Mestrado) Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem, Campus de Tangará da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso. Tangará da Serra/MT, 2020.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Walnice Aparecida Matos Vilalva

1. Gerações literárias. Literatura contemporânea. I. Eduardo Moreira Leite Mahon. II. *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso*.

Dissertação intitulada “**Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso**”, de autoria do mestrando Eduardo Moreira Leite Mahon, a ser avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes docentes:

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT)
(Orientadora – Presidente)

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Avaliador – convidado)

Profª Drª Olga Maria Castrillon-Mendes
(Avaliadora – convidada)

À memória de Marília Beatriz de Figueiredo Leite.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico sobre o esforço coletivo que redundou em uma nova geração literária demanda logicamente comprometimento do grupo. Esse estudo não seria possível sem o acesso aos arquivos particulares de vários integrantes da Geração Coxipó, especialmente de Amauri Lobo, Cristina Campos, Luiz Renato e Marta Cocco. Foram-me confiadas caixas com arquivos abarrotados de livros, revistas, fotografias e documentos relevantes sem os quais seria impossível retratar o *esprit du temps*. A pronta adesão do grupo foi surpreendente. Acllyse de Matos, Eduardo Ferreira, Gabriel de Matos, João Bosquo, Ivens Cuiabano Scaff, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Persona, entre outros autores; e os editores Ramon Carlini, Elaine Caniato e Maria Teresa Carrión Carracedo forneceram uma amostra significativa de material autoral e textos inéditos necessários a esta pesquisa.

Dezenas de grossas e pesadas encadernações do Muxirum Cuiabano, cedidas por Ulysses e Ernani Calhao, auxiliaram a compor o contexto histórico das duas últimas décadas do século XX. As horas de conversa que me dedicaram transparecem na tentativa de compreender a angústia com uma cidade transformada. O café com Icléia Lima, Marília Beatriz de Figueiredo Leite e Olga Maria Castrillon-Mendes me incentivavam a compreender a dimensão não só literária, mas etnológica do trabalho. Remexer no baú do orgulho cuiabano sem a orientação conscienciosa dessas duas mulheres seria impossível. De outro lado, Elizabeth Madureira Siqueira cedeu-me tempo e arquivos digitalizados para dar suporte às referências das publicações do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras.

A mobilização me impressionou e emocionou. Na realização das entrevistas para a produção do documentário sobre a Geração Coxipó, Wander Antunes tomou um avião de São Paulo para Cuiabá, Juliano Moreno veio de Cáceres, Antonio Carlos Lima (Toninho) saiu da toca, Luciene Carvalho acordou mais cedo, Mário César Silva Leite vestiu agasalho, Fernando Tadeu colocou um *blazer* elegante, e os atores Ivan Belém e Claudete Jaudy nos ofereceram um *show* à parte. Foram 22 horas de gravação em dois finais de semana repletos de lembrança, reflexão e diversão. Era a demonstração de união de uma geração de escritores que tomavam consciência da própria importância. Não seria possível uma produção sem essa colaboração ativa e vontade de registrar um tempo, uma mentalidade.

Finalmente, houve o café na padaria e as noites de semiembriaguez com a orientadora Walnice Vilalva, que apostou num advogado que pretendia se tornar pesquisador e crítico

literário. O mais importante da orientação não foi a indicação bibliográfica, mas a estratégia de acossar a crítica que não se ligasse à minha amizade com os escritores cotejados. Foram várias versões do trabalho, todas glosadas no curso da orientação por apontamentos que as fizeram migrar de um texto encomiástico e impressionista para uma crítica um pouco mais distanciada do seu objeto de análise.

Por fim, devo anotar o orgulho pela recomendação unânime da banca de qualificação, formada por Walnice Vilalva, Olga Maria Castrillon-Mendes e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, para o *upgrade* da atual pesquisa para doutoramento direto, proposta que recebeu o apoio dos conselheiros do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários Agnaldo Rodrigues e Hélio Moraes, aos quais agradeço imensamente pelo reconhecimento do valor desta pesquisa. O ineditismo dessa recomendação, ainda que não acolhida de pronto, provocou a Unemat no sentido de compreender a maturidade a que chegou institucionalmente, mais uma razão para continuar apostando na educação superior pública, universal e gratuita.

RESUMO

O final dos anos 1980 impactou a capital mato-grossense gerando iniciativas culturais de reação. As transformações no cenário urbano, os fluxos migratórios, a decadência da hegemonia cultural da Casa Barão de Melgaço e o fortalecimento de um novo centro intelectual que gravitava em torno da Universidade Federal de Mato Grosso foram responsáveis pelo nascimento de uma nova geração literária, intitulada neste trabalho “Geração Coxipó”. Jovens irreverentes, reunidos em torno de publicações coletivas, inspirados pelo inconformismo antiacadêmico de Wladimir Dias-Pino, improvisaram as primeiras publicações e se firmaram a partir do lançamento da revista *Vôte!* e de outros periódicos. O percurso literário dos autores da Geração Coxipó é marcado pela ambivalência. De um lado, batiam-se contra a estética passadista ligada à Academia Mato-grossense de Letras; de outro, identificando-se com a modernidade, rechaçavam as transformações advindas do processo de migração, ocupação e questionamento da tradição local.

O referencial teórico usado na pesquisa recobra o conceito de geração de Maffesoli (2007); os campos de poder simbólico e as definições de hegemonia de Bourdieu (2018); as definições de modernidade e antimodernidade de Latour (2013) e Compagnon (2011). Já com relação à construção identitária brasileira na literatura e sua ambivalência no modernismo, foi consultada a bibliografia de Antonio Candido (2017), Carlos Berriel (2000), Flora Süssekind (1994), Gilberto Mendonça Telles (1972), Sérgio Miceli (2012), entre outros críticos. Especificamente quanto à literatura mato-grossense, Rubens de Mendonça (1970), Hilda Gomes Dutra Magalhães (2002), Mário César Silva Leite (2005), Marinei Almeida (2012) e Carlos Gomes de Carvalho (2004), além dos periódicos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, e da Academia Mato-grossense de Letras, de 1922 a 2015, e das revistas literárias *Vôte!*, *Estação Leitura* e *Fagulha*.

Palavras-chave: Geração literária. Modernidade e tradição. Literatura mato-grossense contemporânea.

ABSTRACT

The late 1980's impacted the capital of Mato Grosso, generating cultural initiatives of reaction. The transformations in the urban scene, the migratory flows, the decay of the cultural hegemony of Casa Barão de Melgaço and the strengthening of a new intellectual center that gravitated around the Federal University of Mato Grosso, were responsible for the birth of a new literary generation, entitled in this work "Geração Coxipó". Irreverent young people, gathered around collective publications, inspired by Wladimir Dias-Pino's anti-academic non-conformism, improvised the first publications and established themselves with the launch of *Vôte!* magazine and other journals. The literary path of the authors of the Generation Coxipó is marked by ambivalence. On the one hand, they fought against the aesthetics related to the Academia Mato-grossense de Letras; on the other hand, identifying with modernity, they rejected the transformations arising from the process of migration, occupation and questioning of local tradition.

The theoretical framework used in the research covers Maffesoli's concept of generation, the fields of symbolic power (2007) and Bourdieu's (2018) definitions of hegemony and Latour's (2013) and Compagnon (2011) definitions for modernity and antimodernity. Regarding the Brazilian identity construction in literature and its ambivalence in modernism, the bibliography of Antonio Candido (2017), Carlos Berriel (2000), Flora Süssekind (1994), Gilberto Mendonça Telles (1972), Sérgio Miceli (2012) was consulted, among other critics. Specifically regarding literature from Mato Grosso, Rubens de Mendonça (1970), Hilda Gomes Dutra Magalhães (2002), Mário César Silva Leite (2005), Marinei Almeida (2012) and Carlos Gomes de Carvalho (2004), in addition to the Institute's periodicals Historical and Geographic of Mato Grosso, from the Mato Grosso Academy of Letters from 1922 to 2015 and from the literary magazines *Vôte !*, *Estação Leitura* and *Fagulha*.

Keywords: Literary generation. Modernity and tradition. Contemporary mato-grossense literature.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| CAPÍTULO I..... | 16 |
| 1.0. GERAÇÕES LITERÁRIAS..... | 16 |
| 1.1. Atravessamento e contaminação..... | 29 |
| 1.2. AML: o primeiro projeto literário mato-grossense..... | 35 |
| 1.3. O academicismo mato-grossense..... | 53 |
| 1.4. Cuiabanocentrismo..... | 73 |
| CAPÍTULO II..... | 89 |
| 2.1. ANTECEDENTES DO ANTIACADEMICISMO..... | 89 |
| 2.2. O nascimento da Geração Coxipó..... | 117 |
| CAPÍTULO III..... | 135 |
| 3.1. OS PERIÓDICOS DA NOVA TRIBO..... | 135 |
| 3.2. Revista <i>Vôte!</i> – O protagonismo de Wander Antunes..... | 149 |
| 3.3. <i>Estação Leitura</i> e a luta de Wander Antunes por um público leitor..... | 163 |
| 3.4. Revista <i>Fagulha</i> | 175 |
| 3.5. A tradição que vive no passado..... | 181 |
| 3.6. A crise de legitimidade da Academia Mato-grossense de Letras..... | 197 |
| CAPÍTULO IV..... | 202 |
| 4.1. A PRODUÇÃO COLETIVA DA GERAÇÃO COXIPÓ..... | 202 |
| 4.2. <i>Devaneios poéticos</i> : os prêmios regionais..... | 210 |
| 4.3. Fragmentos de gerações..... | 213 |
| 4.4. O projeto Palavra Aberta e a consolidação da Geração Coxipó..... | 219 |
| 4.5. Lamento, identidade e contemporização..... | 213 |
| CONCLUSÕES..... | 255 |
| REFERÊNCIAS..... | 277 |
| ANEXO 1. Geração Coxipó: as guerras tribais na literatura mato-grossense..... | 288 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1. Filiações dos autores da AML a instituições, estampadas nas capas de seus livros..... | 57 |
| FIGURA 2. Capa do caderno cultural DC Ilustrado do <i>Diário de Cuiabá</i> , de 28.10.1995, registrando a posse de Yasmin Nadaf..... | 72 |
| FIGURA 3 – Manifesto da Geração Coxipó, divulgado em 1986..... | 119 |
| FIGURA 4 – Grupo Gambiarra, na década de 1990..... | 124 |
| FIGURA 5 – Espetáculo teatral ‘O Capote’, em 1988..... | 126 |
| FIGURA 6 – Luiz Renato, Eduardo Ferreira e Amauri Lobo, do Caximir Bouquet..... | 127 |
| FIGURA 7 – Capa de <i>Contratempo</i> , de Lucinda Persona, a compor o Programa Poetas Vivos..... | 133 |
| FIGURA 8 – Provável nº 1 do <i>Saco de Gatos</i> , com espaços laterais ainda sem patrocinadores..... | 137 |
| FIGURA 9 – Provável nº 6 do <i>Saco de Gatos</i> | 138 |
| FIGURA 10 – <i>Saco de Gatos</i> sem número, com fundo azul..... | 139 |
| FIGURA 11 – Edição especial do <i>Saco de Gatos</i> , encomendada para uso no Sesc Arsenal..... | 141 |
| FIGURA 12 – Anúncio do CTG Sinuelo do Araguaia no <i>Saco de Gatos</i> | 147 |
| FIGURA 13 – Capa do primeiro número da revista <i>Vôte!</i> (out. 1992)..... | 149 |
| FIGURA 14 – Capa da primeira edição da revista <i>Estação Leitura</i> (fev./mar. 2004)..... | 163 |
| FIGURA 15 – Anúncio da Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense – ALIMENTO, no segundo número da revista <i>Estação Leitura</i> (abr./mar. 2004)..... | 170 |
| FIGURA 16 – Primeira edição da revista <i>Fagulha</i> – Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, em 2006..... | 176 |
| FIGURA 17 – Página 7 do ‘Suplemento’ mensal do <i>Diário Oficial</i> , de 28.08.1986..... | 184 |
| FIGURA 18 – ‘Suplemento’ mensal do <i>Diário Oficial</i> , de 30.08.1991, p. 4-5..... | 186 |
| FIGURA 19 – Detalhe de página do ‘Suplemento’ mensal do <i>Diário Oficial</i> , | |

| | |
|---|------------|
| de 28.02.1994, veiculando propaganda de autores da AML..... | 188 |
| FIGURA 20 – Páginas 4-5 da edição de 31.05.1995 | |
| do ‘Suplemento’ mensal do <i>Diário Oficial</i> | 189 |
| FIGURA 21 – Capa da brochura <i>A nova poesia de Mato Grosso</i>, | |
| produzida em 1986..... | 204 |
| FIGURA 22 – Capa de <i>Devaneios poéticos</i>, publicado pela UFMT em 1994..... | 210 |
| FIGURA 23 – Capa do livro <i>Fragments da alma mato-grossense</i>, de 2003..... | 214 |
| FIGURA 24 – Capa de <i>Na margem esquerda do rio</i>, publicação coletiva | |
| organizada por Juliano Moreno e Mário César Silva Leite (2002)..... | 220 |
| FIGURA 25 – Capa do livro <i>Quem muito olha a lua fica louco</i>, de Aclyse de Mattos (2000)..... | 226 |
| FIGURA 26 – Capa da brochura <i>Mil mangueiras</i>, de Ivens Cuiabano Scaff (1988)..... | 229 |
| FIGURA 27 – Capa do romance <i>Matrinchã do Teles Pires</i>, de Luiz Renato (1998)..... | 233 |
| FIGURA 28 – Capa do livro <i>Isso É Coisa de Pitada</i>, de Wander Antunes (1997)..... | 237 |
| FIGURA 29 – Capa do livro <i>Poemas do Cerrado serrado</i>, de Amauri Lobo (2002)..... | 241 |
| FIGURA 30 – Capa do livro <i>Mundo cerrado</i>, de Lorenzo Falcão (2001)..... | 245 |
| FIGURA 31 – Capa do livro <i>Empório literário – versos diversos</i>, | |
| de Antonio Sodré (2005)..... | 248 |
| FIGURA 32 – Capa do livro <i>Bicho-grilo</i>, de Cristina Campos (2016)..... | 249 |
| FIGURA 33 – Capa do livro <i>Partido</i>, de Marta Cocco (1997)..... | 250 |
| FIGURA 34 – Reunião de alguns autores | |
| da nova geração literária mato-grossense, em 2008..... | 255 |
| FIGURA 35 – Detalhe do jornal <i>Folha da Serra</i>, com poema de Lobivar Matos..... | 262 |

INTRODUÇÃO

Minha dor é perceber
que, apesar de termos feito
tudo o que fizemos,
ainda somos os mesmos
e vivemos
como os nossos pais.

(Como os nossos pais – Belchior)

A distância geográfica dos centros hegemônicos de produção cultural promove uma série de fenômenos que demandam cuidado na observação e análise. O tempo resultante da comunicação entre grandes distâncias é o elemento que mais sofre variações, podendo criar miragens na crítica literária. Em geral, a dessintonia geográfica e temporal na produção literária de um grupo de autores que vive na periferia é interpretada como expressão tardia quando, na realidade, pode haver uma intencionalidade na manutenção de uma determinada estética.

Em Mato Grosso, por exemplo, a poética parnasiana e a prosa romântica foram deliberadamente adotadas como opção narrativa para expressar atração à ocupação de regiões consideradas vazios demográficos. A intenção era prospectar investimentos financeiros e o progresso técnico que a modernidade oferecia. No mais das vezes, o protagonismo do local menoscabou o potencial literário de promover o drama humano, cumprindo o panorama que Antonio Candido (2014, p. 117) fez ao estrangeiro sobre a literatura e a cultura, de 1900 a 1945, texto que demarca o fenômeno: “Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos”.

A estruturação de um projeto literário mato-grossense coincidiu com o ideário desenvolvimentista. Com uma deslocada narrativa epopeica que fundia a miscigenação racial pacificada com a idealização de uma opulência regional, José de Mesquita convidava interessados em colonizar o imenso território até então inexplorado. Talvez tenha sido ele o primeiro a se referir a Mato Grosso como “celeiro do mundo”. No poema ‘Visão do Futuro’, Mesquita (1930, p. 37) encerra a obra *Da epopeia mato-grossense* com o projeto político para o Estado:

A era nova desponta. O auto, célere, corta
teus campos, onde a messe, esplêndida, se espraia.
Silva a locomotiva... E da tapera morta
como que nova luz radia, ardente e gaia.

O velívolo leve os teus ares recorta.
A orchestra do progresso os seus hymnos ensaia.
Tempo é de ressurgir, nesse teu sonho absorta,
para a glória sem par que no horizonte raia!

Venha o dia feliz em que, fortes e unidos,
os teus filhos farão, nos labores da leira,
do trabalho no afan, rijos e decididos

surgir desse teu seio apoiado e fecundo,
com que se há de nutrir a humanidade inteira
– Terra da Promissão e celleiro do mundo!

A visão para o futuro de José de Mesquita e dos contemporâneos, sobretudo o então presidente do Estado, o arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa, redundaria em sucessivos fluxos migratórios incentivados pelo governo federal e estadual. Essa circunstância espaço-temporal do século XX repercutiu nas ambivalências da produção literária mato-grossense: as primeiras gerações de escritores aderiram a uma estética atacada pelo modernismo paulista, mas adotaram a temática ligada ao progresso, ao desenvolvimento técnico.

Trata-se de projetar Cuiabá e Mato Grosso com ufania e otimismo, pressentindo o futuro de prosperidade. Essa ordem positivista, que cunhou a modernidade na Europa, foi modelada pela ótica de autores mato-grossenses de forte inclinação moralista e religiosa, talvez por conta da percepção externa com relação à modorra regional, estagnação combatida pelos escritores da primeira geração. Em *Tristes trópicos*, por exemplo, Claude Lévi-Strauss (1996, p. 193) descreve o cotidiano em Cuiabá da seguinte forma:

De sua antiga glória, Cuiabá conserva um estilo de vida lento e cerimonioso. Para o forasteiro, o primeiro dia transcorre em idas e vindas pela praça que separa a hospedaria do palácio do governador; entrega de um cartão de visita ao chegar; uma hora depois, o ajudante-de-ordens, guarda bigodudo, retribui a gentileza; depois da sesta que paralisa a cidade inteira numa morte diária, de meio-dia às quatro horas, apresentamos nossos cumprimentos ao governador (na época, interventor) que se reserva à etnografia uma acolhida cortês e enfarada; os índios, certamente, preferiria que não existissem; que são, para ele, se não o lembrete irritante de sua desgraça política, o testemunho de seu confinamento num município atrasado?

Vários depoimentos dos integrantes da Geração Coxipó dão conta da ambivalência no sentimento ao regressar a Cuiabá. Os jovens estudantes, que saíam para estudar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, ao regressar, sentiam alívio por constatar que a cidade permanecia a mesma e angústia por não vê-la acompanhar o ritmo das transformações de outras cidades, como Campo

Grande-MS, por exemplo. Esse sentimento contraditório pautou a produção literária do final do século XX, como resistência à estética da geração anterior ou reafirmação temática.

A reação ao tradicionalismo deu-se em variados momentos históricos, em movimentos erráticos e pouco mobilizadores. Em geral, acabou em frustração a maioria dos questionamentos à Academia Mato-grossense de Letras (AML) ou, quando não sobreveio o apagamento, no mínimo, deu-se a adesão ao projeto de Aquino-Mesquita, em que muitos intelectuais posicionavam-se dubiamente: críticos, quando publicavam de forma independente, e dóceis, em cerimônias e publicações internas.

Foram raros os autores que desafiaram a AML para a qual convergiu a maioria dos escritores do século XX, sobretudo aqueles alinhados ao projeto literário da dupla Aquino-Mesquita, que consistia na prosa memorialista de caráter laudatório, de um lado, e na poesia parnasiana de versos alexandrinos, de outro. Cumpria aos intelectuais que gravitavam institucionalmente em torno do presidente perpétuo da AML a função de apoiar a narrativa de uma terra pacificada e pronta para o desenvolvimento. Era o maior desejo de Mesquita – o progresso.

A par das episódicas reações, seja pelo modernista Lobivar Matos, seja pelo intensivista Wladimir Dias-Pino, além de alguns escritores que oscilaram entre a oposição e a adesão ao projeto fundacional da dupla Aquino-Mesquita, foi somente nas últimas duas décadas do século XX que ocorreu a contraposição literária de maior longevidade. A Geração Coxipó, conjunto de jovens autores ligados, direta ou indiretamente, à recém-inaugurada Universidade Federal de Mato Grosso, agenciou apoio suficiente para promover o contraponto literário à estética romântico-parnasiana cultivada no interior da Academia Mato-grossense de Letras, mesmo após a extinção de seus fundadores.

Curiosamente, porém, o antiacademicismo dos jovens estudantes somou-se à reação contra o fluxo migratório sulista e as transformações urbanas dele decorrentes. Por força do tempo, formou-se uma nova ambivalência. De um lado, a pauta da Geração Coxipó era “modernizar” a literatura produzida em Mato Grosso; de outro, tratava-se de armar vigília contra o desenvolvimento.

Para refletir sobre essa aparente contradição, é apropriado lembrar Roberto Schwarz (2008, p. 43), que observou:

Sabe-se que progresso técnico e conteúdo social reacionário podem andar juntos. Esta combinação, que é uma das marcas do nosso tempo, em economia, ciência e arte, torna ambígua a noção de progresso. Também a noção próxima, de vanguarda, presta-se à confusão. O vanguardista está na ponta de qual corrida?

O presente trabalho teve como objetivo proceder ao levantamento do material produzido nas fases iniciais dos escritores da Geração Coxipó e refletir sobre as ambivalências da produção literária do período. Os jovens autores pretenderam renovar a literatura produzida em Mato Grosso, rompendo com o conservadorismo institucionalizado na Academia Mato-grossense de Letras, ao mesmo tempo em que apresentaram conceitos antimodernos, reagindo contra o migrante, a urbanização e a implantação do agronegócio.

Todavia, ainda que os projetos literários colidam, a maior e mais interessante ambivalência percebida na produção dos novos escritores é a conservação da mesma postura dos combatidos poetas parnasianos e prosadores românticos quando o tema é Cuiabá. Por mais que se ressintam da estética passada, a Geração Coxipó mantém a atenção centrada na capital mato-grossense, abordada por uma literatura tão emulativa quanto praticou a geração anterior, defendendo as tradições cuiabanas contra “invasores bárbaros” que chegavam “em hordas” da região Sul do país. Convergiram, portanto, para o conceito de cuiabanidade (explicado adiante), culpabilizando o migrante pela descaracterização do meio ambiente e das reminiscências afetivas de uma cidade que resistia às transformações.

A Geração Coxipó nasceu sem projeto específico e à míngua de produção consistente, mas amadureceu nos trinta primeiros anos para legar alguns escritores que publicam com regularidade e já são reconhecidos no meio universitário.

O estudo percorreu três fases históricas distintas. Inicialmente, identificou-se a formação do cânone literário mato-grossense e as características contra as quais várias gerações de antiacadêmicos se opuseram. Em seguida, é apresentado o resultado do levantamento bibliográfico das primeiras produções dos autores selecionados para, finalmente, refletir sobre a sua consolidação literária. Esse percurso contou com a concomitante reflexão sobre a tensão estética e temática entre dois grupos, dois projetos e duas formas de expressão literária.

CAPÍTULO I

1.0 – GERAÇÕES LITERÁRIAS

Na noite do dia 07.09.1921, a Academia Mato-grossense de Letras foi fundada. Nasceu pelas mãos do jurista José de Mesquita, futuro presidente do Tribunal de Justiça por mais de uma década, sob as bênçãos do então governador Francisco de Aquino Corrêa, também arcebispo de Cuiabá. A dupla Aquino-Mesquita forjaria o cânone literário no Estado, pela força da consistente produção literária, dos vínculos políticos, pela habilidade estratégica responsável por sediar a instituição no casarão colonial que pertenceu ao Barão de Melgaço e, principalmente, pela institucionalização das movimentações culturais que se submeteram à chancela dos intelectuais, cujas obras integram o referencial local até os presentes dias.

O Palácio da Instrução, localizado ao lado da tricentenária Catedral Basílica do Bom Jesus de Cuiabá, foi decorado com pompa para a tertúlia presidida pelo governador-arcebispo. José de Mesquita (1936, p. 9)¹, fundador da entidade e criado pela família de Aquino como meio-irmão, não teve nenhuma modéstia ao enaltecer o próprio trabalho:

O ‘Centro Mato-grossense de Letras’ assignala a phase característica da Renascença literária em Mato Grosso. Estabelecida, como ficou, em ligeiro ensaio histórico acerca da evolução da cultura das letras no grande Estado, a década de 1910 a 1920, como marco limitador da era contemporânea, o ‘Centro’ vem justamente – tal a influência decisiva que exerceu nessa evolução – dividir a chronologia literária mato-grossense em dois períodos que se podem definir: antes do ‘Centro’ e depois do ‘Centro’.

O paraninfo do evento não poderia ser outro que não o próprio governador D. Aquino Corrêa. Na ocasião, lançou as bases do programa que marcaria toda a trajetória da literatura mato-grossense nos últimos cem anos. Na visão de Aquino (1985, p. XV), era preciso “lançar as bases de uma literatura mato-grossense”:

Que nobre e patriótica tarefa para o Centro:

¹ Mesquita prosseguiu com o registro histórico: uma nova geração subia ao tablado da vida pública e trazia “[...] uma profunda crença no futuro de Mato Grosso, um culto extremado das suas grandezas e, quer na lyra dos seus poetas quer nas páginas dos seus prosistas, se afirma unisona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra”. Informou, ainda, que: “agregaram-se como fundadores outros nove sócios, que foram D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha (falecido), Virgilio Correa Filho, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Philogônio de Paula Corrêa, Cesário Prado, Carlos Gomes Borrvalho e Franklin Cassiano”. Esses doze, por sua vez, escolheram outros tantos que deveriam integrar as 24 cadeiras constitutivas do Centro: “Anna Luisa da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Correa, José Magno da Silva Pereira (falecido), José Raul Vilá, Leovegildo Martins de Mello (falecido), Manuel Paes de Oliveira, Manuel Xavier Paes Barreto, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta e Ulysses Cuiabano” (MESQUITA, 1936, p. 9-22).

Ser paladino da pureza virginal da língua materna! Quem lhe dera, antes de tudo, poder bradar eficazmente com o poeta: Abram-se as fontes gregas e latinas! (ibid., p. XII).

[...] devendo discorrer sobre a beleza da matéria nas produções literárias, de outras não sei que tanto mereçam o nosso estudo e carinho, como as belezas da nossa terra.

Nisto é que o Centro deve mostrar-se verdadeiramente mato-grossense. Lançar as bases da literatura regional, eis a grande finalidade que deve imprimir cunho característico ao programa da sua atividade (ibid., p. XV).

Bem inspirado nestes princípios, o Centro Mato-grossense de Letras se propõe a fazer uma literatura que não só respeite a moral, mas a edifique, exalte e sublime.

Nosso fim é cultivar as belas-letas, que tão sugestivamente são também chamadas boas letras.

Não queremos a literatura das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, amiúde, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios (ibid., p. XVIII-XIX).

Parece que o bairrismo que impunha a geografia local como protagonista dos textos era perfeitamente natural. Mas não era. Nesse momento, Aquino usava uma instituição que seria hegemônica para afirmar o próprio programa ideológico que, além de pautar os escritores que o sucederam, fazia frente aos árcades e aos pré-românticos do passado imediato, que não se referiam aos valores da terra. Tratava-se de uma bem-sucedida estratégia de sobreposição pelo apelo nativista. Aquino sempre foi claro no programa regionalista de cunho patriótico. No discurso de colação de grau do Ginásio São Joaquim, em Lorena, no dia 14 de novembro de 1924, aconselhava aos jovens bacharéis:

Moços! As minhas palavras são estas: Sede brasileiros! Recebei-as como a palavra de ordem do primeiro padrinho de vossa intelectualidade em flor: Sede brasileiros! E, ao repeti-las aqui, evoquemos, na elegância aristocrática deste salão, toda a transparência azul dos nossos céus, toda a pujança das nossas terras, o perfume virginal das nossas flores, as harmonias agrestes do sertão, e as epopeias inéditas do nosso passado: Sede brasileiros! (AQUINO, 1985, p. 142).

No mesmo ano, Oswald de Andrade batia-se contra a institucionalização estética cristalizada na Academia Brasileira de Letras (ABL). Pelo menos, foi o que afirmou no manifesto ‘Nhengaçu Verde-amarelo’, ao lançá-lo no *Correio Paulistano*, em 17.05.1929: “Combatemos, desde 1921, a velha retórica verbal, não aceitamos uma nova retórica submetida a três ou quatro regras, de pensar e de sentir. Queremos ser o que somos: brasileiros. Barbaramente, com arestas, sem autoexperiências científicas, sem psicanálises e nem teoremas”.

O inquieto paulista, influenciado por Marinetti e pelos ares intelectuais que sopravam em Paris, buscava desvencilhar-se da métrica que impunha a prevalência na forma poética e,

concomitantemente, rompia com o estilo romântico-parnasiano que dominava o panorama literário nacional. Para o desiderato modernizante, contrapunha-se à ABL, que já havia perdido o viço inicial com a morte do fundador Machado de Assis:

O grupo verdamarelo, cuja regra é a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder: cuja condição é cada um interpretar o seu país e o seu povo atrás de si mesmo, da própria determinação instintiva: o grupo verdamarelo, à tirania das sistematizações ideológicas, responde com a sua alforria e a amplitude sem obstáculo de sua ação brasileira (SCHWARTZ, 2008, p. 185).

A nova estética – sistematizada inicialmente pelo famoso Grupo dos Cinco, formado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Menotti del Picchia – prevaleceu na literatura brasileira de modo geral, após assegurarem posições políticas de acomodação, agregar outros modernistas mineiros, gaúchos e cariocas, e publicarem manifestos, periódicos e livros. Sobre o tema, a crítica literária costuma se referir a várias “fases modernistas” como desdobramentos dos primeiros manifestos, descurando para publicações anteriores e concomitantes noutras regiões brasileiras que não estivessem ligadas a São Paulo. O mesmo *status* de coadjuvância veio, em seguida, com a abordagem dos regionalismos brasileiros, menos estudados e tratados em segundo plano em relação ao protagonismo paulista.

Quase 80 anos depois, em fevereiro de 2010, o primeiro número da revista *SUB* foi lançado em Cuiabá, com um discreto selo (ACADEMIA DOS MORTAIS), que passou completamente despercebido do grande público e foi solenemente ignorado pelo *establishment* intelectual mato-grossense, resultado da blague de um grupo de escritores que estava se movimentando há 25 anos. Esse coletivo de autores formou-se longe da sombra da Academia Mato-grossense de Letras, inclusive em termos de topologia urbana. Enquanto a centenária entidade cultural ainda está fincada no centro histórico de Cuiabá, alojada num casarão de 250 anos, os irreverentes “mortais” ligavam-se ao que denominavam “Baixo Coxipó”, nas ruas centrais do bairro Boa Esperança, que alberga a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), fundada em 1970.

Os três recortes históricos possibilitam uma curiosa reflexão sobre a ação do tempo e do espaço na literatura brasileira. Ao fincar o compasso da análise literária na Semana de 22, a crítica estabeleceu uma relação de subalternidade com relação a outros agrupamentos modernistas brasileiros, impondo-lhes o epíteto de “tardios”, rótulo que sublinha a centralidade do referencial escolhido pela crítica. Essa prática estabelece um confortável encadeamento analítico do centro

para as margens, ou seja, da Europa para a América Latina, de São Paulo para o “resto do país”, imputando, justa ou injustamente, uma filiação intelectual paternalista e centralizadora.

Ao recuperar o movimento modernista em Minas Gerais, Ivan Marques (2011, p. 23) desnuda a centralidade da crítica: “[...] o recorte histórico-social, conduzido de maneira quase sempre ortodoxa, predominou sobre a análise e a interpretação literária. Enquanto isso, os problemas se acumulavam nos textos e nos poemas, que mal eram lidos”. A seletividade de recortes e a eleição da crítica fizeram com que a paternidade do modernismo brasileiro fosse reivindicado para São Paulo, quando, na realidade, ele acontecia concomitantemente no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Veremos, inclusive, que o distante sertão mato-grossense antecipou a poesia visual, sem qualquer nota relevante na crítica nacional.

A provocação da “Academia dos Mortais”, pela ótica dessa crítica fragmentária que subordina movimentos periféricos, poderia ser classificada como um “tardio ímpeto modernista” em Mato Grosso, o que seria um grave equívoco metodológico, por desconsiderar as circunstâncias da produção literária local, os vetores internos da produção e as trocas simbólicas entre vários grupos intelectuais que se digladiaram e se compuseram nos últimos 100 anos em Mato Grosso. Isso porque a “Geração Coxipó” não tentou dialogar com padrões modernistas do princípio do século XX, a estrutura de comunicação por meio de manifestos não foi tomada de empréstimo, tampouco o enfrentamento literário se deu com a mesma consciência, intensidade e consistência dos primeiros modernistas brasileiros.

De outro lado, o marco temporal de 1921 também impõe a reflexão sobre o impacto da dimensão continental do território brasileiro para a produção literária. O espaço proporciona novas perspectivas de reflexão sobre a constituição do conceito de nacionalidade, uma ingenuidade intelectual que pretende homogeneizar linguagens, estéticas e pretensões intelectuais sob uma só visão central. O movimento literário fundacional de um Brasil independente, responsável por buscar/formar a identidade nacional, entregou-se à idealização romantizada. Sobre o tema, vale a observação de Walnice Vilalva (2014, p. 245-247):

A Literatura nasce com a missão de instituir uma nacionalidade. Esse perfil eufórico inunda os créditos escritores de esperançosa liberdade cultural, mesmo tomando a Europa como modelo para suas realizações. [...] [...] essa mentalidade nacional, consoante com o Romantismo, aparece como reflexo de um contexto político que assumiu efeitos que ratificam a divisão (econômica e política) pela qual passava a Europa e a América: aquela, construída sob imagem do colonizador; esta, a colônia, vivia o quimérico desejo de emancipação, sob reflexo do colonizador.

Essa perspectiva, plasmada no mais das vezes em evocação memorialista da então moderna urbe cuiabana, contaminou os padrões estéticos da literatura produzida em Mato Grosso, cristalizando-se na produção dos membros da Academia Mato-grossense de Letras. Não só. Uma mal-ajambrada epopeia em torno do bandeirismo sertanista², preador de índios e depois voltado à prospecção de ouro foi constituída para transmitir o sentimento de unidade no sertão mato-grossense, sob o domínio do branco civilizador.

Todavia, a importação de modelos, a assunção de influências e o empréstimo de estéticas não podem ser considerados um mero exercício mimético como, no mais das vezes, leciona a crítica convencional. O presente trabalho reflete tensões literárias latentes entre gerações de escritores que, por razões geopolíticas e sociológicas, mais compuseram entre si do que se chocaram abertamente. Ao contrário do que foi em outros movimentos de enfrentamento pelo Brasil, os personagens que circulavam em Cuiabá em lados opostos nutriam uma boa dose de admiração entre si e, sobretudo, conviviam num clima provinciano de capital interiorana.

A irreverência dos jovens em botecos do Coxipó não era registrada no radar da Academia Mato-grossense de Letras, fosse por distanciamento intelectual, fosse pelo descompromisso da Geração Coxipó com a publicação de panfletos, manifestos e artigos que promovessem o debate público. Limitados à gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso, os estudantes não lançaram, no período, nada mais do que publicações alternativas, páginas soltas com textos autorais, toalhas de mesa com pequenos poemas, brochuras ilustradas artesanalmente, cópias mimeografadas ou encadernações fotocopiadas. Sem acesso à grande mídia e à míngua de produção literária de relevo, a Geração Coxipó limitou-se, na maioria das vezes, às *performances* na UFMT e bares que a circundavam e, por isso, não chegou a incomodar o *establishment* cultural cuiabano.

Ademais, a pretensão de modernização estética da Geração Coxipó agasalha ambivalências tão ou mais interessantes do que as dos jovens paulistas de elite³, que pretendiam

² A construção dessa identidade nacional foi estudada por Lúcia Lippi Oliveira (2000, p. 90): “A recuperação da imagem do bandeirante na história brasileira desempenhou uma função mítica capaz de organizar o mundo simbólico principalmente para os paulistas, que estavam atravessando um processo rapidíssimo de industrialização, tendo que transformar em brasileiros um enorme contingente de forasteiros, imigrantes que dele participaram. A hipótese interpretativa que guia esta leitura pode ser assim expressa: a retomada, a revalorização do bandeirante – de seus atributos – serve não para dizer ‘quem é’ o paulista, mas para dizer ‘como é’ o paulista, e assim ser possível socializar, aculturar seus migrantes e imigrantes.

³ Sobre o projeto político vinculado aos intelectuais modernistas, Antonio Arnoni Prado (2010, p. 20) reflete que “[...] a manipulação de uma nova retórica vai deslocar o compromisso da literatura para a esfera de expressão das elites, assimilando-a ao discurso mais amplo que sustenta, nos diversos níveis, a precedência das metas da cultura nacional, sobre os interesses da cultura popular. Essa alternativa, como não poderia deixar de ser, assimila o trabalho literário ao esforço dos segmentos ilustrados da oligarquia para articular uma primeira (e problemática) unificação de todas as camadas sociais excluídas dos centros de decisão”.

pôr em xeque o estatuto cultural brasileiro. Os modernistas de São Paulo vinculavam-se, em maior ou menor grau, a famílias com relativa influência na política, apresentavam uma base cultural aberta à matriz europeia, de onde chegavam com novidades das turnês que empreendiam e, finalmente, procuravam no serviço público o ponto de apoio para a proposição de uma nova estética literária. Já os jovens que se reuniram no “Baixo Coxipó” pouco tinham de elite na família, alguns gozavam de limitações em termos de referencial literário e não se comprometiam com nenhuma proposta que não fosse a própria festa, o estar-junto-com.

Sobre as contradições internas dos múltiplos modernismos brasileiros, Alfredo Bosi (2008) pontua, no artigo ‘A parábola das vanguardas latino-americanas’, que serviu de prefácio ao trabalho de Jorge Schwartz (2008, p. 33): “Consideradas por um olhar puramente sincrônico, isto é, vistas como um sistema cultural definível no espaço e no tempo, as nossas vanguardas literárias não sugerem outra forma senão a de um mosaico de paradoxos”.

Em termos de produção, um abismo separa o acervo modernista paulista, mineiro e carioca do que se produziu em Mato Grosso. Mesmo com a falta de consistência produtiva, a maioria dos autores que se prontificaram ao escárnio com a Academia de Letras encontraram condições adequadas para fazer prosperar sua descompromissada movimentação: 1) o suporte educacional e o apoio logístico, ofertados pela jovem Universidade Federal de Mato Grosso; 2) a falta de ligações de parentesco entre a maioria dos integrantes da Geração Coxipó e os membros da Academia Mato-grossense de Letras; 3) o enfraquecimento simbólico da própria Academia que, após a morte do fundador José de Mesquita, amargou uma crônica carência de poetas e ficcionistas, enquanto abundavam juristas e outros técnicos.

Prosseguindo no paralelo histórico, sabe-se que os modernistas de São Paulo estavam estreitamente vinculados a postos controlados pelo Partido Republicano Progressista (PRP), alinhando-se ao ideário do progresso brasileiro, a partir do qual estavam alojados. A união entre a elite intelectual, que se constituiu como uma espécie de aristocracia, e os empregos públicos distribuídos por um determinado governo que necessitava de amparo entre os formadores de opinião foi um fenômeno sentido no Brasil, principalmente no período democrático, até o golpe de 1964. Sérgio Miceli (2001, p. 197) explica:

Se os anatolianos eram polígrafos que se esforçavam por satisfazer a todo tipo de demanda que lhes fazia a grande imprensa, as revistas mundanas, os dirigentes e mandatários políticos da oligarquia, sob a forma de críticas, rodapés, crônicas, discursos, elogios, artigos de fundo, editoriais etc., os intelectuais recrutados pelo regime Vargas assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios de atividade. Durante o período populista

(1945-64), verifica-se uma ampliação das carreiras reservadas aos intelectuais ao mesmo tempo em que se intensifica o recrutamento de novas categorias de especialistas; muitos deles se alçaram aos postos-chaves da administração central, dos quais foram sendo excluídos outros grupos de intelectuais e especialistas que resistiam à implantação das diretrizes e dos programas adotados pela nova coalisão dominante nos últimos quinze anos em que os militares se apoderaram do controle do Estado.

Portanto, ao verificar realidades tão díspares, os conceitos manejados costumeiramente pela crítica literária fincada nos grandes centros de produção acadêmica (filiação e influência, vanguarda e conservadorismo, sistema e ruptura), se aplicados sem acuidade circunstancial sobre a realidade mato-grossense, podem conduzir a julgamentos tão precipitados quanto errôneos. Transplantar o conceito de “tardio” para uma realidade tão distanciada é desconhecer que a “*belle époque* cuiabana” se deu quando o conceito já estava em decadência na Europa e nos grandes centros urbanos brasileiros.

Em 1914, ano em que a 1ª Guerra Mundial teve início, Cuiabá acompanhou a inauguração do Palácio da Instrução (15/08), no mais superlativo estilo neoclássico a indicar uma nova educação pública, e o lançamento do *Álbum Graphico do Estado de Matto Grosso*, uma tentativa do governo de Joaquim Augusto da Costa Marques (1911-1915) de buscar novos investimentos para o Estado. Os jardins, as praças e passeios públicos sofriam um processo similar ao que o Rio de Janeiro já havia experimentado com Pereira Passos, sob forte impressão de Georges-Eugène Haussmann. Em plena desilusão europeia com a máquina, o progresso e o futuro, a capital mato-grossense experimentava um clima afrancesado da *belle époque*, com saraus de piano e violino.

O eventual tratamento “tardio” na modernização da estética literária mato-grossense também se encontrará descontextualizado caso não haja a imprescindível reflexão acerca dos intensos fluxos migratórios da década de 1960 em diante, uma singularidade que impactou sobremaneira no compromisso da produção literária com o sentido da “cuiabanidade”, como se verá no curso deste trabalho. Finalmente, o último componente nessa intrincada tessitura histórica foi o impacto da fundação da UFMT numa pequena cidade em franca transformação. Em torno da Universidade Federal, a maioria dos integrantes da Geração Coxipó, de uma forma direta ou indireta, se conheceram e se integraram.

É costume da crítica do Centro-Sul brasileiro a prática de rotular como “nacional” os movimentos literários oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, desconsiderando por completo outras realidades de um país de dimensões superlativas. Vera Lúcia de Oliveira (2015, p. 77), por exemplo, afirma categoricamente:

Urge muito mais ressaltar que, diante da fúria dos renovadores de 1922, desintegrou-se todo o edifício da literatura parnasiana nacional. Os intelectuais brasileiros haviam incorporado as conquistas mais avançadas da vanguarda europeia; haviam se atualizado e modernizado.

Como se verá, em Cuiabá, no mesmo ano em que se realizava a Semana de 22, o recém-nascido Centro Mattogrossense de Letras firmou o padrão estético diametralmente oposto dos “ismos” da arte importada da Europa, assumindo valores da geração imediatamente passada. Portanto, o “edifício da literatura parnasiana nacional” estava longe de ruir. Quando Vera Lúcia de Oliveira (2015) aponta para a incorporação da vanguarda pelos “intelectuais brasileiros”, refere-se aos “atualizados” e “modernizados” rapazes das grandes capitais ou, pelo menos, opera desconsiderando a realidade do restante do território nacional. Entendimento menos subordinador é o de Eneida Maria de Souza (1998, p. 29):

Considerando-se, portanto, que o conceito de modernidade tardia é tributário de um processo de invenção verificada ao longo de práticas pessoais e de gostos mediatizados, deduz-se que se trata de uma operação conceitual em movimento e, por isso, sujeita a definições precárias, em virtude de sua natureza contextualizada.

Outras variantes são imprescindíveis para compreender sincronias e diacronias dentro de outras conjunturas espaço-temporais ainda não investigadas pela crítica literária. Provavelmente pela informalidade da movimentação juvenil e pela contemporaneidade dos últimos 30 anos, a Geração Coxipó não mereceu um panorama que unisse os vários escritores que compuseram o grupo. Até a década de 1980, somente dois autores destacaram-se na análise dos movimentos intelectuais que atacavam o cânone fundado pela dupla Aquino-Mesquita. O que havia, naquela altura, em termos de compilação histórica era oriundo de Rubens de Mendonça (1970) com *História da Literatura em Mato Grosso*. Mendonça era poeta, cronista, jornalista e historiador, filiado tanto ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso como à própria Academia Mattogrossense de Letras e, portanto, estava alinhado ao *ethos* fundacional daquelas instituições.

Resultado da rotação do conhecimento da “crítica de rodapé” para a “crítica scholar”, Hilda Gomes Dutra Magalhães (2002), Sérgio Dalatte (2010) e, anos depois, Mário César Silva Leite (2017) pensaram a noção de sistema literário à moda de Antonio Candido, revelando o complexo tabuleiro de poder em que os escritores se posicionavam. Everton Almeida Barbosa (2009, p. 158) registra o impacto dos estudos promovidos por Magalhães e Silva Leite⁴, assim como traça um breve panorama da produção literária mato-grossense dos anos 1980 e 1990:

⁴ Mário César Silva Leite é o crítico que mais se inclina a retratar o processo de tensão literária entre grupos internos, buscando o que Antonio Candido chamou de “sistema”. Ele mesmo cita que os movimentos de: (a)

O ‘lado’ universitário não se mostra tão estanque, haja vista os trabalhos de Magalhães e Leite, talvez porque a questão do regionalismo não seja um problema para os acadêmicos da Academia Mato-grossense. Para estes, o problema (e o objetivo), ainda segundo Leite, é elevar a ‘legítima’ cultura mato-grossense à esfera representativa nacional. Mesmo assim, percebe-se também que há uma leva de escritores recentes publicando literatura por uma também nova leva de editoras, nacionais e locais. Autores como Lucinda Persona, Aclise e Gabriel de Mattos, Wander Antunes, a própria Hilda Magalhães, Marta Helena Cocco, Marilza Ribeiro, Luciene Carvalho, Luiz Renato, Teresa Albuês; editoras como TantaTinta, Cathedral e Carlini & Caniato; revistas como a extinta revista eletrônica (hospedada no *site* da UFMT) Prosa Virtual e outras como a Verso & Prosa e Dazibao e, principalmente, a revista Vôte!, instrumentos de divulgação que instauraram uma espécie de *boom* literário mato-grossense alternativo; todos vinculam-se à ‘cultura mato-grossense’ de uma maneira diferente, menos apologética e ufanista, daquela mantida pela Academia Mato-grossense.

Dos estudos sistematizados pela Universidade Federal de Mato Grosso, recuperou-se um histórico de tensão intelectual convenientemente apagada pelo centro hegemônico que foi, e talvez continue sendo, a Academia Mato-grossense de Letras. Figuras como Lobivar Matos, Manoel de Barros, Tereza Albuês, Ricardo Guilherme Dicke e Wladimir Dias-Pino, por exemplo, não só foram resgatadas da coadjuvância a que estavam submetidas, como colocadas no centro do debate estético. Nenhum dos autores que se posicionaram contra o estilo romântico-evocativo e a métrica parnasiana ingressou na AML ou foi celebrado na Casa Barão de Melgaço pela dupla Aquino-Mesquita, mas foi eleito pelos jovens estudantes da “Geração Coxipó” como referencial, o que importa, aí sim, uma detida análise acerca das afinidades estéticas entre as gerações de escritores mato-grossenses.

O que se vê, entre os anos 1930 e 1960, é a formação de um “*intermezzo* modernista” no século XX bastante consistente em termos de produção literária representado pelos citados autores, sem o reconhecimento em termos de galardão acadêmico. Eles rotacionaram o eixo de interesse temático do centro para as margens: a marginalidade urbana retratada por Lobivar

crítica; (b) aproximação; (c) integração ao cânone são formas de se compreender um “sistema literário” e suas diversas batalhas em busca de uma hegemonia estética e temática: “A meu ver, esse é o sentido da literatura mato-grossense. A linha ininterrupta espaço-temporal, literariamente falando, engendra-se, e debate-se, basicamente, nesse drama de construção-elaboração de identidade(s), de região, de literatura(s), de cultura(s). É isso que garante e garantirá o sistema. A amálgama do sistema é o discurso regionalista. Ou melhor, os discursos regionalistas nos embates pela hegemonia, unicidade e legitimação. A princípio, parece-me que há dois discursos literários regionalistas mais identificáveis e hegemônicos com variações e perspectivas relativamente diferentes. Embora organizados em torno do regionalismo, manifestam-se no plano artístico de maneira diferenciada um do outro, mas ideologicamente falando talvez as diferenças não sejam significativas. Se, por um lado, inicialmente apresentam-se como diferentes e até mesmo opostos, vão, por outro lado, aproximar-se e associar-se – e até misturar-se – com o passar do tempo” (LEITE, 2017, p. 237). E prossegue: “É, de certo modo, nos mesmos moldes e em consonância e ressonância com esse sistema organizado que outros sistemas e discursos artísticos e culturais se criam e organizam, sustentando-se, muitas vezes, no mais das vezes, não exatamente pelo plano da qualidade estético-artística, mas sim pelo bairrismo e pela exaltação” (op. cit., p. 242).

Mattos, o banditismo mítico-sertanejo abordado por Ricardo Guilherme Dicke, a exclusão social pontuada por Tereza Albues, o imaginário pantaneiro de Manoel de Barros e, finalmente, o movimento intensivista da poesia visual de Wladimir Dias-Pino. Somados, esses escritores apresentam uma obra farta e relevante. Ainda assim, não fosse o empenho da comunidade universitária e a recente produção de uma crítica literária menos impressionista e mais científica, estariam eles no mesmo rol de vários autores apagados que teremos a oportunidade de pontuar, ainda que brevemente.

O desatrelamento da centralidade da crítica literária convencional permite enxergar as singularidades de ordem espaço-temporal em Mato Grosso. Questiona-se: que tipo de modernização queriam os escritores daquela Academia dos Mortais? Se “a modernidade” não pode ser compreendida, se não for flexionada para o plural “modernidades”, é preciso incorporar, nessa intrincada questão, a antítese da “antimodernidade”. É que a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais desencantaram a febre do progresso e legaram à literatura o aprofundamento pessimista que já vinha se configurando no romanesco moderno.

O “ser moderno” assumiu, no pós-guerra, outro matiz e, em Mato Grosso, chegou a ser o “antimoderno”, rechaçando sobremodo o crescimento urbano e a ampliação das fronteiras agrícolas. Como afirmou Antoine Compagnon (2011, p. 16), um não sobrevive sem o outro:

Ao contrário da grande narrativa da modernidade, avassaladora e conquistadora, a aventura intelectual dos séculos XIX e XX sempre hesitou diante do dogma do progresso, resistiu ao nacionalismo, ao cartesianismo, ao Iluminismo, ao otimismo histórico – ou ao determinismo e ao positivismo, ao materialismo e ao mecanicismo, ao intelectualismo e ao associativismo, como repetia Péguy.

É justamente essa assimetria que a crítica literária fixada nos grandes centros não reconhece e, dessa forma, volta-se às categorias ego-semânticas como “tardio”. O antimodernismo, por exemplo, não é um pensamento essencialmente contemporâneo, mas conviveu em paralelo com o modernismo na Europa, no Brasil e em Mato Grosso. Esse duplo-oposto, a face contrária de um mesmo movimento estético, prevaleceu tanto na geração Mesquita-Aquino quanto na própria Geração Coxipó. Aliás, curiosamente, ver-se-á que a geração do princípio do século XX não rechaçou o progresso tanto quanto a Geração Coxipó.

Com base na publicação dos periódicos e dos livros dos autores da “Geração Coxipó”, somada à contextualização histórica plasmada em jornais e entrevistas, revelam-se as tensões intelectuais até então abafadas, notabilizam-se tendências literárias mais ou menos firmadas com publicações, desnudam-se alianças e ressentimentos. A nova tribo de escritores,

conforme a expressão de Icléia Lima inspirada nos estudos de Michel Maffesoli, gravitou em torno da Universidade Federal de Mato Grosso, contrapondo-se à tradicional topologia urbana de Cuiabá, à hegemonia intelectual da Casa Barão de Melgaço, à estética romântico-parnasiana dos “imortais”.

Ao cabo de 30 anos (1980-2010), prosperou na literatura mato-grossense o grupo de jovens que vivia plenamente a onda *beatnik* do antimaterialismo, do combate à ditadura militar, do amor livre, do *rock* e das drogas, mesmo sem um estofamento teórico como o apresentado pelos primeiros modernistas mato-grossenses e carentes de produção literária que fizesse frente ao cânone Aquino-Mesquita e à extensa lista de filiados à Academia Mato-grossense de Letras. O próprio amadurecimento autoral de parte da nova tribo literária, a multiplicação de gráficas em Cuiabá, o surgimento de duas editoras que profissionalizaram o mercado e o estímulo oferecido pela Universidade Federal e pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) são fatores que possibilitaram a impulsão da produção literária desatrelada do estéril *locus* academicista dos anos 1990.

Várias são as razões para o esgarçamento do poder simbólico da AML e para a ascensão da nova geração que produziu ao largo da tradição. As muitas formas de “resistência”, que se operaram da década de 1980 em diante, adquiriram uma pauta diversa em Cuiabá: 1) contra a descaracterização cultural por ocasião dos fluxos migratórios; 2) contra a transformação urbana do centro da cidade; 3) contra a devastação ecológica no Cerrado; 4) contra o avanço do agronegócio no Norte; 5) contra a debacle sociocultural da cuiabania.

O que, em tese, pareceria conservador, nostálgico e romântico, calhou em Mato Grosso ser moderno ou, no máximo, modernizante. Noutras palavras, a resistência ao progresso é, ao mesmo tempo, uma dicotomia presente na produção de Baudelaire⁵ e Mallarmé, um século atrás. Recordemos, à guisa de ilustração, a ambivalência baudelairiana:

Existe, contudo, outro equívoco, muito em moda, que estou ansioso por evitar como ao Diabo. Refiro-me à ideia de ‘progresso’. Esse farol tenebroso, invenção da filosofia atual, autoridade sem garantia da Natureza ou de Deus – essa lanterna moderna lança seu fluxo de obscuridade sobre todos os objetos do conhecimento; a liberdade se desvanece, a disciplina desaparece (BAUDELAIRE, 1954, p. 693).

⁵ Acerca das impressões dos primeiros modernistas sobre o progresso, vale citar o apontamento de Jorge Schwartz (1983, p. 209): “Fazendo parte do internacionalismo poético do século XIX, nasce com Baudelaire uma poesia eminentemente urbana. A Revolução Industrial modifica a paisagem da cidade e, por conseguinte, a poesia. Os primeiros sintomas refletem-se na poesia esperançada do novo homem, empreendida por Walt Whitman. Antecipando-se em meio século aos ismos da vanguarda, sua obra já é exaltação da máquina. A transformação contextual dá lugar a uma das maiores rupturas de ordem formal em poesia: o verso livre”.

Como tudo o mais, o rescaldo de contracultura que chegou ao Brasil e em Mato Grosso radicalizou as percepções e os ânimos. Em Cuiabá, por exemplo, a resistência à migração sulista beirou a xenofobia, a resistência ao desenvolvimento urbano e rural aproximou-se de uma mentalidade aristocrática que se queria combater. Na forma, os jovens estudantes da Geração Coxipó repudiavam o academicismo, mas revisitavam insistentemente o mesmo imaginário, posicionando-se intelectualmente de forma até mais conservadora do que José de Mesquita. A oscilação entre os extremos “plus-modernista” e “antimodernista” foi percebida por Alfredo Bosi (1992, p. 355-360), que ressaltou a reação humanista ao impacto da fé modernista do século XX:

A revolução mundial de verde, que tomou impulso precisamente na década de 70, radicaliza-se contra os efeitos da industrialização cega e suja. Three Miles Island e Chernobyl foram catástrofes de alta visibilidade, mas não piores do que a disseminação do lixo atômico, as manchas ácidas, o efeito estufa, o envenenamento das águas, o risco dos agrotóxicos, o inferno das megalópoles. A ‘modernidade’ da agressão ao ambiente suscita protestos em todo o planeta, e a esperança de que uma indústria limpa venha a substituí-la ainda é remota. [...]

Dir-se-ia que a luta para salvar as relações fundamentais entre o homem e a natureza, o homem e o homem, originou-se de uma reação interna às sociedades industriais contemporâneas que emitem anticorpos contra a patologia da modernização.

Seria este antimodernismo o impulso da boa negatividade contra a má positividade que produziram os donos do capital e do poder? A cultura para que o *Homo sapiens* do terceiro milênio não pague com a doença, a sujeira, a desintegração entre os povos e no bojo de cada formação nacional.

No livro *Jamais fomos modernos*, Bruno Latour (2013) sustenta a duplicidade nos movimentos autointitulados modernistas, adjetivados como “hesitantes”. Ao se fazer a pergunta central sobre o que significa ser moderno, refere-se ao binômio progresso e decadência, bastante conhecido da intelectualidade mato-grossense, especialmente cara ao sentimento de cuiabanidade:

Progresso e decadência são seus dois grandes repertórios e têm ambos a mesma origem. Sobre cada uma destas linhas poderemos assinalar os antimodernos, que mantêm a temporalidade moderna, mas invertem seu sentido. Para apagar o progresso ou a decadência, desejam retornar ao passado – como se houvesse um passado! (LATOUR, 2013, p. 71).

Tal é a ambivalência instalada nos vários grupos intelectuais, nas sucessivas gerações – o tradicional a buscar o progresso e o moderno a resistir duplamente –, na estética e na política.

Ironicamente, os diametralmente opostos terminam por se aproximar. Por isso mesmo, Latour (2013, p. 121) chama a ilusão da modernidade de tragédia, ao espelhar as duas tendências divergentes:

A tragédia torna-se ainda mais dolorosa quando os antimodernos, acreditando sinceramente naquilo que os modernos dizem sobre si mesmos, desejam resgatar algum bem daquilo que lhes parece ser um naufrágio irremediável. Os antimodernos acreditam profundamente que o Ocidente racionalizou e desencantou o mundo, que ele realmente povoou o social com monstros frios e racionais que estariam saturando todo o espaço, que ele transformou de vez o cosmos pré-moderno em uma interação mecânica de matérias puras. Mas ao invés de ver isso, como os modernizadores, conquistas gloriosas – ainda que dolorosas – os antimodernos veem nisso uma tragédia sem igual. A não ser pelo sinal, tanto os modernos quanto os antimodernos compartilham integralmente suas convicções.

Essa resistência antimoderna à transformação não se deu só na literatura, ao contrário. Os livros, objetos de confecção editorial, foram produzidos pela Geração Coxipó muito depois dos periódicos que costuraram os vários subgrupos existentes. O movimento cultural de resistência viu os primeiros combates mais contundentes: no teatro de rua, com o Grupo Gambiarra; na poesia e na música, com o Bando Gira; e, depois, também com o Caximir; e na tradicional *high society*, com o Muxirum Cuiabano. São essas manifestações culturais da década de 1980 que prepararam o terreno para a literatura, apoiadas por pessoas de fora do grupo, mas simpáticas aos movimentos alternativos, como Therezinha de Jesus Arruda e Marília Beatriz de Figueiredo Leite, ambas oriundas de tradicionais famílias locais.

É essa a maior ambivalência da Geração Coxipó, hiato de coerência que não foi percebido pelos então revolucionários de botequim: ao passo em que questionavam a decantada tradição literária com o deboche, filiavam-se ao mesmo imaginário defensivo dos intelectuais formados pela dupla Mesquita-Aquino. No fim, de modo consciente ou inconsciente, por força da conjuntura histórico-sócio-econômica, os diferentes se aproximaram.

A blague da “Academia dos Mortais” pode ser vista como a materialização derradeira de uma movimentação periférica de escritores, responsável por uma contribuição literária indelével. Da efervescência universitária, surgiram autores como Lucinda Persona, Luciene Carvalho, Aclyse de Mattos e Ivens Cuiabano Scaff, entre outros criativos antiacadêmicos que acabaram por ingressar na Academia Mato-grossense de Letras, uma das muitas ironias da intelectualidade. Mesmo que na esfera da ironia, é essencial perceber que os autores mais maduros sentiram-se seguros o suficiente para escarnecer do cânone, ainda que a produção da

maioria não tivesse equivalência com a qualidade da narrativa romanesca de Mesquita ou com a técnica poética de Aquino.

Foi sobre essa nova geração de escritores, nascidos na tribo do “Baixo Coxipó” ou dela amigos e consolidados com a pelerine da AML, que este trabalho se dedicou a refletir. O recorte foi amplo como amplas eram as pretensões dos *beatniks* cuiabanos e as de um panorama literário que busca dialogar com a história.

1.1 – Atravessamento e contaminação

Seria insatisfatória uma abordagem meramente cronológica da literatura produzida pela Geração Coxipó. Isso porque, noutras oportunidades históricas, os inventariantes da literatura mato-grossense ultimaram trabalhos de coleta, com parca reflexão sobre as transições estéticas na produção. Diante do hercúleo trabalho de levantamento primário de dados, não sobrou tempo para a reflexão mais detida nos movimentos de poder engendrados em cada proposta estética. A pauta aqui é justamente o contrário: colocar no centro do debate a formação de grupos de resistência à hegemonia cultural forjada sob circunstâncias peculiares.

Se a abordagem cronológica mostra-se despojada de instrumentos válidos para compreender as razões pelas quais os escritores se ligam e, finalmente, produzem literatura, resta investigar uma eventual unidade temática ou estética. É por elas que se percebe, no conjunto da obra, um movimento literário sincrônico. Na contemporaneidade, porém, há mais elementos sociológicos para auxiliar a compreensão das “novas gerações literárias”. Michel Maffesoli (2014, p. 23) oferece um amparo teórico atualizado sobre o amálgama nas sociedades de massa.

É possível que se assista agora à elaboração de uma aura estética na qual se reencontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou a uma perspectiva ecológica. O que quer que possa parecer, existe uma ligação sólida entre esses diversos termos. Cada um, à sua maneira, dá conta da organicidade das coisas, desse *glutinum mundi* que faz com que, apesar da (ou por causa da) diversidade, um conjunto constitua um corpo.

Basicamente, para compreender os grupos literários que se constituíram como “tribos” na década de 80 do século XX e evoluíram para a atual geração de escritores do século XXI, faz-se imperiosa uma visão holística: fatores que se considerariam menores podem ser fundamentais. Daí que, de antemão, surgem três elementos que influíram diretamente na literatura mato-grossense nesse período de transição: 1) o elemento geográfico – o

relacionamento com a terra é fundamental para avaliar a convergência temática entre os autores; 2) o elemento humano – o fluxo migratório tornou a experiência mato-grossense singular com relação ao restante do país; 3) as tensões internas – o jogo de “poder dizer” Mato Grosso, quem melhor o retrata, quem mais bem o define, o longo questionamento da hegemonia cultural centralizadora, enfim, é um dos mais interessantes itens a serem perseguidos, dando azo ao olhar de “dentro para fora” e (por que não?) de fora para dentro do Estado – o que é mais raro.

Como tratar, portanto, esse grupo de autores mato-grossenses egressos dos anos 1980? Adoto o critério de “gerações”⁶ ciente de que esse conceito não é suficiente para lidar nem com um período temporal, nem para abraçar todos os autores que compõem um cenário literário contemporâneo. Pontua-se a vantagem em abordar uma fase cronológica com base neste critério: se fatiássemos o fenômeno literário por décadas ou mesmo por séculos, haveria um equívoco ao observar os diversos autores de idades diferentes e que se influenciam atualmente. Impossível a classificação de um João Antonio Neto, por exemplo, que participou do grupo de Gervásio Leite na década de 40/50 do século XX e continua publicando na segunda década do século XXI.

A mesma perplexidade se daria com Wladimir Dias-Pino, companheiro de projeto literário de Benedito Sant’Anna da Silva Freire, produzindo até os últimos dias de vida, em 2018. Outros autores atravessaram três ou quatro décadas, como Marilza Ribeiro, Moisés Martins Mendes Júnior, Lucinda Persona, Eduardo Ferreira, Luiz Renato Souza Pinto, Lorenzo Falcão, os irmãos Gabriel e Aclyse de Mattos, Ivens Cuiabano Scaff, Luciene Carvalho, Marta Cocco, entre outros. Muito embora os citados estejam produzindo num mesmo tempo cronológico, podem não dialogar em termos de afinidades estéticas, conteúdos temáticos e até mesmo gêneros literários em que fixam a expressão predominante.

Nesse mesmo diapasão, fato curioso ocorre com a autora Marília Beatriz de Figueiredo Leite – filha do modernista Gervásio Leite. Atuando fortemente no mundo acadêmico e no fomento cultural, lançou *O mágico e o olho que vê*, em 1982, pela EdUFMT; e *De(Sign)Ação: arqueografia do prazer*, em 1993; mas nunca parou de apresentar obras de seus

⁶ Não desconheço a antiga e contundente crítica de Ángel Rama (2008, p. 34) sobre a discussão sobre gerações literárias. Para ele, “essa estéril polêmica é uma mostra do estado de desconcerto e debilidade a que chegaram nossas letras. Quando o crítico se torna incapaz de pensar em função de indivíduos e obras, busca refúgio nas gerações, como quem devaneia à espera de um acontecimento”. Ocorre que a união de escritores consolida-se, seja por um projeto político, seja por preferências estéticas. Ou simplesmente para dizer algo novo na literatura considerada ultrapassada. Ignorar a formação desses grupos que lidam com capital simbólico e analisar os fenômenos literários, como quer Rama, por autor e obras, pode fazer o crítico não enxergar as movimentações e projetos dos quais participaram os escritores, cada qual contribuindo com sua própria obra.

contemporâneos. Anos depois, em 2018, lançou *Viver de véspera*, fortemente influenciada pelo conjunto de vetores que atua nos autores contemporâneos. Como seria ela compreendida em termos meramente cronológicos? A literatura de uma autora com mais de 75 anos pode ser classificada como inserta propriamente na segunda década do século XXI? E o que ela fez antes? Melhor é situar Marília Beatriz como resultado da geração contemporânea, na qual a topologia cronológica não é impeditivo para transações estéticas contínuas.

Até mesmo a crítica literária deparou-se com a dificuldade. Hilda Gomes Dutra Magalhães, por exemplo, deixou-se levar pela mera cronologia. Na coletânea organizada por ela e publicada pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, em 2002, a autora divide em quatro os períodos literários em que encaixa os autores: 1) autores de 1900 a 1920; 2) autores da década de 1930 e 1940; autores da década de 1960 e 1970; e, finalmente, 4) autores de 1970 a 2000. O critério para a seleção de autores está justificado na apresentação:

Desenvolvida durante quatro anos de pesquisa, foi observado como critério de composição da coletânea o grau de esteticidade e de representatividade das obras selecionadas, em seu gênero e em sua época. Como resultado, temos uma coletânea rica em termos de autores, textos e estilos, representando com legitimidade o que de melhor há na literatura de Mato Grosso (MAGALHÃES, 2002, p. 9).

A primeira objeção ao classificar um autor vivo como pertencente à década X ou Y é o imediato engessamento conceitual do escritor. João Antonio Neto, por exemplo, classificado como um escritor da década de 1930 e 1940, publicou na segunda década do século XXI uma trilogia⁷ que, inevitavelmente, foi desconsiderada por Magalhães, que classificou o escritor de forma engessada com base na cronologia e não acompanhou a dinâmica de seu trabalho. A segunda objeção à antologia que nos apresenta a pesquisadora é o critério de escolha. Qualquer antologia padece da mesma crítica, por certo, mas a pretensão de “legitimidade” com “o que de melhor há na literatura de Mato Grosso”, fez com que a modéstia da pesquisadora fosse menoscabada diante da vaidade da autora, colocando-se a si mesma entre os “melhores escritores” dos últimos 30 anos do século XX⁸. Finalmente, a terceira objeção, referente à lógica cronológica apresentada por ela, é o evidente e imperdoável hiato autoral.

⁷ A trilogia é formada por *Revelação das palavras* (v. 1), *Palavras grávidas* (v. 2) e *Banquete de palavras* (v. 3), publicados pela editora Entrelinhas, em 2015.

⁸ O romance *Herança*, de Hilda G. D. Magalhães, publicado pela EdUFMT em 1998, é de todo desinteressante. Abusa de metalinguagens numa trama solta que mescla prosa e poesia, fazendo constantes referências às canções de Carnaval e algumas de Chico Buarque. Apresentado por Roberto Boaventura da Silva Sá em longuíssimas 14 páginas, o “meta-texto” de Hilda (como define a apresentação) é confuso e criptografado, um costumeiro cacoete de críticos-autores. Portanto, é espantoso que a própria crítica de literatura mato-grossense coloque-se entre os

Escritores como Gabriel de Mattos, Luciene Carvalho, Juliano Moreno, Marta Cocco, Ivens Cuiabano Scaff, todos eles com “alto grau de representatividade literária” e “qualidade estética”, deram lugar a Vera Randazzo e à própria Hilda Magalhães que, devemos anotar, não eram objeto de estudo, de atenção e nem de publicação especializada.

Vê-se facilmente como critérios meramente cronológicos podem oportunizar questionamentos de toda sorte, razão a mais para permanecer no conceito de geração literária como método de tratamento de grupos de escritores e seus projetos identitários: de um lado, a classificação não é fechada, uma vez que o escritor pode atravessar várias gerações, relacionando-se esteticamente com cada uma delas, ao passo que a identificação de um grupo de autores (sejam ou não componentes de um “movimento literário”) permite ao leitor encontrar convergências nas relações entre a literatura e a terra, o tempo e os outros grupos.

O conceito de “geração” é complexo e, por isso, muda no tempo. Essa é uma vantagem conceitual de uma fórmula aberta, na medida em que a maioria dos autores também transforma a própria escritura, achegando-se ou afastando-se dos seus grupos originários. Assim, podem participar de duas ou, até mesmo, três gerações consecutivas sem haver qualquer perplexidade na classificação da obra. Trata-se de fases literárias por excelência. Pode-se aplicar esse conceito perfeitamente ao mais longo escritor mato-grossense, que é o centenário João Antonio Neto. Há, ainda, Wladimir Dias-Pino, Marilza Ribeiro e Lucinda Persona, que interagiram e interagem ainda hoje com outras duas gerações subsequentes ao que, cronologicamente, iria a convenção classificá-los como distantes.

Inicialmente, a geração era compreendida como mera diferença cronológica na idade dos integrantes. A convivência passou a ser o paradigma seguinte, mas sempre limitada pelas balizas eminentemente temporais. Carlos Ceia (2009), em seu *E-Dicionário de termos literários*, conceitua:

O conceito de geração pertence ao grupo de termos necessários para fazer história literária e sua respectiva didática. Aí se incluem os conceitos de era / época (podemos falar, por exemplo, de uma era monárquica e de uma era republicana; e podemos distinguir uma época romântica e uma época realista, como subdivisões epocais), período / fase (falamos, por exemplo, do período barroco; e falamos da fase barroquista do escritor A., como subdivisão do barroco), movimento ou corrente (termos sinónimos para caracterizar uma escola de escritores – não necessariamente uma única geração de escritores – que se reúnem numa mesma ideologia e possuem uma estética individualizada, geralmente traduzida num programa estético-literário, por exemplo, o movimento impressionista, expressionista, cubista, futurista, etc.). O conceito de geração literária partilha a mesma noção de grupo de intelectuais que pretendem afirmar-se social e

melhores autores de seu próprio tempo, considerando a ausência de comentários acerca de sua obra e a repercussão não registrada.

culturalmente, rompendo com as regras estabelecidas para o momento histórico, época, período, movimento ou corrente em que pretendem estabelecer uma ruptura. Tal geração afirmar-se-á se conseguir formar uma escola de pensamento influente no progresso social, nos costumes civilizacionais, nas políticas culturais ou na educação literária dos indivíduos. O grau de combatividade de uma geração está, naturalmente, dependente do estado actual das coisas no momento em que se afirma o desejo colectivo de mudança.

Esse mesmo conceito transcrito tem dificuldades na contemporaneidade, diante da complexa hibridação percebida por Zigmunt Bauman (2007). Com relação à noção geracional, o polonês aponta que “as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas” (op. cit., p. 373).

O “atravessamento” intertemporal é uma das maiores características da contemporaneidade. Como já citamos alhures, a convivência entre autores de diversas faixas etárias não só é atualmente possível como é dessa mistura de vivências que se constitui uma “nova geração”. Tal qual uma colcha de retalhos, uma montagem, um caleidoscópio mutável, entende-se por geração literária o agrupamento de pessoas de variadas idades e tendências que se aproximam sem que haja necessariamente um ponto convergente fixo, um projeto estético claro, um manifesto escrito e publicado, como se fazia nos séculos XIX e XX.

Nem sempre o termo “geração” é usado, mas outro indicativo. Para Pierre Bourdieu (2018, p. 88), os artistas “fazem época”, ou seja, separam-se temporalmente, mas por meio de jogos simbólicos cujo objetivo é o poder de fala, o poder de apreciação:

Fazer época é impor sua marca, fazer reconhecer (no duplo sentido) sua diferença em relação aos outros produtores e, sobretudo, em relação aos produtores mais consagrados; é inseparavelmente, fazer existir uma nova posição para além das posições ocupadas, à frente dessas posições, na vanguarda. Introduz a diferença é produzir tempo. Compreende-se o lugar que, nesta luta pela vida, pela sobrevivência, cabe às marcas distintivas que, na melhor das hipóteses, visam identificar, muitas vezes, as mais superficiais e visíveis propriedades associadas a um conjunto de obras ou produtores. As palavras, nomes de escolas ou de grupos, nomes próprios, só têm tanta importância porque eles fazem as coisas: como sinais distintivos, eles produzem a existência em um universo em que existir é diferir.

Já Michel Maffesoli (2007, p. 378) usa outra chave para apontar a sincronia capaz de identificar uma geração – a contaminação: as gerações jovens vivem estes valores hedonistas em uma forma paroxística. Contudo, através de um processo de contaminação, é o corpo social que acaba sendo afetado. Os autores se “contaminam” dos métodos, das angústias, das perspectivas enfim, uns dos outros, ainda que tenham origens e mesmo objetivos diferentes.

Ao aprofundar e radicalizar o conceito de Maffesoli, talvez surja o novíssimo conceito de “movimentação literária” e não de “movimento literário”, como era a tendência do século XX. Assim sendo, é possível adaptar os anseios comuns dos autores mato-grossenses reunidos na geração contemporânea não num movimento literário convencional, mas numa intensa movimentação cultural. De fato, a Geração Coxipó, indissociavelmente ligada à Universidade Federal de Mato Grosso e geograficamente sediada no bairro Boa Esperança em Cuiabá, nunca teve como intencionalidade a fundação de um “movimento”, em termos convencionais.

Inicialmente, os jovens escritores não se assumiam como sujeitos da literatura. Limitavam-se às expressões artísticas de música, teatro, declamação, esparsas publicações de toalhas de bar e pequenas brochuras e varais poéticos. O princípio que regeu esse novo tipo de “geração literária” bem poderia ser tomado de empréstimo da “geração artística”. Na contemporaneidade, para além da modernidade, em meio à cultura de massa, o que devemos investigar não é somente uma “geração” de autores que produziram numa determinada “fase”, como se faz ordinariamente ao classificar movimentos. Essa afinidade estética e temática é hoje ressignificada para dar espaço à noção de tribo. O declínio do individualismo nas sociedades de massa produziram “tribos urbanas”, pequenos ajuntamentos mais ou menos permanentes, onde a empatia é o principal cimento para a união dos integrantes.

A geração é um conceito mais alargado do que a mera cronologia. No entanto, ainda não é suficiente para compreender a interação entre personagens que produziram em momentos diversos ou num mesmo momento, em diacronia estética. Ao assumirmos uma identidade tribal proposta pelo sociólogo Maffesoli, o trânsito da Geração Coxipó com autores como Ricardo Guilherme Dicke, por exemplo, fica mais claro:

Resumindo, podemos dizer que aquilo que caracteriza a estética do sentimento não é de modo algum a experiência individualista ou ‘interior’; antes, pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência, é a abertura para os outros, para o Outro. Essa abertura conota o espaço, o local, a proximidade na qual se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética (MAFFESOLI, 2007, p. 26). [...]

Beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ e, por intermédio disso, criam a aura específica que serve de cimento para o tribalismo (op. cit., p. 47).

Justamente a “proximidade” percebida por Maffesoli é que vai diferenciar um grupo de autores mato-grossenses – a partilha de um mesmo espaço geográfico na cidade, o interesse comum por

determinadas atividades, uma percepção coletiva sobre o momento histórico foram responsáveis pela formação de uma “tribo literária” com características próprias da contemporaneidade.

Mais adiante, serão mostrados os elementos da coesão tribal dessa Geração Coxipó: o riso e o segredo, o escárnio e a produção coletiva, a convivência e a resistência às “invasões bárbaras” pontuam a produção dos autores que compuseram esse grupo multiforme.

Antes, porém, de avançar na investigação sobre os fundadores da “Academia dos Mortais”, é preciso compreender em que moldes estava assentada a produção literária mato-grossense e quais antecedentes de tensionamento intelectual a Academia Mato-grossense de Letras havia sofrido. Percebe-se que alguns autores foram simplesmente apagados da historiografia tradicional por questões de geopolítica; outros flertaram em dois universos estéticos, mas cederam à institucionalização da dupla Aquino-Mesquita; e, finalmente, alguns mantiveram o enfrentamento conceitual. Estes últimos, distantes da Academia, foram os que inspiraram a Geração Coxipó.

1.2 – AML: o primeiro projeto literário mato-grossense

Ao buscar analisar o contraponto proposto pelos escritores da Geração Coxipó, é essencial debruçar-se sobre o padrão estético que encarnaram Mesquita-Aquino. De outro giro, a contextualização do poder simbólico na dupla de autores, o enfeixamento de capital cultural na AML, a composição interna da instituição e a *mimesis* que daí resulta são elementos indispensáveis para entender qual a eufórica motivação e o deboche da Geração Coxipó. Veremos que a provocação não surtiu qualquer impacto imediato, a exemplo de outras turbulências anteriores que foram olímpicamente ignoradas por uma instituição que quase caducou em sua representatividade literária.

Francisco de Aquino Corrêa foi sagrado o bispo mais jovem do mundo. Oriundo da junção das tradicionais famílias Gaudie Ley e Corrêa, voltou de Roma para Cuiabá já doutor em Teologia. A ordenação de Bispo da Prusíade rendeu a Aquino uma honorabilidade precoce. Esse prestígio junto à comunidade da qual fez parte, somado à posição de comando da comunidade salesiana dedicada ao ensino primário e secundário de Mato Grosso, sustentou no imaginário popular a figura do homem intelectualmente mais preparado do Estado. Tal *status* havia sido granjeado mesmo antes de Aquino tornar-se Presidente do Estado de Mato Grosso em 1918, com o apoio unânime de alas políticas que se digladiavam desde o assassinato do Cel. Antônio Paes de Barros (Totó Paes), apeado do poder e morto em 1906.

Institucionalmente, o governo de Francisco de Aquino Corrêa foi a pedra fundamental sobre a qual se fundou o cânone literário mato-grossense. De um lado, fundou o Instituto Histórico de Mato Grosso (nome original de 1919), cuja insígnia é *Pro Patria cónita atque immortalis* (Pela Pátria conhecida e imortal) e, de outro, o Centro Mattogrossense de Letras (nome original de 1921), cujo brasão está adornado com o lema *Pulchritudinis studium habentes* (Estudiosos da beleza). O próprio Aquino utilizou-se de poema para cunhar o Hino de Mato Grosso, além de mandar criar o brasão do Estado. Aí se vê o repertório simbólico completo: o nacionalismo como tônica do IHGMT, o parnasianismo como estética da AML e os signos mato-grossenses paridos de uma mesma fonte.

Com a eleição do jovem arcebispo-escritor na Academia Brasileira de Letras, em 09.12.1926, deu-se a antecipada canonização da obra durante a vida do autor. Trata-se, por conseguinte, do escritor que reuniu em torno de si o maior capital simbólico do século XX, muito embora sua produção tenha sido mais modesta do que a de José de Mesquita. D. Aquino, como é até hoje chamado, instaurou um padrão literário e um gosto estético que não só influenciou as gerações seguintes, mas foi cultivada por décadas na estufa que se constituiu a Academia Mato-grossense de Letras. O componente religioso, a missão literária atrelada ao cultivo da simetria, da perfeição e da beleza, a verve evocativa na prosa e o parnasianismo na poética, todo esse conjunto denso e moralizador constituiu o cânone literário mato-grossense.

A missão de Aquino era estabilizar um território em contínua crise, desde a proclamação da República, e definir o que seria Mato Grosso. Cantar a geografia natal, a formação étnica do povo, o processo histórico fundacional, pela luz do ufanismo da aventura bandeirante, romantizando o contato entre conquistados e conquistadores era o veículo de expressão indissociável do padre-escritor. A literatura era tomada como meio de atingir a finalidade utilitária de catequizar o rebanho de leitores para perceber valor na cultura mato-grossense. A estratégia foi alicerçada não só pelas atividades laborais inerentes à função da prédica semanal como pelo conjunto de intelectuais que compunham o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (fundado pelo então governador D. Aquino, em 1919, no bicentenário de Cuiabá), e pela Academia Mato-grossense de Letras, que emprestou o *glamour* da imortalidade a todos aqueles que passassem pelo crivo da dupla de fundadores.

Ao estudar as cartas pastorais de D. Aquino Corrêa, Luigi Favero (1996) afirma que o escritor teria composto mais de quatrocentas poesias, reunidas em três obras: *Odes* (1917), *Terra natal* (1919) e *Nova et vetera* (1947), além de computar 85 discursos, 25 pastorais e 2 pastorais coletivas da Província Eclesiástica de Cuiabá. É na prédica que o intelectual destacou-

se junto aos contemporâneos. No discurso de inauguração do Instituto Histórico, o fundador aclarou a intenção da entidade (CORRÊA, RIHGMT, 1919⁹). O então governador e arcebispo D. Aquino Corrêa emulou as tradições de Mato Grosso, inspirado na “alma bandeirante”:

Não acontecerá o mesmo com Mato Grosso. Instala-se nesta hora, mercê de Deus, o seu Instituto Histórico, cujo esforço contínuo será reviver as gloriosas tradições e imortalizar a alma bandeirante e estoica do povo mato-grossense.

Eis porque, Srs., é com verdadeira emoção de patriotismo que, ao declarar aberta esta sessão e instalado o Instituto Histórico de Mato Grosso, repito solenemente a palavra que encerra, como em uma nobre legenda heráldica, toda a grandeza do seu formoso ideal cívico: *Pro Patria cónita atque immortal!* Pela Pátria conhecida e imortal! (op. cit., p. 6).

No entanto, ainda que D. Aquino tenha sido aclamado à época como orador e não como escritor, os intelectuais mato-grossenses estavam atentos e obedientes à estética parnasiana impressa, sobretudo, em *Terra natal*. É nesse livro que o escritor não só desenvolve o melhor de si na literatura, como repudia o romantismo enquanto escola, assumindo a referência clássica e a métrica parnasiana. Aquino queria desviar-se dos influxos individualistas do romantismo, suas tendências às paixões e ao ensimesmamento e, por isso, optou conscientemente pela forma passadista. Esse pulo estético lateral no tempo e no espaço influenciou os escritores de Mato Grosso por todo o século XX.

Enquanto os grandes centros discutiam, durante toda a década de 1930, qual “modernismo” iriam adotar, se mais ou menos alinhado com as estéticas europeias, se mais ou menos afeito à identidade nacional pelo resgate do barroco mineiro, por exemplo, em Mato Grosso, a Academia de Letras impulsionava a métrica parnasiana e uma fértil cultura de crônicas memorialistas¹⁰. O

⁹ Para facilitar a localização de certos textos antigos nas Referências, optou-se por inserir as siglas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (RIHGMT), Revista do Centro Matogrossense de Letras (RCML) e da Revista da Academia Mato-grossense de Letras (RAML) entre o autor citado e a página correspondente. Isso porque a organização das revistas antigas não se divide em artigos autorais, como hoje; os textos se sucedem continuamente nas obras.

¹⁰ Sobre o memorialismo como um gênero menor da literatura brasileira, vale registrar o trabalho de Sérgio Miceli (1979, p. XXI, XXVII): “[...] uma parcela importante dentre os memorialistas são os epígonos de uma época, de uma escola literária, de um gênero, escritores que se viram praticamente alijados dos preitos usuais de reconhecimento e das formas mínimas de gratificação que propicia a vida intelectual. Essa condição de intelectuais fracassados lhes espicaça o projeto de reconstituir a ‘face oculta’ da vida literária, desvendando os móveis em torno dos quais se alicerça a concorrência no campo intelectual. Aqueles que conseguem pelo menos compensar o insucesso de seus empreendimentos literários, por uma carreira bem sucedida em atividades como o jornalismo, a jurisprudência, a assessoria, a política profissional, se exercitam no gênero em tom ‘realista’ mas comedido; outros, que não têm nada a perder nem profissional nem intelectualmente, recorrem em suas memórias a todo o tipo de insultos, apelam para a indiscrição, o achincalhe, o cinismo e se deixam levar pelo ressentimento para acertar contas com as injustiças e desacertos de que se sentem vítimas. Quanto mais se sentem preteridos, tanto maiores seus investimentos no gênero, tanto mais desesperados seus cálculos em termos de vingança e revide, a tal ponto que alguns decidem adiar post mortem a publicação de uma parte de suas

aparente descompasso é traiçoeiro ao crítico que pretenda uma análise apressada. Essa assimetria estética não foi resultado de um “atraso” e sim de uma opção de estilo e de temática. O romantismo, com a forte carga de individualismo desiludido, o intimismo sensual e propensão para o autoextermínio nos casos de desilusão amorosa foi taxativamente afastado por D. Aquino Corrêa. Como resultado dessa escolha, o religioso preferiu eleger a estética do verso alexandrino e suas variantes, mirar a beleza erudita do neoclássico como padrão a ser seguido e, ao mesmo tempo, saudar um futuro de progresso para Mato Grosso.

O segundo personagem indispensável para a armação do tabuleiro intelectual sobre o qual se assentou o jogo de trocas simbólicas na literatura mato-grossense é José de Mesquita, que converge fielmente para o mesmo propósito de Aquino, por razões elementares. Nascido em 1892, filho do abolicionista homônimo precocemente falecido, saiu ainda menino da interiorana cidade de Diamantino-MT para se instalar no seio da família Gaudie Ley, no mesmo berço onde cresceu anteriormente Francisco de Aquino Corrêa. Mesquita não seguiu os passos do meio-irmão por adoção. Ao contrário do sacerdócio, traçou o mesmo percurso dos filhos da elite cuiabana: saiu do interior para estudar Direito no tradicional Largo de São Francisco, em São Paulo.

Ao regressar, Mesquita foi quase imediatamente encaixado no serviço público para, poucos anos depois, ser guindado ao cargo vitalício de Desembargador de Justiça do Tribunal de Mato Grosso, posição que se firmou com a presidência do sodalício por mais de 10 anos ininterruptos.

Sobre a formação da elite intelectual brasileira, da qual não diverge a elite mato-grossense do princípio do século XX, a leitura do sociólogo Sérgio Miceli (2001, p. 115) novamente é indispensável:

Até meados da República Velha, a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais. No interior do sistema de ensino destinado à reprodução da classe dominante, ocupava posição hegemônica por força de sua contribuição à integração intelectual, política e moral dos herdeiros de uma classe dispersa de proprietários rurais aos quais conferia uma legitimidade escolar. A Faculdade de Direito atuava ainda como intermediária na importação e difusão da produção intelectual europeia, centralizando o movimento editorial de revistas e jornais literários: fazia as vezes de celeiro que supria a demanda por indivíduos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura.

memórias, em geral o que consideram a parte ‘íntima’ e ‘comprometedora’. Procuram, dessa maneira, manter a esperança de que ainda possam vir a exercer influência em conjunturas futuras da vida intelectual, ou então, de acabarem logrando tardiamente o reconhecimento de seus mérito intelectual. Aliás, inúmeros dentre os memorialistas desse último grupo também redigiram biografias de escritores célebres o que não deixa de ser uma maneira de tentar impor sua ‘presença’ por procuração”.

A partir de seu retorno a Cuiabá, Mesquita transitou de forma dividida entre dois mundos de letras, o jurídico e o literário. Como era impossível manter o capital simbólico somente com o *status* de escritor na provinciana Cuiabá da primeira metade do século XX, o duplamente presidente (do Tribunal e da Academia) era mais conhecido socialmente como jurista. Sobre a relação de Mesquita com o conceito que fazia de si, é importante sublinhar a pesquisa de Luiz Renato Souza Pinto. Dela, extrai-se um trecho ilustrativo:

O que chama a atenção, em especial, é que o autor tem os seus textos publicados no sumário de todas as edições sempre acompanhados do título de Desembargador, como muitos de seus confrades, o que reforça a importância que se dava à magistratura como sinônimo de poder e tráfico de influência para se determinar a importância histórica e cultural de tal titulação (PINTO, 2006, p. 16).

Independentemente de impressões subjetivas sobre a produção literária de Mesquita e de sua atuação como articulador literário, o certo é que a obra de fôlego estabeleceu um padrão de produtividade pouco ou nunca assemelhado na literatura mato-grossense. Além de dezenas de discursos, registros históricos, crônicas memorialistas, ensaios acadêmicos e memoriais biográficos, José de Mesquita publicou: *Poesias* (poesia, 1919), *A cavallhada* (contos, 1927), *Da epopeia mato-grossense* (poesia, 1930), *Corá* (conto, 1931), *Do jardim místico* (poesia, 1931), *Um rapaz alegre* (conto, 1931), *O Natal do comunista* (conto, 1936), *Piedade* (romance, 1937), *Sonetos* (poesia, 1938), *Do poema da Serra* (poesia, 1940), *Coletânea poética* (poesia, 1941), *Sonetos para a minha mãe e minha mulher* (poesia, 1941), *Três poemas da saudade* (1943), *Escada de Jacó* (poesia, 1945), *No tempo da cadeirinha* (contos, 1946), *Roteiro da felicidade* (poesia, 1946), *Poemas do Guaporé* (poesia, 1947), *Gente e coisas de antanho* (crônicas, 1937/1978), e *Confissões* (poesia, 1961). Tudo indica haver outras obras inéditas, não catalogadas pela família no sítio virtual¹¹ mantido para hospedar a Biblioteca Virtual José de Mesquita.

A prosa de Mesquita pretendeu palmilhar o solo fronteiriço, retratar tipos locais e costumes provincianos. A cena escolhida foi, geralmente, a transição entre o urbano e o rural, reflexos da virada do século XX, em que se percebe o eixo temático resultante da abolição da escravatura, do processo de urbanização e da constituição de novas tradições na cidade. No árido solo intelectual mato-grossense, era preciso fundar um imaginário local. Sobre a “invenção romântica” do Brasil, torna-se imperioso revisar os apontamentos de Antonio Candido (2017, p. 329) sobre esse projeto literário de formação:

¹¹ Disponível em: <<http://www.jmesquita.brtdata.com.br>>.

A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos, nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.

Seja ou não considerado o nascimento da literatura regionalista¹² mato-grossense, um conceito amplamente instável e sujeito a constantes revisões, o projeto identitário da dupla Aquino- Mesquita usava amplamente a geografia local para ambientar a cena romanesca e poética da literatura produzida no princípio do século XX. Não se percebe, na prosa mesquitiana, um empenho pelo acento regional da composição dos personagens, o colecionismo de expressões típicas ou, ainda, as minudências topológicas do sertão mato-grossense. Ainda assim, Mesquita não se furtou à localização espacial típica, ao registro realista de usos e costumes, conforme mostra a seleção de três trechos do romance *Piedade* (1937, p. 49):

Ninguém como a velha ama saberia relatar, com extranha minudencia, cousas passadas ha muito tempo, quando o velho ‘engenho’, cheio de escravos, era um foco permanente de alegria e de trabalho. Hoje, pobre tapera abandonada, na zona deserta da ‘Serra acima’, que a decadência lenta invadira e empolgara, lá estava, a mostrar nos esqueletos do madeiramento e

¹² Para Antonio Candido, há dois tipos de regionalismo. É conveniente identificá-los nesse momento. Em *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, o autor defende que: “O regionalismo foi a manifestação por excelência daquela pesquisa do país, assinalada em capítulo anterior. É necessário, todavia, distinguir o regionalismo dos românticos daquele que veio mais tarde a ser designado por este nome – a ‘literatura sertaneja’ de Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira, Coelho Neto, Monteiro Lobato – e que, embora dele provenha, é desenvolvimento bastante diverso pelo espírito e pelas consequências. Os Românticos – Bernardo, Alencar, Taunay, Távora – tomaram a região como quadro natural e social em que se passavam atos e sentimentos sobre os quais incidia a atenção do ficcionista. É notório que livros como *O sertanejo*, *O garimpeiro*, *Inocência*, *Lourenço* são construídos em torno de um problema humano, individual ou social, e que, a despeito de todo o pitoresco, os personagens existem independentemente das peculiaridades regionais. Mesmo a inabilidade técnica ou a visão elementar de um batedor de estradas, como Bernardo Guimarães, não abafam esta humanidade da narrativa. Já o regionalismo pós-romântico dos citados escritores tente a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. [...] O regionalismo dos românticos, ao contrário, distinguindo a qualidade respectiva do homem e da paisagem, constitui, na sua linha-tronco, uma das melhores direções da nossa evolução literária, vindo, através de Domingos Olímpio, ramificar-se no moderno romance, sobretudo no galho nordestino, onde vemos a região condicionar a vida sem sobrepor-se aos seus problemas específicos. Por isso, o regionalismo – o verdadeiro e fecundo – que aparece nesta fase com Bernardo Guimarães, teve a importância que lhe reconhecemos em capítulo anterior. Enquanto nas literaturas evoluídas do Ocidente ele é quase sempre um subproduto sem maiores consequências (uma espécie de bairrismo literário), no Brasil, que ainda se apalpa e estremece a cada momento com as surpresas do próprio corpo, foi e é um instrumento de descoberta (CANDIDO, 2017, p. 528-529).

nos velhos muros carcomidos, escondidos quasi entre as lixeiras e as goiabeiras silvestres, todo um período de grandeza e esplendor passado!

Monteiro era de família abastada e de muito bom sangue, mas, dotado de um temperamento esquisito e indomável, expatriara-se por haver sido contrariado pela sua gente, que lhe quisera impor enlace indesejável com uma parenta velha e rica, ao tempo em que seu coração se inclinava por uma tricanazinha de corpo de âmbar e olhos dormentes como as águas do Mondego. Por se não vender, como si almas e amizades se mercassem ou se pudessem aleiloar, Monteiro sentou praça e fugiu da própria terra e fez-se de vela para outros mundos, que lhe enfeitiçavam desde criança a imaginação.

Era Léo um fanático por essas corridas, ao contrário do primo que as ‘touradas’ deixavam frio, tendo antes repulsa por essa diversão, não a demonstrando, porém, pelo receio de parecer mole e demasiado puritano. Era desses que se deixam levar pela maioria, pela tradição, e todas as vezes ia ao ‘Campo de Ourique’ porque toda a gente ia e ha muito se procedia assim, si bem que, no íntimo, isso tudo lhe parecesse estúpido e atrazado. Com pouco o estrugir dos busca-pés, as palmas e gritos da assistência, a música ruidosa, denunciaram a ‘primeira sorte’. Nas alamedas em torno dos ‘camarotes’ não se via quasi ninguém. A cidade em peso acompanhava, com a alma suspensa do lábios, em exclamações, corrimaças e vivas, o desenvolver emocionante da corrida. Agora eram os ‘capinhas’, descalços, de calça branca e blusa escarlate, empunhando a banceirola na mão esquerda, com que acenavam ao animal e a ‘garrocha’ na direita – uns, ágeis vaqueiros acostumados ao trato áspero do campeio.

Já a poesia de José de Mesquita está alinhada ao projeto romântico de consolidação da identidade nacional nas fronteiras mato-grossenses, com ênfase na idealização étnica na qual haveria uma confluência de raças em favor da brasilidade. É claro que o escritor não desconhece e tampouco ignora, no processo de interiorização sorocabana, os conflitos com os povos indígenas. No entanto, o paralelo neoclássico que Mesquita traça com a antiga “Hélade” vai amainar a crueza da tragédia étnica. A primeira parte da *Epoepa mato-grossense* está dedicada à “terra virgem”; o poema inaugural define Mato Grosso:

Novo Jasão empós do vellocino louro,
vai Aleixo Garcia em busca do Eldorado.
Acena-lhe, ao fulgor de uma miragem de ouro,
da Sierra de La Plata o redente azulado.
Rebrilha-lhe no olhar, sem pecha nem desdouro,
o valor, a ambição, o heroísmo desmarcado
desses a quem seduz um longínquo thesouro
ou um distante amor, vagamente esperado...
Eis que ao voltar, todo coberto de riqueza,
prostra-o do payaguá a flecha, na sortida,
e elle, em seu sonho ardente e cheio de belleza,
prende-se para sempre ao seio idolatrado
da terra que lhe cobra ao preço vil da vida
essa gloria immortal de a haver primeiro amado! (MESQUITA, 1930, p. 6).

No mesmo livro, em capítulo intitulado ‘Na era das fundações’, Mesquita espelha-se em Bilac para idealizar a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade:

Grande éra que és, na Historia, a base de granito
em que, pujante e audaz, se levanta o presente,
representas o esforço, o trabalho inaudito
desses que, antes de nós, luctaram bravamente.
De Rolim a Luis Pinto e ao Cáceres invicto,
eis surge Villa Bella, a lendária, a ridente
Villa Maria e após, nesse abrolhar bemdicto,
Albuquerque, a gentil, e Coimbra, a resistente;
Vizeu e Casalvasco e Príncipe da Beira
e Miranda, e outros mais, germes de povoados,
de cidades fecunda e bella sementeira...
Capitães-generaes, rijos hoplitas de aço,
numes de nossa terra, erguei-vos, denodados,
para que ainda hoje a ampare o vosso hercúleo braço (op. cit., p. 16).

A *Epoepa Mattogrossense* encontra-se finalizada com base no consenso de povos, raças e intenções quanto à terra natal. Para Mesquita, o futuro é positivo e o progresso necessário. Nesse sentido, o escritor encarna o espírito moderno no tema, ainda que mantenha o verso metrificado como padrão estético. O poema ‘Visão de futuro’ segue reproduzido abaixo, selecionado como paradigma dessa ambivalência cuiabana contra a qual alguns autores se defrontaram:

A era nova desponta. O auto, célere, corta
Teus campos, onde a messe, esplendida, se espraia.
Silva a locomotiva... E da tapera morta
Como que nova luz radia, ardente e gaia.
O velívolo leve os teus ares recorta.
A orchestra do progresso os seus hymnos ensaia.
Tempo é de ressurgir, nesse teu sonho absorta,
para a gloria sem par que no horizonte raia!
Venha o dia feliz em que, fortes e unidos,
os teus filhos farão, nos labores da leira,
do trabalho no afan, rijos e decididos
surgir desse teu seio apoiado e fecundo,
com que se há de nutrir a humanidade inteira
– Terra da Promissão e celleiro do mundo! (op. cit., p. 37).

O vaticínio de José de Mesquita confirmou-se integralmente. Mato Grosso, a partir da década de 1960, preparou-se para se tornar o “celeiro do mundo”. Os fluxos migratórios, propulsionados pela política planificadora da ditadura militar brasileira (1964-1985), asseguraram um inédito deslocamento humano do Sul para o interior, povoando regiões nortistas até então habitadas por comunidades indígenas e tradicionais. Para lograr o desiderato agrícola, todo o bioma nativo foi amplamente alterado. A “terra de promissão” de Mesquita, cantada no melhor

estilo parnasiano, foi frontalmente questionada pelos escritores da Geração Coxipó, que atacavam o conceito de “orquestra do progresso” e outras imagens positivas do mundo mecanizado.

Com farta consistência literária, José de Mesquita destacou-se também por assentar junto à intelectualidade local o pensamento nacionalista, religioso, moralizador, o que compõe a imagem de um pensador de ordem conservadora. Mesmo tendo convivido com outros amigos afetos ao modernismo como, por exemplo, João Antonio Neto, Rubens de Mendonça e Gervásio Leite, Mesquita manteve, por toda a vida, a resistência ao enfrentamento modernista que chegava a Cuiabá com os jovens bacharéis formados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quatro anos antes de sua morte, o fundador da Academia Mato-grossense de Letras concedeu uma entrevista¹³ à imprensa paulista, da qual é reproduzido o seguinte trecho:

A Gazeta – Como encara a arte moderna?

José de Mesquita – Pouco expressiva, por enquanto. De vez em quando, um grupo de ‘novos’, com tendências iconoclastas, surge de tacape e bodoque, procurando revolucionar os moldes e formas de expressão, ‘mata’ o soneto pela centésima vez e tenta ‘liquidar’ os que não lhes acompanham os ardores e verduras da mocidade...

A Gazeta – Em que época Mato Grosso esteve mais evoluído literariamente?

José de Mesquita – Na fase romântica, em que tivemos bons poetas, entre 1870 e 1890. Depois, o renascimento, iniciado por volta de 1910, com a *Revista Mato Grosso* e retomado de 1921 em diante, com a Academia Mattogrossense de Letras, filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil e que se pode considerar a fase áurea das nossas letras.

Mesquita foi um homem do seu tempo. Ligado no positivismo da virada do século XX, suas obras descrevem um “tipo” cuiabano e mato-grossense. Loiva Canova (2013, p. 83) assina um artigo em que aponta, nas obras do fundador da Academia Mato-grossense de Letras, o caráter eugênico, típico do moderno ideário europeu:

As ideias defendidas pelo jurista José Barnabé de Mesquita teve na eugenia o mesmo pensamento dos fundamentos da academia, dos congressos sobre o tema, do exercício do jurista, do médico, do agente de saúde, do professor, do presidente de Estado... Era sobretudo um discurso que tinha seus meios de divulgação assegurados pelas principais academias do Ocidente, em menor escala pelos jornais da cidade, porta-vozes de diferentes grupos políticos e pelas obras escritas por intelectuais da sociedade cuiabana. Desse modo, para discutir os discursos produzidos sobre a eugenia como ‘técnica científica’ com seus saberes a respeito das práticas segregacionistas da República, servindo também como método de controle social, foi

¹³ Entrevista de José de Mesquita ao jornal *A Gazeta*, em São Paulo, no dia 21.03.1957. Disponível em: <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1957_Aspectos%20Literarios%20de%20Cuiaba.pdf>.

privilegiada para este artigo a crítica da obra de José Barnabé de Mesquita Gente e coisas de antanho. O método eugenista foi multiplicado em vários espaços microscópicos de poder e saber, fundamentados em pressupostos científicos, conforme pode ser lido na publicação do autor citado. O discurso da eugenia, em muitas situações possibilitou a construção do controle social em Cuiabá e contribuiu para a intenção em promover uma cruzada civilizatória, de intervir nos costumes e hábitos da população, em seus modos e comportamentos sociais.

Como fundador do então Centro de Letras, o jovem poeta José de Mesquita presidiu intelectuais de outras gerações, influentes figuras públicas, como, por exemplo, Estevão de Mendonça, Ulysses Cuiabano, Virgílio Corrêa Filho, Philogônio de Paula Correa, entre outros escritores mais velhos, e alguns contemporâneos, como Franklin Cassiano e Cesário Prado. Estevão de Mendonça foi particularmente importante na composição, por ser um homem experiente no serviço público, autor de *Datas mattogrossenses* (1906), um referencial obrigatório na historiografia local, líder do movimento alusivo a Augusto Leverger (o Barão de Melgaço), diretor da biblioteca e arquivo sediados no Palácio da Instrução, enfim, um intelectual respeitado pela biografia e produção, ainda que haja coloração elitista, eugênica e machista para os padrões de crítica contemporânea.

A ligação institucional com Virgílio Corrêa Filho, seja no IHGMT, seja na AML, rendeu, inclusive, a doação do casarão colonial para ambas as instituições, no momento em que o historiador foi designado como Secretário de Governo do interventor getulista Antonino Menna Gonçalves, após o golpe de 1930. Se a fundação das duas entidades culturais foi um marco descrito por Mesquita como “antes” e “depois”, a posse da Casa Barão de Melgaço no centro histórico da antiga capital completou perfeitamente o imaginário que se buscava em termos de tradição, honorabilidade e distinção social para os integrantes. Pode-se afirmar, sem qualquer equívoco, que a Academia de Letras vinculou-se, desde logo, seja no Palácio da Instrução, seja na Casa Barão de Melgaço, à arquitetura ligada ao monumental e à estética neoclássica.

A partir de 1930, com múltiplas reformas de adaptação e ampliação dos salões, a Casa Barão passou a ser, por excelência, o *locus* de conhecimento e de produção até a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, quatro décadas mais tarde. Gravitaram ali não só os intelectuais que compunham as duas instituições, mas um rol incontável de outras personalidades que usavam o espaço para saraus e domingueiras, lançamentos de livros, cursos de piano e de canto lírico, reuniões sobre políticas públicas e cursos informais de todas as naturezas. Não seria de se esperar outra inclinação literária que não a identificada por Magalhães (2002, p. 159):

A literatura da primeira metade do século XX se organizou em torno da elite socioeconômica, na produção de Dom Aquino e de José de Mesquita. Trata-se de uma literatura que reproduz, estrutural, linguística e tematicamente, a voz da dominação. O poder de dominação está presente nas figuras heroicas da poética de Dom Aquino ou na poética didática de José de Mesquita, ambos com fortes matizes moralizantes.

Pontue-se, por oportuno, que não havia curso superior no Estado de Mato Grosso além da Faculdade de Direito, formada por vários acadêmicos-juristas, que acabou funcionando em edificação realizada nos quintais da Casa Barão de Melgaço. Não seria exagero afirmar que a Academia de Letras formou em torno de si uma inquestionável gravidade intelectual e, como é cediço, a gravidade atua sobre todas as coisas, inclusive sobre o espaço e o tempo. O cânone literário mato-grossense relacionou-se com posição social e poder cristalizado num local geográfico. Era ali que a literatura se legitimava, por meio do *placet* do mentor José de Mesquita¹⁴, presidente da entidade por 40 anos ininterruptos.

A estrutura arquitetônica que remonta a palácios, utilizada como “berço” da literatura mato-grossense, é um dos identificadores do projeto aquiniano de identidade: conservador, elitista, ufanista e sacro. Néstor Garcia Canclini (1990, p. 162-163) revela a teatralização do poder na América Latina através do apelo monumental:

O patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus. Na nossa América, onde o analfabetismo começou a ser minorado há poucos anos e não em todos os países, não é estranho que a cultura tenha sido predominantemente visual. Ser culto, então, é apreender um conjunto de conhecimentos, em grande medida icônicos, sobre a própria história, e também participar dos palcos em que os grupos hegemônicos fazem com que a sociedade apresente para si mesma o espetáculo de sua origem. [...]

A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual; deveríamos atuar hoje. Essa é a base das políticas culturais autoritárias. O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo. Ser culto implica conhecer esse repertório de bens simbólicos e intervir corretamente nos rituais que o

¹⁴ José Barnabé de Mesquita foi um dos maiores intelectuais mato-grossenses do século XX. Nascido em Cuiabá em 1892, ficou órfão de pai (homônimo) muito cedo, acolhido pela tradicional família Gaudie Ley/Corrêa, por força do segundo casamento da mãe. Estudou em São Paulo e, do Largo de São Francisco, retornou para a terra natal com um bom currículo, ilustrado pela oratória e capacidade de pesquisa. Além de fundar e presidir a Academia Mato-grossense de Letras por 40 anos, presidiu também o Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso. Sobre Mesquita, é importante sublinhar a pesquisa de Luiz Renato Souza Pinto. Dela, extraio um trecho introdutório: “O que chama a atenção, em especial, é que o autor tem os seus textos publicados no sumário de todas as edições sempre acompanhados do título de Desembargador, como muitos de seus confrades, o que reforça a importância que se dava à magistratura como sinônimo de poder e tráfico de influência para se determinar a importância histórica e cultural de tal titulação” (PINTO, 2006, p. 16).

reproduzem. Por isso as noções de coleção e ritual são fundamentais para desmontar vínculos entre cultura e poder. [...]

Celebra-se o patrimônio histórico constituído pelos acontecimentos fundadores, os heróis que os protagonizaram e os objetos fetichizados que os evocam. Os ritos legítimos são os que encenam o desejo de repetição e perpetuação da ordem.

É claro que outros personagens também participaram do processo de construção identitária. Não centrássemos o estudo na produção literária, poderíamos compor a tríade regionalista com o trabalho de Virgílio Alves Corrêa Filho. O autor de *História de Mato Grosso* (1969), a primeira obra sistematizada que compilou as crônicas do sertanismo paulista que chegou às terras mato-grossenses, foi fundamental para o reforço no imaginário local. Conforme Galetti (2012, p. 345):

Os intelectuais cuiabanos em suas representações da sociedade local expressavam o drama da tradicional elite nortista, assustada diante dos sinais de estagnação do seu espaço de reprodução social, evidenciado pelas transformações demográficas e sociais que animavam a região Sul do estado, onde novas forças econômicas e sociais passavam a questionar seu tradicional domínio político. Ressalte-se, como um componente fundamental desse drama, as dissensões internas a este grupo social, mal resolvidas em violentos e antropofágicos conflitos, que devoraram suas próprias lideranças e resultaram em rupturas de antigas lealdades.

Nesse sentido, a participação de Corrêa Filho serviu de fundamento historiográfico para a hegemonia cultural cuiabana proposta por Aquino. A visão do arcebispo pautou a visão historiográfica, cujo centro foi, desde sempre, a cidade de Cuiabá. Seria natural esperar que o fluxo migratório convergisse para a capital mato-grossense. Galetti (2012, p. 366) prossegue:

Quanto ao significado da Marcha para o Oeste, lançada por Vargas em 1938, seu apelo de rumo ao Oeste foi certamente o elemento que, de longe, mais cativou os sócios do IHMT, despertando uma adesão unânime e irrestrita, independente de credos religiosos ou políticos. De Rondon, um positivista assumido, a D. Aquino, representante da ala mais conservadora da Igreja Católica brasileira, não houve um só homem ou mulher de letras em Mato Grosso que não tivesse se irmanado em torno dos ideais da Marcha, encontrando nela razões de peso e de sobra para reverenciar o Estado Novo. Razões de ordem econômica e social, na medida em que o projeto acenava com um futuro de progresso para a região, prometia romper com o seu isolamento, trazer milhares de migrantes para povoar o vazio, possibilitar o acesso a terra, desenvolver a agricultura. E políticas, vez que a ideologia de integração nacional e a ideia do Oeste como lugar de brasilidade vinham como que conferir a mais completa autoridade à própria construção do IHGMT.

O arsenal simbólico construído por Francisco de Aquino Corrêa e José de Mesquita, dentro e fora do poder público e das instituições culturais, cunhou profundamente o imaginário mato-grossense acerca da intelectualidade cuiabana. Hino, heráldicas, agremiações, publicações, todo o conjunto da produção cultural foi cultuado na Casa Barão de Melgaço, espécie de templo íntimo para os dois personagens, ainda em vida. Uma das chaves simbólicas que mais interessa ao presente estudo, no entanto, é extraído de uma encomiástica análise de Mesquita (RAML, 1956, p. 32) sobre a obra de Aquino. Surge o conceito de “cuiabanidade”:

Na obra do Arcebispo de Cuiabá, vamos encontrar, viva, flagrante, fremente essa cuiabanidade que vinca toda sua vasta e poliforma produção literária, mas que avulta e se projeta ainda mais nas obras poéticas, no vivo do pictórico inconfundível, como na profundeza e amplitude sentimental, Desde o começo ver-se-á como a sua Cuiabá vive e palpita em a maior e menor parte dos seus versos [...].

É através do *Terra Natal*, porém, que mais se sente a imensa, irresistível sedução que a gleba onde nascera, exerceu, quasi obsessivamente. Circe mágica, sobre a alma do Arcebispo-poeta. A par do amor a Maria, a sua Musa celeste, o amor à sua cidade bem querida, a musa terrestre dos seus sonhos, representa esse maravilhoso transfert, pela sublimação poética, dos profanos amores, que lei moral e os votos religiosos lhe vedaram. Folheai o volume encantador e encontrareis, a cada passo, aflorar, até nos títulos, o motivo inspirador: aqui vereis o ‘Madrugadas cuiabanas’, que assim começa, num ditirambo ardente.

Foi sempre assim, como um trovador ou menestrel da sua terra, o Poeta cuiabano. E si é verdade que o patriotismo eleva e engrandece – sentimento que não faltou a D. Aquino –, não é menor, no seu alcance mais limitado, esse amor à terra do nascimento, à pequena – pátria, o qual, por mais objetivo e realista, se prende às formas da paisagem às tradições encantadoras do lugar, entre todos querido, em que se confina a vida e no qual se aspira terminá-la.

Relevante o conceito de “cuiabanidade” (depois transformado em “cuiabania” por Benedito Sant’Anna da Silva Freire). O intenso fluxo migratório dos anos 1960 em diante – o que a Geração Coxipó chamará de “ondas bárbaras” – diluiu o sentimento quase comunal de uma cidade interiorana que foi definido pela dupla Aquino-Mesquita. A cuiabanidade é a sensação de pertencimento, ligação telúrica com a ancestralidade cuiabana, mesmo que por adoção. Trata-se, ademais, de uma postura cívica de defesa das tradições, um posicionamento público em favor da manutenção dos privilégios da cidade e uma afirmação intelectual de absoluta centralidade. Comporta, portanto, a identidade que costura o encadeamento de gerações. Sobre o tema, anota Mário César Silva Leite (2017, p. 121): “Em decorrência de sua definição, identificação e diferenciação o discurso regionalista visava não apenas a criação de sua autoimagem, mas

inserção no conjunto – e na disputa – do discurso nacional que, por seu turno, elegia e criava determinadas regiões como legítimas representantes do nacional”.

A importância do conceito de cuiabanidade é central para o que viria como forma de questionamento. Observamos que, se a opção estética da dupla Aquino-Mesquita estava ligada ao neoclássico, o tema prevalente era o imaginário de Mato Grosso, sua geografia, formação histórica, étnica e política. Ao final, vê-se a tentativa de harmonizar conflitos e projetar o futuro com esperança na prosperidade. O elemento capaz de amalgamar disparidades foi o sentimento de adesão, a “cuiabanidade”, que se formava na relação entre a terra e as gentes que nela habitavam. Aí nasceu a seleção entre migrantes que aderiram ao projeto e eram “cuiabanizados” e os forasteiros que a ele não se adequaram e foram hostilizados como “paus-rodados”.

Com relação ao estigma de “pau-rodado”, houve consequentes reações por parte dos migrantes. Antes, porém, de mostrar quais foram essas reações em termos de cultura e literatura, é importante ressaltar como Bourdieu (2007, p. 125) trata o tema em termos sociológicos:

O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema – segundo o paradigma ‘black is beautiful’ – e que termina na institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização. É, com efeito, o estigma que dá à revolta regionalista ou nacionalista, não só as suas determinantes simbólicas mas também seus fundamentos econômicos e sociais, princípios de unificação de grupo e pontos de apoio objetivos da acção de mobilização.

Depois da elaboração do conceito de “cuiabanidade”, massificado com força no princípio do século XX, tornou-se comum a expressão demeritória “pau-rodado”, referindo-se aos migrantes. Os “forasteiros” que não se integravam e até mesmo se chocavam contra as tradições cuiabanas foram taxados de paus-rodados, expressão que não era nova. D. Aquino Corrêa (1985, v. 1, p. 186) contribuiu com o estigma, diferenciando os dois tipos de migrantes como arrogantes e pacatos:

PAUS-RODADOS

Das altas cabeceiras verdejantes,
Por onde o Rio-Manso e o Cuiabá,
Enlaçam no colar dos seus diamantes,
Qual safira bem digna dum rajá,
A Serra Azul, tronitruante,
Precipita-se e tomba a bruta enchente

E cresce e espuma e tudo arranca e invade,
Té que se vê, aos seus soturnos roncões,
Passarem pelo porto da cidade,
Raízes, galhos e moirões e troncos,

Que o meu rio natal leva arrastados,
Numa pompa triunfal de paus rodados.

Uns são negros, esqueléticos e feios,
Tostados pelo fogo das queimadas;
Nas suas ramas frescas e enfolhadas,
Abre-se a última flor da orquídea linda,
E passam ninhos baloiçando ainda.

Aquele é arrogante, audaz, sombrio.
Emerge fora d'água e agita, no ar
Os braços hirtos, como em desafio,
E vai, além, ruínas espalhar,
Esbarrondando, em rudes solavancos,
Canoas, cercas, muros e barrancos.

Este, em vez, é pacífico e tranquilo,
Vem boiando à mercê da onda brava
E onde a barranca lhe oferece asilo,
Aí se apóia, o seu terreno cava,
Apruma-se, e enterrando as cem raízes
Revive ao sol seus dias mais felizes.

E dentro em breve, à sua sombra amiga,
Brotam rancho de amor por entre flores,
Nas roças verdes vai medrando a espiga,
Enquanto, ao descantar dos pescadores,
Responde a japuíra em cada galho,
A canção da alegria e do trabalho.

Salve, meu belo rio! ó gratas cenas
Que desde a infância os olhos me encantais!
Lembraís da vida as quadras mais serenas,
E embora o que se foi não volte mais,
Sinto que à vossa evocação tão santa,
Todo um passado reflorece e canta!

O próprio Aquino inseriu uma nota de pé de página a explicar o significado da expressão regional: “Paus-rodados se apelidam os filhos de outros Estados, a muitos dos quais, entretanto, deve Mato Grosso os mais valiosos serviços” (op. cit., p. 156). Quanto aos migrantes, retrata o texto, uns são negros e feios. O racismo plasmado no poema será mimetizado pela geração de Aquino, juntamente com a xenofobia. Quem “brota” é o forasteiro que se integra e quem “roda” é o migrante oportunista.

Outro autor que não teve pudor em crivar o migrante com o termo pejorativo foi Frederico Augusto Prado de Oliveira, cujo pseudônimo era Zé Capilé, reproduzido por Rubens de Mendonça (2005):

Uma coisa um bule n'ispinha
I mi dá tremo na pacuera;
É num vê meus patrício nenhum
Qui mereça justiça – divéra!

Só se vê canaia de báxo
Pau rodado qui aqui incaiô
Piriquitada im redó du governo
À xupá todo nosso suô.

Com a chancela de D. Aquino, outros intelectuais passaram a estigmatizar o migrante, mesmo sem condenar o progresso. Em 1930, Philogônio de Paula Corrêa, um dos mais carismáticos professores de Cuiabá, proferiu discurso no então Centro Matogrossense de Letras, acerca do “Espírito Cuiabano”, ocasião em que, logo no início do ensaio, contou uma anedota bastante ilustrativa:

O juiz enfatuado foi outro. Furioso por não receber, em dia, os seus vencimentos no Tesouro do Estado, esbravejou contra todos e contra tudo o que é nosso e, concluindo, gritou: É melhor ser carroceiro em São Paulo do que juiz em Mato Grosso! A isso, o nosso Manoel Canavarros, sempre amável e delicado, contestou com fina ironia: Mas, Doutor, a lancha que vos conduziu até aqui ainda faz carreira... (RCML, jan./jun. 1930, p. 72).

Até mesmo Gervásio Leite, animador do modernismo em Mato Grosso, não viu problema algum em se confessar “bairrista”. Entendendo que Cuiabá estava vocacionada à “primazia civilizadora”, a estender por todo o imenso território estadual o conceito de riqueza e de progresso, Gervásio escreveu um artigo sobre os 250 anos da capital e o publicou em *Terra agarrativa e linda*:

Cedo, assim, Cuiabá ganhou a ascendência administrativa e a supremacia política no Oeste brasileiro e, por isso, não se lhe pode negar a vocação e a primazia civilizadora e cultural que têm sido características de sua história reveladas na antemã de sua vida e que não tem diminuído de intensidade na caminhada acidentada ao longo dos seus 250 anos. Essa a razão porque estamos mantendo essa supremacia e essa ascendência, condição que herdamos dos Lemes, dos Pires de Campos, dos Antunes Macieis, enfim, daqueles homens que, a final, escreveram sozinhos a história do Brasil. [...] Fomos nós, os cuiabanos, que povoamos e enriquecemos os pantanais matogrossenses; fomos nós que abrimos todo imenso sul do Estado ao progresso e à prosperidade que hoje ostenta. Por todos os rincões da terra matogrossense, ao longo desses dois e meio séculos de história, Cuiabá está presente pela ação persistente, obstinada, infatigável de sua gente (LEITE, 1969, p. 64-65).

Finalmente, após as décadas de prédica de Aquino e a rigorosa seleção intelectual implementada por Mesquita para os quadros do Instituto Histórico e da Academia de Letras, Gervásio Leite (1969, p. 66-67) não só reforçou a autorreferência cuiabana como a sublinhou como positiva:

Não há sentimento mais nobre, mais profundo, mais justo, mais certo que esse amor que é o bairrismo. Ninguém aprende a amar o Brasil senão no primeiro amor à terra em que nasceu. [...]

Esse bairrismo não é fútil, primário, infantil ou vesgo nutrido como é na seiva dos mais nobres sentimentos; é tão-somente o amor agarrativo a uma terra, pensamos nós, que ninguém ama, que ninguém gosta; temos, então, que amá-la com um amor dobrado, com um amor intenso, ciumento e indormido, com um amor que, muitas vezes, ciumento como é, explode em reações surpreendentes.

A geração seguinte à dupla Aquino-Mesquita capitalizou apoio intelectual na esteira da ufanía dos predecessores. Louvar a capital mato-grossense passou a ser um código-chave para o ingresso nas instituições culturais de prestígio fundadas no início do século XX e de relacionamento com a tradição imagética centrada na noção de cuiabanidade. Após Virgílio Alves Corrêa Filho, o mais destacado historiador que o mimetizou foi Lenine de Campos Póvoas, influente político e funcionário público de alto escalão. Póvoas publicou um livro que intitulou como *Um convite à fortuna* (1977), cujo conteúdo é autoexplicativo. Já na introdução, percebe-se a sedimentação de antigos clichês:

O grande interesse que Mato Grosso está despertando em todo o País e mesmo no exterior levou-nos a esta empreitada.

É incalculável o número de pessoas, especialmente no sul do Brasil, que buscam informações sobre as terras e as oportunidades de negócios no vasto Estado Central. [...]

Move-nos, também, o amor à terra natal; à imensidão e às belezas de seu território; aos lances épicos de sua história; ao que o homem nela construiu, sozinho, desassistido, por muito tempo, do Poder Central, em empreendimentos arrojados; às suas riquezas incalculáveis e ainda adormecidas.

Estas páginas irão mostrar ao leitor que Mato Grosso pode, de fato, orgulhar-se do seu passado, ufanar-se do seu presente e confiar no seu futuro.

Um passado de glórias; um presente vibrante; um futuro extraordinário e imprevisível (PÓVOAS, 1977, p. 9).

O binômio progresso-tradição é o extrato da obra da dupla Aquino-Mesquita. Se, de um lado, ambos criaram e cultivaram tradições para Cuiabá e Mato Grosso, também cobraram o tributo da adequação do migrante/investidor aos padrões de convívio que estabeleceram como “cuiabanidade”, espécie de civilidade cuiabana. A lógica da aclimação condicionada permaneceu como dogma na intelectualidade local, tanto que foi “resgatada” no final da década de 1980 por movimentos como o Muxirum Cuiabano, o teatro Gambiarra e os escritores da Geração Coxipó, que se posicionavam em defesa da ecologia e da cidade em detrimento dos sulistas pau-rodados, comparados com “bárbaros”, cuja sanha capitalista ocasionava o extermínio da biodiversidade e morticínio indígena e de comunidades tradicionais.

A lógica intelectual do nativismo era fundamental para Cuiabá. Inicialmente, para torná-la capital; em seguida, para construir uma imagem de centro civilizador; finalmente, para criar um eixo no qual todos os demais intelectuais girariam em torno. Salvo raras exceções, produziram-se regionalismos ensimesmados, isto é, uma narrativa de Cuiabá para cuiabanos, circuito endógeno de suposta supremacia. Conforme Leite (2017, p. 136):

[...] essas personalidades centrais do plano literário, cultural, político e social em Mato Grosso na primeira metade do século XX, definiram, materializaram, deram forma e rumos, com toda a sua produção, ao primeiro projeto e movimento regionalista literário e cultural em Mato Grosso que possivelmente, em todos os seus principais aspectos, reverbera até hoje. Na verdade, é um pouco mais que isso. Criaram, inventaram, modelaram o que se chama até agora de Literatura de Mato Grosso, totalmente projetada nos moldes e assentamentos do regionalismo. Concluí, nessa pesquisa, que a formatação da literatura em Mato Grosso como sistema, no sentido dado por Candido, era engendrada e sustentada pela amálgama do discurso regionalista. É a partir dele que se organizou e se organizava aquilo que se entendia, entende-se ainda, por literatura de, ou em, Mato Grosso ou mato-grossense.

Daí resulta uma hipótese de que a maioria dos autores mato-grossenses do século XX, cerrados em um circuito regionalista, pouco almejavam a dimensão nacional. O programa estipulado por Aquino foi, de um lado, um rompimento estético com as letras árcades e pré-românticas de um Joaquim Calhao, por exemplo, apagado do cenário local inclusive pelas omissões catalográficas de Rubens de Mendonça e das referências nos periódicos do então Centro Mattogrossense de Letras. Conforme conclui Ernani Calhao (2020, p. 255-256):

Outro ponto inédito versa sobre o silêncio do cânone literário estadual sobre a existência de *Harpejos poéticos*, enquanto produção literária do século XIX, como um texto simbólico ligado à história e a sociedade. Muitas hipóteses podem ser levantadas para essa omissão, dentre outras, há a questão de um paradigma hegemônico formado, a partir da década de XX do século passado. [...]

Ainda sobre esse mesmo assunto, mas de ângulo diferente, a pesquisa identificou nos fundamentos históricos da literatura mato-grossense a formação de um pensamento hegemônico, por volta dos anos 20 e 30 do século XX. Foram os precursores da catalogação e reunião do pensamento literário mato-grossense, mais tarde transformados em paradigma historicista da história das letras. Nesse sentido que se aponta a formação de um cânone literário regional fechada e matizada de forte componente sectário, racista e xenofóbico. Um filtro pretensamente invisível foi colocado nos discursos anteriores, como se estes fossem indignos de serem estudados ou ensinados.

Por outro lado, essa espécie de catecismo cultural engessou a produção literária em narrativas tão cristalizadas na paisagem que menoscabaram a dimensão humana da prosa e da

poesia no Estado. A conclusão se vê mais à frente: no percurso estudado, a ambiência intelectual gerou uma literatura mato-grossense e não uma literatura brasileira produzida em Mato Grosso.

Um dos fatores que ocasionaram esse reducionismo foi o despudorado mimetismo de escritores que só obtiveram algum reconhecimento graças ao posto de “imortais” da AML. Surgiu o academicismo como herança de Aquino e de Mesquita.

1.3 – O academicismo mato-grossense

A dupla Aquino-Mesquita forjou o cânone literário em Mato Grosso. A despeito de outros talentos individuais, quase todos os prosadores e poetas que ingressaram na Academia Mato-grossense de Letras, além de tributários dos fundadores, aliaram-se, em maior ou menor grau, ao projeto literário inicial. Antônio Candido (2017, p. 246), ao refletir sobre os coletivos elitistas de letrados no Brasil, anotou que as primeiras agremiações constituíam uma

[...] tendência associativa que vinculava os intelectuais uns aos outros, fechando-os no sistema de solidariedade e reconhecimento mútuo das sociedades político-culturais, conferindo-lhes um timbre de exceção. Não espanta que se tenha gerado um certo sentimento de superioridade, a que não eram alheias algumas implicações da Ilustração – inclinada a supervalorizar o filósofo, detentor das luzes e capaz, por isso, de conduzir os homens ao progresso. Aí se encontram porventura as raízes da relativa jactância, reforçada a seguir pelo Romantismo, que deu aos grupos intelectuais, no Brasil, exagerada noção da própria importância e valia.

Compunha-se, em Cuiabá, uma aliança intelectual não apenas estética, mas de ordem sócio-política, fenômeno analisado por Sérgio Miceli no livro *Vanguardas em retrocesso*:

[...] os praticantes da atividade literária ou artística jamais conseguiram se desvencilhar do domínio estrutural exercido pelos grupos políticos dominantes, ora agasalhados pelos dispositivos oligárquicos estaduais ou pelo Estado central, como no Brasil, ora abrigados sob chancela dos proprietários de empreendimentos privados ou custeados pelo patrimônio familiar, tal como sucedeu no caso argentino. A rigor, a diferença consistiu nos tipos de mediadores políticos que se mostraram propensos a dar sustentação material e institucional à vida cultural: os mandachuvas e próceres partidários no Brasil, operando como chefes de redes burocráticas no interior dos poderes constituídos, os magnatas e chefões da grande imprensa portenha, toda ela atrelada às bandeiras dos partidos e às palavras de ordem de coalizões governamentais (MICELI, 2012, p. 22-23).

No caso de Mato Grosso, os “mediadores” citados por Miceli estavam ligados, a um só tempo, à tripla institucionalização: religiosa, política e jurídica. Não se tratava apenas de um grupo que sustentava um segmento político oligárquico ou de uma elite que vocalizava na

mídia. O que se deu na intelectualidade mato-grossense foi uma convergência nuclear nas personalidades de D. Aquino e José de Mesquita por força da posição central das mais importantes instituições da época – o controle da Igreja Católica junto a uma população esmagadoramente religiosa, o mando político no mais alto cargo executivo do Estado e a honorabilidade simbólica conferida pela presidência do Poder Judiciário.

A Academia Mato-grossense de Letras era, portanto, uma projeção cultural desse domínio totalizante e, por isso, a extinção dos dois fundadores redundou num acentuado academicismo. A “cultura de academia” – emulativa, passadista e inclinada a receber mais personalidades ilustres da sociedade cuiabana do que escritores – predominou por toda a segunda metade do século XX. Imitando uns aos outros até a atualidade, buscaram autorreferentes argumentos de autoridade para validar sua posição desvencilhada da literatura, reivindicando um estatuto mais amplo para a expressão “letras”, o que gera perplexidade ao constatar que vários membros da AML não escreveram um único livro de ficção/poesia, ou simplesmente não publicaram nenhum livro.

O arcebispo faleceu em 1958 e seu meio-irmão em 1961. Mesquita morreu como Presidente da AML, cargo que ocupou por 40 anos ininterruptos (1921-1961). Com o hiato dos dois mais importantes referenciais intelectuais do Estado, a Academia Mato-grossense de Letras rumou para um longo debacle conceitual pela falta de consistência literária dos novos acadêmicos que se sucederam no tempo. A crise de referencial é explicada não só pela força política da dupla Aquino-Mesquita, mas também pela consistente produção literária que não foi igualada por seus sucessores, no âmbito da AML.

A ausência dos dois grandes fundadores e, por conseguinte, o imediato sofrimento da AML com a falta de produtividade literária refletiu-se no “academicismo”, ou seja, uma sucessão de discursos encomiásticos, resenhas laudatórias, crônicas saudosistas e outras verborragias sem a verve literária da ficção de Mesquita e da poética de Aquino. De qualquer sorte, estruturou-se uma centralidade intelectual na Casa Barão de Melgaço, constituindo o que Mário César Silva Leite (2005, p. 237) denomina “sistema”:

Primeiro, como já apontei, a partir de determinado momento específico organiza-se um sistema literário tendo como fator central o discurso regionalista que deu, e dá desde então, uma certa coesão entre três elementos envolvidos, escritores-obra-leitores, e estabelece um certo conjunto – isto é, o sistema organiza-se a partir e em torno do discurso regionalista; segundo, este sistema assim organizado não pode ser pensado sem se considerar, como parte absolutamente interna de sua configuração, as figuras centrais de sua fundação; e, terceiro, também não pode ser pensado sem se considerar a produção literária, biográfica ou histórica, os discursos, criados-elaborados

sobre essas figuras – responsáveis pela construção efetiva de suas imagens. Daí que, por ora, parece-me indispensável sinalizar para a centralidade das duas instituições citadas acima – Instituto Histórico e o Centro Mato-grossense de Letras e para duas das mais emblemáticas figuras de todo este processo, no primeiro momento regionalista mais identificável: Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita.

Mesmo em vida, Mesquita recebia o tributo apologético. Já em 1929 – apenas oito anos depois da fundação da Academia Mato-grossense de Letras –, os encômios de Oscarino Ramos (1931, p. 77-78) fizeram escola:

É de notar-se o movimento que opera em todos os Estados do Brasil, a favor de nossas coisas no mundo das letras. Há uma literatura vitoriosa tratando e assuntos regionais. No Amazonas, vemos Raimundo Morais, caudaloso, soberbo, descrevendo a vida do seu Estado que é um mundo. Em Pernambuco, Mário Sete. Em Bahia, Afrânio e Xavier Marques. Em São Paulo, modernamente, Plínio Salgado e em Rio Grande do Sul, Roque Calage. Goiás perdeu cedo o narrador da sua vida, o malogrado Carvalho Ramos. Mato Grosso pode dizer, ufano, que também tem quem sente e narra a sua vida, os seus costumes, as suas lendas, com alma de poeta. É José de Mesquita.

Nota-se a classificação de Mesquita como paradigma de regionalismo, já que o escritor não obteve o mesmo galardão nacional de D. Aquino Corrêa junto à Academia Brasileira de Letras. Ainda novo, Mesquita foi apresentado como “esbelto cavalheiro de letras”, descrito como fidalgo e portador de uma grande influência, contra a qual Olegário de Barros não poderia jamais “se rebelar”.

O caso de Rubens de Mendonça é particularmente interessante, pois transitou simultaneamente entre duas alas: a primeira, ligada ao pai Estevão de Mendonça, francamente tradicionalista, por ser um dos fundadores da AML e do IHGMT; e a segunda, com os jovens Gervásio Leite, Wladimir Dias-Pino e Benedito Sant’Anna da Silva Freire, autores que se inquietavam com a estetização academicista fixada na mescla entre o parnasiano e o romântico. A ambivalência da figura de Rubens de Mendonça pode ser constatada ao publicar, de um lado, os “modernos” autores em periódicos e, de outro, não só ingressar para as duas instituições da Casa Barão de Melgaço como ter José de Mesquita como padrinho.

Em 1942, Rubens de Mendonça publicou o livro *Poetas bororos*. Quem apresentou a obra não poderia ser outro senão o presidente José de Mesquita. Investindo-se na paternidade intelectual, chamou o autor de “Rubinho”, como ele passou a ser conhecido no cotidiano de Cuiabá. Essa intimidade é sintomática do paternalismo acadêmico que o presidente da AML ofertava aos novos colegas de agremiação literária. No prefácio, Mesquita (1942, p. II) deixou claro a que grupo o jovem poeta pertencia:

[...] a ala ‘moça’ vai destarte se afirmando, num propósito de labor consciente e tenaz, a prol da divulgação de nossa Cultura. [...] *Poetas bororos* dará, lá fora, a impressão da vis poética de nossa gente, pondo de manifesto, mais uma vez, aquele ‘sentido’ que procurei frisar nas nossas letras – confinadas nesses dois limites, arrastadas por esses pendores que ora as levam aos surtos heroicos de um Passado cheio de lances de glória e bravura, ora as mergulham na tristeza das solidões sertanejas, mas sempre criando, no sortilégio eterno da Poesia, no prodígio divino da Arte, visões de encanto e beleza, inspiradas num alto senso humano, mas tocadas sempre de verdadeira, pura e sã brasilidade. [...] Meus parabéns, e continue, é o que me cace dizer-lhe, em lhe agradecendo a confiança deste paraninfado, nem abraço cordial e amigo do seu confrade José de Mesquita.

A posição de Mesquita consolidou-se pelas trocas estabelecidas com autores mais novos que foram incorporados à Academia Mato-grossense de Letras. Todos os demais, que não se alinhavam ao “sentido” que o presidente queria dar à literatura local, não eram citados na Revista da AML e nos discursos acadêmicos, tampouco eram convidados para exposições, lançamentos de livros ou atividades conjuntas na Casa Barão de Melgaço.

Se, de um lado, o patrono da literatura mato-grossense – como podemos chamar com propriedade José de Mesquita – franqueava o galardão acadêmico aos novatos, estes últimos passavam a tomá-lo como o pai, padrinho e/ou paraninfo. Com Rubens de Mendonça¹⁵, o mesmo tratamento reverente deu-se no livro *No escafandro da vida*, de 1946, que dedica: “A José de Mesquita, Mestre e amigo, a quem muito devo o pouco que sou”. No caso específico de Mendonça, o alinhamento intelectual era dúbio, posto ter sido ele a incentivar e publicar antiacadêmicos, em periódicos lançados longe do círculo da Academia.

Outras tantas personalidades se propuseram à defesa da Academia Mato-grossense de Letras. O jovem jurista Antônio de Arruda, recém-eleito para a AML em 1951, usou-se da revista *Ganga* para publicar o artigo “Academias”, no qual professa a doutrina academicista:

Em suma, as academias aspiram a direção do bom gosto literário e, com o correr dos anos, adquirem alguma tradição e relevo no mundo intelectual de seu tempo. Podem às vezes deixar de atingir seus fins, mas constituindo certa culminância, predispõe ao ciúme e à inveja, sentimentos ruins, de que não escapam homens eminentes, como acabamos de ver. E diante desses exemplos ilustres, não admira que sobre as academias recaiam também as injúrias de espíritos mais pequenos (ARRUDA, 1951, p. 6).

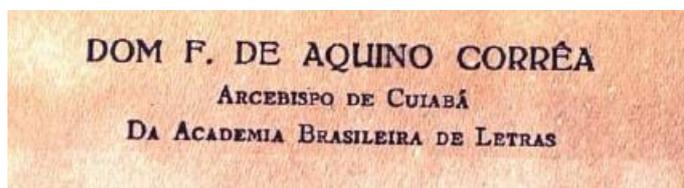
¹⁵ Marinei Almeida (2012, p. 59) também anota a postura dúbia de Rubens de Mendonça, um homem profundamente ligado à tradição, ao peso do nome do próprio pai, Estevão de Mendonça, que pretendia ser moderno na intenção, mas na prática não conseguiu encontrar a emancipação estética necessária: “Nesse sentido, parece-nos que há uma divergência entre discurso e prática poética em Rubens de Mendonça, ou seja, há uma maneira diferente de se considerar o movimento moderno paulista e, sobretudo, o que significa o moderno enquanto corrente artística que mobilizou a História da Arte”. Na visão de Almeida, Rubens pode ser comparado com Graça Aranha: homens respeitáveis, de *status* inquestionável, que emprestaram o prestígio em favor da nova estética sem, no entanto, mergulharem eles mesmos no modernismo.

Antes de mapear o quadro dos “imortais” com o qual a Geração Coxipó se confrontou, importa assinalar que a influência da dupla Mesquita-Aquino foi tão institucionalizadora em termos de elementos simbólicos que mesmo a semiótica de livros impressos por “confrades” da AML obedeceu a uma padronização por mais de 80 anos consecutivos. Uma longa série de escritores cumpriu o mesmo protocolo nas publicações em nome da “imortalidade”, valiosa promessa da AML. O padrão firmado por D. Aquino Corrêa não caiu em desuso. É preciso continuar apondo em destaque, abaixo do próprio nome do autor, as principais instituições culturais mato-grossenses como canceladoras das obras (FIGURA 1).

FIGURA 1. Filiações dos autores da AML a instituições, estampadas nas capas de seus livros.



D. Francisco de Aquino Corrêa – “Terra Natal”, 1920.



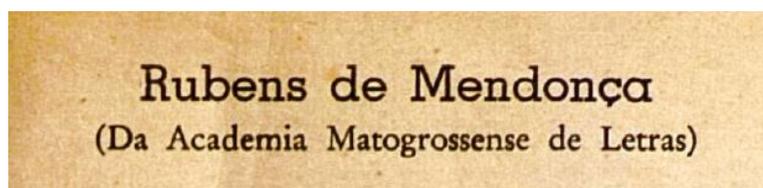
D. Francisco de Aquino Corrêa – “Discursos”, 1927.



Estevão de Mendonça – “Datas Mattogrossenses”, 1973.



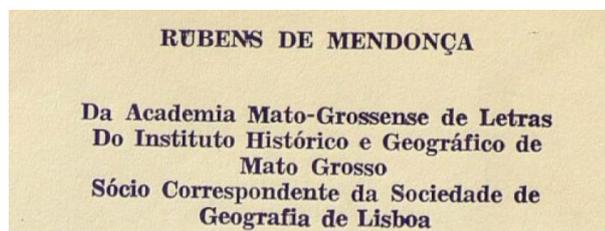
Rosário Congro – “Antes de Raposo Tavares”, 1954.



Rubens de Mendonça – “Casalhos da ilusão”, 1944.



Rubens de Mendonça – “História de Mato Grosso”, 1970.



Rubens de Mendonça – “Evolução do ensino em Mato Grosso”, 1977.



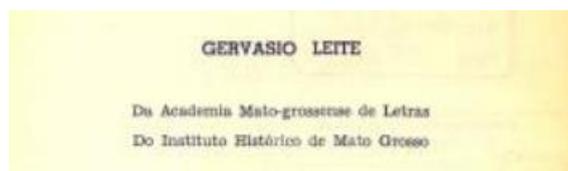
Raimundo Maranhão Ayres – “O poeta da Flor de Neve”, 1945.



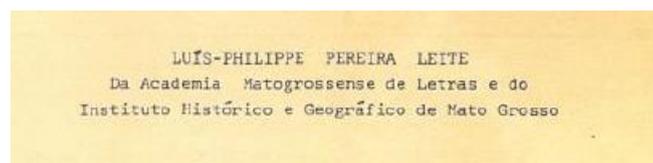
Francisco Ayres – “Folhas soltas”, s. d.



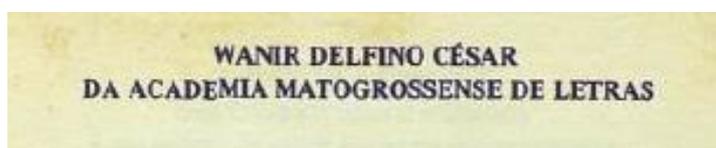
Francisco Alexandre Ferreira Mendes – “Lendas e tradições cuiabanas”, 1977.



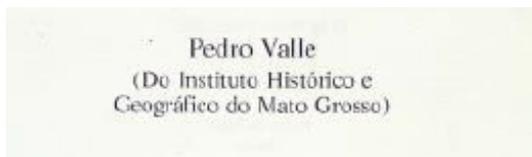
Gervásio Leite – “Um século de instrução pública”, 1971.



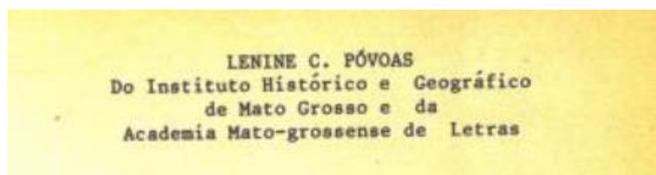
Luis-Phillipe Pereira Leite – “O médico da Jacobina”, 1978.



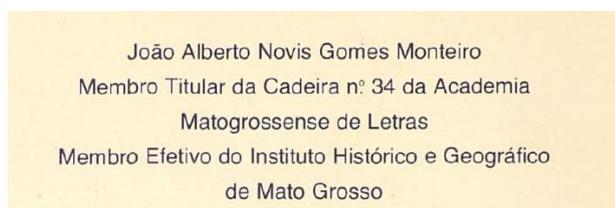
Wanir Delfino César – “Canção de peregrino”, s. d.



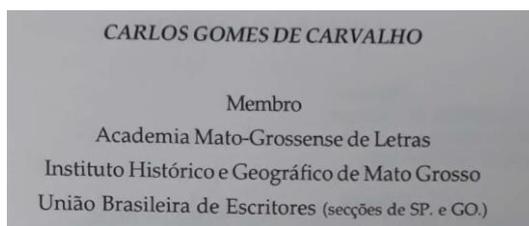
Pedro Valle – “Os caminhos por onde eu passei”, 2005.



Lenine de Campos Póvoas – “História de Mato Grosso”, 1985.



João Alberto Novis Gomes Monteiro – “O boateiro e sua janela mágica”, 1992.



Sebastião Carlos Gomes de Carvalho – “Panorama da Literatura de Mato Grosso”, 2004.

Fonte: ACERVOS VARIADOS, 2020.

Com o timbre da AML e do IHGMT, não se trataria de qualquer autor, mas de um membro, de um sócio, de um iniciado nesses clubes culturais de alto prestígio e, por isso, o peso do carimbo é quase indissociável à sua própria apresentação. É como uma espécie de “segundo nome”, um complemento obrigatório e ostensivo, desdobramento da personalidade autoral. A Academia gerou o que, quase sempre, é inevitável numa instituição cultural composta por heterogenias de saberes e de talentos – o academicismo.

A adoção do símbolo é uma marca de força institucional da Casa Barão de Melgaço, gravitando em torno dos padrões originários da primeira metade do século XX como uma espécie de “selo de qualidade”, um padrão cultural acima da média, de erudição comprovada, pelo qual o público leitor teria a certeza de que não haveria surpresas. E surpresas não houve nessa longa linhagem de escritores que fizeram memorialismo, poesia parnasiana e prosa romântica. Mato Grosso é o retrato de uma terra abençoada por Deus com sua natureza

exuberante, seus índios corajosos e combativos, seus minérios valiosos, fertilidade do solo, abundância de águas, entre outras imagens que compuseram o romantismo brasileiro de 1870 em diante e, em Mato Grosso, por toda a metade do século seguinte.

Contudo, o carimbo também excluiu dessas obras (ou, pelo menos, da maioria delas), os conflitos sociais de toda ordem. Nelas, não se veem os massacres indígenas, o passado escravagista, a depredação ambiental e a ganância da aristocracia que sugou os cofres públicos. Está excluída a visão voltada à periferia da cidade – as prostitutas, os loucos, os pobres, os viciados e os pedintes. Nenhuma digressão quanto ao padrão religioso católico, nem qualquer travessura de ordem sexual. As mulheres não estão retratadas por elas mesmas como protagonistas, os relacionamentos homoafetivos são apagados de qualquer referência, enfim, são todos esses assuntos vedados às publicações chanceladas. Falaram sobre política (feita por varões cuiabanos), história (urdida por notáveis desbravadores), economia (patrocinada por grandes proprietários) e cultura (quase sempre autorreferente).

Nesse contexto, Cuiabá era o centro hegemônico e a Casa Barão de Melgaço o ponto zero. Afora poucas exceções, as outras cidades encontravam-se fora do interesse dos principais autores. O foco foi a imagem cuiabana: as memórias, as músicas, a comida, a dança, as personalidades, as festas e os acontecimentos que se passavam em Cuiabá. E as cidades do sul do Estado quase nunca aparecem nas obras como cenário principal, da mesma forma que sumiram os autores sulistas das antologias mato-grossenses, antes mesmo da divisão do Estado.

Em resumo, há um padrão bastante formal estabelecido, obedecido por admiração, tradição, repetição ou todas essas razões em conjunto. Essa “heráldica literária” passou de ano a ano, de década a década, e atravessou todo o século XX. Escritores das décadas de 1980, 1990 e 2000 continuaram a utilizar não só a apresentação vinculada às instituições (o que seria até natural, numa biografia autoral), mas a mesma forma: nome acima, instituições abaixo, na capa ou na contracapa dos livros publicados. Quase nada mudou no interior das instituições e, portanto, na forma com que os seus membros se comportavam e produziam.

Até mesmo pela mirada semiótica das publicações de livros e periódicos, estava a Academia Mato-grossense de Letras seguindo o padrão de assinatura Aquino-Mesquita. O cultivo das “belas letras”, tomado como função regimental da AML, consolidou a cultura academicista do mimetismo. Se, de um lado, os acadêmicos defendiam o ideário de Aquino pela busca da simetria e da beleza, de outro, admitiam pouquíssimos ficcionistas e poetas em seus quadros. Na última década do século XX, havia escritores premiados vivendo em Cuiabá que não foram sequer cogitados para o ingresso na entidade. Pois foram eles, ignorados poetas e

ficcionistas, os escritores a inspirar, estética e tematicamente, a Geração Coxipó, principalmente Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dicke, Teresa Albuês e, morando distante da capital mato-grossense, o cuiabano Manoel de Barros e o bispo-poeta Pedro Casaldáliga.

Nos anos 1980, após seis décadas de fundação, os membros permaneciam firmes na convicção de que a literatura em geral tem uma função social moralizante: a poética visa simetria e beleza, e o romanesco inspira exemplos. No longo lapso democrático brasileiro, os integrantes da Academia Mato-grossense de Letras pouco ou nada se posicionaram contra a ditadura militar, nem tomaram conhecimento das práticas de tortura, de cassação de mandatos e de censura à imprensa. Ao contrário: os periódicos onde atuavam tinham um viés religioso e/ou oficialesco, alinhado e financiado por governos biônicos. Não há registro, de 1960 a 1980, de produção literária ou jornalística de acadêmicos que tenha sublinhado a exceção democrática e houve pouco empenho em retratar a desigualdade social regional e nacional.

O que se produzia estava muito aquém da crítica social. No caminho diametralmente oposto, os autores ligados à Academia publicavam reiteradamente crônicas memorialistas de Cuiabá da primeira metade do século XX, loas sobre D. Aquino Corrêa e José de Mesquita e a nostalgia reiterada dos costumes passados, antes de a capital mato-grossense experimentar as transformações resultantes do crescimento demográfico. Biografias de celebridades locais, topologias urbanas, crônicas de usos e costumes, informações sobre guerras passadas, as raízes portuguesas da cultura cuiabana, o registro das imigrações da virada do século, lendas indígenas e casos de assombração formavam o conjunto das obras literárias do período. Desde a morte de Mesquita, em 1961, a agremiação literária não recebeu nenhum romancista consistente, isto é, com produção contínua e de qualidade estética relevante.

Do ponto de vista da hegemonia cultural, os integrantes perpetuaram a crença num antigo centro, completamente desvencilhado do saber científico-universitário, firmado numa viciosa autorreferência histórica. Como a Academia Mato-grossense de Letras perdera a gravidade dos grandes escritores, substituindo-os por técnicos e personalidades com capital simbólico, algumas delas do meio jurídico e político, sobrou apenas o culto ao passado por meio de uma pseudo-aristocracia, que Maria Luíza Canavarros Palma (2002, p. 81) resume como “vigilantes da cuiabania” ou “vigilantes de uma suposta erudição”. Para ela, “nomear-se ‘guardião da cultura mato-grossense’ e nomear-se ‘vigilante’ de um suposto saber erudito é armar-se de palavras que construam discursos adequados à necessidade de perpetuação das diferenças hierarquizantes existentes no contexto mato-grossense, que hoje se reorganizam”.

Como já alinhavado anteriormente, o academicismo é um fenômeno comum de todas as instituições literárias que oscilam entre o mérito e o compadrio, entre a literatura e outras expressões técnicas, entre escritores e celebridades sociais, esvaziando-se da produção poética e ficcional. Sobre o domínio absoluto de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras e seu consequente projeto para as letras nacionais, vale a arguta observação de Antonio Candido (2011, p. 16):

Talvez devido a certa timidez, foi desde moço inclinado ao espírito de grupo e, sem descuidar das boas relações com o grande número, parece que se encontrava melhor no círculo fechado dos *happy few*. A Academia surgiu, na última parte de sua vida, como um desses grupos fechados onde a sua personagem encontrava apoio; e, como dependia dele em grande parte o beneplácito para os membros novos, ele atuou com uma singular mistura de conformismo social e sentimento de claqué, admitindo entre os fundadores um moço ainda sem expressão, como Carlos Magalhães de Azevedo, só porque lhe era dedicado e ele o estimava, motivos que o levavam a dar ingresso alguns anos depois a Mário de Alencar, ainda mais medíocre. No entanto, barrava outros de nível igual ou superior, como Emílio de Menezes, não por motivos de ordem intelectual, mas porque não se comportavam segundo os padrões convencionais, que ele respeitava na vida de relação.

A crise de legitimidade aprofundou-se nos anos 1990, com a recusa da Academia Mato-grossense de Letras a interagir com os novos autores. Mesmo a presidência fluiu mais para juristas e outros técnicos e pouco para ficcionistas e poetas. Depois de José de Mesquita, seguiram-se: António de Arruda (jurista, desembargador, cronista), de 1962 a 1967; Antônio Cesário de Figueiredo (professor universitário de Linguística), de 1967 a 1969; Wanir Delfino César (padre, cronista), de 1969 a 1974; Gervásio Leite (jurista, desembargador, cronista e jornalista), de 1974 a 1979; Lenine de Campos Póvoas (jurista, conselheiro de contas, historiador), de 1979 a 1991; Clóvis de Melo (advogado, cronista), de 1991 a 1995; João Alberto Novis Gomes Monteiro (médico, cronista e contista), de 1995 a 2002.

Houve tentativas de escritores da própria Academia de contemporizar com a decadência produtiva pós-1961, com base numa análise panorâmica aparentemente crítica. Um desses casos deu-se com o ex-presidente Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. Em *Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso*, ele atribui a pasmeira literária ao

longo período de isolamento geográfico e administrativo, o decréscimo econômico e do marasmo cultural que perdurou, com maior ênfase, até pelo menos um pouco mais da metade do século vinte. A conclusão que se impõe é que tais circunstâncias obstaculizaram, e não somente durante esse longo período, mas de certo modo se prolongando até os tempos presentes, a emergência de uma criatividade coletiva, sobretudo no campo cultural. Isto resultou em que as instituições culturais e educacionais perderam as possibilidades históricas de se tornarem centros propulsores de uma

criatividade endógena, telúrica, integrada a seu povo e própria do contexto amazônida (CARVALHO, 2004, p. 20).

O resultado dessa pesquisa vai justamente de encontro à contemporização geográfica para colocar no eixo político de trocas simbólicas as preferências literárias que vingaram e as que foram sufocadas por um padrão ditado pelo centro hegemônico intelectual que era a Academia Mato-grossense de Letras. Tanto assim que, contemporaneamente à parca produção literária de romances da parte de acadêmicos, podemos citar a profusão romanesca de Ricardo Guilherme Dicke e Tereza Albues, além da expressividade poética de Pedro Casaldáliga, Manoel de Barros, Wladimir Dias-Pino, Marilza Ribeiro e da escritora da nova geração autoral Lucinda Nogueira Persona, recusada pela Academia na eleição em que perdeu a Cadeira 17 para o memorialista Avelino Tavares, sem qualquer livro publicado, seja de prosa, seja de poesia. Outros acadêmicos ocupam cadeiras à míngua de livros publicados, como é o caso de Benedito Pereira do Nascimento, jurista, desembargador, um “general sem ter lutado uma guerra”, no dizer de João Antonio Neto.

As exceções de destaque no elenco acadêmico foram duas: Ronaldo de Castro, jornalista e poeta; e Benedito Sant’Anna da Silva Freire, poeta e contista. Este último não completou sequer 10 anos na instituição. A partir da sua morte, em 1991, a Academia voltou a atenção para profissionais de medicina, direito, jornalismo, fazendo das cadeiras uma espécie de título nobiliárquico em favor dos “defensores da tradição”. Essa gestão distanciava cada vez mais os escritores dos anos 1980 e 1990 que, ao longo do tempo, amadureciam e percebiam o deliberado afastamento acadêmico dos movimentos literários contemporâneos.

Como amostra de uma agremiação literária carente de escritores, alguns discursos foram selecionados e estão aptos a comprovar o descompasso com a movimentação literária que acontecia ao largo da AML. Em 15.09.1995, assumiu a cadeira 12 o nacionalmente conhecido economista Roberto de Oliveira Campos. O presidente da AML era o então jurista Satyro Benedicto de Oliveira. Na abertura da sessão solene, fez um apanágio quase religioso ao afirmar:

Para os mesmos, preocupados com o cultivo ardoroso do belo, em ótima irradiação espiritual e artística, refertos de prudência e sabedoria firmes, que habilmente favoreceram o compasso das melodias e publicaram o cântico das escrituras, o Senhor deu abundante glória, por efeito de sua grandeza incontrastável! (RAML, 2015, p. 123-141).

Quem se encarregou de receber o economista foi o acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro. Para ele, a falta das obras literárias na obra do empossando não era nenhum

problema. A lacuna seria suprida pelo extenso currículo de trabalhos e a premiação do livro técnico *A lanterna na popa*, pela Academia Brasileira de Letras. O que fazia o modelo nacional era perfeitamente mimetizado pela congregação regional:

Suas obras literárias? Estão em inúmeras conferências, discursos, aulas, artigos, livros técnicos e muitas outras manifestações da sua invulgar cultura, culminando com o seu livro, detentor do Prêmio José Ermírio de Moraes, instituído pela Academia Brasileira de Letras, *A lanterna na popa*, de leitura sumamente instrutiva e agradável. [...]

Portanto, acadêmico Roberto Campos, esta imortalidade que vos concede este Sodalício, não é só fruto do julgamento da vossa obra e do vosso notável *Curriculum vitae* – coisas apreciadas pelo intelecto – mas, também consequência da vossa valorização como pessoa, como gente nossa – coisas que só os nossos privilegiados corações de acadêmicos provincianos, mas, orgulhosamente, vossos conterrâneos, poderão sentir. E vós, um autêntico sábio, percebestes isto e, com a vossa posse, estais a mostrar que ser imortal em vossa terra natal, ser-vos-á gratificante (op. cit., p. 123-125).

O próprio Roberto de Oliveira Campos acabou confessando que as incursões literárias que realizou foram, no máximo, tentativas de imitação de D. Aquino Corrêa, seguindo o exemplo da geração do *intermezzo*. Imitar o cânone era natural e não havia, portanto, motivo para vergonha ou repreensão. Campos ficou-se nos “vícios burgueses” do próprio tempo, como ironicamente comentou – ser bacharel e ter gonorreia –, ou seja, atender a uma demanda social em que o bacharelismo era uma meta.

Se minha eleição como senador, em 1982, foi o resultado esperado de uma grande porfia, minha eleição à Academia Mato-Grossense de Letras foi uma surpresa honrosa. Minhas qualificações literárias são limitadas. De vez em quando consigo escapar ao economês, e assim o julgou a Academia Brasileira de Letras ao conferir ao meu livro de memórias, *A lanterna na popa*, o prêmio José Ermírio de Moraes. (Dizem as más línguas que se eu fosse realmente capaz, teria escrito um livro diferente: O farol na proa...). [...]

Tive, sem dúvida, fugazes incursões literárias na juventude. No seminário cheguei a escrever poematos em latim, numa pálida e vã tentativa de imitar meu ídolo da juventude, Dom Aquino Corrêa. Ele era presidente do Estado, tendo sido um dos fundadores, em 1921, do Centro Mato-Grossense de Letras que, em 1932, se transformaria na Academia Mato-grossense de Letras.

Tive o bom senso de consignar meus poematos à lata do lixo. Não satisfaziam à definição da poesia autêntica, a saber, aquela que é um sonho sonhado na presença da razão. Limitei-me a dizer depois, quando enveredei pelos estudos econômicos, que tinha escapado de dois dos vícios dos jovens burgueses da minha época: ser bacharel, e ter gonorreia. Só não escapei ao vício juvenil de poetastro (op. cit., p.131).

Não foi diferente com o acadêmico Eduardo Espírito Santo, bom jornalista de seu tempo, sem qualquer grande inclinação para a literatura. Ele assumiu em 27.06.1996, sob a

presidência de Alberto Novis Gomes Monteiro. Novamente, a presidência se posicionou da forma convencional das academias: as “letras” não eram sinônimo de literatura, podendo abrir o flanco para a linguagem técnica e a comunicação em geral. Uma vez mais, a beleza era o objetivo máximo da linguagem, até mesmo da técnica, que só chegaria à categoria artística quando se aproximasse do platônico belo.

Muito já se discutiu sobre a relação jornalismo/literatura. A meu ver, não é relevante esta polêmica, uma vez que todo o conjunto de um setor do conhecimento humano, quando impresso, constitui uma literatura – embora, esta, possa ser eminentemente técnica. Assim, temos a literatura médica, a jurídica, a religiosa e uma infinidade de outras compatíveis com este conceito. Mas, o relevante para uma Academia de Letras que, em seu dístico compromete-se com o cultivo do belo como expressão – *Pulchritudinis Studium Habentes* – é saber se o jornalismo é exercido apenas com técnica ou também com a Arte, veículo da beleza (RAML, 2015, p. 237).

Roberto Campos não foi o único que se confessou como um “não escritor”. O acadêmico Eduardo Espírito Santo seguiu a mesma linha de raciocínio e deixou claro que estava entrando na Academia Mato-grossense de Letras por uma espécie de “quota” em que todos os jornalistas do Estado estariam contemplados. Mais do que um episódio de modéstia, dizia a verdade:

Não venho como poeta e nem como escritor, que nunca fui; mas como jornalista profissional, que nunca deixarei de ser. E é na condição de jornalista – uma profissão que sempre procurei honrar ao longo dos últimos quarenta e dois anos de minha vida – que falarei, agradecendo aos membros desta augusta Casa Barão de Melgaço a recepção que me proporcionam, fazendo questão, entretanto, de deixar assinalado, nos anais desta Academia, que também recebo as deferências, das quais estou sendo alvo, como uma homenagem das mais sinceras a todos os jornalistas de Mato Grosso – os jornalistas que já se foram e os que se encontram em atividade profissional (RAML, 2015, p. 239).

Na década de 1990, também ingressaram escritores, embora fossem eles exceção no período. Como já assinalado, o poeta Rubens Mendes de Castro foi um desses poucos exemplos. No entanto, ao analisar o seu discurso de posse e a sua obra, percebe-se imediatamente um “alinhamento” à poética praticada desde a fundação da Academia Mato-grossense de Letras. É que a função moralizante da literatura¹⁶ estava presente, de um lado, e

¹⁶ Não apenas moralizante era essa “função literária”, mas veladamente política. O claro objetivo do ritual de posse das academias de letras não era, como dizem internamente, reforçar o passado através da lembrança dos escritores que por ali passaram – processo de “imortalização” – mas, na verdade, impor mais um discurso ao sedimento hegemônico de poder em meio à intelectualidade local. A já citada Maria Luíza Canavarros Palma (2002, p. 77-78) concluiu seu estudo sobre os discursos acadêmicos da seguinte forma: “1) O critério adotado para a escolha ou aceitação dos novos acadêmicos foi o de que pessoas, com um certo desembaraço verbal, cuiabanas ou não, se engajassem numa acirrada campanha regionalista de exaltação a um passado, de exaltação

a fé cristã, de outro, assim como a procura estética pela beleza, simetria e perfeição de uma métrica sonetista há muito ultrapassada pela literatura brasileira. No dia 26.06.1997, o poeta baiano tomou posse, externando uma espécie de catecismo:

Apesar de possuímos o livre-arbítrio, ela nos foi dada para ser vivida intensa e dignamente, fazendo do bem a sua meta maior, pois, quando orientada dentro dos sadios postulados do amor e da moral cristã, tem suas grandes e justas compensações.

Ela nos proporciona a necessária paz que necessitamos, transmite-nos essa euforia que sentimos pelo dever cumprido, real e única cousa capaz de devolver à alma humana as secretas redenções do espírito e a consequente alegria de viver.

Na vida, devemos trilhar pelas veredas floridas da virtude, sentir o sol escaldante da fé, respirar o oxigênio da compreensão, beber na fonte da boa vontade, para que, com a contribuição de nosso esforço, possamos alcançar o milagre de amainar um pouco o terrível vendaval das paixões humanas, responsável direto pelo abismo em que a vida e o mundo de hoje se transformaram.

Porém, apesar dos pesares, o que não podemos é deixar de admirar os acontecimentos como este de agora, de conagração e de intercâmbio cultural entre a mais experiente idade prolecta e a culta sociedade Cuiabana, numa perfeita simbiose, à procura do alargamento de horizontes sociais e literários. [...]

Enfim, poesia é Deus, o maestro Divino, a reger com a batuta de seu braço onipotente, o concerto universal de toda sua magnífica criação!

Sendo a poesia uma expressiva manifestação estética do Belo onde tudo vibra e se agita numa musicalidade engrandecedora, assim a definiu o romântico Gonçalves Dias: Poesia é casar a ideia com o sentimento, o coração com o entendimento, o pensamento com a paixão, colorir tudo isso com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a poesia grande e santa, a poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem poder traduzir (RAML, 2015, p. 55).

Ainda na mesma linha religiosa, a Academia Mato-grossense de Letras recebeu, na década de 1990, mais um padre católico em seus quadros. No dia 08.12.1997, ingressou o popular sacerdote salesiano Firmo Pinto Duarte Filho, um dos mais destacados representantes

aos homens que mereceriam ser enaltecidos pela projeção que tiveram ou que mereceriam ser cultuados, como os professores de cursos primários e secundários das escolas públicas, como os fundadores da Academia Mato-grossense de Letras, assim como as COISAS de Cuiabá. que estas pessoas se engajassem numa campanha como ‘guardiães ou paladinos da cultura, das tradições e da história mato-grossense’. E que, ainda, proclamassem essa política e proclamassem aqueles que já a exercem, que já a difundem. Da legenda proposta por D. Aquino Corrêa, em 1921, sobreviveu o sentimento regionalista; 2) Esse sentimento de cuiabanidade, conhecido mais recentemente por cuiabania, vem-se mostrando responsável pela caracterização do papel dos vigilantes da cultura, das tradições e da história de Mato Grosso. Mas, traz a palavra cuiabania, na prática, mais um traço caracterizador, o de que, embora vigilantes ou guardiães, podem eles pertencer ou não a ela, à cuiabania. Isso parece-nos dizer que há um processo de separação entre os não-guardiães (pessoas recém-chegadas a Mato Grosso ou ‘ádvenas’) e os guardiães. E parece-nos dizer que há, ainda, um processo de separação entre os genuínos guardiães pertencentes à cuiabania ou cuiabanos, e os não-genuínos, ou ‘adotados’ por suas fervorosas e declaradas convicções como vigilantes. Estes últimos, mais ainda que os primeiros, se utilizam de recursos de uma retórica que chegam a provocar estranhas interrogações num leitor crítico. Esses recursos são utilizados com o propósito de demonstrar a sua perfeita adesão ao movimento regionalista”.

da “cuiabanidade” no meio clerical. Não foi nenhuma surpresa que o novo acadêmico aproveitasse a oportunidade solene para conectar literatura à religião, num misto de discurso de posse e sermão dominical:

Agradeço-vos – de coração eu o digo – por terdes vindo recepcionar-me na Academia Mato-Grossense de Letras, da qual sois fino ornamento, destacado e primoroso membro. Não bastasse, fez-se, ainda, acompanhar de vossa amável e virtuosa esposa, Dona Marlene. Obrigado.

Meu coração é todo sorrisos: a mim me coube enaltecer a figura de dois irmãos salesianos. Doutra parte, um ex-aluno de Dom Bosco me brindou com tantos imerecidos elogios.

A minha felicidade atinge o ápice. Reporto-me à presença de minha irmã Lalita, dos meus sobrinhos, parentes, afilhados, amigos e membros da Família Salesiana.

A todos, agradeço de coração.

Senhores Acadêmicos, resta-me confessar-vos que esta cadeira, de número 4, está abençoada por Nossa Senhora Auxiliadora. Que ela vos abençoe. A Ela, minha oração (RAML, 2015, p. 86).

O presidente João Alberto ainda deu posse ao jurista Ubiratã Nascentes Alves. No discurso de abertura da sessão de 05.11.1998, indicou o “amor à terra” como critério de união com o fluxo migratório, um fenômeno que estava em pleno debate, naquele momento histórico. Esse recorrente “patriotismo” completava a tríade dos valores da 1ª geração: o civismo positivista, na leitura política de mundo; a fé católica, como padrão moral de comportamento; e a beleza idealizada, como estética literária predominante.

Pela grande importância que tem – principalmente em um Estado, como o nosso, que vem ganhando enorme aumento populacional pela chegada de migrantes que trazem suas culturas regionais –, a Cultura em Mato Grosso tem que ser encarada como coisa muito séria.

Os chegantes têm que ‘casar’ suas culturas com a nossa e formar uma nova cultura resultante deste ‘casamento’; só assim poderão ser felizes e amar a nova terra. Consideremos que hábitos são, em grande parte, determinados pelo meio-ambiente, principalmente pelas condições climáticas. O amor à terra – o patriotismo –, por sua vez, é condição básica para o respeito à sua Natureza. Vejam, pois, que o amor-patriotismo nascido na Cultura é essencial à própria preservação do meio em que se vive. Cuidemos para que seja ela – a Cultura – valorizada por todos (RAML, 2015, p. 10-11).

As referências do empossando Ubiratã Alves referem-se à família tradicional e à burocracia judiciária. Não há, no discurso, uma linha que indique o apreço pela literatura que era produzida em Mato Grosso na época:

Minha esperança reside na justiça e nos seus colaboradores, pois, diante dos oceanos de arbitrariedades que diuturnamente vivencia-se, apenas esta nos pode salvar. Acredito mais na força das leis, desempenhada por meio da

tutela nascedoura dos jovens magistrados, que através de suas corajosas decisões não de impor a justiça. Dentre estes, posso citar a pessoa de Rui Ramos Ribeiro, que seguramente há de em breve ocupar uma cadeira no egrégio Tribunal Estadual. Na Procuradoria de Justiça o nobre Dr. Nivaldo Fernandes de Moraes, e o verdadeiro promotor de justiça, Dr. Vivaldino Ferreira de Oliveira.

Arrematando, desejo agradecer aos que, nos dias iniciais, me trouxeram o apoio necessário para chegar a este ponto, a pessoa do Dr. Edgard Humberto Alves, Dr. Bento Machado Lobo, grande líder da alcateia, ainda ao professor Osvaldo de Oliveira Fortes, secretário de planejamento do Estado por inúmeras vezes (RAML, 2015, p. 21).

O jurista Luiz Orione Neto tomou posse no dia 15.06.2000. Tentou justificar, novamente, o fato de não ser um poeta ou escritor de ficção. Era como se respondesse a uma crítica velada ou mesmo expressa de uma razoável parcela da sociedade, que não se cansava de perguntar onde estavam os escritores que permaneciam fora da AML. Curiosamente, porém, citou e copiou quase que integralmente o discurso de Lenine de Campos Póvoas ao receber o desembargador Satyro Benedicto de Campos. Abaixo, segue um trecho do discurso de Orione (RAML, 2015, p. 124-125):

Há tempos tenho observado que reina por aí, na opinião de alguns, uma ideia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas e que tenham dezenas de obras publicadas.

Essa não é, no meu entender, uma visão correta do fato.

Di-lo, com inexcusável propriedade, o festejado confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, no seu discurso de recepção ao brilhante orador e eminente Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, um dos luminares desta Casa, que, assim como eu, é professor e jurista: As Academias – a não ser o caso de algumas expressas exceções – não se denominam Academias de Literatura, mas sim de Letras, o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade.

Outro não foi o entendimento dos franceses ao darem ao seu mais alto cenáculo de cultura o simples e abrangente título de Academia Francesa, sem qualquer restritivo.

Também não comungo da ideia de que se deva exigir do candidato ao ingresso nas Academias a apresentação de dezenas de obras publicadas como prova de sua capacidade intelectual.

Num país como o nosso, no qual publicar um livro é um ato de coragem, reservado quase sempre aos que possuem recursos financeiros, e num país de cerca de 150 milhões de habitantes que só possui 600 livrarias, no qual, portanto, quase ninguém lê, acho absurdo cobrar-se de alguém tal prova. [...] A vingar esse critério, nesta Casa não teriam ingressado, na época em que aqui ingressaram Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, nem Luis-Philippe Pereira Leite, que produziu a maior parte de sua extraordinária obra depois que aqui entrou e depois de cego.

A vingar esse critério não deveríamos reconhecer em Gregório de Mattos Guerra um dos fundadores da literatura nacional, nem em Frei Francisco de Mont'Alverne, um dos maiores oradores que passaram pelas tribunas sacras ou profanas, no Brasil, em todos os tempos.

Com o fito de evidenciar a similitude dos pronunciamentos, verdadeiros elos de uma mesma lógica encadeada desde a fundação da Academia Mato-grossense de Letras, segue abaixo um trecho do citado discurso de Lenine de Campos Póvoas (RAML, 2015, p. 112):

Há tempos tenho observado que reina por aí, na opinião de alguns, uma ideia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas e que tenham dezenas de obras publicadas.

Essa não é, no meu entender, uma visão correta do fato.

As Academias – a não ser o caso de algumas expressas exceções – não se denominam ‘Academias de Literatura’, mas sim de ‘Letras’, o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade. [...]

Também não comungo da ideia de exigir do candidato ao ingresso nas Academias a apresentação de dezenas de obras publicadas como prova de sua capacidade intelectual.

Num país como o nosso, no qual publicar um livro é um ato de coragem, reservado quase sempre aos que possuem recursos financeiros, e num país de cerca de 150 milhões de habitantes que só possui 600 livrarias, no qual, portanto, quase ninguém lê, acho absurdo cobrar-se de alguém tal prova.

Ressalte-se, ainda, que nem sempre a edição de um livro comprova a cultura de quem o escreveu. Muitos existem, por aí, que melhor seria nunca tivessem sido escritos.

A vingar esse critério não deveríamos reconhecer em Gregório de Mattos Guerra um dos fundadores da literatura nacional, nem em Frei Francisco de Mont'Alverne, um dos maiores oradores que passaram pelas tribunas sacras ou profanas no Brasil, em todos os tempos.

Em tudo, os discursos se parecem, assim como se parecem todos os demais pronunciamentos, ensaios, crônicas que, de um modo mais ou menos explícito, justificam o ingresso de um “não literato” na Academia de Letras. Como se pode perceber, um certo desconforto tomava conta da cerimônia de posse, jungindo o candidato eleito a se justificar em público. Do rol de argumentos retóricos para calçar intelectualmente o não literato, um dos mais criativos foi utilizado por João Antonio Neto para apresentar o desembargador Benedito Pereira do Nascimento (RAML, 2015, p. 93-94):

E nem se diga que há aqui juristas que não escreveram livros, como há gerais que não travaram batalhas e que, todavia, cabem perfeitamente bem nesta galeria de notáveis.

Ademais, teria o jurista, necessariamente, que produzir livros e literatura para ingressar nestes sodalícios? Ou o próprio trabalho especializado seria

suficiente para qualificá-lo como escritor? Creio que a segunda hipótese é inteiramente aceitável. Há sentenças, ou votos, que são verdadeiras obras de arte, pela forma e pelo fundo, assim como há tratados de direito que constituem expressão acabada de estética literária.

É sabido que Pothier e Troplong, entre outros, escreveram direito maravilhosamente bem; quem não se encanta de Jhering, do Maître Maurice Garçon ou do encantador Edmond Picard? Os temas jurídicos tratados por Piero Calamandrei não perdem, em nada, para as mais belas páginas da literatura italiana. E, entre nós, como não saborear o direito literário de Roberto Lyra, sênior e mesmo o suave Clovis Beviláqua, o hoje injustamente esquecido Lafaiete Rodrigues Pereira? Quem pode ignorar o estilo lapidar e renovador da linguagem do imenso jurisconsulto que foi Orozimbo Nonato? Daí, não se poder condenar pela raiz os juristas como escritores simplesmente formais, pétreos e insensíveis, sem aquelas três virtudes básicas da escrita literária: a força, a clareza e a graça.

Na larga tradição academicista, a única empossada que, no discurso, assinalou o hiato da AML quanto à literatura foi a crítica Yasmin Jamil Nadaf. Titular da cadeira 38, Nadaf tomou posse em 27.10.1995. No final do discurso, citou nominalmente escritores da geração anterior que não compuseram a instituição:

Tenho acompanhado com satisfação o ressurgimento desta efervescência, já demonstrada pela história em épocas anteriores. E, como agente participante deste processo, sei do dever que temos de lutar pelo fortalecimento deste panorama. Precisamos divulgar mais os nossos autores, indicar a leitura de suas obras, cobrar dos agentes governamentais ações de estímulo à política editorial, tal como a necessidade urgente, em nosso Estado, da regulamentação da Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Hermes de Abreu, que inúmeros benefícios trarão a esse terreno. Pois, caso a história insista em andar na contramão, o que iremos dizer à produção dos autores desta Casa representados em minha curta fala pelos nomes Tolentino e Freire? E o que iremos dizer à obra dos demais autores, que apesar de ainda ausentes do Quadro desta Casa, também são protagonistas do processo da criação literária em nossa região? Falo agora dos poemas mundialmente conhecidos e estudados de Wladimir Dias-Pino. Falo da prosa de realismo fantástico de Ricardo Guilherme Dicke e de Tereza Albués, que nos levam à reflexão a respeito da racionalidade imposta pela cultura ocidental. Falo da poesia simultaneamente intimista e existencialista e da crônica de olhar fotográfico de Lucinda Nogueira Persona. Falo da bem elaborada escrita literária do poeta-amigo Ivens Cuiabano Scaff que, de tão impregnada de elementos de nossa terra, chega a exalar o cheiro gostoso de pequi. Falo dos poemas de cunho social de João Bosco e de Maria das Graças Campos. Falo do semioticismo inusitado de Marília Beatriz de Figueiredo Leite nos ensinando, a todo o instante, novas formas de se ler o mundo sem preconceitos. Falo da poesia feminina/feminista de Marilza Ribeiro. Falo da prosa experimental de Aclyse de Mattos e de Hilda Magalhães. Falo da surpreendente, clara e ora comovente, ora bem-humorada, literatura infanto-juvenil de Antônio de Pádua e Silva, pronta e própria para despertar, nos primeiros leitores, o gosto pela leitura. E falo, também, da dinâmica produção literária em quadrinhos de Gabriel de Mattos e de Wander Antunes. E poderia ainda

continuar falando de muitos outros, pois extensa é a lista daqueles que, em Mato Grosso, fazem da escrita literária exercício do seu dia a dia. Salve o Mestre Manoel de Barros – poeta consagrado que, como ele mesmo faz questão de frisar em uma das obras que publicou, vem de um Cuiabá-garimpo e de ruelas entortadas (RAML, 2015b, p. 259).

O primeiro a ser citado nominalmente foi o poeta Ivens Cuiabano Scaff, até então distante das cerimônias da Casa Barão de Melgaço. Ao longo da parte final do discurso, Nadaf pontuou muitos dos que se tornaram, depois de vinte anos, colegas de Academia Mato-grossense de Letras, como é o caso de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, de Acllyse de Mattos e do próprio Ivens Cuiabano Scaff. Foi a primeira vez que, no ritual acadêmico, algum empossando furou o mimetismo costumeiro para indicar/projetar novos nomes para a agremiação, mais especialmente ligados à produção literária e não de ordem técnica.

Mesmo o caso de Manoel de Barros foi paradigmático. Ainda que consagrado nacionalmente, o nome do escritor era evitado na Casa Barão de Melgaço. Talvez a deliberada omissão do poeta cuiabano tenha se dado pelas mesmas razões com que a historiografia institucionalizada apagou outros tantos nomes mato-grossenses: Barros fixou residência em Campo Grande-MS e não mantinha com Cuiabá grande proximidade. Além dessa provocação, Nadaf também tocou num delicado tabu para os integrantes da AML, que era o preconceito relacionado às questões sexuais. “Ler o mundo sem preconceitos” é uma frase que representava uma crítica tão elegante quanto aguda, porque a semioticista citada estava casada com a professora da UFMT, Eugênia Paredes. De forma transversal, Yasmin Nadaf deixou um duro recado àquele contexto masculino, de um lado, e tecnocrata, de outro.

No dia seguinte à posse de Nadaf, o jornal *Diário de Cuiabá* publicou uma reportagem completa sobre o evento na AML, com a esclarecedora manchete: ‘Acadêmica sai em defesa da literatura mato-grossense’.

FIGURA 2. Capa do caderno cultural DC Ilustrado do *Diário de Cuiabá*, de 28.10.1995, registrando a posse de Yasmin Nadaf.



Fonte: ACERVO DE YASMIN NADAF, 2020.

O fosso representativo ampliou-se na Academia Mato-grossense de Letras e aumentou a distância entre os poetas e ficcionistas externos e os “imortais” de pelerine. A hegemônica instituição cultural, centrada na tradição autorreferente de Aquino-Mesquita, engessava-se em discursos que justificavam a incapacidade institucional de acolher uma nova forma literária que não a do passado. Tensionando a evidência de distanciamento, escritores como Ricardo Guilherme Dicke e Lucinda Nogueira Persona foram premiados nacionalmente, ambos reconhecidos como ícones literários pela nascente Geração Coxipó.

No final da década de 1980 e durante toda a década de 1990, enquanto vicejava o academicismo por meio do desligamento da realidade literária mato-grossense e da

endogamia técnico-jurídica, os escritores apertaram a crítica até resultar, anos mais tarde, na fundação da irreverente ACADEMIA DOS MORTAIS, da qual faziam parte justamente os escritores – poetas e ficcionistas – que não reconheciam na Academia Mato-grossense de Letras um *locus* representativo. Contudo, não foi com manifestos em jornais ou revistas que a Geração Coxipó enfrentou a vetusta adversária. Veremos, *pari passu*, as circunstâncias pelas quais o grupo do “Baixo Coxipó” ganhou consistência, unindo pequenos e erráticos núcleos de escritores nas primeiras publicações coletivas.

É oportuno abrir, nessa altura, uma breve retrospectiva acerca dos movimentos de tensionamento intelectual e de antiacademicismo nos quais outros escritores de gerações precedentes intentaram a crítica e nela permaneceram isolados, como foi o caso: a) de Lobivar Matos e de Wladimir Dias-Pino; b) ou daqueles que, ao cabo da combativa juventude, decidiram compor com a Academia Mato-grossense de Letras, oferecendo o óbolo solidário à instituição que os acolheu. Neste último caso, malgrado as críticas nos anos precedentes, temos como representantes Gervásio Leite e Benedito Sant’Anna da Silva Freire. Todos os quatro citados comungaram do ideal estético moderno, que rechaçava a métrica parnasiana e a temática romântica. No entanto, dois deles preferiram a troca simbólica institucional, ofertando o prestígio intelectual em troca da sonhada imortalidade.

1.4 – Cuiabanocentrismo

— tjá tô de-mudada de Cuiabá, Anacleto...
— agora, de-quê!
— tjá tá tchegano sujeito de cú-branco, num viu?
— e o quê que tem isso?
— os cu-branco só dá de tchegá quando a cidade tem civilização. Adjutório pra fazê, cu-branco num tem... (FREIRE, 1991a, p. 74).

— tjá tô convencido: ou se reinicia a nova História do Brasil, a partir de Cuiabá, ou Cuiabá ficará de fora da História do Brasil!
— que preocupação de historiador é essa!
— simples, só de tchegá à Amazônia decisiva do seco pro moiádo. De Belém do Pará, é emendação d’água, é como defender o Pantanal Bátxo da sutjêra que desce do Pantanal de Cima... dá erro! (FREIRE, 1991b, p. 255).

O sentimento de “cuiabanidade” foi forjado ao longo de uma trajetória de percalços. Após ser elevada à capital, em 1835, Cuiabá foi diversas vezes ameaçada em sua hegemonia por políticos do “sul” do Estado, até que, com o advento da planificação da ditadura brasileira, enfim, operou-se a divisão do Estado de Mato Grosso, em 1977. Tantas vezes derrotada nos embates legislativos, a aristocracia sul-mato-grossense viu-se contemplada sem aviso prévio. Essa reordenação geopolítica deu-se concomitantemente ao ápice do fluxo migratório em busca de propriedades rurais para impulsionar o agronegócio. Estimulados pela regularização fundiária facilitada e pelos preços acessíveis dos imóveis do inexplorado “nortão” do Estado, o migrante aderiu ao plano do governo militar e pôs-se a marchar e desbravar o cerrado e a amazônia mato-grossense.

Como deixamos anotado, Mesquita (1978) cristalizou os símbolos da cuiabanidade. Em *Cadernos Cuiabanos*, por exemplo, definiu o tipo-padrão cuiabano, reiteradamente reforçado, destacado e defendido pelas gerações seguintes:

O cuiabano sempre foi de um largo espírito de hospitalidade, que mede meças ao tradicional acolhimento da gente montanhesa, e, além disso, de uma extrema tolerância. Quando, porém, ferido no seu pundonor, na sua hombridade, na pessoa de um de seus filhos diletos, levanta-se como um leão e reduz o agressor, pela força do ridículo, às mais grotescas proporções. [...] Carlos Barbosa Gonçalves, alto funcionário de um dos Ministérios, assacou, levianamente, conceitos pejorativos à sociedade local, o que determinou imediata represália popular, concretizada no ‘enterro’ do malévolo atassalhador da reputação alheia, o qual, como diz o povo em seu expressivo linguajar, ‘anoiteceu e não amanheceu...’. O vapor, subindo, o colheu em caminho, tendo, ao que consta, viajado do porto de canoa, ao encontro da embarcação salvadora (MESQUITA, 1978, p. 238-240).

Muito embora o sentimento de “cuiabanidade” já estivesse contaminando o meio intelectual e fundindo-se ao cânone literário pela força da produção da dupla Aquino-Mesquita, foi a partir da onda migratória que a “cuiabanidade” ganhou foros de defesa da terra, assumindo um formato xenofóbico. A radicalização era, curiosamente, o que menos queriam os fundadores das agremiações culturais mais importantes de Mato Grosso.

É claro que quem reivindicou a naturalidade e a tradição cuiabana percebeu a migração como uma “invasão bárbara”. Diferentes do modo de vida cordial e provinciano, os sulistas afirmavam-se diuturnamente com a fundação de Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e ostentavam uma semiótica diferente: da bombacha ao chimarrão, do lenço vermelho ao linguajar, do vaneirão ao churrasco de costela. A “identidade” cuiabana, construída com base

em narrativas orais e escritas, em dezenas de periódicos e nos primeiros livros do século XX, ficou ameaçada de se transformar radicalmente.

Muitos anos depois de Mesquita massificar o conceito de cuiabanidade, o escritor festejado como um dos maiores incentivadores do modernismo mato-grossense, Benedito Sant'Anna da Silva Freire, reprisou o mote da ocupação agressiva sob nova roupagem, dessa vez comparando a migração como “curra” sexual:

Rosa-das-Rugas-do-Tempo

- o memorial de presença na audiência do tempo,
ali, quebrando a esquina
foi re-rascunhado-de-limpo num tempo
sem-saída-quase...

quase quando a cidade
(antes da curra do progresso obsessivo)
era unicidade... e se limitava
às próprias cracas centenárias,
enquanto o autor

premia a batedeira
beques-de-botões-de-osso-remontados, intuindo
os rumos da vida da rosa-dos-ventos-cuiabanos (FREIRE, 1991a).

Se, de um lado, o sulista afluía para Mato Grosso com um pensamento colonizador, de outro, o cuiabano reagia de forma hostil. O deboche da linguagem de lado a lado e dos costumes mutuamente estranhos potencializou o confronto entre a sociedade cuiabana e os “forasteiros”. Do velho baú defensivista, reapareceu a requentada expressão “pau-rodado” e a célebre distinção feita por D. Aquino Corrêa entre o migrante bom e o migrante mau, este oportunista e aquele trabalhador. Com base nessa classificação, os intelectuais cuiabanos colmataram o “tipo sulista”: na larga tradição de recepção dos fluxos migratórios, enquanto paulistas, cariocas e nordestinos eram tomados como filhos adotivos, os paranaenses e gaúchos eram identificados como invasores.

Essa reação era mensurada na proporção em que, como bem definiu D. Aquino, o elemento alienígena negociava/contracenava melhor ou pior com o arsenal simbólico cuiabano. Quanto mais resistente aos tributos devidos à tradição regional, menores as chances de obter a “cidadania” local. O contrário era igualmente verdadeiro: quanto mais adesão ao imaginário cuiabano, mais rapidamente operava-se a assimilação. Como os migrantes exteriorizavam a cultura sulista, desde a vestimenta à tropeira culinária dos pampas gaúchos, sentiram a forte reação da intelectualidade local, registrada não só nos jornais, nos

movimentos populares, no teatro mambembe, na dramaturgia, mas também na prosa e na poesia produzida no período.

Em resumo: o sulista foi etiquetado socialmente como invasor, sem que houvesse distinção entre classes sociais (produtor ou trabalhador) ou objetivos de vida (explorar ou iniciar uma nova vida). Nos primeiros anos da década de 1980, o forasteiro era uma unanimidade negativa. Demorou uma década para que os escritores da Geração Coxipó entendessem a diferença entre os empobrecidos trabalhadores rurais, atraídos pela propaganda oficial do governo militar, e as grandes empresas responsáveis pela colonização deletéria do Cerrado e da Amazônia.

A reação prosseguiu no aprofundamento nativista. Registre-se, por oportuno, que esse “tributo” à cuiabanidade está taxativamente expressa em Silva Freire, por exemplo. Trazemos à colação trecho do poema ‘Cerrado/Raízes’, importante indicativo da força telúrica da poética freiriana e desse óbolo simbólico que se oferece à terra natal:

solo coração ancestral /
bombeando ácido-sangue
do meu dever de tributo (FREIRE, 1999, p. 52).

Definir-se cuiabano é, antes de tudo, excluir outra identidade. Essa é a razão pela qual ou o migrante se desveste das características originárias ou será estigmatizado pelo conjunto simbólico nativo denominado cuiabanidade. Pierre Bourdieu (2007, p. 113) faz uma reflexão interessante sobre o fenômeno:

[...] as lutas a respeito da identidade regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas e emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas de classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar e conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.

A forma com que a literatura estabeleceu o estereótipo deu-se através da identificação do fluxo migratório com as transformações da cidade e do campo – de um lado, a descaracterização arquitetônica colonial e, de outro, a devastação ambiental do Cerrado e da Amazônia. A demolição dos marcos urbanos tão caros à cuiabanidade (Palácio Alencastro, Catedral do Bom Jesus de Cuiabá e, por último, o Hotel Centro América) foi imputada,

indiretamente, à pressão demográfica em razão do fluxo migratório, enquanto o desmatamento sistemático do norte de Mato Grosso foi tributado exclusivamente aos “invasores” sulistas. Nas décadas de 1980 e 1990, a literatura pouco registrou a corresponsabilização do próprio cuiabano no processo histórico, preferindo os escritores aderirem ao discurso antimoderno a fim de rechaçar as transformações às quais testemunhavam.

Na ressaca do desenvolvimento, criou-se uma ambiguidade que refletiu diretamente na Geração Coxipó. O desenvolvimento pelo alargamento da fronteira agrícola, premonição poética mesquitiana, encontrou dupla reação. Se as novas gerações pretendiam se opor à estética literária romântico-parnasiana, também se opuseram às transformações urbanas e rurais: desde o desmatamento para a abertura de pastagens e plantações ao acelerado crescimento do mercado imobiliário cuiabano. Por essas razões, os escritores da década de 1980 em diante, pelo menos aqueles que não se alinhavam à Academia Mato-grossense de Letras, ao promover o enfrentamento intelectual ao academicismo, também o faziam contra a modernização urbana e agrícola do Estado, questionando os custos da degradação ambiental. O resultado desse movimento foi o antimodernismo da Geração Coxipó, que será visto nos capítulos seguintes.

Nessa altura, importa contextualizar o clima intelectual concomitante ao aparecimento da Geração Coxipó. A “cuiabanidade”, agredida pela suposta descaracterização, reagiu como pôde. Inicialmente, na mídia, uma evidente hostilidade contra os sulistas está registrada nos mais importantes veículos de comunicação. Antes do aparecimento e da popularização da rede mundial de computadores, os jornais tinham redobrada força política e reforçavam posições hegemônicas, além de registrar como se deu essa tensa relação sociopolítica entre a sociedade local e os paus-rodados. Até mesmo no interior de movimentos culturais de reação, como o Muxirum Cuiabano, havia divergências no trato da questão, oscilando entre o traquejo social dos irmãos Ulisses e Ernani Calhao e a ala menos diplomática do movimento.

Uma das primeiras reações da intelectualidade local foi a defesa do “falar cuiabano”. O linguajar típico, misto de migrações pretéritas com o acento indígena, foi usado para a reafirmação da cuiabanidade. Os jornais da época dão conta da reação hostil aos sulistas, como é o caso, por exemplo, do artigo ‘O valor social do falar cuiabano’, escrito por Maria Luíza Canavarros Palma. Ao se referir sobre as transformações linguísticas, Palma (1990, p. 139-140) afirma:

Na verdade, o próprio contexto mato-grossense vem se mostrando propício a essas mudanças. Desde 1960, com a criação de Brasília, Mato Grosso vem, mais intensamente, recebendo um número muito grande de migrantes. Oriundos de diferentes regiões, e mais desenvolvidas econômica e politicamente, paulistas, paranaenses, gaúchos e mineiros predominam. A criação, ao norte de Mato Grosso, de cidades como Sinop, Alta Floresta e

Colíder é um exemplo expressivo. Cuiabá, como capital, é a que mais deixa refletir esse processo transformacional. Grande parte dessa migração se deve às oportunidades oferecidas pelo Estado no tocante à colonização.

Como esses novos ‘moradores’ vêm Mato Grosso? Que imagem fazem eles da terra onde se estabelecem? Opiniões de muitos desses elementos vêm sendo analisadas. [...]

O diferente seria muito bom, muito enriquecedor, se se processasse entre eles um sistema de troca; pelo que podemos sentir na análise de muitas opiniões, o sistema que prepondera é o da substituição. E por que é que o cuiabano ouve, aos domingos, o programa Rincão Gaúcho? Por que não há reciprocidade? Porque esse contato é hierarquizado. Porque a relação é autoritária. Porque o sistema de crenças e o costume dos cuiabanos são vistos despidos de valor social. E por que esta visão? Por que o próprio cuiabano rechaça traços que o identificam com seu berço, com as canções que os ninavam? Rechaçar sua linguagem é rechaçar seu modo de vida.

Percebe-se que a tônica do artigo é de reação. Oriunda ela mesma de duas tradicionais famílias cuiabanas – Canavarros e Palma –, a articulista refere-se aos migrantes como “moradores”, entre aspas. Tenta desnudar uma relação de subordinação entre linguagens e, ao promover tal hierarquia, acredita numa dominação cultural e na consequente reação do cuiabano diante da descaracterização linguística nas gerações mais novas. O fato de haver programação voltada às tradições gaúchas é sublinhado em tom de reclamação, por não haver “reciprocidade cultural”, isto é, carecer o sistema de comunicação de programação regional.

Na mesma linha, está o artigo assinado por Lúcia Helena Vendrusculo Possari (1991). A professora de linguística da UFMT argumenta que “o que importa dizer então é sobre o preconceito. É comum as pessoas que chegam aqui acharem o falar cuiabano engraçado, diferente, interessante, até acharem errado” (POSSARI, 1991, p. 97). Prossegue com a tese de que os aspectos da linguística regional estariam estigmatizados pelos migrantes, sobretudo sulistas e, por fim, alerta para a tentativa de ambos os grupos – cuiabanos e não cuiabanos – de monopolizar o padrão comunicacional:

[...] algumas pessoas de grandes centros e as de maior poder aquisitivo têm tido o direito de julgar o modo de falar de pequenos centros ou centros em desenvolvimento econômico e dos grupos de menor poder aquisitivo, uma vez que o poder econômico tem estabelecido critérios de valoração de linguagem permitindo ao observador conceituar, prestigiar, desvalorizar etc. [...]

Por isso, dizer que o falar de tal região ou de um determinado grupo é melhor ou pior que da outra ou de outro é desconhecer o que o falante pode (e deve). Assim, tanto as pessoas de fora (‘gen de fora’) que fazem comentários não pertinentes ao modo de falar de algumas pessoas daqui, bem como algumas pessoas daqui que pretendem ‘manter’, ‘controlar’, ‘proteger’ o ‘falar cuiabano’, encontram-se na pista do preconceito em mão dupla e, portanto, desconhecem a história, ou o processo de como as coisas são (ibid., p. 97).

O alerta de Possari dá-se em mão dupla. Ao perceber a tensão entre cuiabanos e “paus-rodados”, a professora evidencia o duplo movimento: de um lado, os cuiabanos pretendem monopolizar o conhecimento sobre a própria cultura, tratando-a como objeto cuja propriedade está delimitada por códigos linguísticos; de outro, migrantes de cidades maiores menosprezam os acentos regionais e tentam impor uma linguagem homogeneizadora. O aspecto conflituoso percebido pela pesquisadora é, na esmagadora maioria das publicações da época, relegado e substituído pela visão vitimista da tradição cuiabana.

A sensação de fenecimento cultural era recorrentemente retratada nos jornais da capital mato-grossense. No jornal *O Estado de Mato Grosso*, as manchetes repetiam-se como, por exemplo, no dia 23.01.1990, em reportagem assinada por Josué Marcilio: “As tradições estão morrendo, Cuiabá perdendo a memória”. O jornalista registrou a fala do músico Pio Toledo, que reclamava da ausência de registro cultural da tradição regional: “No passado, o costume fazia a lei”, resumiu o artista.

No mesmo periódico, poucos dias depois, a jornalista Sara Brunini (1990) emplacou reportagem com a manchete “Muxirum resgata valores perdidos”. O termo resgate empresta a noção de salvamento de uma cultura estática, personificada como vítima de inundação, naufrágio, isolamento, crise em geral. Esse conceito de cultura pura, que necessita de resgate, encontra-se presente nas questões levantadas pela jornalista:

Será que poderemos viver sem o respaldo (ou mesmo cumplicidade) do passado? Será que chegaremos um dia num estágio que tudo o que ficou na história tornar-se-á página branca? Ou será que, nós que somos jovens, temos hoje que só pensar em futuro?

É mais importante a preservação dos nossos valores, cultura e mitos. O homem jamais construirá um futuro sem contar com a história, sem sua memória cultural.

Nós, cuiabanos ou filhos adotivos, temos o dever de reacender nossas tradições (BRUNINI, 1990).

Mesmo as visões que discrepavam do defensivismo extremado da cuiabanidade impunham a tradicional visão centralista da cultura cuiabana. No dia 29.03.1990, novamente no Caderno 2 d'*O Estado de Mato Grosso*, foi publicada uma reportagem sem autor relacionada ao tema, cuja manchete “Muxirum é vida, é povo” noticiava as ações do grupo. Na matéria, um dos fundadores do Muxirum Cuiabano, Ernani Calhao, foi diplomático ao tratar do aspecto semântico do resgate cultural: “Não é reviver, isso não existe; só se vive uma vez. É, sim, integrar aqueles que estão chegando às tradições da nossa terra”. O poeta Silva Freire foi outro entrevistado e, como era de se imaginar, reforçou a mensagem da preservação

cultural. No entanto, o escritor acabou por externar o desejo cuiabano sobre as áreas agrícolas do norte de Estado: “Precisamos, após a ocupação física do território mato-grossense, promover a ocupação cultural”.

O Muxirum Cuiabano era formado por um conjunto de personalidades da tradicional cuiabanidade, mas apresentava um pensamento heterogêneo quanto às relações culturais frente aos fluxos migratórios. Na reportagem citada acima, por exemplo, Ernani Calhao sustentava a integração com as culturas alienígenas, enquanto Silva Freire pretendia a ocupação do território aberto para a exploração agrícola. Considerando que o verbo ‘ocupar’ é mais relacionado à conquista do que ao diálogo, a visão do escritor não deixa de reproduzir a hegemonia da cuiabanidade irradiada para as demais cidades mato-grossenses, proposta concebida pela literatura da dupla Aquino-Mesquita.

A visão de Ernani Calhao, então Presidente Executivo do Muxirum, está bem delineada num artigo assinado por ele e publicado no *Jornal do Dia* em 16.04.1990. Iniciou o texto reproduzindo questões sobre o próprio movimento: elitista e saudosista. Na primeira metade do artigo, Calhao rebateu as críticas que recebeu. Concluiu que “o MUXIRUM se organiza como movimento de base essencialmente popular, a propor-executar ações que possam levar a opinião pública a refletir seus signos e símbolos histórico-culturais e, por que não dizer... morais?”. Ao final, o presidente do grupo entendeu que os veículos de comunicação de massa poderiam auxiliar na conscientização do novo “ser homem mato-grossense”.

Na mesma linha diplomática, estava Ulysses Calhao. Em reportagem publicada em *A Gazeta*, Ulysses explicou que “a migração trouxe modificações e passamos a dar conta de que era preciso preservar a memória”. No momento seguinte, prosseguiu com a entrevista: “O desequilíbrio que houve entre as diversas culturas que chegaram já acabou”. Dessa forma, nos irmãos Calhao, não se percebe o tom de ressentimento ou de revanchismo bastante comum no meio da cuiabanidade. Ambos redobram o cuidado para não culpabilizar o sulista pela transformação urbana que Cuiabá experimentou após a década de 1960, com mais ênfase na década de 1980.

Houve posições radicais (e francamente minoritárias) que escancararam o defensivismo cuiabano. Um dos raríssimos casos é o editorial do *Diário de Cuiabá*, de 17.06.1990. O artigo ‘Cuiabanos sebastianistas’ não está assinado, talvez para que não houvesse retaliações. É esclarecedor, no entanto, que a posição oficial de um dos mais tradicionais veículos de comunicação tenha sido de profunda crítica ao modelo cuiabanocêntrico, o que vale a reprodução dos trechos selecionados:

Os cuiabanos sebastianistas são aqueles que ainda estão apegados ao passado. A um passado glorioso, é verdade, mas que não volta mais. tão presos estão ao passado que se esquecem de se preocupar com o presente. De tão interessados em enaltecer as glórias de outrora que não se lembram de lutar para que novas conquistas sejam alcançadas, em todos os campos da atividade humana. Como tudo na vida, há uma explicação para esse comportamento anormal. [...]

O que se nota é que não há, por parte da elite cultural cuiabana, a mesma preocupação com o presente e, principalmente, com o futuro desta cidade. Um exemplo? Pois não. Os cuiabanos sebastianistas estão a mais preocupados em dizer que, sem seus primórdios, Cuiabá era uma das cidades onde mais se viam peças teatrais. Naquele tempo, como eles gostam de dizer, viam-se mais peças de teatro em Cuiabá do que na maioria das metrópoles da Corte! E isso há mais de 260 anos atrás! [...]

As elites cuiabanas, onde estão radicados grande parte dos sebastianistas, não colocam à disposição da cidade a força e o poder de que dispõem. Preferem gastar seu dinheiro em outras paragens, em outros centros mais adiantados e progressistas. É por isso que tudo aqui demora para ser realizado. As pessoas em condições de fazerem alguma coisa pela cidade, não o fazem. Essa que é a dura verdade. É por isso que se explica o atraso de Cuiabá em vários setores. Tudo aqui custa a chegar. E nem sempre as coisas acontecem por iniciativa dos cuiabanos. Muitas vezes são as pessoas de fora, os ‘estrangeiros’, que trazem o progresso para cá. [...]

Por tudo isso, deveremos banir do cenário cuiabano os sebastianistas. Que eles cedam lugar aos que desejam construir uma cidade que seja não apenas orgulhosa do seu passado, mas muito mais do seu presente. Para que, no futuro, seus filhos se orgulhem dos seus antepassados (DIÁRIO DE CUIABÁ, 1990, p. 3).

Está claro que o editorial do *Diário de Cuiabá* atacava não só o Muxirum Cuiabano, badalado pelos grupos de comunicação concorrentes, mas a noção de antimodernidade da tradicional sociedade cuiabana e as respectivas narrativas dos intelectuais. A vitimização econômico-política, a bandeira do resgate cultural, o discurso da subordinação linguística, o apelo ao passado glorioso, todas essas questões foram enfrentadas no editorial, que coincidia com a propaganda do Muxirum Cuiabano no *Jornal do Dia* e, um mês após, em *A Gazeta*. Os proprietários do *Diário de Cuiabá* assumiam assim uma clara posição progressista, desalinhada da tradição intelectual hegemônica, embora tal provocação não tenha se repetido nas publicações subsequentes. Ainda assim, o editorial é valioso para sublinhar a tensão entre dois pontos de vista que se digladiavam no começo da década de 1990, polêmica que forjou a tônica literária da Geração Coxipó.

Ao escrever ‘Cuiabanidade’, Lenine de Campos Póvoas não se distanciou do cânone cunhado pela dupla Aquino-Mesquita. Aliado à identidade afável, hospitaleira e integradora, o cuiabano de Póvoas é essencialmente progressista. Portanto, um dos mais destacados membros do IHGMT e da AML, após a morte de Mesquita, aprofundou-se na duplicidade do

conservadorismo em matéria estética e o desenvolvimentismo relacionado ao trato urbano da capital e das áreas agrícolas do interior.

‘Cuiabanidade’ é um opúsculo composto por sete artigos de opinião reunidos e publicados no jornal *Diário de Cuiabá* em 1987, quando “já a nossa sociedade se apresentava completamente mesclada do elemento alienígena, não podendo mais falar em hábitos do cuiabano nato” (PÓVOAS, 1987, p. 28); Lenine Póvoas se refere ao processo histórico dos anos 1970 em diante, aliando-se à longa tradição do defensivismo local, sobretudo contra o “sisudo e inabordável paulista” (op. cit., p. 6).

A condição da hospitalidade, sublinhada por Póvoas, é render-se aos valores cuiabanos e integrar-se à sociedade, principalmente à elite cuiabana, mencionada expressamente e repetidamente. Portanto, ao “forasteiro que não teima em se manter isolado” (op. cit., p. 5), poderá ser franqueado cargo público e postos de relevo político, além de homenagens em associações tradicionais. Daí que se classificam dois tipos de “forasteiros”: o primeiro apresenta o “ânimo definitivo, compartilhando conosco das dificuldades da vida numa urbe tão isolada e tão distante dos grandes centros do país e desfrutando conosco das delícias de uma comunidade solidária e hospitaleira” (op. cit., p. 7).

Entretanto, há um segundo tipo de “forasteiro”, classificado como oportunista, distinção cunhada desde D. Aquino Corrêa. Este segundo tipo de migrante é, na visão de Lenine Póvoas, uma minoria: “Existem uns poucos que, vindos para aqui para se FAZEREM, se comprazem em investir contra a terra e seu povo” (op. cit., p. 18). Ao reafirmar o compromisso da elite cuiabana com o progresso, o historiador faz um juízo de valor sobre esse grupo minoritário que, a despeito do caráter fraco e ambicioso, “vê-se logo de gente que nada conhece da nossa história, pois do contrário não diria tanto disparate” (op. cit., p. 18).

A fim de vencer as resistências culturais dos migrantes, Póvoas fez duas recomendações à “gente de fora”. A primeira sugestão foi a convivência com a “elite de Cuiabá” (op. cit., p. 15). Dessa forma, os paulistas, sobretudo aqueles que supostamente tratavam a sociedade cuiabana com desprezo pelo acanhamento, poderiam perceber que na cidade havia a noção de aristocracia, elegância e sofisticação. A segunda recomendação do autor foi render-se à tradição cuiabana: “O ideal é que todos os que vêm de fora deixassem o hábito segregacionista do paulistano e se adaptassem à vida cuiabana, acolhedora e hospitaleira, e se entrosassem à nossa melhor sociedade” (op. cit., p. 16).

O ex-presidente da AML reputou como ignorância dos forasteiros o desconhecimento dos hábitos da elite cuiabana, até mesmo o gracejo sobre o linguajar cuiabano. Afirmou que se

trata de uma expressão de empregadas domésticas e de ribeirinhos, completamente divorciada da cultura erudita da elite: “Desde criança, aprendi que esse falar carregado [é] apenas de uma parcela da população, da camada mais inculta do povo cuiabano” (op. cit., p. 17). Póvoas exortou a elite local: “Vamos mandar convites para essa gente, pessoal! Só assim ela poderá ter uma ideia de uma das nossas festas cinematográficas!” (op. cit., p. 15-16).

Ele ofereceu sua contribuição sociológica. Em 1987, publicou artigos de jornal reunidos num pequeno opúsculo intitulado ‘Cuiabanidade’. Na época, discutia-se a diferença entre “cuiabania” e “cuiabanidade”. Póvoas (1987, p. 4) optou pela versão mais antiga, reportada por Mesquita:

Uma discussão sobre o que viria a ser o conteúdo de um neologismo – CUIABANIA – ensejou uma série de críticas infundadas a Cuiabá e aos cuiabanos, partidas de recém-chegados que supõem conhecer a cidade e seus filhos nativos.

Esse fato gerou um certo desagrado na gente cuiabana, que sempre timbrou em acolher com o maior carinho todos os que aqui aportam, como simples visitantes ou como novos definitivos moradores da Cidade Verde, que na sua quase totalidade se apegam sentimentalmente à ‘terra agarrativa’ do Barão de Melgaço, tornando-se tão cuiabanos quanto os que demais o sejam.

Póvoas (op. cit., p. 5) afirma que não há povo mais acolhedor que o cuiabano, desde que o forasteiro abandone seus próprios hábitos, usos, costumes e tradições ancestrais para abraçar o modo de vida regional:

Pelo que tenho visto, pretendem, alguns interpretar por ‘cuiabania’ um presumível posicionamento bairrista dos cuiabanos, com características de segregação grupal, de hostilidade aos que vêm de fora e com objetivos de conservar intocáveis alguns hábitos e maneira de falar.

Se alguém pensa que isso existe, deve estar vivendo em outro planeta.

A característica mais saliente da sociedade cuiabana sempre foi a hospitalidade. Não sei de lugar algum em que os forasteiros sejam recebidos com maior afetividade e calor humano do que nesta cidade do Senhor Bom Jesus, mesmo que uns poucos retribuam essa recepção com menosprezo e manifestações hostis.

Povo que recebe de braços abertos aos que chegam, sem lhes pedir folha corrida da polícia – o forasteiro que não teima em se manter isolado, conservando hábitos ancestrais, é logo introduzido na sociedade.

Após o esforço para inverter as hostilidades e imputá-las aos forasteiros, Póvoas (op. cit., p. 16) recomendou o caminho para que o migrante conseguisse a pretendida integração: bastava abandonar sua cultura e se adaptar à vida cuiabana:

O ideal seria que todos que vêm de fora, para dirigir empresas, para exercer profissões liberais, ou ‘diretamente’ para lecionar em Universidade, deixassem os hábitos segregacionistas do paulistano (que só fala com o

vizinho ou com o companheiro de trabalho depois de ter sido formalmente apresentado, e depois nem sempre), e se adaptassem à vida cuiabana, acolhedora e hospitaleira, e se entrosassem na nossa melhor sociedade.

No entanto, malgrado as reiteradas tentativas de comprovar a hospitalidade nativa, Póvoas (op. cit., p. 18) acabou apontando claramente o que pensava sobre os paus-rodados. Em caixa alta, acusou os migrantes de acorrerem para Mato Grosso a fim de “se fazerem”, isto é, enriquecerem de forma ilícita:

Não obstante, existem uns poucos que, vindos para aqui para se FAZEREM, se comprazem em ‘investir’ contra a terra e seu povo. Houve, já, até quem audaciosamente afirmasse, por escrito, que o cuiabano é ‘INIMIGO DO PROGRESSO’.

Noutros momentos do opúsculo, Póvoas analisou que os migrantes cristalizavam uma noção errônea de cuiabanidade, mais ligada aos ribeirinhos semianalfabetos. Para o ex-presidente da AML, os forasteiros deveriam tomar conhecimento da “elite cuiabana”, ou seja, das famílias abastadas do centro da cidade, afeitas aos hábitos refinados de coquetéis. Noutras palavras, essa sociedade seleta de Póvoas era paradigmática na composição imagética de cuiabanidade, porque projetava a civilização para toda a região.

Para as gerações de intelectuais que gravitaram em torno da Casa Barão de Melgaço, a cuiabanidade nunca esteve ligada aos hábitos populares e à identidade periférica dos subúrbios ribeirinhos. O sentimento nativista estava centrado num “tipo social”, formalmente educado, socialmente refinado, integrante da *high society* cuiabana. A ambiência desse imaginário elitista fixava-se no centro histórico de Cuiabá, longe do Porto ou do Coxipó, em frontal oposição ao estilo de vida ribeirinha ou mesmo indígena.

Talvez seja essa uma das sutis diferenças entre os escritores ligados ao academicismo mato-grossense e os jovens da Geração Coxipó. Estes últimos, pertencentes a uma topologia alternativa da capital mato-grossense, buscavam o nativismo não no refinamento da elite cuiabana, mas nas tradições ainda mais antigas. Enquanto Póvoas recomendava ao migrante que conhecesse a alta sociedade local, a irreverente turma do Coxipó estava mais preocupada em conservar manifestações culturais populares e culturas indígenas.

O sentimento de cuiabanidade, misto de “cuiabania” com “nacionalidade”, como queria Lenine Póvoas, ou, talvez, a expressão regional de identidade cuiabana, como pensava Gervásio Leite, espalhou-se, sobretudo, no campo intelectual. Os escritores que se consolidaram no cenário cultural mato-grossense foram tributários da mentalidade hegemônica construída a partir da imorredoura presença da dupla Aquino-Mesquita. O

“Sul”¹⁷ do Estado foi seguidamente silenciado em detrimento do poder central de Cuiabá, como outros tantos segmentos que serão vistos adiante.

Os “fundadores” da literatura mato-grossense monopolizaram o discurso e a categorização do que seria o regional genuíno, o moralmente adequado, o culturalmente válido. Nas palavras de um dos maiores intelectuais da época, Virgílio Correa Filho (1925, p. 6), a superioridade cuiabana era o sucedâneo de uma feliz mistura de raças, da bravura idealizada dos bandeirantes à indômita coragem dos índios: “De começo, os bandeirantes em maioria paulistas, mas, em breve, do conúbio daqueles tipos díspares, de vária procedência, que a ambição do ouro ajuntava, gerou-se a nova estirpe dos CUIABANOS, que invadiu a história. Foram eles os obreiros máximos do desenvolvimento da Capitania”.

Não apenas curioso, mas sintomático comparar as listagens de poetas realizadas pelos intelectuais do “norte” (centrados em Cuiabá), como Rubens de Mendonça, Lenine de Campos Póvoas, Hilda Magalhães Dutra e Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, por exemplo, e os do “sul”, como Hélio Serejo. Não é por mero descuido que foram “esquecidos” vários autores que até mesmo nasceram em Cuiabá, mas saíram do centro hegemônico de produção literária. Esse afastamento rendeu o apagamento aos autores que preferiram assumir cargos públicos no atual Mato Grosso do Sul, por exemplo. Listo, a seguir, os sumidos das antologias cuiabanas: 1. Manuel Cristino de Miranda (de Poxoréo, nascido em 1925, autor do romance *O drama da mocidade*); 2. João Damasceno de Arruda Lobo (de Cuiabá, nascido em 1893, autor de *Decassílabos*, *Alexandrinos* e *Vendo a guarita*); 3. José Antônio da Costa (de Pilar-PR, nascido em 1893); 4. Armando da Silva Carmelo (de Cuiabá, nascido em 1904, autor de *Relvas rimadas* em parceria com Mário F. Rodrigues, publicado em 1944); 5. Letty Rodrigues (de Corumbá, nascida em 1931); 6. Pedro Medeiros (de Corumbá, nascido em 1890, autor de *13 de Junho*); 7. Mário Feitosa Rodrigues (de Corumbá, nascido em 07.11.1893, autor de *Relvas rimadas*, publicado em 1944, em parceria com Armando Carmelo); 8. Luís Feitosa Rodrigues (de Corumbá, nascido em 1889, autor de *Inspirações*, publicado em 1936, e de *Devaneios*, publicado em 1953).

¹⁷ Lobivar Matos, escritor destacado pela incorporação do modernismo na própria literatura, criticava duramente os “homens de letras” do “Norte”, ou seja, de Cuiabá: “Por influência do meio, os imortais e os mortais do norte e do centro produzem quase nada literariamente falando. São vítimas do ambiente. Preguiçosos, indolentes e sem estímulo dos ventiladores que são as nossas ridículas igrejinhas literárias, vivem dormindo numa inércia impressionante. É claro que há exceções. Um poeta bororo, que faz parte da nova geração, há pouco tempo me obrigou a observar um fenômeno literário de grande importância para esta síntese: o atraso dos acadêmicos e dos sapos da Academia. Disse-me o poeta: ‘Menino: parece mentira, mas não entraram ainda nem no Romantismo...’. De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram no Romantismo. Isto de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nenhum milímetro. Isto sim (MATOS, 1939, p. 8).

E não é só. Ao escrutinar os livros de História da Literatura de Mato Grosso do Sul, percebe-se um outro *casting* de autores, nascidos no indiviso Mato Grosso, produzindo os primeiros livros antes do desmembramento (1977-1979), que não foram citados nem por Rubens de Mendonça¹⁸, nem por Hilda Magalhães Dutra, nem por Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. São escritores nascidos na transição do século XX, que publicaram os primeiros livros entre a década de 1930 e 1970, completamente apagados do cenário literário centrado sobremaneira em Cuiabá.

Um dos primeiros livros sobre a literatura sul-mato-grossense foi escrito por Otávio Gonçalves Gomes, em 1982, portanto três anos depois do efetivo desmembramento de Mato Grosso. O escritor José Maria de Barros e Vasconcelos (1982, p. 12), na introdução, denomina o autor-pesquisador de “o divulgador dos guaicurus, os cantos das seriemas, o historiador de Mato Grosso do Sul e co-autor do poema do hino”. Buscava-se, evidentemente, uma identidade cultural no Estado recém-nascido.

O que tornava Otávio Gonçalves Gomes “genuinamente sul-mato-grossense” (op. cit., p. 16), como foi apresentado no próprio livro? Muito provavelmente a apresentação de autores que haviam sido esquecidos ou desconsiderados por antologias mato-grossenses, tais como: Adair Aquiar (1924), Alceste de Castro (1919), Alberto Bonfim (1914), Alípio Serra (1914), Alda Garcia (1930), Aldo Queiroz (1934), Altair Dantas (1940), Altevir Alencar (1934), Antônio Lopes Lins (1915 – membro da AML), Armando Carmelo (1904), Aroldo Figueiró (1953), Barros Vasconcelos (1913), Coríntia Chamma (1936), Elmano Soares (1894), Elpídio Reis (1920), Enedina Rodrigues (1918), Flora Thomé (1930), Geraldo Ramão Pereira (1939), Germano Barros (1918), Hena de Castro (1931), Itúrbides Serra (1915), Ivone Souza (1947), Jary Gomes (1913), José Schineider (1906), Julio Guimarães (1913), Júlio Mancini (1908), Lécio Gomes (1909), Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro (1935), Lino Vilachá (1938), Luiz Feitosa Rodrigues (1889), Luiz Sá Carvalho (1915), Magali Baruki (1931), Mário Feitosa Rodrigues (1893), Mariano Cebalho (1896), Milton Ferreira (1940), Olívia Enciso (1909), Osório Gomes de Barros (?), Raquel Naveira (1957), Sabino Costa (1889), Severino de Toledo (1892), Valério D’Almeida (?), Vicente Maurano (1894), Walmir Coelho (1933) e Weimar Torres (1922).

¹⁸ É de fundamental importância lembrar que Rubens de Mendonça lançou o *História da Literatura de Mato Grosso* em 1970. Portanto, o não conhecimento dos livros lançados no sul do Estado desde 1930 ou se justifica pela parca comunicação ou, de fato, confirma a hipótese do “cuiabanocentrismo”, uma visão político-cultural essencialmente voltada à capital.

Indica-se a data de nascimento dos autores que estão na antologia de Otávio Gonçalves Gomes (1982), de modo a comprovar a deliberada manobra de apagamento de escritores sulistas em favor da hegemonia intelectual cuiabana. Todos os citados, embora nascidos em Mato Grosso (pré-1977) não constam da 1ª edição da *História da literatura mato-grossense*, de Rubens de Mendonça, de 1970. Alguns desses autores, nascidos mais tarde (pós-1940), poderiam ter publicado sem o conhecimento de Mendonça, o que justificaria o hiato no seu levantamento histórico. Outros, ainda, escreveram somente em jornais, o que dificultaria a ciência de todos os escritores mato-grossenses que estavam atuando no Estado. São justificativas plausíveis para haver diferenças entre as antologias do “norte” e do “sul”.

Ocorre que Mendonça incluiu muitos autores nascidos nas três primeiras décadas do século XX. Como justificar a não referência a poetas do século XIX que publicaram livros? E o caso de Lopes Lins, que pertenceu à própria Academia Mato-grossense de Letras, da qual Rubens de Mendonça era Secretário-Geral? Elmano Soares, Luiz Feitosa Rodrigues, Mário Feitosa, Sabino Costa, Severino de Toledo e Vicente Maurano – todos foram escritores nascidos no final do século XIX, ativos em jornais mato-grossenses e que publicavam poesia, em livros ou nos periódicos da época. Por que não figuram nas diversas antologias ou historiografias lançadas em Cuiabá? Tudo indica que o apagamento não consitui mera coincidência.

Há autores esquecidos que nasceram em Cuiabá e se fixaram no sul, assim como outros que nasceram no Mato Grosso uno, publicaram seus livros muito antes de ser lançada a *História da literatura mato-grossense* e não foram mencionados. Deve-se o lapso à dificuldade de comunicação? À circulação restrita de livros e jornais? Ou simplesmente à omissão de autores que não estavam agasalhados pela AML ou não eram cuiabanos? Seja como for e pelo que for, essas e outras arestas são visíveis na composição dos levantamentos bibliográficos da época, mesmo descontando-se o fato de que não tinham eles um caráter científico.

Na antologia de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, intitulada *A poesia em Mato Grosso*, datada de 2003, vários autores não mencionados por Rubens de Mendonça foram contemplados como, por exemplo: Alceste Antonio de Castro, Armando Carmello, Jary Gomes, Luiz Feitosa Rodrigues, Mário Feitosa Rodrigues. As mesmas observações feitas com relação à obra de Rubens de Mendonça são pertinentes, mormente porque a data de lançamento da antologia poética cobre 30 anos a mais do que a de Mendonça, servindo para completar algumas ausências da lista e manter outras.

O mesmo fenômeno se deu com o livro *História da literatura sul-mato-grossense*, de José Couto Vieira Pontes, no qual cita cronistas e memorialistas como Raul Silveira de Mello,

Antonio de Souza Júnior, Lima Figueiredo, Paulo Coelho Machado, João Batista de Souza, Pedro Ângelo da Rosa, José de Melo e Silva, dentre muitos outros que não foram objeto do apanhado histórico de Rubens de Mendonça. Constata-se que os autores que saíram de Cuiabá e atuaram ao sul do Estado como, por exemplo, José Antônio da Costa e Armando da Silva Carmelo simplesmente “desapareceram” do rol de escritores mato-grossenses. Até mesmo membros da própria AML foram excluídos das alusões nas antologias, provavelmente pelo critério geográfico. É o caso de Luís Feitosa Rodrigues, considerado por Hélio Serejo como “um dos maiores valores da poesia mato-grossense”.

É de se questionar de que forma um autor do quilate apontado por Serejo – Luís Feitosa Rodrigues –, recebido pelo centro hegemônico da cultura mato-grossense, pode ter sido olvidado pelo próprio colega Rubens de Mendonça e pelos inúmeros sucessores que seguiram a linha crítico-historiográfica calcada em antologias, sobretudo porque Mendonça era, até a data do falecimento, “Secretário Perpétuo da AML”.

Se é costume comentar que “morre duas vezes quem morre em Cuiabá”, podemos afirmar que, ao se afastar da cidade, sob a égide da hegemonia da dupla Aquino-Mesquita e do academicismo subsequente, o escritor morria ainda em vida por meio do apagamento das obras na historiografia ou simplesmente pelo silêncio crítico a respeito do autor distante ou divergente. Quem produzia literatura longe de Cuiabá dificilmente seria digno de registro pelos grupos intelectuais que lutavam pela hegemonia das relações simbólicas. A capital sempre reivindicou “poder-dizer” Mato Grosso e quem a ela não pagava o tributo da adesão laudatória não era referendado, fosse pela Academia de Letras, fosse pela imprensa ou pela crítica de rodapé, até então produzida.

CAPÍTULO II

2.1 – ANTECEDENTES DO ANTIACADEMICISMO

“[...] ao reproduzir, inverte e, ao inverter, reproduz.”
(BERRIEL, 2000, p. 111)

Não foi inédito o enfrentamento intelectual dos escritores da Geração Coxipó. Comparando-se com duas gerações precedentes, o deboche dos jovens estudantes que circulavam pelas ruas do bairro cuiabano do Boa Esperança, denominado “Baixo Coxipó”, foi bastante inconsistente em termos de produtividade literária e mesmo enquanto publicações de plataformas conceituais. Em entrevista¹⁹ realizada especialmente para este estudo, a unanimidade dos protagonistas da Geração Coxipó afirma não ter havido qualquer consciência crítica no que estavam pontificando enquanto agrupamento intelectual que não fosse o mero gosto de chocar com irreverência.

Em 1954, Oswald de Andrade deixou clara essa contraposição institucional de ordem antiacadêmica:

No Rio, a Academia Brasileira de Letras, que com o reinado de Machado de Assis alcançara seu apogeu, agora tinha decaído lamentavelmente. A eleição de Amadeo Amaral, para que contribuí, ainda procurou levantar suas forças. Mas o critério de fechar as portas aos novos e só admitir lá dentro os expoentes esclerosava a instituição (ANDRADE, 1954, p. 27).

Na verdade, os modernistas haviam tentado dialogar com a ABL desde a década de 1920, com Graça Aranha. A proposta encaminhada pelo imortal à própria instituição foi uma descoberta de Gilberto Mendonça Teles (1972, p. 202):

- 1) O dicionário que a Academia pretende fazer, será o Dicionário da Língua Portuguesa. Nele serão incorporados todos os vocábulos e frases da linguagem corrente brasileira, impropriamente chamados brasileirismos. Os ‘portuguesismos’ ou expressões da linguagem usadas exclusivamente em Portugal sem uso corrente no Brasil não serão introduzidos nesse dicionário brasileiro da língua portuguesa;
- 2) A Academia não aceitará para seus concursos:
 - a) poesias parnasianas, árcades ou clássicas;

¹⁹ Ciclo de entrevistas realizadas em 6 e 13 de julho de 2019, na sede da TV Cidade Verde, Cuiabá-MT. A partir delas, foi produzido o documentário intitulado *Geração Coxipó: as guerras tribais na literatura mato-grossense*.

- b) poesias, romances, novelas, contos ou qualquer trabalho de ficção, de assunto mitológico, que não seja do folclore brasileiro, tratado com espírito moderno;
- c) obras de história estrangeira, antiga e moderna. As obras históricas brasileiras devem ser tratadas com espírito crítico moderno, que sabe situar o passado e libertar-se do passadismo;
- 3) A Academia promoverá conferências públicas, feitas pelos acadêmicos, exclusivamente de assuntos atuais filosóficos, estéticos, literários ou sociais, que tenham relação com a cultura brasileira;
- 4) Todos os trabalhos publicados pela Academia, as conferências dos acadêmicos e as obras premiadas pela Academia serão em linguagem corrente, usual, expurgada de todo o arcaísmo ou de expressões do denominado classicismo verbal português;
- 5) A Academia fará cada semestre um estudo crítico moderno do movimento literário brasileiro, tendo em atenção principalmente nas novas correntes filosóficas, literárias e artísticas.
- 6) A Academia fará imprimir as obras de jovens escritores que não encontrem editores e trouxeram à literatura brasileira originalidade e modernidade.
- 7) A Academia solicitará dos escritores modernos, premiados ou não por ela, trabalhos originais para a sua revista.

Nota-se que os antiacadêmicos faziam o diálogo inicialmente propositivo com Graça Aranha, cuja “modernidade ambígua” foi retratada por Antonio Arnoni Prado (2010, p. 152). O escritor apresentou a assombrosa ingenuidade de querer combater o academicismo por dentro da própria Academia Brasileira de Letras, uma pretensão que a Geração Coxipó nunca teve. Ao ler atentamente a pauta reformista apresentada à ABL, cujo expurgo parnasiano era a sintomática tônica modernista, só faltou a Graça Aranha declinar os nomes dos escritores que deveriam ser aceitos, reconhecidos e/ou publicados pela instituição literária. De toda sorte, ainda que a iniciativa de Aranha tenha soçobrado frente ao academicismo hegemônico, colhe-se a certeza de que a geração modernista tinha um projeto claramente definido a ponto de propor à ABL as coordenadas que, previsivelmente, foram ignoradas.

O antagonismo estrutura uma nova geração. Seja por ironia nas entrelinhas do texto, seja por acusação frontal de ordem panfletária, o enfrentamento é uma constante que marca a modernidade. Parece ser necessário confrontar a figura paterna, mais velha e mais experiente, para galgar a independência estética. Aponta nesse sentido Renato Poggioli (1964, p. 41):

La experiencia nos enseña que la gratuidad del fin no es lo más común; o, por lo menos, no es tan fruyente como el caso de un movimiento que se constituya para obrar, parcial o principalmente, contra algo o contra alguien. Este algo puede ser la academia, la tradición; este alguien puede ser un maestro cuyo ejemplo y enseñanza, cuyo prestigio y autoridade sean considerados erróneos o nocivos; o más frecuentemente puede ser el individuo colectivo al que se da el nombre de público. De cualquier modo en que tal espíritu de hostilidade o de oposición se manifieste o se expresse, revela una tendencia permanente,

característica de los movimientos de vanguardia, que será tratada com el nombre de antagonismo o momento antagonista.

Distante no tempo e no espaço, Mato Grosso também comportou escritores que rechaçavam a Academia Mato-grossense de Letras, isso poucos anos depois da fundação. Se foi possível constatar a formação de uma tradição literária hegemônica, publicada em livros e periódicos de alta circulação, também o foi quando se perscruta a trajetória dos antiacadêmicos, de Lobivar de Mattos a Luiz Renato, de Gervásio Leite a Eduardo Ferreira, de Rubens de Mendonça a Antonio Sodré, de Wladimir Dias-Pino a Antônio Carlos Lima. A diferença essencial é que as primeiras gerações de antiacadêmicos não só tinham a consciência política do enfrentamento que faziam como acabaram por apresentar uma produção consistente, que perdurou como paradigma estético.

Em 1936, o antagonismo modernista já estava registrado nas publicações mato-grossenses. Evidentemente que, à míngua da força institucional do IHGMT e da AML, a maioria das publicações modernistas sucumbiram e, portanto, o ataque foi silenciado. Ainda assim, é possível ler defesas publicadas, reações que estão salpicadas nas edições da *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. O pouco expressivo Veiga Miranda (1936, p. 182) foi um dos defensores da estética academicista, servindo-se de procurador de Mesquita para agraciá-lo com o apanágio:

Nesta hora em que a fúria de uma chamada “renovação literária” apedreja sem piedade tudo quanto rescenda aos moldes até pouco consagrados como padrões de arte, torna-se perigosa, senão temerária, a apresentação de um poeta em cujos versos encontramos como que a ressonância das suaves estrofes de Gonçalves Crespo, de Luiz Guimarães Júnior, de Mário Pederneiras, de um poeta que não trepida em arrostar perigos da lapidação feroz pelos modernistas, perpetrando essa coisa para eles ignominiosa que se chama – o soneto. Pouco importa uivem, bradem, sapateiem os iconoclastas rebeldes aos ritmos e ao estilo. Acolhamos o poeta, prestando-lhe, como uma sala de visitas de cerimônia, as honras que merecem os hóspedes de prol e distinção.

Hilda Gomes Dutra Magalhães (2002, p. 159; 160), ao concluir seu trabalho sobre o poder na literatura mato-grossense, deixa anotado o marco antiacademicista ao tratar da transição entre o projeto literário forjado pela dupla Aquino-Mesquita e os escritores não alcançados pela estética predominante na AML:

Esse modelo estético predominou praticamente durante toda a primeira metade do século, impedindo o debate sobre a modernidade proposta pelo grupo Pindorama que encontrou forte resistência na intelectualidade da época. [...] De um modo geral, podemos dividir a literatura mato-grossense desse período em dois grupos, que formam duas vozes contraditórias: a daqueles que

detinham o poder, que se concentrava nas mãos das oligarquias dos coronéis, e a dos grupos opositores. Essa bonomia ideológica tende a desaparecer após os anos 50, quando se estabelece no estado uma abertura cultural, resultado do grande fluxo migratório oriundo principalmente do Sul e do Sudeste do país, mudando a face socioeconômica e cultural da região. [...]

Diante dessa nova complexidade sociopolítica e cultural, tem início a modernização das letras mato-grossenses, por meio de um debate da vanguarda concretista, sobretudo a partir da participação de Wladimir Dias-Pino com o seu Poema Processo. A partir desse momento, a literatura mato-grossense se atualiza em relação às tendências contemporâneas nacional.

Ainda que não produzissem literatura de modo substancial na década de 1980, é inegável que o engajamento na cena cultural cuiabana dos escritores que faziam a festa pelos bares do “Baixo Coxipó”, longe das salas de aula do curso de graduação em Letras da UFMT, garantiu publicações coletivas e individuais que viriam a destacar a carreira dos mais férteis como, por exemplo, Lucinda Nogueira Persona, Luciene Carvalho, Gabriel de Mattos, Aclyse de Mattos, Ivens Cuiabano Scaff e Marta Helena Cocco. Muitos outros, que prometiam um futuro literário consistente, simplesmente não prosseguiram ou publicaram de forma errática.

A blague da “Academia dos Mortais”, muito embora sintomática de um ciclo literário que se inaugurava, não chegou a ter efetividade no meio intelectual cuiabano e, num relance mais amplo, mato-grossense. Décadas antes, o escritor Lobivar de Mattos (Corumbá, 1915-1947) e, depois dele, Wladimir Dias-Pino (Rio de Janeiro, 1927-2018) foram os responsáveis pelo embate mais consistente, isto é, não só o intenso fluxo panfletário de artigos em jornais e revistas, mas livros de relevo literário. Em Lobivar, o tema centrado na marginalidade discrepava da aberta romantização da terra natal, cacoete encomiástico que se mimetizava largamente na AML. Com Dias-Pino, a estética visual ganhou uma inovação tão intensa a ponto de romper com o próprio alfabeto para cifrar a imagem com códigos próprios.

A vontade de inovar na literatura mato-grossense foi registrada na segunda metade da década de 1930. Em carta de 1º de maio de 1937, Gervásio Leite confidenciava ao colega Antônio de Arruda (1997, p. 222):

Não podes calcular o prazer que a tua admirável carta me deu, principalmente quando senti que encontravas o amigo de sempre, diletto e prediletto. Perguntas sobre meus projetos e eu te digo que não mudei meu lema ou brasão d’armas: ou vai ou racha! Dele não sairei por motivo algum. Como sabes, tenho o prazer da luta, e para isso invoco o Darwin. Temos de pular para o 20th century. Contrariando o velho princípio, a natureza só vive de saltos: é o conceito revolucionário. Aos 22 anos, que posso ser? Ou covarde ou revolucionário. Não há outra escolha. Vou para Cuiabá como D. Quixote, pois sei perfeitamente que ainda há moinhos de vento na idade da máquina. Nada de progresso com conta-gotas. Tem de ser a furacão. E quem for fraco que fique pela estrada.

Não é demais citar o que pensava Gervásio Leite sobre a produção literária de D. Aquino e José de Mesquita. Mesmo sem citá-los, criticou-os reservadamente para Antônio de Arruda (1997, p. 222), uma espécie de confidente: “As escolas literárias foram, são e serão apenas duas: romântica e parnasiana. A primeira é a história dos chorões, a segunda dos meticulosos. Na primeira, escrevem-se besteiras, erradamente; na segunda, não se diz nada de forma impecável”.

Rubens de Mendonça (2015, p. 175) registrou uma parte da correspondência publicada em Pindorama, pela qual Gervásio Leite dirigiu-se diretamente a Lobivar:

Lolito, você tem razão. Os bororos também falam ou, pelo menos, estão aprendendo a falar. É que ainda falamos uma língua estranha, que não sendo bem a língua portuguesa, não é também castelhana. Nem guarani. Nem brasileira. De modo que, por aqui, fala-se o esperanto. Ora já é uma vantagem falar o esperanto quando ninguém acredita nele. Mas vamos adquirindo também o hábito de expressar coisas humanas com esse esperanto, qualidade que é bem apreciável. Saber falar ‘humanidade’ – confesse! – já é um pedaço bom. Pois nós sabemos. E até usamos sinônimos que é o cúmulo da sabença. Só que não encontramos eco. Falamos na planície, e vozes nos planos perdem-se, morrem. Daí a gente tornar-se casmurro, interiorizado, difícil. Bancar o programa, falar sozinho na vida é bem duro. Felizmente, você e outros falam em nosso nome lá fora, revelando aos brasileiros espantados a voz e o pensamento de Mato Grosso, principalmente da mocidade mato-grossense. Aqui do fundo da taba, temos o prazer de aplaudir a sua voz, natural, violenta, diferente, de índio esperto da tribo dos bororos.

Gervásio, contudo, não manteve o ímpeto inicial das primeiras revistas que fundou. Discutiu arte, cultura popular, literatura, mas acabou sendo vencido pela institucionalização jurídica e acadêmica. Não só ele, mas toda a 1ª geração: primeiro, foi o próprio José de Mesquita, depois foi Antônio de Arruda, Gervásio Leite e João Antonio Neto, todos desembargadores²⁰ cujos projetos literários foram mais ou menos interrompidos. Arruda (1997, p. 108), por exemplo, confessa:

²⁰ Sobre a formação da elite intelectual brasileira, valho-me da leitura de Miceli (2001, p. 115): “Até meados da República Velha, a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais. No interior do sistema de ensino destinado à reprodução da classe dominante, ocupava posição hegemônica por força de sua contribuição à integração intelectual, política e moral dos herdeiros de uma classe dispersa de proprietários rurais aos quais conferia uma legitimidade escolar. A Faculdade de Direito atuava ainda como intermediária na importação e difusão da produção intelectual europeia, centralizando o movimento editorial de revistas e jornais literários: fazia as vezes de celeiro que supria a demanda por indivíduos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura”. Essa anotação de Miceli serve perfeitamente para a formação da intelectualidade mato-grossense, ligada umbilicalmente com o Estado e com a formação jurídica. Em Mato Grosso, porém, essas castas profissionais não se dissolveram na década de 1930, como retrata Miceli no caso de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Considerando que não havia formação superior em Mato Grosso até a fundação da Faculdade de Direito e, depois, com a Universidade Federal de Mato Grosso, em 1970, os juristas formados nos grandes centros dominaram as instâncias de poder

Prefiro a ‘áurea mediocritas’, a mediocridade dourada, que Horácio aconselhava, aqui aplicada ao cultivo das letras, numa posição mediana, longe do bulício da fama. Contento-me assim em cultivar a literatura como lazer de horas vazias, esperando que o assunto apareça ao sabor das circunstâncias.

Em 1936, o esquecido Veiga Miranda publicou na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras* mais um entre as centenas de ensaios elogiosos a José de Mesquita, sob o título ‘Um poeta matogrossense’. Reagindo à nova geração literária, Miranda (1936, p. 93) anota:

Nesta hora em que a fúria de uma chamada ‘renovação literária’ apedreja sem piedade tudo quanto rescenda aos moldes até a pouco consagrados como padrões de arte, torna-se perigosa, senão temerária, a apresentação de um poeta em cujos versos encontramos como que a ressonância das suaves estrofes de Gonçalves Crespo, de Luiz Guimarães Junior, de Mário Pederneiras, de um poeta que não trepida em arrostar perigos na lapidação feroz pelos modernistas, perpetrando essa coisa para eles ignominiosa que se chama – o soneto. Pouco importa uivem, bradem, sapateiem os iconoclastas rebeldes aos ritmos e ao estilo. Acolhamos o poeta, prestando-lhe, como uma sala de visitas de cerimônia, as honras que merecem os hóspedes de prol e distinção.

Lobivar e Dias-Pino foram os primeiros a romper abertamente de forma efetiva, produzindo uma literatura divergente do modelo imposto pela AML. Não tentaram negociar institucionalmente, como o fizeram os modernistas paulistas por meio de Graça Aranha, tampouco se acomodaram na agremiação literária hegemônica, como acabaram por fazer João Antonio Neto, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e Benedito Sant’Anna da Silva Freire, os quatro intelectuais que se mantiveram numa região limítrofe entre a transação social e a divergência literária.

Particularmente importante foi Lobivar Matos na década de 1930, porque promoveu o contraponto de longe da capital, utilizando uma pauta própria, distante do discurso emulativo de Aquino. No prefácio de *Sarobá*, lançado em 1935, o escritor explicitou a diferença que julgava separá-lo da geração precedente:

Hoje os poetas refletem os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem.

Quebrando os velhos moldes, abandonando os temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos párias sem pão, sem amor e sem trabalho.

Esse é o papel dos poetas da minha geração (MATOS, 1935).

estadual, de um lado, e não deixavam de querer a consagração intelectual, de outro, ainda que sua produção não passasse de sublitteratura. Após a morte de Mesquita, em 1961, a AML (suficientemente servida de juristas) abraçou, cada vez mais, profissionais do Direito, ao ponto de chegar a quase 50% da composição com membros advogados, promotores, juízes, desembargadores etc.

A ruptura estética e temática foi tratada por Flora Süssekind (1984, p. 29), ao cuidar do constante retorno do naturalismo à literatura brasileira, fenômeno de circularidade e de imposição cultural às gerações mais novas:

Aquele que não sabe respeitar os espaços culturalmente sacralizados expulsa-se da biblioteca, como a um filho rebelde se expulsa da casa paterna. Do herdeiro de uma família como do aprendiz de intelectual exigem-se obediência, semelhança e continuidade. Paternidade, filiação e vinculação a uma tradição cultural apresentam grandes familiaridades. O tal pai, tal filho ecoa tanto no círculo familiar, como no campo cultural. E quando, ao invés do eco, ouve-se uma dúvida e percebe-se a possível ruptura de laços a rigor sagrados, a violência é idêntica. Esteja sob ameaça a herança familiar ou a tradição cultural.

Lobivar Matos criticava duramente os “homens de letras” do “norte”, ou seja, de Cuiabá. Aí reside uma dupla aguilhada: a primeira, essencialmente política, a denunciar a hegemonia cuiabana que se manteve firme até a divisão do Estado de Mato Grosso, em 1977; e a segunda, de ordem estilística na literatura. Ademais, não havia na crítica lobivariana nenhum temor de exclusão, porquanto o escritor já se via à margem por ser de Corumbá (então sul de Mato Grosso) e por se recusar à comunhão romântico-parnasiana. Daí que a expressão “imortais” usada por ele na “Carta Aberta” aos editores da revista Pindorama dirigia-se diretamente aos integrantes da Academia Mato-grossense de Letras:

Por influência do meio, os imortais e os mortais do norte e do centro produzem quase nada literariamente falando. São vítimas do ambiente. Preguiçosos, indolentes e sem estímulo dos ventiladores que são as nossas ridículas igrejinhas literárias, vivem dormindo numa inércia impressionante. É claro que há exceções. Um poeta bororo, que faz parte da nova geração, há pouco tempo me obrigou a observar um fenômeno literário de grande importância para esta síntese: o atraso dos acadêmicos e dos sapos da Academia. Disse-me o poeta: ‘Menino: parece mentira, mas não entraram ainda nem no Romantismo...’. De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram no Romantismo. Isto de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nenhum milímetro. Isto sim (MATOS, 1939, p. 8).

Considerando que a “Carta Aberta” foi publicada em 1939, é muito evidente que o “poeta bororo que faz parte da nova geração” de quem Lobivar foi amigo era Rubens de Mendonça, que lançaria o livro *Poetas bororos*, em 1942. O escritor corumbaense tomou de empréstimo a conhecida expressão “igrejinhas literárias” para se referir aos “sapos da Academia”, na mais virulenta crítica que a instituição havia recebido àquela altura, mormente pelo fato de que o fundador da AML ainda estava vivo. De fato, até mesmo Mesquita chamava “Rubinho” de representante da “ala moça” da Academia, não restando dúvida de que era ele o “poeta bororo” com quem se correspondia Lobivar Matos.

O pitoresco na publicação desta correspondência no periódico que circulava em Cuiabá, próximo dos olhos dos “imortais” da AML, era que os editores da revista *Pindorama* eram a dupla Rubens de Mendonça e Gervásio Leite, ambos membros da AML, a partir de 17.03.1945 e 09.10.1945, respectivamente. Noutras palavras, Rubens de Mendonça, que viria a ser Secretário Perpétuo da AML, tomou posse como “imortal” da entidade apenas seis anos depois da publicação da “Carta Aberta” de Lobivar Matos, onde dizia ao escritor sulista que, na Academia Mato-grossense de Letras, a literatura encontrava-se tão atrasada que não havia chegado sequer ao romantismo.

Já Gervásio Leite assumiu a Cadeira 2 da AML no mesmo ano em que o amigo Rubens de Mendonça ingressou, ou seja, 1945. Jurista, educador, jornalista, seguiu profissionalmente o *métier* jurídico, onde foi eleito presidente da Associação dos Advogados de Mato Grosso e, depois, indicado para o desembargo no Tribunal de Justiça, do qual foi presidente em 1966/67. O inquieto intelectual, que pretendia ser o D. Quixote a combater os moinhos de vento do conservadorismo cuiabano, depois de lançar a revista *Pindorama* e publicar a Carta Aberta de Lobivar Matos, acabou produzindo literariamente o tímido *Terra agarrativa e linda*, uma coletânea de crônicas sobre a capital mato-grossense, publicado em 1969.

Sem dúvida, foi em *Pindorama* que se viu um Gervásio Leite tão idealista quanto modernista. A revista de crítica literária circulou com apenas três números, no ano de 1939, sob a direção de Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e J. B. Martins de Melo. O editorial da 2ª edição trouxe conceitos essencialmente modernistas como tônica central: “Dentro desse programa, estaremos sempre na vanguarda, trabalhando pelo progresso de Mato Grosso”. Ao final, exorta à “cooperação da mocidade matogrossense para que este programa se transforme em realidade”.

O modernismo mato-grossense sempre foi, como já dito, ambíguo. Na 2ª edição de *Pindorama*, por exemplo, encontra-se um texto intitulado ‘Ciência – hereditariedade e eugenia’, pelo qual o autor anônimo promove a defesa da tese em voga na Alemanha hitlerista: “A Eugenia pretende doar o meio social com o maior número de seres normais possível”. Noutro artigo anônimo da mesma edição – ‘Movimento literário’ –, além de se registrar que “na poesia, nada de novo”, os editores fazem um apanágio à figura de Getúlio Vargas, definido como predestinado; “líder do Brasil Novo, ele tem estado sempre nos postos de vanguarda”. Portanto, a vanguarda encontra-se emparelhada com o autoritarismo varguista em pleno Estado Novo, onde a novidade é a condução personalista e caudilhesca do predestinado líder semifascista.

À guisa de comparação, não se vê substancial diferença com relação à tradição eugênica presente na Academia Mato-grossense de Letras por influência de Mesquita. O racismo estrutural brasileiro está registrado suficientemente em diversas estéticas. O acadêmico Isac Póvoas ressaltou essa ótica no texto ‘Os tropeiros do sertão’, publicado na *Revista do Centro Mato-grossense de Letras* de 1930:

Negro não vai no céu
Nem que seja Imperadô
Tem cabelo encarapinhado
Que arranhô nosso Senhô

O anum é pássaro preto
Pássaro de bico rombudo
Foi praga que Deus lhe deu
De todo negro beijudo

Pepino maduro é que dá semente
Moça bonita é que mata a gente
Cabelo de negro, quando vê pente
Abra a cara, arreganha o dente (RAML, 1930).

Portanto, tradição e vanguarda, academicismo e antiacademicismo antagonizavam-se pelo campo intelectual em Mato Grosso, não para afirmar uma mera estética literária. Em geral, as publicações aproximavam-se mais do que poderiam supor os primeiros e mais ferozes antagonistas da AML.

No editorial do 3º número de *Pindorama*, de 15.06.1939, vê-se a desilusão característica dos modernistas com o progresso, uma “marcha acelerada para o abismo”. O que mais chama a atenção é o trecho onde se recomenda que “intolerantemente a juventude deve se manter dentro dos seus princípios, sem aceitar acordos com os princípios decadentes que certos espíritos velhos defendem”. E arremata: “Pindorama continua na vanguarda”. Nessa esteira, é publicada a segunda carta de Lobivar Matos (1939, p. 8), que escreve do Rio de Janeiro:

A publicação de Pindorama não me causou surpresa. Nunca duvidei da inteligência borora. A coragem, a intrepidez, e esse esforço que redundou na bela iniciativa de vocês, entretanto, me deixaram boquiaberto. Confesso que esperava tudo, menos isso. E muito menos daí, que sei, centro sem entusiasmo para coisas do espírito ágil e sem o material necessário para publicações desse gênero.

Pindorama é uma revista moça, moderna, entusiasta, completa. É uma vitória da inteligência jovem de Mato Grosso.

Agora, meu amigos, é trabalhar, é lutar com a indiferença e os ‘bolsos furados’ da nossa gente... E não desanimem, porque, e não se esqueçam disso, vocês vão fazer alguma coisa em prol da cultura matogrossense, quer dizer, vão colaborar concretamente contra a sífilis, o amarelão, a ignorância e a burrice de nossa terra.

A digressão biográfica, assentada nas publicações de época, constitui meio confiável para apurar a ambivalência dos escritores que transitavam no meio intelectual mato-grossense, notadamente os mais alinhados à “cuiabanidade” de Mesquita, talvez socialmente próximos, mas intelectualmente distantes. Por outro lado, não se deve desconsiderar que as revistas que compõem o conjunto do pretense modernismo mato-grossense, com exceção de *Pindorama*, foram publicadas depois do ingresso de Rubens de Mendonça – um dos principais colaboradores – na Academia Mato-grossense de Letras: *O Arauto de Juvenília* (nov. 1949), *Ganga* (jan.1951), *Sarã* (mar.1951), *A Japa* (set.1973). Ver-se-á, logo adiante, que Mendonça contribuiu para o periódico de maior enfrentamento antiacadêmico, ainda que não tenha assinado o manifesto intensivista de Wladimir Dias-Pino.

João Antonio Neto, outro caso de poeta aliado do verso livre, é o atual decano da AML. Nascido em 1920, o posicionamento de Neto é igualmente ambíguo: de um lado, é jurista e foi Desembargador, chegando a presidir o Tribunal de Justiça de Mato Grosso no biênio 1970-1972 e, por isso, tinha todos os predicados para se alinhar à estética da dupla Aquino-Mesquita; de outro giro, é poeta que rejeitou a predominância do soneto, apresentando a maioria da obra poética influenciada pela estética modernista, incluindo o farto uso de haicais e poemas curtos em geral, o que era incomum aos padrões da época.

É do decano da AML, João Antonio Neto (2001, p. 23), a afirmativa sobre o vanguardismo de Lobivar Matos:

A poesia de Lobivar já não tem, nem de longe, nuvens de opala, rosa purpurina, tapiz virente, longas veigas, névea gaze, trega noite, nem muito menos coma amorosa... Ao contrário, aparecem: beco sujo, sentidos assustados, mulher magra, cabra danado, cadelinha sarnenta, samba gostoso...

O que Neto escreveu originalmente em 1973 só foi publicado em 2001. O poeta manteve a impressão sobre a obra lobivariana e sua vanguarda temática por quase 30 anos. Ressalta, no livro *O modernismo em Mato Grosso*, o desatrelamento de Lobivar com a tradição de purpurina, isto é, romantizada. O próprio João Antonio, nascido no norte de Goiás, atual Tocantins, e criado na cidade de Guiratinga-MT, tem uma produção pouco afeta à “coma amorosa”. No entanto, malgrado a intensa participação em periódicos literários e a interessante obra literária que demanda maior atenção pela crítica, tal qual Rubens de Mendonça, Gervásio Leite e Benedito Sant’Anna da Silva Freire, decidiu não afrontar diretamente a AML ou, no mínimo, manter um silêncio obsequioso quando o assunto fosse as divergências estéticas.

Tal anacronismo foi diagnosticado por Marinei de Almeida (2012). Ao estudar o fenômeno modernista em Mato Grosso, pontuou sobre as impressões de João Antonio Neto ao comentar:

Outro fator relevante a ser apontado, também responsável pela situação anacrônica da literatura no Estado, foi a longa permanência do poder nas mãos de religiosos, como aponta João Antonio Neto ao fazer uma referência direta ao poeta D. Aquino, à época, autoridade máxima nas artes em Mato Grosso, e que, por vários anos, ocupou cargo político na capital, bem como o lugar de presidente de honra da Academia Mato-grossense de Letras: ‘até fins da década de 1930, a literatura mato-grossense era uma espécie de propriedade de poucos’ (ibid., p. 24).

No 1º número da revista *Ganga* – publicada em janeiro de 1951, sob a direção de João Antonio Neto, Rubens de Castro e Agenor Ferreira Leão (todos “imortais” da Academia Mato-grossense de Letras) –, há um artigo não assinado cujo título é ‘Academia em foco’, em que os editores promoveram a defesa das eleições nas quais se elegeram os juristas António de Arruda e Lenine de Campos Póvoas: “Em virtude das últimas eleições para preenchimento das suas cadeiras vagas – nossa Academia de Letras passou a ser atacada por um dos candidatos derrotados” (GANGA, jan. 1951, p. 2).

O artigo concluiu que os sufragados ostentavam qualidades: António de Arruda foi referido como “um grande magistrado e cultor das letras”, enquanto Lenine de Campos Póvoas destacou-se “pelo seu trabalho sobre ufanismo”. Os editores se confessaram “encantados com sua penetração exaltatória da brasilidade sadia e viril”. Por fim, o presidente-fundador foi defendido: “Está de parabéns o esplêndido José de Mesquita: alma e corpo de nossa Academia e decano de nossa cultura, cujo esforço e espírito de sacrifício ninguém pode empanar, sem cometer um crime” (ibid., p. 2).

Neste mesmo número inaugural da revista *Ganga*, Rubens de Mendonça (1951) dedicou o poema ‘Samba’ a Wladimir Dias-Pino. No entanto, cumpriu o padrão estético fixado no soneto com forte apelo eugênico, em que o escritor poetizou: “fundiram-se depois, em solo brasileiro / três raças numa só criando um ritual... / Era o índio lascivo e o negro macumbeiro / e do branco a saudade – então fez-se imortal!”. Na mesma página e alinhado à eugenia já vencida na 2ª Guerra, publicado está o artigo de Waldemir Siqueira intitulado ‘A única solução’, cujo argumento nazista é claramente defendido para manter a distância entre as raças:

[...] Certamente não havia entre eles um condutor dos povos, um super-homem como Hitler, para evitar que cometessem semelhante crime perante a ciência. Porque esses trogloditas deviam prever que a união de indivíduos de

tribos diferentes traria como resultado a fusão do sangue e a perda de suas características originais. [...]

Bastantes razões, portanto, tem certos povos atuais em não querer se misturar com indivíduos de cores diferentes da sua e estabelecer mesmo a segregação desses seres inferiores. Porque tudo indica que a miscigenação é prejudicial ao futuro da própria raça humana.

[...] para evitar que aconteça essa calamidade, isto é, o desaparecimento do homem da face da terra, pela involução, achamos que há um remédio bastante eficaz: mandar todos os amarelos para China, todos os pretos para a África, todos os brancos para a Europa e todos os vermelhos para a América e construir enormes muralhas em torno dessas partes do mundo a fim de evitar-se que se misturem novamente. Cada tipo de cor de pele ficará em compartimentos estanques, separados. Não é assim que fazemos com a criação de galinhas ou com a de qualquer outro animal de raça?

Nada de união de Brancos com Pretos, de Amarelos com Vermelhos. Só assim a humanidade salvar-se-á de um fim pouco digno de seres que atingiram o cume da escala biológica, altamente desenvolvidos moral e materialmente (GANGA, jan. 1951, p. 2; 12).

Ainda em *Ganga*, percebe-se a marcada dubiedade da linha editorial com a publicação do número VII, em jul. 1951. Na capa, há um artigo não assinado: 'Poetas e poetastros'. Tome-se, portanto, como editorial a opinião sobre o modernismo, seja pela topologia do periódico, seja pela carência de autoria certa. Importa analisar o conteúdo do artigo, que faz críticas indiretas e lacunosas ao modernismo na literatura brasileira:

[...] O modernismo, em todos os casos, é admissível pois não foge da lei da evolução. Seu principal escopo é imprimir uma nova orientação às letras e artes. Os aêdos que se filiam a esse movimento primam pela subjetividade de pensamento e sacrificam a beleza do ritmo, a sonoridade da composição poética, a antítese das rimas, a perfeição dos versos a favor das ideias. Sem que façamos uma análise um tanto rigorosa, a composição poética da escola modernista, a priori, apresenta-se aos nossos olhos como se fosse uma prosa antiga no estilo picadinho. Nalguns modernistas, a expressão subjetiva que se esconde artisticamente em meio aos vocábulos, faz-se compreensível. Noutros, porém, é mais acentuada a ponto de escapar à nossa compreensão. E, sem dúvidas, é em virtude disso que muitos indivíduos, longe de entender o que seja modernista e sua vera acepção do termo, arvoram-se em poetas modernistas e desandam a escrever as mais torpes aberrações poéticas, o que, inegavelmente, traz uma série de consequências funestas à escola cujo estandarte marcham Manuel Bandeira, Drummond de Andrade, Afonso Smith, Antonio Boto, Guilherme de Almeida, e muitos outros de renome (GANGA, jul. 1951).

A crítica prossegue no editorial de *Ganga*. Na tentativa de fazer uma divisão entre dois tipos de modernismos (o primeiro que faz sentido e o segundo que não tem lógica), ressaltados os grandes nomes como Bandeira e Drummond, os editores aprofundaram a contundência do questionamento:

[...] E são modernistas? Sim! Mas desses que não têm ideia. Desses que não têm substância e ignoram por completo tudo aquilo a que se deve conferir o nome de ‘Arte’. Distante de se nos afigurarem como artistas, são os lídimos deturpadores do belo, do estético e da ideia.

São os salientes calouros da poesia. Uma capa cheia de fantasias absurdas (na maioria das vezes), cinquenta ou cem folhas contendo vinte ou trinta linhas de um lado só, palavras sem a mais fútil significação, e outras coisas que tais: eis a obra desses poetastros sobre o que falamos. Isso é o cúmulo! Até que ponto chega a coragem desses indivíduos! Causa horrível!... Mas não há de ser nada!... A ‘arte’ é eterna e, por isso mesmo indestrutível. Os poetastros passam e a poesia fica. Fica para a nossa glória. Fica para provar que a ‘arte’ é imortal.

[...] esses livros não têm o que se possa ler, a não ser um amontoado de asneiras sem nexos e sem ilação alguma (GANGA, jul. 1951).

Os editores de *Ganga*, ao promoverem uma diferença entre o “bom” e o “mau” modernismo, reconheceram os talentos já afamados no Brasil e atacaram os poetas modernistas que fugiram do convencional cognoscível. No editorial do periódico, defendeu-se a antiga doutrina de D. Aquino Corrêa, que ligava a poesia à beleza, à simetria e à imortalidade. No fundo, os “modernistas mato-grossenses”, escandalizados com a visualidade da diagramação editorial alternativa, colocaram-se numa posição profundamente conservadora quanto à forma poética e as supostas funções estéticas da poesia. “Coisa horrível!” – é como sentiram a redistribuição gráfica dos poemas nas páginas de um livro. “É o cúmulo!” a poesia não conter um sentido lógico imediato.

Na 10ª edição de *Ganga*, o jornalista Raimundo Maranhão Aires fez uma breve análise dos periódicos da época, distinguindo os três considerados modernistas: *O arauto de juvenília*, *Sarã* e *Ganga*. No texto, Aires afirmou que os intensivistas estavam “semeando ideias novas, com uma nova técnica de escrever e descrever as coisas”. Ressalta o articulista que *Sarã* e *Ganga*, respectivamente,

têm na testada os poetas Wladimir Dias-Pino, Othoniel Silva e o acadêmico Rubens de Mendonça; este outro *Ganga* tem na sua direção outros três poetas – João Antonio Neto, Rubens de Castro e Agenor Ferreira Leão. Naquele, está lá um imortal que é poeta de *No escafandro da vida...* E neste talentoso vate, que é o cantor dos versos bíblicos, sonetista aprimorado e autor de tantas obras marcantes [...].

Curiosamente, Maranhão Aires colocou num mesmo patamar os “intensivistas”, que buscavam uma “nova técnica de escrever e descrever as coisas”, e os poetas convencionais, que faziam “versos bíblicos” e sonetos aprimorados. De forma que se conclui que, em *Ganga*, a posição quanto à modernização estética da literatura é dúbia e mais conservadora do que se espera para classificar o periódico como essencialmente “modernista”. Como já se adiantou,

os escritores do período enfrentavam um dilema entre a manutenção da posição política de proximidade com Aquino-Mesquita e a Academia Mato-grossense de Letras e o rompimento estético que acabou não acontecendo.

Rosana Rodrigues da Silva (2020, p. 4) debruçou-se sobre o modo diferenciado que o modernismo aportou em Mato Grosso. Retrata o isolamento dos modernistas da seguinte forma:

As transformações culturais em Mato Grosso respondem intimamente a um desejo de mudanças e ao posicionamento vanguardista a que se prontificaram alguns intelectuais do meio em um primeiro momento. Contudo, a ação dos modernos revelou-nos também um hiato entre a situação socioeconômica do Estado e as manifestações dos grupos de intelectuais, em sua maioria, acadêmicos voltados à renovação literária, o que significou o isolamento do grupo que não conseguiu fazer ecoar imediatamente suas reivindicações.

Talvez não se trate de “isolamento”, como retratado no apontamento crítico. Em verdade, nas publicações citadas, os escritores não estavam sós. Publicavam contemporâneos e não deixavam de exaltar o gabarito de José de Mesquita, franqueando espaços importantes das publicações aos questionamentos sobre o próprio modernismo. Em *Ganga*, por exemplo, viu-se não só uma intensa colaboração com autores de dentro e de fora da AML como também um incontornável viés conservador e preconceituoso.

É mais provável que o problema da afirmativa de Rodrigues da Silva esteja na expressão “acadêmicos voltados à renovação literária”, porquanto a intenção dos imortais da AML nunca tenha sido a renovação estética e temática na literatura produzida em Mato Grosso, pela impossibilidade de romper com a hegemonia interna e externa do presidente Mesquita. Ainda assim, o apontamento ganha destacada validade ao perceber o “abstencionismo político” do modernismo mato-grossense, mais preocupado com o enfrentamento estético do que com aspectos sociopolíticos de Mato Grosso.

Enxergando as contradições internas do fluxo produtivo dos movimentos literários mato-grossenses, Leite (2017, p. 140) pontua relações intelectuais de proximidade e de continuidade:

Na ideia básica estava o fator inovação, por um lado, e de continuação por outro; segundo, apesar do acirramento no embate e de efetivamente haver uma renovação poética, através de alguns autores, a partir de *Ganga* as várias tendências do segundo grupo juntam-se e somam-se ao primeiro e desse modo deveria ser visto, em vários aspectos, como contiguidade e continuidade do grupo anterior, ou dos antigos. Melhor dizendo, o primeiro e o segundo grupo, em fins dos anos 1930 e 1940, introdutor do Modernismo em Mato Grosso, desdobra-se com pequenas alterações ideológicas, culturais e artísticas significa ‘outros grupos’ e ao mesmo tempo ‘o mesmo grupo’.

Daí o caráter de contiguidade entre uns e outros, modernos, e de continuidade entre eles, antigo-novo.

Com o debate público e publicado, os escritores aprofundaram as diferenças. A maior delas fundamentalmente era estar ou não nos quadros da Academia Mato-grossense de Letras. Fora da AML, os modernistas aparentavam independência por meio de questionamentos panfletários, mas, quando ingressavam na agremiação hegemônica, não só amaneiravam as críticas, como poderiam apagá-las da pauta editorial ou, até mesmo, mudar completamente de posicionamento. Um dos exemplos é a circulação da revista *Pindorama*, lançada em junho de 1939. Naquela altura, nem Rubens de Mendonça nem Gervásio Leite haviam ingressado na Academia. Os então modernistas bradavam:

[...] a desmoralização, a pasmaceira, a agonia. Na outra margem, os espíritos sedentos de novidades, a vida, o movimento, a energia. Sempre duas gerações que se combatem, que se mutilam, que se destroem. Nunca num mesmo plano o velho e o moço comparecem para discutir os seus problemas. Sempre a intolerância. Se o velho, esfriado pelos anos toma uma atitude passiva diante da vida, não acompanha o ritmo da idade nova, petrifica-se na sua geração; o moço, por sua vez, levado pelo entusiasmo da idade, pelo ardor dos anos, desrespeita o passado, despreza a tradição, e se embriaga com as conquistas modernas. É ele o lógico, o razoável, o justo. Este é o programa de uma revista de moços- Novidade e Atualidade. Geração moderna deve procurar nas coisas atuais elementos para construir um mundo melhor. Se as possibilidades são poucas, muitas são as esperanças (NETO, 2001, p. 24-25).

O mesmo se deu com Benedito Sant'Anna da Silva Freire. Muito antes de ingressar na AML, lançou, em 27.11.1949, na “velha Cuiabá”, o primeiro número d’*O arauto de juvenília*:

Chamo-me O Arauto de Juvenília. Já se vê, que sou um nome composto, oriundo de duas línguas distintas: o primeiro da materna que, no seu sentido lato, significa: oficial que declarava guerra ou a paz; pregoeiro etc., e o segundo, palavra latina que designa obras, poesias, escritos da mocidade de um autor. Sim, aliando ambos, podemos formar várias proposições, tais como: ‘o declarador de guerra aos nocivos da sociedade’, ‘o anunciador do progresso reinante no seio da mocidade literata de Cuiabá’, ‘o pregoeiro, o anunciador dos escritos, das poesias, das obras da mocidade dos nossos literatos’, enfim: o Arauto dos Novos (EDITORIAL, 1949, p. 1).

A ambivalência dos escritores prosseguiu com o lançamento de *Sarã*, em março de 1951. A publicação ficou a cargo de Rubens de Mendonça (já acadêmico da AML) e Wladimir Dias-Pino (antiacadêmico radical), já que Silva Freire havia se mudado para o Rio de Janeiro a fim de concluir os estudos. Na 1ª edição, os responsáveis citaram o “programa” estético de uma literatura moderna:

Com a nossa experiência literária, como amadurecimento, seremos quem sabe um sarã em nossa literatura moderna.
Homem, queremos ver, é água correndo.
Literatura pulando.
Literatura rápida para dar lugar à renovação.

Em *Sarã*, Wladimir Dias-Pino assinou sozinho o Manifesto Intensivista, publicado em duas partes nos números 3 e 4, ambos de 1951. Ali estava a certidão de nascimento de um movimento que iria ganhar corpo na parceria Dias-Pino e Silva Freire, de cuja influência Rubens de Mendonça manteve distância discreta, ainda que se mantivessem os escritores bastante próximos, publicando na mesma edição. No periódico que circulou a partir de 1951, há efetividade da escrita moderna e não apenas um conjunto de proposições ou a defesa da estética. A visualidade das xilogravuras de Wladimir Dias-Pino, o vocabulário coloquial e a pletora de referências (Picasso, Di Cavalcanti, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Franz Kafka), além da seleção de autores de um mesmo grupo fazem de *Sarã* a única publicação integralmente voltada para a estética divergente do costumeiro academicismo mato-grossense.

É claro que, entre os textos alinhados à nova estética, os editores de *Sarã* cederam espaço para a tradição, publicando esparsamente alguns sonetos de Rubens de Castro e poemas do próprio José de Mesquita. Há também a publicidade de *Ganga*, a participação de João Antonio Neto e outros acadêmicos. No entanto, uma mirada com maior acuidade no periódico pensado e diagramado por Wladimir Dias-Pino, ao emparelhar-se com os demais jornais/revistas do mesmo período, destaca uma gama de diferenças, seja no conteúdo, seja na escalação autoral e, sobretudo, perscrutando a apresentação gráfica do suplemento literário.

No segundo número de *Sarã*, os editores inseriram no cabeçalho a promessa de que, na edição seguinte, seria publicado o Manifesto do INTENSIVISMO, grafado em caixa alta. Em seguida, no cabeçalho da página seguinte, Dias-Pino cedeu à grandiloquência modernista para decretar – “A Literatura fora do INTENSIVISMO é reler, escrevendo”. Tal postura polarizou, aberta e diretamente, com a tradição mato-grossense, uma vez que Dias-Pino reivindicou para si e ao movimento intensivista a paternidade da vanguarda, do moderno, da ruptura. É nele que a vontade de “escrever diferente” melhor se expressava, afirmando taxativamente que o resto da literatura produzida era uma mera releitura.

A promessa de *Sarã* foi cumprida nas duas edições seguintes. Em junho de 1951, o suplemento literário assinado por Wladimir Dias-Pino, Othoniel Silva e Rubens de Mendonça foi lançado com uma plataforma nova, esteticamente mais clara. Na capa, o já imortal Mendonça, acostumado com a lírica sonetista, promoveu um giro sobre o próprio costume e

lançou mão do poema ‘Cuiabá’, criticando o imaginário idealizado sobre o processo de conquista do sertão mato-grossense. No texto, longe da habitual emulação da cuiabanidade, o poeta trouxe a lume toda a carga crítica que se viu em Lobivar Matos e desaparecera, mesmo nos periódicos considerados modernistas:

CUIABÁ

O Bandeirante calçou a bota de sete léguas
e foi invadindo o sertão

escravizando índios!

Pascoal Moreira
‘queria’ era braços para trabalhar!

Esse negócio de ouro era pura ‘invenção’;
por isso, o Pascoal ‘queria’ índios e índias.

Uma bugra bonita
fez o velho paulista ficar nesta terra
e como desculpa fundou CUIABÁ (MENDONÇA, 1951, p. 1).

À evidência, o poema publicado por Mendonça tem o verso livre e o uso do coloquialismo. O jogo de ambiguidade sexual com o verso “querer” – colocado entre aspas no sentido de desejar – denota a exploração das mulheres dos povos indígenas conquistados, obrigadas ao relacionamento sexual com o bandeirante branco. Finalmente, a “invenção” referida pelo poeta desmonta o paradigma aventureiro dos desbravamentos dos sertões brasileiros para reposicionar a conquista em termos financeiros e nada humanistas.

O que se vê é uma nova inclinação de Rubens de Mendonça, nesta fase e neste periódico, desta vez para o grupo liderado por Wladimir Dias-Pino. Outros dois poemas de cunho marcadamente social de Rubens de Mendonça foram publicados na 4ª edição de *Sarã*, ‘Greve’ e ‘Troféu’, colocados em paralelo no periódico:

Greve

Veio a Polícia;
houve tiros...
Depois só ficou um
trapo de camisa do
operário
sujo de sangue,
como se fosse ban-
deira vermelha
a tremular no ar.

Troféu

As rosas vermelhas

lembram peitos de
guerrilheiros

depois da batalha.

A truculência policial na repressão de manifestações trabalhistas não era uma temática comum na poética de Mato Grosso. O conflito violento entre classes e instituições, as pautas sociais ligadas ao nascente trabalhismo e a repressão ao operariado constituíam um viés novo para o próprio Rubens de Mendonça. A ênfase na cor vermelha em ambos os poemas, publicados lado a lado em *Sarã*, representa não só o sangue, mas também as bandeiras do socialismo, tendência política raramente percebida na tradição literária mato-grossense.

A despeito da interessante oscilação estética e temática de Rubens de Mendonça, o que mais chama a atenção em *Sarã* é mesmo o Manifesto, assinado exclusivamente por Dias-Pino. No texto, publicado em duas edições consecutivas (n. 3 e 4), Wladimir aproximou-se do método de expressão dos modernistas paulistas, a publicação de uma carta de propósitos, mas particularizou o debate para a realidade mato-grossense. A seguir, estão selecionados os trechos mais relevantes das duas publicações do documento:

O passado da nossa literatura, na verdade, é quase um boato, e como todo boato tem uma unhinha de verdade, essa unhinha, por certo, é Lobivar de Mattos, Pedro Medeiros e algumas vezes Antonio Tolentino, que foi – é bom que se diga – a melancia da nossa literatura (82% de água – refresco em fruta).

Nossa cultura é um Adão e a literatura, a folha de parra. O mais pobre e desnudo dos Adões. Adão pobre e, por isso mesmo, de braços cruzados como quem tem frio. De pernas cruzadas. [...]

Pobre coitado – sombria como um corredor em caracol. É redonda como um zero. Sem pontas. Exata. Quer dizer eco. Longe, bem longe – dum? – gráfico. Frouxa, sem consolo. Pois bem: desse muro sujo, rabiscado e jardim de infância – a literatura – pode-se dizer: é uma árvore que nem vive do prestígio da sombra. E olhem, nunca tivemos um sonetista, embora nossos homens – de pensamento – preferissem, desde o início, os versos fáceis, ao estudo cansativo dum ensaio.

Fica dito que não temos ensaísta, mesmo agora, até.

Nossa literatura nem tem separação entre Romantismo e Simbolismo.

É uma coisa plana (na altura do nível do mar).

Comédia que diverte e irrita, ao mesmo tempo. Chega, até, ser ladeira. Nunca tivemos rumo, também. Nunca tivemos correntes. Mas não é tudo: tem a cor da poeira quieta dos arquivos esquecidos, longe da cor avermelhada dos campos de batalha. Se mostrando vazia como um cartão de convite, naquela vontade de dormir, de abrir a boca só pra bocejar.

Cinematografia de sombras, por gentileza. Ah! Já ia me esquecendo: nossos poetas são peões.

Produzem um ruído de bezerro. Rodam, rodam e não saem do lugar, decorando aquela música única. E pior é que, quando se aprofundam dois dedos, a terra os obriga a parar.

É pouco ainda: é, sempre, uma literatura improvisada. Deitada, chocando pedrinhas.

É uma espécie de artigo comprado em queima de fim de ano.

De voz fina.

Fica assim parada como se olhando imbecis.

Em outras palavras: é conversa-fiada, é velho cheio de desculpas e reumatismos.

O Intensivismo é simbolismo duplo. Além da imagem, está outro significado poético.

O simbolista é um desenhista e o intensivista, um escultor. A escultura é um desenho de todos os lados. Digo isso porque o simbolista, aliás, muitos simbolistas já usaram a comparação de um rio com um monge rezando. Ora, essa comparação o intensivismo joga na cela ou publica numa coluna humorística, porque o rio poderá ir rezando como um monge, porém nunca terá a forma humana, mesmo olhando do ângulo mais especial.

O simbolismo aproveitaria a beleza poética da frase: esqueleto com a brancura dos círios. Agora, o intensivista não, já procuraria usar essa descoberta poética de uma outra forma. Só se no caso fossem ossos separados. Ossos pequenos, até mesmo do tamanho de velas brilhando, com luz nas pontas. Luz que viesse lá do infinito. [...]

Outra coisa de interessante é o choque de palavras. Para os simbolistas, as letras tinha cores, para as palavras valerem devido à experiência e o espírito de síntese-poemas. As palavras estão cheias de símbolos. As palavras trazem, hoje, o seu destino. As palavras unidas por uma ligação aérea e subterrânea.

Outra diferença: o simbolista, como é sabido, usou do neologismo. É uma grande coisa, ninguém pode negar. É a ânsia de originalidade, afirmamos, procurando um ângulo mais expressivo. O mais importante é a contribuição individualista e inovadora em cada criação. Melhor o estilo e etc. e tal. Com tudo isso de valor veio, também, o luxo vocabular. Luxo besta e daí o sabor único de ser inédito, quando era preciso, em primeiro lugar, ser poético.

Eles renovam; agora, nós devemos aumentar, o que seria melhor.

O intensivista tem a obrigação de inventar termos novos com novas descobertas. Othoniel, por exemplo, demonstrou, no terceiro número do *Sarã*, a fraqueza, toda a fraqueza da palavra contemplação diante da velocidade do automóvel. Em vez de filmar, em vez de receber a paisagem como ela se entrega, parada, ele é filmado, ele entra pela paisagem e deixa de ser contemplação puramente. Bem, estávamos falando do neologismo. [...]

A literatura fora do Intensivismo é, mesmo, reescrevendo. É escrever o que foi lido. [...]

Depois disso, resta dizer que é, ainda, um princípio, e que não ficará, por certo, aí.

É a estaca zero como preferem usar. Que, então, simplesmente o começo como desejariam outros.

Seguirá saindo disso porque, do contrário, seria um estilo. Nada mais (DIAS-PINO, 1951, p. 2-3).

O Manifesto Intensivista é o texto mais importante do modernismo em Mato Grosso, seja pela retrospectiva crítica que faz do cânone literário fundacional, seja pela estética altamente comprometida com a liberdade, seja, por fim, pela ambição de ser um marco. De início, estabelece o contraponto à tradição decantada na Academia Mato-grossense de Letras, centrando em Lobivar Matos, Pedro Medeiros e Antonio Tolentino as referências qualitativas que foram omitidas em D. Aquino Corrêa e José de Mesquita. Essa seleção autoral pretendeu demarcar a existência de uma “tradição alternativa”, um paradigma literário cuja estética era adepta do verso livre e de conteúdo social mais presente.

Dias-Pino relembrou a conversa entre Lobivar Matos e Rubens de Mendonça, publicada na 1ª edição de *Pindorama*. Afirmou que nunca houve escola romântica ou simbolista em Mato Grosso, por deficiência no aprofundamento da própria técnica de escrita, uma clara provocação à métrica parnasiana de D. Aquino Corrêa. A novidade, no entender de Wladimir, era sufocada pela “terra”, isto é, pela força da hegemonia academicista contra a qual estava se rebelando no Manifesto.

A percepção do “simbolismo duplo” foi bastante apropriada ao contexto histórico. Atualizado com os estudos sobre os trinta anos de modernismo brasileiro, se fixado o marco na Semana de 22, Dias-Pino estabeleceu o paralelo entre simbolistas e intensivistas, demarcando uma proposta inovadora. De fato, mesmo que o simbolismo não tenha se desenvolvido no Brasil, foi ele a referência estética para a formação de imagens poéticas dos modernistas, mais interessados na rotação temática à procura do popular. Essa aguçada leitura crítica wladimiriana foi capaz de dar um passo adiante: enquanto o simbolismo perdia-se no vocabulário criptografado e distante, desconectado da realidade, o intensivismo propunha a semiótica tridimensional da palavra, o intenso uso de imagens codificadas e a compreensão da importância da própria palavra enquanto expressão simbólica.

É por isso que “o intensivista tem obrigação de inventar termos novos com novas descobertas” e, daí, chegou Dias-Pino à conclusão de que tudo fora do Intensivismo era mera reescritura. Reivindicando ser a “estaca zero” da literatura mato-grossense, a pretensão literária de Wladimir foi além dos já conhecidos ruídos modernistas, enfrentamento que jamais havia sido realizado com essa verve em Mato Grosso. O estatuto dado ao texto pelo próprio autor, denominando-o de “Manifesto”, além de se referir à longa tradição de exposições principiológicas em periódicos europeus, latino-americanos e brasileiros, usada de Marinetti à dupla de Andrades, pretendia a demarcação de um novo campo de forças que se contrapusesse à hegemonia da AML: a fundação de uma nova escola literária com um conjunto mais ou menos consistente de proposições.

O que se percebe, no Intensivismo, é uma refinada consciência estética, além da clareza sobre o jogo simbólico que se desenvolvia em Mato Grosso. Em termos históricos, o ineditismo semiótico de Dias-Pino na “velha Cuiabá” antecipou até mesmo o poema visual no Brasil, avançando inclusive sobre os concretistas, que não chegavam a romper com o código alfabético. Essa textura tridimensional pensada por Wladimir não se limitou a fazer mira no centro hegemônico da intelectualidade provinciana, mas antecipava o debate sobre a inserção da imagem no poema convencional, desdobrando outras polêmicas que impulsionariam

minimalistas, concretistas, poetas visuais e outros artistas que trabalham numa região limítrofe e interativa entre a literatura e as artes visuais.

Dias-Pino pretendeu traçar um claro paralelo com o que os modernistas paulistas haviam feito, em termos de estratégia de comunicação e impacto na tradição cultural. Em São Paulo, a exposição entre 11 e 18 de fevereiro de 1922 ocorreu no Teatro Municipal, *locus* da intelectualidade que promovia o “bom gosto” clássico. Em Cuiabá, no dia 22 de julho de 1951, aconteceu a Festa dos Novos no salão social da Casa Barão de Melgaço, sede do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras. A notícia da “Festa” foi veiculada na *Sarã* n. 4, no pequeno artigo assinado por Wladimir e Othoniel Silva (1951, p. 6):

A Casa lotou – alguns amigos ficaram de pé – e quase que somente com gente ‘nova’. Gente que virá como fita isolante. Gente que vem estudando. Literatura, principalmente a atual, como nunca fizemos.

Houve a Festa – foi a procura de uma fisionomia própria, afinal de contas.

E que confiança nos colegas! Confiança niveladora. Aliás, a fé nos companheiros, o entusiasmo e um rumo são as primeiros e essenciais qualidades dos ‘Novos’. [...]

Ah! Com licença, houve, ainda, o acadêmico Rosário Congro. Riu e deu palpites sobre tudo. Riu, mais ainda. Conversou baixinho e não entendeu, por absoluta preguiça mental, a frase de Othoniel: ‘Cidade de Cabeleira da Esperança’.

Quando se fala em Cuiabá, fala-se em seguida de palmeiras. Agora, seria horrível se o poeta usasse a batida chapa. Dizendo, como disse, na verdade, fez poesia. Cabeleira verde é das palmeiras. Cabeleira que parece, ao vento, se transformar em asas, asas verdes, da esperança...

Ri o Sr. Rosário... De muita coisa que nós não sabemos, até hoje.

O evento foi grafado com a singularidade que os organizadores queriam imprimir: Festa dos Novos, em maiúsculas. As referências aos participantes “novos” estão entre aspas para denotar não a idade do público, mas, antes, a adesão ao Intensivismo. O deboche aos “imortais” foi metaforizado na “preguiça mental” do Sr. Rosário Congro de não entender a imagética do poema de Othoniel Silva. Congro era um político e tecnocrata: Deputado Estadual, Secretário de Estado, Conselheiro do TCE e, claro, membro da AML. Era ele o representante ideal do contraponto que os intensivistas queriam fazer na Festa dos Novos: um currículo social que lhe garantiu o ingresso na tradicional agremiação literária, sem a capacidade de entender um poema moderno, cuja metáfora parecia evidente.

As provocações continuaram nas edições seguintes de *Sarã*. Na capa do número 5, o tom panfletário prosseguiu com a reprodução do discurso de Dias-Pino, pronunciado no dia 22.06.1951, no salão nobre da Casa Barão de Melgaço:

Sem fazer ressentir o que de belo e grandioso já foi construído pelo ESPÍRITO RENOVADOR das passadas gerações, muito além estaríamos se essa também não houvesse sentido, com maior tirania, as consequências das incoerentes razões daqueles que, na mesma época, julgavam-se com o direito inalienável de não permitirem fugir, uma vírgula sequer, daquilo que consideravam bem perto e bastante próximo da perfeição. [...]

Esta Festa dos ‘Novos’ é, portanto, um marco da estrada que brilhantemente será trilhada por essa mocidade ansiosa de desvencilhar-se dos grilhões que encarceram e automaticamente retardam a criação e rápido crescimento de algo novo, mas que se eternize, atualizando-se no porvir.

Os cuiabanos das atuais gerações, aqui presentes, estão demonstrando de forma concreta, as ‘Realizações Abstratas’ – qualificativo este precedente do julgamento dos indecisos, dos morbidamente tímidos, e dos medrosos, que secundam e apoiam os tabus do conservadorismo tradicionalmente inoperante na sua quase totalidade [...]

Avante! Por um Brasil unido, sensato e humano para ser forte e admirado no conceito dos Povos (DIAS-PINO, 1951, p. 1).

Na mesma edição em que está publicado o discurso de Dias-Pino, Rubens de Mendonça emplaca o poema ‘Monotonia’, cujo final “Êta, sol besta!” é uma clara referência drummondiana em *Cidadezinha Qualquer*, publicado em 1930 no livro *Qualquer poesia*. A paródia poética de Mendonça não só toma de empréstimo a estética moderna como aproveita o mote para criticar a pasmaceira intelectual que Lobivar Matos denunciava vinte anos antes. O Sol – centro do sistema – é retratado monotonamente a nascer do mesmo lado, na mesma tarde e morrer no mesmo leito. Trata-se da representação do cânone literário mato-grossense e do academicismo que gravitava em torno da dupla Aquino-Mesquita.

Entretanto, a par do entusiasmo impresso em *Sarã*, apostando que outros escritores apoiariam o movimento como “fita isolante”, unindo-se aos “ímãs intensivistas”, Dias-Pino acabou por se frustrar completamente. Ainda que ele, Othoniel Silva e Rubens de Mendonça tenham articulado um rompimento de dentro para fora, a Academia Mato-grossense de Letras manteve-se intacta. Como os intensivistas haviam antecipado no Manifesto das edições anteriores, a terra sufocou essa ruptura e *Sarã* deixou de circular em 1952, cujo último número foi lançado em janeiro. De um lado, Othoniel não se manteve literariamente produtivo e, de outro, Rubens de Mendonça voltou-se à historiografia, ao folclore, ao retrato memorialista de Cuiabá e à métrica sonetista, aproximando-se do academicismo hegemônico.

Noutras palavras, mesmo que o empenho de Dias-Pino tenha apresentado uma consistência literária impressa nos livros a seguir produzidos, a força gravitacional da Academia e os satélites da cuiabanidade sobrepujaram a novidade, os novos e a inovação. Não só Gervásio Leite, João Antonio Neto e Rubens de Mendonça cederam ao galardão da

“imortalidade” como as publicações intensivistas deixaram de encontrar fôlego na sociedade cuiabana. O movimento intensivista deixou poucos herdeiros que entendessem a visualidade poética proposta por Wladimir Dias-Pino; tampouco pautou os temas literários que, nas décadas seguintes, reprisaram o sentido da “cuiabanidade”: emulação, evocação, idealização da terra, fosse na métrica parnasiana, fosse em versos livres.

Nos antecessores da Geração Coxipó, havia uma melhor noção do jogo político no campo intelectual. Tanto Gervásio Leite quanto Rubens de Mendonça, Wladimir Dias-Pino ou Silva Freire sabiam perfeitamente que deveriam transitar em dois universos: o da estética moderna e o da temática regionalista. Ao se referir a estes dois últimos escritores, Mário César Silva Leite (2017, p. 91) critica o jogo de trocas simbólicas com a tradição literária antecedente ao afirmar a ambivalência dos dois autores: “o clima era, pareceu-me, de contemporizar e de confraternizar”. De fato, na entrevista que realizou com o próprio Dias-Pino, ficou evidenciado o projeto da dupla, que não visava confrontar diretamente a AML como o fizera Lobivar Matos. Em seu memorial, Mário Leite (2017, p. 161) registrou as palavras de Dias-Pino ao afirmar, referindo-se a Silva Freire e a si mesmo: “Fizemos um pacto: você continua defendendo a cuiabania e eu vou trabalhar no cuiabano novo. Numa possível vanguarda cuiabana”.

Rubens de Mendonça talvez tenha sido o escritor que mais oscilou entre o academicismo e o antiacademicismo. Ao passo de escrever e fomentar o debate modernista em favor da renovação literária, na condição de acadêmico, consolidou fortemente a cultura dos “homens de ação” em detrimento dos “homens de letras”. Vê-se o movimento intelectual pendular no discurso de recepção ao acadêmico Lenine de Campos Póvoas. Mendonça (1952-1953, p. 27-28) dirigiu-se ao empossando:

Necessário não vos seria indagar o motivo a vossa eleição para a Casa de Melgaço. Bastaria, apenas, percorrer a vossa obra, quer como jornalista, conferencista, professor e parlamentar.

Soubestes aliar a política às letras. Nos vossos discursos parlamentares existem peças literárias que vem destruir a má vontade, a desconfiança que reinava entre literatos e políticos. Sentenciou o Sr. Getúlio Vargas, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: “os literatos reclamavam o isolamento, a torre de marfim, a impassibilidade marmórea, e essa atitude se refletia na própria preferência pelas imagens do reino mineral, tão ao gosto dos poetas mais celebrados do tempo. Os homens de ação, dedicados às tarefas práticas, desacreditavam, por seu turno, a possibilidades reais dos que sabiam pensar e dizer. [...]”

Não há novidade em declarar, por conseguinte, que a primeira fase da Academia decorreu à margem das atividades gerais, enquanto o Estado, a administração civil, evoluíam e se transformavam. Só no terceiro decênio deste século operou-se a simbiose necessária entre homens de pensamento e

de ação. Hoje vemos nas Academias, compartilhando a imortalidade com os poetas e romancistas, representantes das profissões liberais, juristas, historiadores, políticos e até industriais. É admirável que isso aconteça. Os valores da inteligência são multiformes, resultam de múltiplas e fecundas aplicações. Os modernos processos de integração social não podem malbaratá-los e todos disciplinam, num sentido útil, para maior bem da coletividade.

O discurso de Rubens de Mendonça – coeditor de *Sarã* com Dias-Pino e colaborador da Festa dos Novos – temperou-se de condescendência ao tratar do ingresso do confrade Lenine de Campos Póvoas. A AML recebia publicamente a pecha do academicismo ao acolher “até industriais”, isto é, figuras com alto capital simbólico que não haviam publicado um único livro de literatura ou, até mesmo, qualquer obra sobre tema técnico. Mendonça buscou amparo em Getúlio Vargas – homem de ação, mas sem qualquer livro publicado – para professar a necessidade de uma “simbiose” com os homens de letras, pensamento urdido por Joaquim Nabuco para acomodar celebridades na Academia Brasileira de Letras. Tal inclinação fez com que José Veríssimo – partidário de critérios exclusivamente literários – renunciasse ao cargo de secretário-geral da ABL em 1912 e, a partir desta data, nunca mais retornasse. Entretanto, nos 100 anos de fundação, nenhum “modernista” se afastou da Academia Mato-grossense de Letras.

De outro lado, Gervásio Leite (1952-1953, p. 89-90) – o editor da iconoclasta *Pindorama* e partícipe do intenso antiacademicismo dos demais periódicos – recebeu o jurista Antônio de Arruda, então Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, de forma pitoresca:

Os acadêmicos sempre sofreram a malícia, a ironia e o sarcasmo de seus desafetos. Para os que dos misteres desta Companhia não participam, somos criaturas mumificadas, prudentemente, segregadas nos sarcófagos desta Casa Barão de Melgaço. Ora, dos juízes muito se tem falado neste mundo, desde que os interesses e as vaidades não podem ser, todas elas, contempladas e premiadas no Fôro. [...]

Não acolhendo, em seu seio, somente os homens de letras, mas atraindo as eminências de todas as atividades, a Academia, nesta noite, vos abre, de par em par, as portas da imortalidade, para vos consagrar como intelectual e como juiz.

Como se vê, os responsáveis pela publicação das cartas em que Lobivar Matos apelidou os imortais da AML de “sapos da Academia”, apontando escritores cuiabanos como preguiçosos, complacentes, pouco criativos, estacionários e conservadores, foram os mesmos que não só justificaram eleições de “não escritores” para a AML como, internamente, rebatiam as críticas dos antiacadêmicos. “A malícia, a ironia, o sarcasmo” a que Gervásio

aludiu apagou a correspondência entre ele e o próprio António de Arruda quando este último confessava preferir a “mediocridade dourada” ao quixotismo do amigo e colega Gervásio.

Finalmente, o último caso de conversão foi o de Benedito Sant’Anna da Silva Freire. No caso de Freire, o poeta nunca foi essencialmente antiacadêmico, muito embora convivesse e apoiasse Wladimir Dias-Pino. Ao consultar os ‘Cadernos de Cultura’, cuja periodicidade é descontinuada entre os anos de 1961 e 1978, vê-se a nostalgia freiriana, ainda que esteticamente afeita ao verso livre. Na 1ª edição, dedicada à icônica boate Sayonara, o poeta publicou o poema ‘Cuiabá – Pátria do meu coração’, de onde se reproduz a estrofe final:

Feliz de quem zarpa pelo mar
e não vê e nem sente
fugindo no reflexo das asas do avião
– como lágrimas coloridas de saudade –
a paisagem verde colonial
da Terra em que nasci! (FREIRE, 1961).

A força telúrica de Silva Freire estava amarrada às imagens convencionais da tradição literária mato-grossense, fazendo referência inclusive à paisagem colonial de uma cidade que sofria intensa transformação no princípio da década de 1960. O tom apologético permaneceu na 2ª edição, intitulado ‘Rondon: silêncio orgânico de flores’. Na capa, o poeta socorreu-se dos valores tradicionais da “cuiabania”, lançando mão do típico “simbolismo duplo” herdado do intensivismo wlademiriano.

SAYONARA: oásis tropical do Centro-Oeste Brasileiro, primitivo HABITAT dos ÍNDIOS COXIPONÉS, ponto de partida da gloriosa civilização cuiabana [...]

RONDON: SILÊNCIO ORGÂNICO DAS FLORES,
cuja crítica literária merece, nesta nossa publicação, os louvores da sensibilidade intelectual de Gervásio Leite e João Antonio Neto, lídimos representantes da Academia Mato-grossense de Letras (FREIRE, 1965).

Ainda que haja a previsível referência encomiástica, no ‘2º Caderno de Cultura’, Silva Freire aprofundou-se na estética absolutamente diversa do canônico. Experimentou a plástica da palavra, inclusive com ensaios da fonética indígena, expressão pouquíssimo explorada na literatura mato-grossense e, por isso, mereceu os rasgados elogios de João Antonio Neto.

Já no ‘3º Caderno’ – ‘Meu chão... Pássaro implume’, publicado em agosto de 1968, Silva Freire manteve a estética da poesia modernista, ligada à desconstrução da métrica convencional e à ambientação regional da temática. No intitulado ‘Poema em Si’, comemorou

o crescimento acelerado da cidade no “progresso-horizontal-vertical-vitória”. Ao final, o escritor reforçou o valor da modernidade, proclamando o progresso:

pois estou atento e de frente
em reverência às máquinas-gente que passam,
no lombo firme do caminho aberto,
rumo à fronteira dilatada no pedestal dos Andes (FREIRE, 1968).

No ‘4º Caderno de Cultura’, lançado em maio de 1971, Silva Freire dedicou os poemas ‘Rio = Equilíbrio’ e ‘A estrada’ aos ideólogos da Transpantaneira e aos mateiros da Cuiabá-Santarém, duas estradas que abriram a Amazônia mato-grossense, impactando profundamente o ecossistema de transição entre Cerrado e Amazônia. O poeta assumiu uma postura amplamente alinhada com o acelerado desenvolvimentismo do governo Garrastazu Médici, pouco cioso da questão ambiental. Sobre a via que seria condenada nas décadas seguintes, o poema ‘A estrada’ idealizou os caminhos da pavimentação:

a estrada inventa
canal de umidade
sintonia plumária
aflição do som, seco
ventilação de espaços (FREIRE, 1971).

Pouca referência crítica se vê à devastação ambiental, uma pauta recorrente na Geração Coxipó que veio na década seguinte. Para Silva Freire, nos anos 1970, “a estrada profissional costura a fisiografia da mata”. Já se sabe que a Transpantaneira (MT-060) causou devastação ambiental na região, fragmentou propriedades, promoveu um avanço da pecuária comercial, contribuiu com o aumento da densidade demográfica e, portanto, auxiliou a transformar a paisagem e o quadro social pantaneiro.

Ao longo das edições seguintes dos ‘Cadernos de Cultura’, Silva Freire dedicou os poemas a personagens heteronômicos do cenário mato-grossense: aos rancheiros, aos oleiros, aos futebolistas, ao clube de engenharia, às tecedeiras e algodoeiros, às irmandades religiosas, enfim, à gama popular que compunha o panorama cuiabano e mato-grossense. Na 8ª edição dos referidos ‘Cadernos’, lançada em 1973, o Prof. Célio da Cunha publicou uma resenha sobre a obra freiriana, na qual afirma que “a contribuição mais importante da poesia de Silva Freire reside nos recursos que emprega para lançar sua mensagem”, o que ressalta o traço estético intensivista, de um lado, e um certo abstencionismo sociopolítico, de outro. No texto, Cunha (1973) percebe o papel da UFMT na formação de uma nova geração intelectual mato-

grossense: “Quando a Universidade toma consciência de seu papel e se propõe a enfrentar o desafio, preparando-se humana e tecnicamente para uma missão dessa envergadura, podemos dizer aliviados: é um sinal dos novos tempos que vão surgir”.

Não seria correto afirmar que Silva Freire absteve-se completamente da questão política nos ‘Cadernos de Cultura’. No 11ª edição – ‘Os meninos de São Benedito’ – lançada na “grande Cuiabá” em 1978, Maria da Glória Albues afirmou que havia uma “poesia de resistência”, sem declinar exatamente contra o quê Silva Freire estaria resistindo. O crescimento urbano e o alargamento da fronteira agrícola foi comemorado na poesia de Freire, assim como a pavimentação de duas estradas que cortaram o Pantanal e a Amazônia mato-grossense.

De qualquer forma, aponta o texto de Albues (1978) para trechos de engajamento social pelos quais estaria consolidado “o compromisso consciente do artista de se posicionar clara e objetivamente contra a imobilidade das estruturas que pretendem oprimir e alijar o homem de seus direitos fundamentais. Denunciando o arbítrio, o poeta assume a função social de sua linguagem”. Talvez a maior resistência de Silva Freire tenha sido de ordem etnográfica. Ao centrar a atenção nos tipos cuiabanos, inventariando aspectos populares, o poeta não rompeu com a tradição, mas promoveu uma rotação temática além da óbvia diferenciação estética.

Célio da Cunha acertou ao indicar os recursos estéticos da poesia intensivista de Freire como a distinção central do seu trabalho. Some-se a isso a opção literária de captar o mais prosaico do provincianismo cuiabano, o elemento ribeirinho, até então sumido da literatura mato-grossense, o linguajar cuiabano e pantaneiro, enfim, a contemporaneidade mesclada à tradição popular. O roteiro sentimental da Cuiabá do princípio do século XX, traçado por Silva Freire na ‘Trilogia Cuiabana’, reforçou a tradição temática saudosista ao mesmo tempo em que esteticamente transformou o convencionalismo praticado até então.

O diálogo freiriano com o cânone literário não se configurou como hostil nem trilhou a linha do rompimento, garantindo-lhe não só uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras, como também a categorização de “herdeiro” das tradições culturais (e acadêmicas). Pelo menos, foi essa a fala do então presidente da AML, Lenine de Campos Póvoas, ao saudar Silva Freire na noite de 03.05.1984:

Numa fase em que as contingências da vida estão determinando uma renovação nos quadros da Casa de Dom Aquino e de José de Mesquita, a presença entre nós, de Silva Freire, é uma garantia de que esta tradicional Instituição, apesar de todos os percalços com que luta, continuará a ser um dos bastiões da defesa das tradições culturais de Mato Grosso (PÓVOAS, 1985, p. 50).

O longo percurso de embate intelectual durou, desde a publicação da Carta Aberta de Lobivar Matos, em *Pindorama*, no ano de 1939, até a Festa dos Novos, em 1951, noticiada em *Sarã*. Esse período de tensionamento entre a AML e os antiacadêmicos que almejavam uma estética diversa do parnasianismo hegemônico legou a ambivalência central na literatura local. De um lado, o convencionalismo estruturado pela dupla Aquino-Mesquita, idealizadores de um passado e proponentes de um futuro de progresso; de outro, os modernistas que, ao firmarem oposição à estética academicista, viam o progresso de Mato Grosso com muitas reservas. Daí surgir uma espécie de antimodernismo, ressaltado pela Geração Coxipó décadas mais tarde, até a informal ACADEMIA DOS MORTAIS, nos anos 2000.

Mesmo o antiacademicismo foi um movimento ambivalente. Inevitavelmente, dialogou com a tradição, reforçando-a de alguma forma. O convívio entre intelectuais que se expressavam de forma estética divergente foi muito mais intenso do que verdadeira a ruptura entre si. Oportuna é a lição de Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1979, p. 353-354). Quando trata do convívio entre o barroco e o clássico, amplia a discussão para a recíproca influência de vários estilos:

O conceito de período literário, tal como o entendemos, implica ainda outra consequência muito importante: os períodos não se sucedem de modo rígido e linear, como se fossem entidades discretas, blocos monolíticos justapostos, mas sucedem-se através de zonas difusas de imbricação e de interpenetração. Um sistema de normas não se extingue abruptamente, num determinado ano e mês, como também não se forma num jacto, subitamente. Também aqui, neste domínio, opera o inexorável ritmo dialético do tempo; em cada período, na síntese cultural e artística que lhe é própria, pulsa a herança do passado e prefiguram-se, em haustos mais ou menos pronunciados, as feições do futuro. O processo de formação e desenvolvimento de um período literário é vagaroso e complexo, subsistindo em cada período novo, em grau variável, elementos do período anterior.

A Geração Coxipó se constituiu com essa ambivalência, sobretudo porque Wladimir Dias-Pino, o incentivador dos jovens estudantes que perambularam pelo “Baixo Coxipó”, ressurgiu no cenário intelectual mato-grossense como responsável pela gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso. Nessa época, Dias-Pino já contava com 45 anos, estava maduro e consolidado com publicações como *A máquina que ri* (1941), *A ave* (1956), *Os corcundas* (1954), *Numéricos* (1961), *Poema-processo* (1967) e *Solida* (1956; 1968).

Foi Dias-Pino o responsável por intervir em vários projetos gráficos das primeiras publicações coletivas e individuais, influenciando diretamente autores sumidos do radar da crítica literária mato-grossense como, por exemplo, Wilson Araújo Coutinho, cuja criativa produção ficou represada entre os anos de 1975 e 1979 e deve ser tratada como um caso à

parte. Trata-se de um dos raros autores cujas influências diretas do Intensivismo foram sentidas nas pequenas brochuras em série que produziu sob selos fictícios de editoras: Igrejinha, Trabuquius, Zebrinha etc. Como era do feitio de Wladimir, a tônica foi o enfrentamento estético, mas Coutinho aprofundou-se conferindo à literatura um viés político bastante diverso do que o cânone professava.

O recorte que interessa ao presente estudo, no entanto, dá-se na segunda metade da década de 1980, período em que se formava a irreverente Geração Coxipó a produzir o ‘Saco de Gatos’, uma toalha cuja diagramação partiu justamente de Dias-Pino. O intensivista continuou a trabalhar mais discretamente, distante de manifestos e polêmicas em jornais, apontando com a própria obra caminhos alternativos ao academicismo que se tornara ainda mais cristalizado com a morte de José de Mesquita, em 1961. Na altura, Dias-Pino já era reconhecido fora do Estado de Mato Grosso, retornando para contribuir com a gráfica da recém-fundada Universidade Federal, de onde saíam os escritores contemporâneos e a respectiva crítica literária mais sistemática e menos evocativa.

2.2 – O nascimento da Geração Coxipó

A situação ‘revolucionária’ desta bosta mental sul-americana apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário – era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda.

(Oswald de Andrade, 1933 – Prefácio de Serafim Ponte Grande)

Muito antes de se constituir uma “geração”, conjunto que se contamina e compartilha de uma determinada estética e temática, conforme definiu Maffesoli (2014), o grupo de jovens estudantes que circulava pela Universidade Federal de Mato Grosso e no “Baixo Coxipó” era bastante heterogêneo. Composto por subgrupos interessados em música, teatro e *performances*, a nova geração de escritores ainda não existia como tal até o final dos anos 1980, fosse pela errática produção textual, fosse pela distância entre um e outro integrante.

Desde lá, entretanto, guardavam duas pautas mutuamente complementares, que se aprofundaram anos depois com as produções coletivas e individuais: a reação à migração sulista e a defesa do meio ambiente. Com maior ou menor intensidade, os jovens dos anos 1980 que compunham as primeiras músicas, as primeiras peças teatrais e os primeiros versos expostos em varais na Universidade Federal de Mato Grosso, ou já publicados em toalhas de mesa

espalhadas por bares do entorno da UFMT, reagiam às “invasões bárbaras”. Julgavam pertencer a uma comunidade fechada que estava sofrendo atentados culturais de elementos alienígenas.

O essencial de um movimento cultural, principalmente literário, é ter uma pauta. É ela que amalgama quem se dispõe a pertencer à tribo inventada. Segundo Michele Touret (2005, p. 646):

Um movimento literário pode ser identificado por um certo número de traços que o constituem como movimento, isto é, como um conjunto de escolhas e de práticas estéticas visíveis e legíveis, em textos singulares e que se definem por um pertencimento comum a princípios, por visadas comuns e julgamentos homólogos sobre o contexto presente e sobre a herança literária.

Qual seria o centro de gravidade dos jovens escritores da Geração Coxipó? Talvez essa nascente geração tenha uma certidão de nascimento, um marco que pouco se relacionava com literatura, mas retratava perfeitamente o *esprit du temps*. Ainda que o grupo cuiabano não tenha lançado mão de manifestos como o fizeram os modernistas paulistas, a plataforma temática foi delineada por Wladimir Dias-Pino, com a ajuda de Viviane Amaral, Heitor Queiroz e Cristina Campos, entre outros. No raro documento, é possível pressentir sobre quais bases seria constituída a produção literária futura dos escritores que emergiam dos anos 1980.

FIGURA 3 – Manifesto da Geração Coxipó, divulgado em 1986.

APELIDAR COMO QUEM ROXA PRAGA

Somos, na medida que se busca novas particularidades, to-
talmente (com a proteção do Negrinho da Besavença), contra o caipirismo figurativo
e cabloco que logotepeia (na medida de suas necessidades) essa merda de pacto cen-
tro-oeste.

* Só depois de sabermos o que somos, sabermos o que quere-
mos.

Não queremos, por razão de contágio, nos aproximar do go-
verno central pela mesma razão periplégica do putocrata do AIDS opressor das "estre-
las". Mato Grosso, em hipótese alguma, pode se transformar num campo experimental
de provas sociais desesperadas do poder brasílico diante das ameaças necessárias das
mudanças de verdade.

* Trata-se de resistir.

A divisão do Estado até historicamente desnecessária, no
entanto confirmou nosso distanciamento da corte palaciana, dos puxa-sacos do poder,
estados periféricos, com mensalidade de subúrbio paulista.

* O sentimento de afirmação da identidade de um povo é a
sua invenção maior.

À adaptação da invenção bovina, Mato Grosso tem que eper-
ar a vecação amazônica de nova gente.

* Ora esta, cada espaço de um índio morto é ocupado por
uma dúzia de bois.

A aculturação pecuarista é ferrada pela homogeneização do
capim que o boi provoca no meio ambiente, esgotando a variedade do ambiente, ru-
inação constante dos mesmo modelos.

* Estatística de relatório à parte. Já deu certo ?

O favorecimento de óleo sobre tela é a pura exploração de
pobre pintar que entra com o custo (tela, tinta e tempo) enquanto que os ornais pa-
trocinadores oferecem salas belpintas e a fitinha verde-amarela. E o que é mais im-
portante: dependuram o quadro na parede.

* Queremos sim uma arte ecológica/terraantropológica (co-
mo a ceva).

Não é a tua que o predomínio da arte primitiva em nosso
meio fica legitimada por conta da total desinformação das artistas (que não tem a
cesso a material informativo) e das instituições de cultura que se nomeiam a organi-
zação de eventos de atualização, atualização como estratégia de denúncia ideol-
ógica.

* Informação, rigorosamente, como resistência.

Que a Mãe de Ouro (de Santo Antônio) cape su deixo ren-
de as estrelas passageiras do turismo cultural que toma através de um hábito ofi-
cial, a grana dos órgãos públicos, enquanto nossos artistas tem que se transformar
em funcionários públicos, na obediência mecânica de bardeiros de ponto, como elori-
ficação de seu sucesso como cabô eleitoral.

* Soltemos nosso esquadrão "aedis agipis" contra esses
pauz rodados.

Assim como os artistas folclóricos depois de privilegiar
se apropriam dos temas (esses simples pretextos), as damas de cultura de boutique,
errando o endereço da Pró-Sol sem a mínima experiência de produção cultural, se
apropriam dos cargos públicos... para confirmar em forma de desrequalificação
para casa no fim da administração até os fichários de endereços.

* Fora de Curitiba é e silêncio.

Hoje não há mais condições de unanimidade de pintores. Le-
rais votarem no nome de um só crítico federal para que depois de eleito votasse, em
um crítico regional que por sua vez responsabiliza o artista regional, com o prêmio
em Salão Nacional, na empolgação de quem arte não está no eixo Rio-São Paulo. Que
história besta essa de crítico que nunca escreveu um livro de criação se arvorar de
renome nacional ?

* Relação dialética nunca foi política cultural de camag-
lacha populista.

A razão de existir deste X Salão Jovem Arte - Mato-Grossense
se não é sua exposição, mas sim este manifesto.

* Pela dinâmica igualitária reservada ao risc.

A GERAÇÃO COXIPÓ não tem a arte como necessidade primeira
de realização individual, mas o ético. Sendo desportante, (sua preocupação com a
natureza por exemplo) se zeste no direito de criticar tudo.

* Desejamos as assombrações do Bate-Breca, para nos ilu-
minar de calor cuiabano. Bes bons !

Deveração ? Temos os fósforos.

GERAÇÃO COXIPÓ

Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

Em 1986, durante a 10ª edição do Salão Jovem Arte, o grupo de jovens intelectuais que assinou somente como “Geração Coxipó” distribuiu o irreverente manifesto de oposição à estética regional primitivista, além de denunciar outras questões ligadas à cultura mato-grossense. Em pleno terceiro grande fluxo migratório sulista para o Centro-Oeste, a percepção

dos escritores da “Geração Coxipó” foi de invasão que, tendo essa natureza agressiva, mereceria uma reação igualmente hostil. É o que se lê no texto, de forma explícita. O tom empregado é inamistoso, contrário à participação de “críticos” de fora, sem qualquer ligação com Cuiabá.

No começo do manifesto, a estética da exposição foi denominada “caipirismo figurativo e caboclo”, porque os jovens intelectuais buscavam o diálogo artístico mais amplo e menos repetitivo. Justificaram a opção artística como falta de conhecimento, de técnica, de intercâmbio cultural. Essa proposição provavelmente era a mesma de um dos inspiradores do grupo: Wladimir Dias-Pino, que buscava obsessivamente a forma geométrica, limpa, racional. Aliás, Dias-Pino compunha o júri dessa 10ª edição do prêmio, ao mesmo tempo em que escrevia e insuflava os jovens a lançar o manifesto contra a organização da premiação.

O que mais interessa, entretanto, não era discutir propriamente a percepção sobre as artes plásticas, mas as motivações dessa autodenominada Geração Coxipó. É preciso sublinhar a palavra “resistência”. Esses jovens resistiam ao que consideravam uma invasão cultural, posicionando-se enquanto grupo contra a homogeneização que viria como consequência. Resistiram e reagiram contra o agronegócio, identificado na pecuária que demanda o massivo desmatamento amazônico. De um lado, queriam a expansão da cultura mato-grossense, o contato com os grandes centros a fim de buscar conhecimento, mas não estavam dispostos a perder a identidade própria. Tal tensão geográfica entre o binômio dentro/fora, nosso/deles, antigo/moderno, ultrapassado/atual, progresso/conservação e, finalmente, cuiabano/pau-rodado marcou indelevelmente de ambivalências a produção literária.

A corrida para o Centro-Oeste foi chamada de “merda de pacto Centro-Oeste”, uma política pública da ditadura de incentivo da ocupação da terra, mais especificamente de terras do interior do Estado de Mato Grosso. A depreciação do “poder brasílico”, percebido na preferência a Mato Grosso do Sul é, tudo indica, resultado do ressentimento cuiabano com a divisão do Estado ocorrida em 1977 e ultimada em 1979. Os ânimos ainda estavam exaltados a ponto de ser considerada “historicamente desnecessária”²¹ a divisão territorial,

²¹ A divisão do Estado de Mato Grosso é enxergada com a mesma ambivalência com que a literatura foi tratada. Os partidários do unitarismo, cuiabanos na grande maioria, defendiam que o sul não portava condições estruturais para obter e manter a autonomia administrativa, enquanto os próprios sulistas acusavam Cuiabá de centralizar a arrecadação e a aplicação de tributos. O pano de fundo – a questão política mal resolvida da representatividade sulista – viu-se, portanto, maquiada em favor de argumentos de ordem técnica. No entanto, sobrava ressentimento na linguagem e no trato recíproco, postergando a mágoa até meados dos anos 1990. Um bom exemplo é o posicionamento de Maria de Arruda Müller, escritora e integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, ela mesma filha do Coronel Generoso Ponce, de larga tradição no “caudilhismo mato-grossense”. No livro *Cuiabá ao longo dos 100 anos*, que escreveu em parceria com Dunga Rodrigues, Maria Müller deixou vazar o mesmo sentimento externado pela Geração Coxipó. Vejamos: “[...] para satisfazer os anseios do sul, principalmente de Campo Grande, o nosso Mato Grosso sofreu a amputação de mais uma área de seu território”. A divisão é tomada por amputação,

realizada no mandato de Geisel. É claro que estamos lidando com o ponto de vista cuiabano sobre o desmembramento, que recebeu a decisão de Brasília com enorme pesar e até hoje causa algum ressentimento.

O manifesto é partidário da “vocalização amazônica” da “nossa gente”, dois elementos centrais para a compreensão da produção literária do período, sobretudo desse grupo denominado “Baixo Coxipó” que se reunia no entorno da Universidade Federal de Mato Grosso: a referência ao nativismo, aos valores inerentes à terra estão mensurados proporcionalmente à identidade cuiabana, da “nossa gente”. Evidentemente que, ao apontar que gente é nossa, o grupo também dirá que “nossa gente” não são os forasteiros, tratados como “paus-rodados”. E, como já apontado, “pau-rodado” é o que havia de pior no repertório cuiabano para designar o migrante, também identificado como inimigo da terra, a ser tratado com reação equivalente ao gravame da chegada imprevista, sem eira nem beira, pretendendo decalcar a cuiabania de suas características.

“Trata-se de resistir”, como consta no manifesto. Resistir contra a invasão alienígena, contra o desmatamento florestal, contra a poluição dos rios e contra a exploração da mão de obra local. Resistir contra a grande empresa capitalista e seus ganhos exorbitantes, contra a descaracterização cultural imputada ao fluxo migratório, contra a imposição de uma visão sobre outra. Esse grito de resistência identificava o morticínio indígena, a devastação ambiental, tudo em razão da pecuária e, logo depois, do agronegócio em geral. A resistência também era dirigida lateralmente contra o empreguismo público, que subordinava os artistas e o sistema de avaliação em certames. Lutava-se contra quase tudo e quase todos, em resumo.

A Geração Coxipó reagiu intelectualmente contra o fluxo migratório, contra o divisionismo de Mato Grosso, contra a nova geografia, contra o novo modelo produtivo, através de uma resistência política. O manifesto mostra a união dessa tribo que se ligava pelos interesses comuns de fruir literatura e música, arte e dramaturgia.

Percebe-se a mesma pauta temática nas primeiras publicações dos autores que formavam o grupo ou com ele aderiam ideologicamente. Nascia, então, a “contracultura cuiabana”, com mira nos campos hegemônicos até então pouco questionados ou questionados sem efetividade. As armas foram a ironia, o escárnio, a exposição ao ridículo.

realizada a contragosto. Mais adiante, prossegue: “O equívoco dos políticos do sul, que ansiavam pela hegemonia administrativa e política, por acreditarem que a região estava sendo espoliada pelo ‘governo de Cuiabá’, veio desfazer-se com o desenrolar do tempo, mostrando que as dificuldades continuam cada vez mais prementes, tanto num como em outro Estado” (MÜLLER; RODRIGUES, 1994, p. 174-175).

APELIDAR COMO QUEM ROGA PRAGA

Somos, na medida em que se buscam novas particularidades, totalmente (com a proteção no Negrinho da Desavença), contra o caipirismo figurativo e caboclo que logotepeia (na medida de suas necessidades) essa merda de pacto Centro-Oeste.

* Só depois de sabermos o que somos, saberemos o que queremos.

Não queremos, por razão de contágio, nos aproximar do governo central pela mesma razão periplégica do putocrata do AIDS opressor das 'estrelas'. Mato Grosso, em hipótese alguma, pode se transformar num campo experimental de provas sociais desesperadas do poder brasílico diante das ameaças necessárias das mudanças de verdade.

* Trata-se de resistir.

A divisão do Estado, até historicamente desnecessária, no entanto confirmou nosso distanciamento da corte palaciana, dos puxa-sacos do poder, estados periféricos, com mensalidade de subúrbio paulista.

* À adaptação da invenção bovina, Mato Grosso tem que opor a vocação amazônica de nossa gente.

* Ora, cada espaço de um índio morto é ocupado por uma dúzia de bois.

A aculturação pecuarista é ferrada pela homogeneização do capim que o boi provoca no meio ambiente, empobrecendo a variedade da natureza, ruminação constante dos mesmos modelos.

* Estatística de relatório à parte. Já deu certo?

O favorecimento do óleo sobre tela é a pura exploração do pobre pintor que entra com o custo (tela, tinta e tempo) enquanto que os órgãos patrocinadores oferecem salas bolorentas e a fitinha verde-amarela. E o que é mais importante: dependuram o quadro na parede.

* Queremos, sim, uma arte ecológica / terra antropológica (como a cova).

Não é à toa que o predomínio da arte primitiva em nosso meio fica legitimado por conta da total desinformação dos artistas (que não têm acesso a material informativo) e das instituições de cultura que se negam a organizar formas didáticas de atualização. Desinformação como estratégia de domínio ideológico.

* Informação, rigorosamente, como resistência.

Que a Mãe do Ouro (de Santo Antonio) cape ou deixe rendido as estrelas passageiras do turismo cultural que toma, através de um hábito oficial, a grana dos órgãos públicos, enquanto nossos artistas têm que se transformar em funcionários públicos, na obediência mecânica de batedores de ponto, como glorificação de seu sucesso como cabo eleitoral.

* Soltemos nosso esquadrão *Aedes aegypti* contra esses paus-rodados.

Assim como os artistas folclóricos depois de privilegiar se apropriam dos temas (esses simples pretextos), as damas de cultura de boutique, errando o endereço da Pró-Sol, sem a mínima experiência de produção cultural, se aprimoram dos cargos públicos; para confirmar em forma de desrecale, carregam para a casa no fim da administração até os fichários de endereços.

* Fora de Cuiabá é o silêncio.

Hoje não há mais condições de unanimidade de pintores locais votarem no nome de um só crítico federal para que depois de eleito votasse em um crítico regional que por sua vez recompensaria o artista regional com o

prêmio em Salão Nacional, na empolgação de que a arte não está no eixo Rio-São Paulo. Que história besta essa de crítico que nunca escreveu um livro de criação se arvorar de renome nacional?

* Relação dialética nunca foi política cultural de cambalacho populista.

A razão de existir desse X Salão Jovem Arte Mato-grossense não é sua exposição, mas sim este manifesto.

* Pela dinâmica igualitária reservada ao riso.

A GERAÇÃO COXIPÓ não tem a arte como necessidade primeira de realização individual, mas o ético. Sendo comportamento (sua preocupação com a natureza, por exemplo), se sente no direito de criticar tudo.

* Invoquemos as assombrações do Bate-Broaca para nos iluminar do calor cuiabano. Dos bons!

Devoração? Temos os fósforos.

GERAÇÃO COXIPÓ

Eis a “certidão de nascimento” da tribo intelectual que se formava nos anos 1980. Além de atestar a existência do grupo, cuida-se da exposição de motivos não necessariamente literário (como se praticava nos movimentos modernistas da geração anterior), mas um norte mais amplo para a cultura mato-grossense. As razões do desconforto da jovem intelectualidade serão percebidas em todos os segmentos culturais: nos grupos de teatro, nos círculos de escritores e mesmo entre os artistas plásticos de Cuiabá. Basicamente, convergem para o “cuiabanocentrismo” num jogo de ambivalência que os próprios integrantes dos grupos universitários não perceberam.

Até mesmo a linguagem radical revela um esforço de afirmação, apontado por Gilberto Mendonça Teles (1997, p. 401): “Uma geração só começa a existir no dia em que não acredita nos que a precederam, e só a partir desses movimentos que curtem hoje a sua própria ideologia, o que se tem de novo não passa de diluições e muitas vezes de cabotinismos autopromocionais”.

“Fora de Cuiabá é o silêncio”, repetem os signatários do manifesto. Mas o fazem com uma inversão dramática quanto à tradição, ainda que aparentemente a mimetizem. De fato, Aquino, Mesquita e Virgílio projetavam uma imagem de isolacionismo mato-grossense e cumpriam o programa fundacional do IHGMT e da AML, a partir da perspectiva cuiabanocêntrica. Todavia, o grupo intelectual responsável pela cartilha nativista acreditava no progresso por meio da atração, do convite, da promessa de prosperidade aos habitantes de outras localidades. O programa de ensimesmamento cultural do grupo tradicional, combatido pelos jovens da Geração Coxipó, aprofunda-se tanto que não há qualquer constrangimento em manter-se expressamente centrado na cidade, inclusive em termos culturais, expurgando as diferenças, identificadas como “invasões bárbaras”.

Qual seria a diferença entre o manifesto ‘Apelidar como quem roga praga’ e a observação de José de Mesquita sobre o caráter do cuiabano? É importante comparar o texto de 1986 com outro anterior, de autoria do presidente perpétuo da AML:

O cuiabano sempre foi de um largo espírito de hospitalidade, que mede meças ao tradicional acolhimento da gente montanhesa, e, além disso, de uma extrema tolerância. Quando, porém, ferido no seu pundonor, na sua ombridade, na pessoa de um de seus filhos diletos, levanta-se como um leão e reduz o agressor, pela força do ridículo, às mais grotescas proporções (MESQUITA, 1978, p. 238).

Percebe-se que a distância ideológica não é tão intensa, capaz de retratar uma verdadeira ruptura com a tradição conservadora, marcadamente bairrista e nostálgica. Ver-se-á, mais adiante, que as expressões usadas na tradição literária regional são praticamente as mesmas.

FIGURA 4 – Grupo Gambiarra, na década de 1990.



Fonte: ACERVO DE IVAN BELÉM, 2019.

A “resistência” nativista, que é o conceito central do manifesto da Geração Coxipó de 1986, foi também empregada: pelos atores do grupo Gambiarra, em que estavam Liu Arruda e Ivan Belém; pelos irmãos Calhao, responsáveis pelo Muxirum Cuiabano; e, também, nas publicações literárias artesanais dos jovens escritores. O uso dos personagens fabulosos de lendas mato-grossenses fazia as vezes de “senha” para diferenciar quem era e quem não era da terra. É por isso que, no manifesto, estão citados o “Negrinho da Desavença”, a “Mãe do

Ouro”, o “Bate-Broaca” e até mesmo o mosquito *Aedes aegypti* como forma de resistência aos forasteiros despreparados para a dengue e outras encrências, transmitidas por esse batalhão nativo de representantes da terra.

Quem não dominasse essa linguagem cifrada que falava aos conterrâneos, não poderia perceber toda a extensão do manifesto e, por isso, o documento possui senhas, chaves, códigos, essencialmente cuiabanos. É o exemplo do termo “invenção bovina”, que poderia significar, a um só tempo, uma forma de menosprezar a atividade pecuária (para intérpretes desacostumados com as particularidades da terra) e uma crítica aberta ao artista Humberto Espíndola, que vivia entre Cuiabá e Campo Grande-MS, dando quase sempre preferência à cidade sulista, nova capital de Mato Grosso do Sul. Este é um caso de mensagem criptografada que somente os nativos poderiam entender.

O conhecido hábito cuiabano de apelidar é utilizado pelo grupo manifestante. É por isso que o título do manifesto é ‘Apelidar como quem roga praga’, já que os apelidos cristalizam-se e passam a compor a imagem pública do apelidado. Isso significa que a visão nativa não queria apenas resistir, mas se tornar dominante ou, pelo menos, reagir à altura. É a forma de “integração” com o cuiabano, a maneira da “nossa gente” compreender o outro e o classificar – se amigo, se inimigo. Nominar o chegante, o migrante, o forasteiro, enfim, é um gesto político e quem escreveu o manifesto tinha plena ciência desse poder.

Os jovens estudantes da UFMT reuniam-se de forma instável em grupos que se formavam e se desfaziam sob o signo da fluidez. A defesa do meio ambiente, da “nossa gente”, “nossas coisas”, além do prazer de estar-junto-com formaram o núcleo literário do “Baixo Coxipó”. De um lado, o grupo mais inclinado à música: Pio Toledo, Amauri Lobo, Cristina Campos, Ronaldo Muniz e Eliete Costa, Claudemir José dos Santos, Pedro das Gordas, Iracildo Menezes, Antônio Carlos Lima e André Balbino, entre outros. Havia a nascente banda ‘Caximir Bouquet’, com Capilé Charbel, Eduardo Ferreira, André Balbino, Paulé e Ana Amélia Marimon; mais tarde, somaram-se Amauri Lobo e Luiz Renato, contando com participações especiais de Fernanda Marimon, Antônio Sodré (Sodrezinho) e do próprio Antônio Carlos Lima (Toninho). De outro lado, havia o grupo que praticava teatro formado por Lorenzo Falcão, Chico Amorim, Maurício Leite, Fátima Sonoda, Mara Ferraz, Carlão Gattas.

FIGURA 5 – Espetáculo teatral ‘O Capote’, em 1988.



Fonte: ACERVO DE LORENZO FALCÃO, 2019.

Os *shows* de música, teatro e outras *performances* na Universidade Federal de Mato Grosso e na Casa de Cultura formataram as primeiras expressões dos múltiplos grupos que sonhavam com as trocas culturais com todo o Brasil, mas defendiam as tradições cuiabanas contra os “invasores sulistas”. Nesse contexto, foi pioneiro o espetáculo poético-musical do Bando Gira na Casa da Cultura, seguido pelo Mecânica da Palavra, de Chico Amorim, Juarez Cupertino e João Sebastião. Na sequência, surgiram o grupo Pé-de-Moleque (com produções infantis), Novos Caretas (depois Grupo de Risco) e o longo Caximir Bouquet.

FIGURA 6 – Luiz Renato, Eduardo Ferreira e Amauri Lobo, do Caximir Bouquet.



Fonte: ACERVO DE LUIZ RENATO SOUZA PINTO, 2019.

A geração dos 1980 não se constituiu uniformemente, tampouco firmou um pacto ou escreveu um manifesto tradicional de cunho essencialmente literário. O caso do “Manifesto da Geração Coxipó” constituiu uma exceção e não falou por todos os escritores que formaram a geração literária da virada do século XXI. Ainda assim, foi um dos marcos históricos para o qual se enfeixaram as intencionalidades que, curiosamente, deram sequência ao “cuiabanocentrismo”, bandeira da dupla Aquino-Mesquita mimeticamente adotada pela Academia Mato-grossense de Letras que se tornou motivo de troça, anos mais tarde.

Esses jovens não frequentavam os mesmos locais. O que havia, entre o final da década de 1980 e princípio da década de 1990, era uma pluralidade de núcleos, sejam duplas, trios ou grupos reduzidos de amigos. Aclyse de Mattos e Gabriel de Mattos, depois de concluir os estudos no Rio de Janeiro, voltaram para Cuiabá, da mesma forma que Ivens Cuiabano Scaff, que andava pelo Coxipó com Beto Seror, Adriângelo Antunes e os irmãos Avallone. Regressando à capital mato-grossense, encontraram uma efervescência em torno da Universidade Federal, com a participação de alguns professores como Maurília Valderez Amaral, por exemplo, que os incentivavam ao estudo das ciências sociais.

A fragmentação presente nos anos 1980 foi cerzida somente com o advento dos primeiros periódicos, onde as publicações evidenciaram a primeira noção de conjunto. A maioria dos artistas amadores desapareceu porque não deixou registro, em revistas ou livros publicados, como foi o caso de Chico Amorim. Muitos consideravam-se “artistas multiplataforma”, mas não se empenharam na literatura e, por isso, não são considerados escritores. O que publicaram resume-se a poemas veiculados em meios não convencionais como varais, panfletos, toalhas de papel e libretos fotocopiados vendidos folha a folha. Ou, no caso de Eduardo Ferreira, a um único livro – *Eu nóia*, de 2006 – num período de trinta anos.

A seleção de textos sempre esteve a cargo dos “editores” do período, principalmente de Wander Antunes. Foi ele a figura essencial para a formação da nova geração literária mato-grossense, nem tanto pela própria produção em termos de literatura, mas pelo protagonismo, regularidade e organização dos periódicos. No processo de recebimento dos textos, da formação do *casting* de autores e da seleção do material a ser publicado e descartado foi que Wander Antunes intuitivamente estruturou uma estética distante da retórica academicista e do velho parnasianismo, dando voz à temática defensivista cuiabana, ao repúdio ao progresso da capital mato-grossense, ao protesto às “invasões bárbaras” dos forasteiros. O conteúdo da revista *Vôte!* não reproduziu o tom laudatório da estética tradicionalista da Academia Mato-grossense de Letras, mas posicionou os jovens autores na mesma armadilha autorreferente da cuiabanidade, aspecto da modernidade registrado por Berriel (2000, p. 11):

[...] há uma dimensão de continuidade no Modernismo. A maior parte dos estudos realizados até agora sobre o Modernismo tem-se ocupado, principalmente, com o ato de ruptura que as obras desse movimento praticaram de fato. Há, entretanto, uma outra face: o acervo do Modernismo comporta, para além da ruptura, essa forte dimensão de continuidade a que estamos aludindo. Uma continuidade que reside não tanto nos aspectos propriamente literários ou plásticos, mas principalmente nos aspectos programáticos que unem visão social e intencionalidade estética decorrente.

Foi Wander Antunes, ao encomendar contos e poesias para abastecer a *Vôte!* e outras revistas, quem uniu o poeta “bem comportado” Ivens Cuiabano Scaff com os anarquistas Eduardo Ferreira, Amauri Lobo, Luiz Renato, juntou Toninho e Sodrezinho aos irmãos Gabriel e Aclise de Mattos. Foi Wander quem conquistou a participação regular de Lucinda Persona e de Ricardo Guilherme Dicke, e não deixou de fora poetas como João Bosquo, Lorenzo Falcão, Cristina Campos e, por fim, Marta Cocco, nomes que fizeram da *Vôte!* o berçário literário da nova geração.

Importa identificar, em termos literários, em que momento pode ser identificada essa nova geração de escritores. Sabemos que a dupla pauta a que se dedicavam – o meio ambiente e o nativismo – percorreu os primeiros textos. Contudo, geração literária guarda um outro cariz. Na ruptura com o passado imediato, no descolamento estético e na rejeição da forma é que geralmente se vê a força geracional, ainda que haja posteriores acomodações. Conforme Guillermo del Torre (1971, p. 64):

De ahí que cada generación, enteramente merecedora de este nombre, que surja signifique una ruptura y una inauguración al mismo tiempo. Ruptura, desasimiento del pasado inmediato – el que más pesa, del que interesa zafarse –; inauguración, deseo de abrir rumbos en el futuro indeterminado, pero, a la par, paradójicamente cierto. Afirmarse por sí propio – resorte de lo generacional – es ante todo reaccionar contra los inmediatamente predecesores.

Àquela altura, com o lançamento da revista *Vôte!* em 1991, não houve retorno às estratégias amadoras de produção literária. A nova geração seguiu contribuindo com os periódicos de Wander Antunes e, depois, de Juliano Moreno, estreitando uma ligação social até então fragmentária. Os periódicos dos anos 1990 também contribuíram para que Mário César Silva Leite (2009) invocasse a noção de “sistema literário”, de Antonio Candido.

Tratando-se da literatura produzida em Mato Grosso, quem forjou a alternativa ao academicismo em crise foram os editores das revistas *Vôte!*, *Estação Leitura* e *Fagulha*. A união entre produtores, público e difusores, no entender de Mário César Silva Leite, constituíram várias das suas fases. Ocorre que, sobre o século XXI, Mário Leite (2009, p. 23-24) hesitou na manutenção da definição de “sistema literário”:

Nos primeiros anos do século XXI, há todo um esforço para a constituição de um sistema literário sólido e expressivo para a literatura brasileira produzida em Mato Grosso, sem descartar ou desprezar a produção anterior. A diferença com os dois sistemas anteriores é que essa tentativa encontra-se frente a uma produção muito mais variada e sem um aparente elo. Se para as gerações anteriores a amálgama, força motriz e centrípeta dos sistemas foi o veio regionalista, para a produção dos anos 90 em diante, esse tom é bem menos expressivo e coeso. Há obra de poetas, contistas e romancistas nativos ou não, que se debruça sobre os mais variados aspectos da existência humana, sem preocupação e, sem a conexão, com uma possível localização geográfica ou mesmo fugindo conscientemente, no mais das vezes, do discurso regionalista, no mais das vezes, redutor. Esse procedimento desloca e ao mesmo tempo problematiza significativamente o eixo central da constituição do sistema literário. Simultaneamente a isso, há o surgimento de uma crítica especializada que tem diretamente a ver com a constituição desse sistema, uma vez que passa a legitimar, canonizar, incluir e excluir autores e obras respaldada no ‘conhecimento’ e ‘rigor’ especializado.

Um mergulho mais profundo na formação da nova geração de escritores dos anos de 1980 a 1990, entretanto, aponta para o contrário do pressentido por Mário César Silva Leite. Havia a coesão de um grupo de escritores que permaneceu unido até a atualidade, orbitando em torno da *Vôte!*, entrincheirado na defesa da terra, reagindo conjuntamente a fenômenos internos e externos, em duplo combate. Se havia inimigos que vinham de fora para afetar o ritmo provinciano de *belle époque* cuiabana, havia também os de dentro da capital, que teimavam nos padrões literários considerados ultrapassados.

O que pode ter confundido a crítica literária sobre os fins do século XX é o caráter fragmentário dessa nova geração. Como não estavam reunidos em associações literárias ou outros centros intelectuais, pode ser que essa dispersão tenha sido interpretada como “desconexão”. No entanto, registra-se nos autores de diversos grupos diferentes a convergência estética e temática, a contaminação de todos com uma pauta emergente em Cuiabá, principalmente.

De fato, sem uma instituição única para abrigar todos os escritores, que estavam ocupados com seus próprios negócios e produções, é raro encontrar registros coletivos que sejam mais do que o já sedimentado nos periódicos e nos primeiros livros coletivos. Fisicamente, portanto, poderiam estar distantes. Intelectualmente, acabariam se aproximando de muitas formas diferentes, principalmente por meio da periodicidade da revista *Vôte!*.

Arrimado nessa espécie de arqueologia cultural, Everton Almeida Barbosa (2009) descreveu o movimento dos anos 1980 e 1990 com mais clareza. Para ele, os autores do período estavam suficientemente contaminados com um mesmo projeto de modernização literária com pautas comuns. Barbosa (2009, p. 158) percebeu a formação do novo grupo de escritores:

O ‘lado’ universitário não se mostra tão estanque, haja vista os trabalhos de Magalhães e Leite, talvez porque a questão do regionalismo não seja um problema para os acadêmicos da Academia Mato-grossense. Para estes, o problema (e o objetivo), ainda segundo Leite, é elevar a ‘legítima’ cultura mato-grossense à esfera representativa nacional. Mesmo assim, percebe-se também que há uma leva de escritores recentes publicando literatura por uma também nova leva de editoras, nacionais e locais. Autores como Lucinda Persona, Aclyse e Gabriel de Mattos, Wander Antunes, a própria Hilda Magalhães, Marta Helena Cocco, Marilza Ribeiro, Luciene Carvalho, Luiz Renato, Teresa Albuês; editoras como TantaTinta, Cathedral e Carlini & Caniato; revistas como a extinta revista eletrônica (hospedada no *site* da UFMT) Prosa Virtual e outras como a Verso & Prosa e Dazibao e, principalmente, a revista *Vôte!*, instrumentos de divulgação que instauraram uma espécie de *boom* literário mato-grossense alternativo; todos vinculam-se à ‘cultura mato-grossense’ de uma maneira diferente, menos apologética e ufanista, daquela mantida pela Academia Mato-grossense.

Há um padrão coletivo quanto à estética e à temática, com poucos desvios individuais. A geração dos anos 1980 e 1990 não tirou os olhos de Mato Grosso, nem diversificou os temas regionais já abordados por gerações anteriores, mas tratou a mesma matéria-prima de forma diversa – do anárquico ao lúdico, longe do maneirismo convencional, sem o passadismo costumeiro das crônicas históricas que se plagiavam umas às outras, distante da tônica moralizante, cívica e religiosa da geração de Aquino-Mesquita.

O que se vê, com mais ênfase nos anos 1990, não é a Cuiabá dos ervais, da poaia, das flores delicadas e dos rios pródigos de peixes. É, ao contrário, uma metrópole cimentada, esfumaçada, miscigenada e sensual; os bairros da periferia entraram em cena, as cidades do entorno ganharam importância nessa nova geografia do olhar. A “periferia” que Luciene Carvalho dizia ser uma característica sua era, na verdade, uma qualidade de todos os escritores dessa nova geração e de muitos outros que interagiam parcialmente com ela. O periférico não era o fisicamente distante, mas o não integrado, não reconhecido, não hegemônico, não central.

O crescimento da “periferia literária” – que já havia começado com Lobivar Matos, Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dicke, Teresa Albuês, Marilza Ribeiro –, prosseguiu com mais contundência entre os mais jovens. A periferia não significava somente pobreza e exclusão social, e sim a carência de apoio, reconhecimento, atenção, divulgação e mercado consumidor. A “periferia” apresentava um segundo sentido: a rotação no eixo da Casa Barão de Melgaço, sede do Instituto Histórico e Geográfico Mato-grossense, para a Universidade Federal de Mato Grosso, que não só representava a migração do poder simbólico intelectual do centro para o Coxipó, mas também uma nova forma de produzir literatura e arte.

Na segunda metade dos anos 1980, o único ponto em comum entre os futuros escritores da Geração Coxipó era a UFMT que, através da gráfica, produzia panfletos poéticos individuais e coletivos, incluindo aí o que seria denominado ‘Saco de Gatos’, a toalha poética que forrou muitos bares do bairro Boa Esperança por onde perambulavam os jovens estudantes. Desde o ano de 1974, Wladimir Dias-Pino trabalhava na gráfica e seu senso estético inovador não só inspirou o Intensivismo como foi responsável por auxiliar esses “alunos-poetas”, como chama Mário César Silva Leite na introdução do livro *Empório literário*, de Antônio Sodré:

Aquilo que para nós tinha um profundo senso de vanguarda, humor e revolução, tinha mesmo esse sentido, mas para mim faltou apenas perceber, naquela época, que o desnecessário do sentido provinha da essência do poético. [...] Meados dos anos 1980, várias iniciativas poéticas, do

Departamento de Letras e do DCE, colocavam juntos, em alguns livretos, os ‘alunos-poetas’ da UFMT. Panorama da Atual Poesia Cuiabana (oficialmente, sem data de publicação, mas 1986, se não me engano), livro caro, em honra e orgulho, a todos nós por ser um projeto visual e gráfico de Wladimir Dias-Pino (LEITE, 2005, p. 8).

Por essa razão, o ano de 1992 constitui o marco cronológico para formalizar a existência da Geração Coxipó. Coincidiu, nesse mesmo ano, o lançamento da revista *Vôte!*, a morte de Silva Freire e a movimentação dos grupos Muxirum Cuiabano e Gambiarra – o primeiro tensionando a reafirmação da cuiabanidade perdida frente aos fluxos migratórios e o segundo propondo a popularização do teatro com a autorreflexão sobre a noção de pertencimento cuiabano. Liu Arruda e Ivan Belém destacaram-se do coletivo Gambiarra para formar a dupla mais famosa do teatro mato-grossense. Com base nos provocativos textos de Chico Amorim, o foco dos atores era discutir a cuiabanidade frente ao fluxo migratório e o patético comportamento das elites locais.

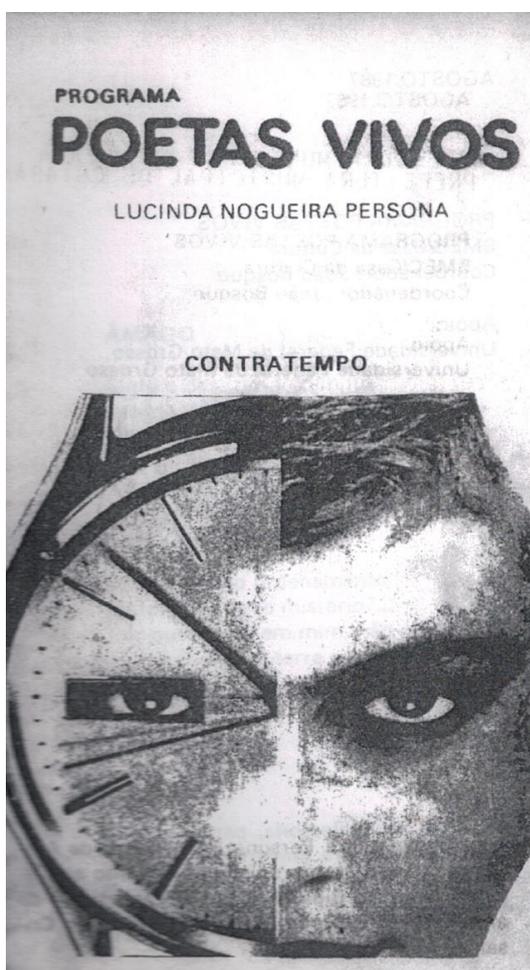
Com a extinção do poeta mimosiano cofundador do Intensivismo, a poética da cuiabanidade ficou desfalcada. Além do conjunto temático centrado na geografia da Baixada Cuiabana e do Pantanal mato-grossense, perdia a estética moderna do verso livre, da linguagem coloquial, do intenso uso do linguajar regional, produção indissociável da imagética de Dias-Pino. Não só Silva Freire desfalcou a literatura local. Teresa Albuês, romancista que trabalhava a temática social ligada ao coronelismo mato-grossense, mudou-se de Cuiabá para Nova Iorque, nos Estados Unidos.

No começo dos anos 1990, os autores reconhecidamente consistentes não conviviam com a nova geração de escritores, exceto Ricardo Guilherme Dicke, mais velho e distante da movimentação do “Baixo Coxipó”; e Wladimir Dias-Pino, centrado em sua própria criação literária, boa parte engajada com as demandas da UFMT. Portanto, não havia outras referências que pudessem interagir com os alunos-poetas recém-graduados. Manoel de Barros era uma presença meramente bibliográfica, assim como Pedro Casaldáliga, que atuava distante de Cuiabá. Marilza Ribeiro também não privava da intimidade dos jovens autores do final da década de 1980.

O poeta Ronaldo de Castro, muito embora provocador e engajado, estava ligado à Academia Mato-grossense de Letras juntamente com alguns intelectuais que se mantinham institucionalizados por força do uso ostensivo da pelerine e de toda a tradição que ainda ecoava na produção mimetizada da dupla Aquino-Mesquita. Ainda assim, poucos faziam o contraponto literário e político ao grupo hegemônico, talvez pela exiguidade de publicações que não fossem, de uma forma ou de outra, controladas, revisadas, autorizadas pela AML.

É certo que figuras experientes, como Teresinha de Jesus Arruda, ajudaram com apoio direto ao promover peças, *shows*, oferecer espaço para ensaio e material de divulgação, mas não outros escritores que influenciasssem diretamente o grupo. Presidindo a Fundação Cultural, Teresinha de Jesus Arruda publicou livretos de Amauri Lobo e Lucinda Persona, sob a supervisão de João Bosquo Cartola, que selecionava o material. Durante 12 meses, Bosquo editou 11 fascículos mensais do intitulado Programa Poetas Vivos²², mas depois não contou com o apoio da presidência seguinte e teve o projeto interrompido.

FIGURA 7 – Capa de *Contratempo*, de Lucinda Persona, a compor o Programa Poetas Vivos.



Fonte: ACERVO DE JOÃO BOSQUO CARTOLA, 2019.

²² A publicação do Programa Poetas Vivos contou com os seguintes autores: Antonio de Pádua e Silva, com 'Cuiabá! Cuiabá! Cuiabá!' inaugurou a série, em abril de 1987; Maria das Graças Campos, com 'Os poemas de amor que não perdi', em conjunto com Wilson Garcia de Alencar, com 'Meninos das praças'; Lucinda Nogueira Persona, com 'Contratempo'; Cristóvão Miranda Uchôa, com 'Raio X'; Rômulo Carvalho Netto, com 'América'; Mário César Silva Leite, com 'Erótico'; Manoel Rodrigues da Costa, com 'O pássaro sertanejo'; Etevaldo de Almeida, com 'Ave palavra'; Amauri Lobo, com 'Memória fragmentária'; Maria de Lourdes, com 'Lado a lado'; e, finalmente, João Bosquo, o último publicado, com 'Da poesia', na edição de abril de 1988.

Foi a partir dos meios ofertados, principalmente pela Universidade Federal de Mato Grosso, que os jovens escritores estruturaram sua produção, que se organizou em três fases: 1) a produção de periódicos (*Saco de Gatos*, revistas *Vôte!*, *Estação Leitura* e *Fagulha*); 2) as primeiras publicações coletivas, por editoras fictícias, como a Tempo Presente, ou pela gráfica da UFMT; 3) os lançamentos autorais, sob a tutela das já consolidadas editoras Entrelinhas e Carlini & Caniato.

Já no lançamento da revista *Vôte!*, era possível pressentir a eleição de determinados autores que pontificariam nas três fases do periódico cuiabano. O projeto gráfico de Wander Antunes, então patrocinado por um empresa que pretendia vincular-se à tradição local, e os contatos sociais de Ivens Cuiabano Scaff possibilitaram a formação do *casting* de autores que formou a Geração Coxipó. Se Wander concebeu uma revista que ensejava a união entre literatura, *cartoon*, fotografia e artes plásticas, Ivens apresentou a maioria dos novos autores, artistas e jornalistas ao editor. Da união dos dois, a revista *Vôte!* foi lançada no *foyer* do teatro da UFMT, o famoso Salão dos Tachos.

CAPÍTULO III

3.1 – OS PERIÓDICOS DA NOVA TRIBO

Diante das vicissitudes da juventude brasileira, é comum que o começo da carreira literária esteja marcada pela participação em periódicos. Gilberto Mendonça Teles (1997, p. 27) registrou tal necessidade pela prospecção desse material:

As fontes históricas não estão ainda completamente levantadas, havendo por todo o Brasil uma série de revistas e jornais que marcaram a expansão do modernismo e que devem ser levados em conta quando se pretende uma verdadeira história da literatura brasileira neste século.

Uma das primeiras produções literárias do novo grupo circulou no final dos anos 1980. Do meio musical, teatral e performático no qual se congregavam jovens estudantes e alguns profissionais liberais, surgiu o intitulado *Saco de Gatos – uma produção ainda pendente*²³. A publicação amadora era organizada por Eduardo Ferreira e Amauri Lobo e diagramada por este último, na primeira fase de sua existência. Em alguns números, a criação ficou por conta de Antônio Carlos Lima (Toninho), Eduardo Ferreira e Luiz Renato. O coletivo gerava o forro de mesa que estampava os poemas dos jovens estudantes de Letras da UFMT e amigos que frequentavam os bares da época.

Em entrevista concedida ao jornal *Folha do Estado* (1988), Eduardo Ferreira deu um importante depoimento sobre a fase embrionária da Geração Coxipó:

Matutei muito para afirmar: fiquei atado aos movimentos da rua 1 do Boa Esperança. Embarcei-me nos fios das mil trilhas. Noite após noite, seduzia-me tudo aquilo que fazíamos como autênticos guerrilheiros da contracultura. Éramos muito noturnos, fazendo a fama do bairro Coxipó. Marca registrada lá nas toalhas de mesa de bar *Saco de Gatos & Outras*, em edições semanais de nós, boêmios poetas e descompromissados. Surgiu dali o bando multimídia ‘Caximir Bouquet, o lixo do luxo’. Os anos 1980 foram os anos mais pauleiras das nossas vidas. Quem viveu sabe o que estou dizendo. A rua 1 tinha um charme que só as grandes capitais do mundo conhecem.

²³ O depoimento de Amauri Lobo dá conta de que: “A edição original aconteceu ao longo de seis meses, semanalmente, totalizando 20 mil exemplares distribuídos em até oito bares ou restaurantes de Cuiabá. Chegamos a ter 20 poetas em uma mesma edição, de estudante da Rede Pública a João Antonio Neto. O detalhe é que só havia duas gráficas *off set* em Cuiabá: UFMT e Reprograf. Na UF, trabalhamos com Wladepino”. Já o outro editor – Eduardo Ferreira – acrescenta: “Foram três momentos do *Saco de Gatos*, a saber: a primeira (edição de Eduardo e Amauri), durou três meses, 18 mil exemplares; a segunda (edição de Eduardo, Amauri e Luiz Renato), mais três meses, 18 mil exemplares; a terceira (edição de Eduardo, Luiz e Toninho), aproximadamente 15 mil exemplares. São mais de 50 mil no total, e ainda fizemos uma edição comemorativa (edição de Eduardo, Chabô e Caio Mattoso), durante o Sarau Free na praça da Mandioca (ano de 2010)... É isso!” (FACEBOOK, 25 dez. 2018).

Rolava de tudo: literatura, música, política, teatro, *performance*, tudo era muito agitado, a gente escolheu isso para viver e pronto. [...]

Estar em sintonia com a UFMT significava estar em sintonia com o pensamento mato-grossense. A galera que frequentava a rua 1 do Boa era antenada com a arte, o pensamento e a política; é claro que predominava um desejo libertário, anarquista mesmo. Atuávamos com uma poética que beirava o escatológico, humor corrosivo e provocador. Tínhamos o charme da contracultura, mas a Universidade, através de alguns professores arrojados e antenados, legitimou toda aquela produção e deu *status* para a permanência como movimento cultural da cidade. A estudantada participava com muito mais vigor e tesão (FERREIRA, 1988, p. 3).

A estratégia mambembe é típica da resistência e da contracultura, das quais a geração de 1980/1990 foi herdeira. Pretendiam eles todos “desinstitucionalizar” a literatura mato-grossense, promovendo um contraponto com o que havia de “oficial” no campo intelectual, um eco de oposição à ditadura e ao academicismo. As tiragens começaram pífias, de errática circulação. Dependiam de patrocinadores que anunciavam em espaços vendidos nas bordas da toalha quadrada. Não raras vezes, os editores provocavam conhecidos para aderir ao projeto e patrocinar a tiragem, como foi o caso dos irmãos Garcia (Robério e Carlos Antônio), filhos do ex-governador José Garcia Neto.

A publicação circulou principalmente em Cuiabá, mas também foi distribuída em Goiânia. Há poucos editoriais com uma mensagem definida. Num deles, intitulado “Edicriatorial”, os autores proclamam:

Este jornal é toalha. Esta toalha é jornal. Este jornal não é jornal. Esta toalha não é toalha. É como a história do abacaxi, que tem escamas e coroa, mas não é filho de rei com peixe. Meias verdades? Meias mentiras? Coisas inteiras. Que a criatividade precisa de espaço, é verdade. Que as pessoas ficam mais perceptivas nas noites, nos bares, na diversão, também. Sem querer verborrear sobre o dualismo (durlismo) verdadeiramente. É aí que nós entramos. Por baixo dos copos, pratos, garrafas. Por cima dos panos. Na mesa do bar. Como jornal. Como toalha. Que é toalha. Que é jornal. Leve pra casa! (SACO DE GATOS, [198-]).

FIGURA 8 – Provável nº 1 do *Saco de Gatos*, com espaços laterais ainda sem patrocinadores.



Fonte: ACERVO DE AMAURI LOBO, 2019.

A pletera poética contida no *Saco de Gatos* retratava a incapacidade desse grupo de alcançar publicações em formato tradicional, ao mesmo tempo em que demonstrava a força da movimentação responsável por esta nova geração literária²⁴. Não se tem notícia do número exato da produção, nem os anos de circulação – provavelmente, de 1983 a 2001, de forma lacunar. Não há sequência editorial, nem regularidade na distribuição. Os autores não se preocuparam em numerar a tiragem, imprimir o ano de distribuição e a tiragem de cada edição, ou mesmo conservar um acervo para consulta futura. Na época, não havia consciência de que estavam constituindo uma geração, porque eles mesmos não se valeram de um projeto claro que explicitasse a proposta estética e temática de seus integrantes.

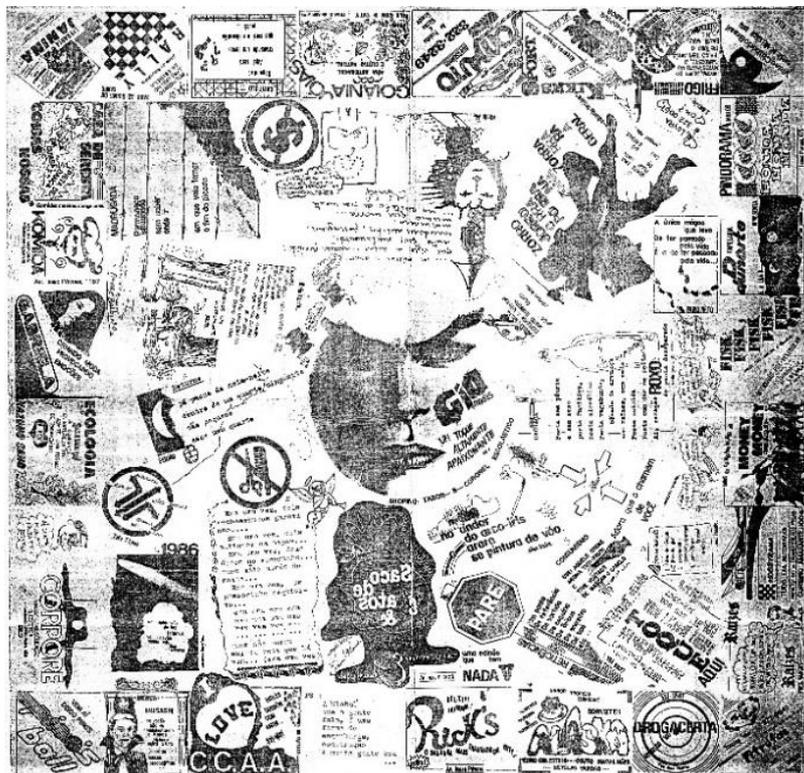
O que se vê é uma forte ligação com a UFMT, porquanto há convocações para reuniões do Diretório Central dos Estudantes (DCE), além de os próprios escritores estarem ligados como discentes ou docentes daquela instituição. Eduardo Ferreira e Amauri Lobo

²⁴ Quero reproduzir um pequeno anúncio do periódico: “Destaque da semana por conta do grande *show* LOUCOMOTIVARTES, que reúne grande parte dos artistas marginalizados pela estrutura dirigente da nossa cultura. Será nessa sexta-feira (16/09/1983), no pátio externo da Fundação Cultural, a partir das 20 h. É pela criação da Associação do Artista Mato-grossense. O ‘Saco’ está solidário ao movimento, participando...”. Portanto, os editores do *Saco de Gatos* sentiam-se “marginalizados pela estrutura dirigente da cultura”. Na época, não poderiam estar se referindo a outras instituições senão o próprio governo do Estado de Mato Grosso e à Casa Barão de Melgaço.

constituíram-se os principais autores, coadjuvados por Luiz Renato, Antônio Carlos Lima (Toninho) e Antônio Sodré (Sodrezinho), acompanhados ainda de diversos outros que desapareceram ao longo do tempo: Serjão, Paulo, Hamilton Lobo e Fábio Neto; a maioria deles acabou não publicando livro algum.

Em decorrência do pouco espaço de uma toalha de mesa, o verso livre e curto predominou. A influência de Leminski é evidente na montagem e desmontagem de palavras, ressignificando o sentido original. Quanto ao tema, percebe-se que Manoel de Barros serviu de inspiração genérica. De Mato Grosso, os poetas admirados pelo grupo eram Silva Freire e João Antonio Neto, este último lembrado em vários números do *Saco de Gatos*, muito provavelmente pela ligação familiar com Eduardo Ferreira e pela postura modernista que adotou. De qualquer forma, a temática da produção era endógena, perpassada de temas regionais, das impressões quanto ao fluxo migratório e às transformações pelas quais a capital mato-grossense atravessava.

FIGURA 9 – Provável nº 6 do *Saco de Gatos*.



Fonte: ACERVO DE AMAURI LOBO, 2019.

O *Saco de Gatos* perdeu Amauri Lobo como editor na virada do século XXI. Os novos números eram diagramados e distribuídos como “mais um produto Caximir”, referindo-se à

A geração fundadora foi absolutamente excluída do interesse dos jovens escritores que, além de não se identificar com o rasgo romântico-parnasiano, faziam-lhe objeção e, não raras vezes, galhofa. No *Saco de Gatos*, não houve qualquer homenagem a Aquino Correa e José de Mesquita, nem lembranças aos escritores intermediários da 1ª geração, como Otávio Cunha, Ulisses Cuiabano ou Franklin Cassiano. Na época, a circulação endógena no “Baixo Coxipó” pouco tomava conhecimento da Academia Mato-grossense de Letras, que atravessava profunda crise de representatividade literária, recebendo maciçamente juristas e outros profissionais liberais sem produção expressiva.

Outros tantos do “*intermezzo*”, escritores que mimetizavam modelos passados, também não foram citados no *Saco de Gatos*. É o caso de Tertuliano Amarilha, por exemplo. O poeta manteve o estilo passadista e, mesmo que tenha sido comemorado no limitado círculo academicista, passava longe da nova geração. Da mesma forma, Benedito Pedro Dorileo, António de Arruda, Lenine Póvoas, Vera Randazzo, Dunga Rodrigues e Moisés Martins, este último popular em meio à cuiabanidade. O que os editores do *Saco de Gatos* queriam evitar era, de um lado, a retórica laudatória e, de outro, a poética metrificada.

Todavia, a lembrança de Silva Freire e a presença de vários textos de João Antonio Neto demonstram que o grupo mais *avant-garde* da época reconhecia as iniciativas de modernização da literatura mato-grossense encetadas por ambos. Deles, foram colhidos haicais e poesias curtas em geral. Evidentemente, devemos levar em consideração que Eduardo Ferreira – um dos responsáveis pelo *Saco de Gatos* – é sobrinho-neto de João Antonio, o que possibilitou o intercâmbio de textos entre gerações diferentes. Em que pese a relação de parentesco, a poética do velho modernista radicava-se no verso curto de sentido dúbio, jogo de palavras que atraía os jovens do “Baixo Coxipó” e se adequava perfeitamente à diagramação da toalha de mesa.

ânsia de ver
o verde
eterno viver
éter na mente

Um homem
Só
Quebra
A ordem vigente

Fora de si
Fora de círculo

O discurso de Eduardo Ferreira é anárquico, profundamente individualista, resistente à predação ambiental. O pessimismo está presente nas múltiplas referências ao uso da força, da dor e da morte, como consequência. Ferreira não faz menção direta à migração, mas apresenta uma postura de contrariedade com o que visualiza na cidade e na paisagem natural de Mato Grosso. Há nos poemas selecionados o duplo inimigo da Geração Coxipó: de um lado, os forasteiros predadores e, de outro, os “círculos” tradicionais da cuiabanidade, cuja “ordem vigente” deveria ser quebrada. Ao aprofundar a radicalidade, Ferreira elege dois inimigos para afirmar a própria existência poética: o primeiro é a invasão predatória e o segundo é o tradicionalismo cuiabano.

Na poética de Ferreira há o questionamento do agronegócio, que se expandia vertiginosamente no interior de Mato Grosso. “Os cascos” de bois e cavalos, representando a criação que consumiu o Cerrado e a Amazônia do norte mato-grossense, ligam a iniciativa colonizadora com a falta de perspectiva da nova geração e, ao mesmo tempo, prenuncia a infertilidade do solo e a distribuição social deficitária da riqueza resultante da produção agrícola e criação pecuária.

Essa visão demeritória do agronegócio já estava anunciada no Manifesto da Geração Coxipó, de 1986. A figura do boi representava a sanha do avanço capitalista sobre o território mato-grossense, o mandonismo dos velhos coronéis da política, o morticínio das populações indígenas nativas, a derrubada de milhões de metros cúbicos de madeira e a expulsão de índios e pequenos lavradores dos campos, substituídos pelas grandes colonizadoras.

Da mesma forma, outro poema de Ferreira expressa um mau presságio existencial com a degradação ambiental: “crescer ser morrer / de dor / de ver / o verde morrer / cristal lisa a dor / esperar / ânsia de ver / o verde / eterno viver / éter na mente”. A denúncia da extinção de espécimes do Cerrado e da Amazônia é triplamente interessante. Primeiro, porque os autores do

período quase nunca tomaram contato com o norte mato-grossense em processo de colonização pelo contingente sulista; segundo, porque a dor relativa à derrubada da mata é, também, parte do ressentimento cuiabano contra a descentralização do poder de mando do Estado; terceiro, porque, mesmo adotando-se uma estética distante da metrificação parnasiana, o conteúdo saudosista mantém-se presente na evocação de um passado glorioso, próspero, intocado, puro.

Abaixo, são reproduzidos poemas de Amauri Lobo, também publicados em diversas edições não numeradas do *Saco de Gatos*:

A lógica
 anarcológica
implica
 filosofia
 (ou)
Existem
 mais coisas
nas mudanças
 climáticas
do que imagina
nossa vã ECOLOGIA

de certo não fosse
tanto ou muito
mas do exato que foi
do extrato que fica
suficiente
para muitas noites
de sonhos
e certeza
do silêncio
prelúdio do
 fim

A era dos turbo
A ira dos home
A rota dos crime
O furo dos hímen

Os tapa nas cara
Os caras das taras
As city dos dia

E medo nas face
E fuga nos passo

A era dos turbo

Amauri Lobo é outro autor que dá consistência à proposta anárquica do *Saco de Gatos*. Além de diagramador responsável pela arte final da toalha-libreto, o escritor propõe um veemente questionamento ao *status quo*, com o jogo de palavras e de sentidos dos poemas publicados. O pessimismo de Lobo é voltado para a velocidade das informações, para as mudanças climáticas, para a incompletude dos processos industriais. É por isso que apresenta um diálogo sincrônico com Eduardo Ferreira, presente em uma proposta-denúncia, na tática literária de guerrilha.

A pauta de defesa ambiental representa, igualmente, uma resistência contra a modernidade, compreendida como processo linear e evolutivo por meio da tecnologia. O antimodernismo da Geração Coxipó vai confrontar a noção de progresso que os governos federal e estadual pretendiam identificar no fluxo migratório sulista e no agronegócio organizado pelas grandes empresas colonizadoras. No final dos anos 1980, Lobo registrava as mudanças climáticas, ao parafrasear o Hamlet de Shakespeare.

A “era do turbo”, de Amauri Lobo, representa a inserção da máquina no processo produtivo mato-grossense, a produção em escala do agronegócio, a abertura de grandes áreas para pastagem de gado, a extinção das formas artesanais de populações nativas e a formação de um mercado de *mass media*. Tudo isso é interpretado como “tapa na cara”, agressão direta às tradições que se viam atingidas pelos forasteiros, sempre identificados como criminosos.

A seguir, são apresentados alguns poemas de Antônio Carlos Lima, também publicados em diversas edições não numeradas do *Saco de Gatos*.

Nasce um berimbau, morre um pau no mato
Passo de quem passa eu cato...
O grito é tão miúdo na floresta encantada...
Mundo de grilo é graúdo!
Mas o homem... O homem não.
Serra, serra o serrador e depois vai nadar
no nada, no mar da dor.

Onde há fumaça,
haja fôlego!

Da Geração Coxipó, Antônio Carlos Lima é o mais velho. Mesmo não sendo cuiabano e nem nascido em alguma cidade do indiviso Mato Grosso, o forasteiro adere à pauta defensivista da Geração Coxipó e se torna um dos organizadores dos colegas mais jovens do que ele. A “serra” e o “serrador” são condenados ao nada porque provocam a dor nas

populações nativas. Como todos os integrantes do grupo, também idealiza a mata como elemento identitário sob ataque do elemento alienígena, cantando a “floresta encantada” antes da depredação ambiental.

A caracterização pejorativa do agronegócio está retratada no *Saco de Gatos* inclusive pelos anunciantes. Um deles – Kazuho Sano – usa seu espaço publicitário para perguntar:

ALERTA:
Mato Grosso poderá
ser transformado
num
 imenso
 canavial.
E depois?

Em outro número do *Saco de Gatos*, o anunciante Kazuho Sano volta à tona com outro questionamento:

A histeria desenvolvimentista
e a volúpia do lucro
não justificam
os gravames
e desastres ecológicos
resultantes!

Curiosamente, porém, os editores do *Saco de Gatos* aceitaram anúncios do Centro de Tradições Gaúchas “CTG do Araguaia”, com discurso diametralmente oposto aos que sustentavam nos textos autorais publicados na toalha poética. Em um dos muitos números do periódico, a propaganda dos eventos do centro de tradições afirma que “a presença dos gaúchos faz parte do Vale do Araguaia. Em pouco mais de 20 anos, muita coisa mudou por aqui com a força produtiva desses brasileiros”. Entretanto, os editores adicionam uma pequena imagem na margem inferior esquerda do anúncio, grafando “lixo” ao lado da figura de um boi.

FIGURA 12 – Anúncio do CTG Sinuelo do Araguaia, no *Saco de Gatos*.

apague, ue areia.
uncie.

CTG.
Sinuelo
do Araguaia

A presença dos gaúchos faz parte do Vale do Araguaia. Em pouco mais de 20 anos, muita coisa mudou por aqui com força produtiva destes brasileiros. O Centro de Tradições Gaúchas já está completando 10 anos com uma programação de peso, veja só: Churrascos mensais, Café Colonial dia 17 de julho, Baile do Chopp dia 6 de agosto e o sorteio de um Corsa em 18 de setembro. Nos planos imediatos, a construção da piscina. Unindo os migrantes e integrando-os à comunidade, esta aí uma bonita tarefa!

Foto: CEIVA - 945 1097

LEILÕES DIAS 14 E 28 DE JULHO
CONTATOS PARA LEILÕES (035) 445 1000

GUARDA-RELAZÃO
COPIADA
VIA
VAZEM
SUA
23

LINO

Fonte: ACERVO DE AMAURI LOBO, 2019.

O grupo que transitava pelo “Baixo Coxipó” armava-se de uma estética claramente tributária ao modernismo brasileiro, fazendo referências explícitas a Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Internamente, repudiavam o moralismo na produção artística, ao mesmo tempo em que combatiam o avanço do fluxo migratório. Pontificando contra o desmatamento, a poluição ambiental, a concentração de renda do agronegócio e a extinção das comunidades nativas, cederam espaços para financiadores que veicularam uma narrativa contraditória, ainda que minada pela irreverência dos editores do *Saco de Gatos*.

Tais ambivalências cresceram ao longo do tempo, sobretudo com a produção mais organizada que se verá com a publicação da revista *Vôte!*. São quatro os movimentos percebidos no periódico de Wander Antunes: 1) a defesa da cuiabanidade; 2) a reação hostil

contra o forasteiro; 3) o desejo por modernização na estética literária; 4) a repulsa contra as transformações no campo e na cidade.

A Geração Coxipó, estruturada definitivamente no início dos anos 1990, quis receber o sopro de modernidade vindo de fora, desde que os forasteiros não viessem junto. Pretendiam a modernidade, desde que se filtrassem os efeitos da tecnologia e das transformações nos meios de produção que ela ocasionava. Planejou romper com a crônica memorialista de emulação regional, desde que pudessem expressar a própria nostalgia ao se lembrar de quintais, rios e ruas sem asfaltamento. Ou seja, queriam reforçar o mesmo espírito de cuiabanidade presente em José de Mesquita e Virgílio Correa Filho, por exemplo, mas não usar da mesma estética. Se a ruptura é necessária para a autoafirmação geracional, não menos previsíveis são as acomodações com o passado. De acordo com Guillermo del Torre (1971, p. 35): *“Desmanteladas las ciudadelas académicas, assimiladas las innovaciones, convertidas en moneda corriente las subversiones, llegó a parecer más curioso y excitante abominar de todas aquellas y ponderar contrariamente las excelencias de lo tradicional, dejándose llevar por las nostalgias del ‘orden’ abolido”*.

É certo que os jovens escritores deslocaram o eixo intelectual do centro para a nova fronteira urbana que era o Coxipó, mas não deixaram de pretender a conservação de um passado idílico com mais força do que os próprios “conservadores” contra os quais organizarão a blague da Academia dos Mortais. Tal é a circularidade temática dos escritores mato-grossenses que o programa de D. Aquino Corrêa, exposto desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico, em 1919, manteve entranhado na pauta dos jovens dos anos 1980, disfarçado como resistência nativista ao forasteiro.

Mesmo os autores não nascidos em Cuiabá flertaram com esse conjunto de valores ambivalentes, talvez almejando o acolhimento sem reservas. Trata-se de adesismo político, claramente orientado em favor da pauta ecológica e da reação quase xenofóbica. Escreveram contra os efeitos deletérios do progresso, contra a descaracterização do meio urbano, contra a concentração de renda do agronegócio, ainda que tudo isso fosse consequências da própria migração que os trouxe a Mato Grosso.

Veremos adiante, com o advento dos periódicos mais estruturados, que os binômios ruptura e acomodação, rejeição e acolhimento, negação e reforço do nativismo são relativamente comuns em movimentos literários em que se promove um enfrentamento. Conforme Octávio Paz (2013, p. 109):

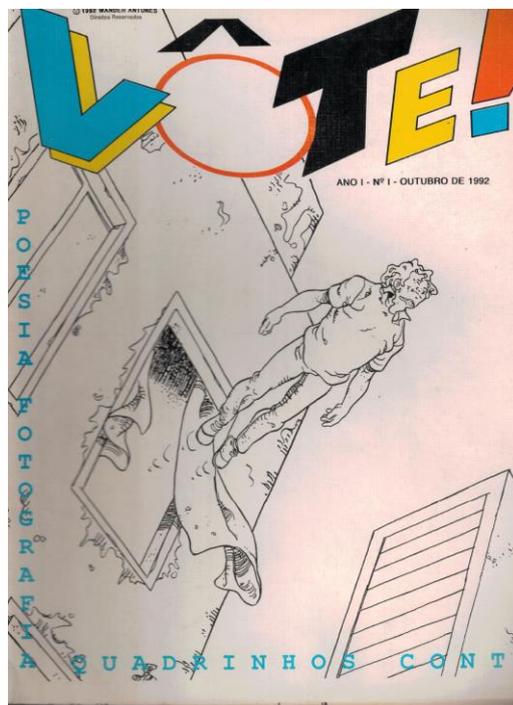
[...] todos sabiam que sua negação do romantismo era um ato romântico que se inscrevia na tradição inaugurada pelo romantismo: a tradição que nega a si mesma para continuar-se, a tradição da ruptura. Não obstante,

nenhum deles se deu conta da relação peculiar e, na verdade, única, da vanguarda com os movimentos poéticos que a antecederam. Todos tinha consciência da natureza paradoxal de sua negação: ao negar o passado, eles o prolongaram e assim o confirmaram.

Os jovens que circulavam pelas laterais da Universidade Federal de Mato Grosso, alguns muito ao largo da sala de aula, poderiam não ter plena consciência das implicações paradoxais da própria produção: negar o passado e se alinhar a ele sob uma nova estética, uma roupagem de aparente negação. Ainda que as gerações divergissem frontalmente acerca da noção de progresso, desenvolvimento, ocupação do território, uns clamando pela migração e investimentos, outros rejeitando o rescaldo de uma política pública ditatorial, aproximaram-se os dois lados na visão nostálgica de um passado perdido, de uma memória de infância, onde Cuiabá era uma aldeia de abundância e felicidade, ainda que isolada demais para assuntos mais práticos. De qualquer forma, a reiterada negação estética presente nos anos 1980 ocasionou, inevitavelmente, um reforço imagético de ordem romântica.

3.2 – Revista *Vôte!* – O protagonismo de Wander Antunes

FIGURA 13 – Capa do primeiro número da revista *Vôte!* (out. 1992).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

Um conto de Lucinda Persona espelha perfeitamente o momento histórico-literário pelo qual passavam os escritores nos anos finais do século XX. Publicado originalmente na revista *Vôte!* nº 5, ‘Vovô morrerá hoje’ descreve a morte anunciada de um senhor de idade avançada: os parentes e o médico concordam que a extinção da personagem de quem se fala é inevitável, muito embora o idoso teime em não morrer ou, por outro ângulo, terá a morte antecipada pela família.

Pois lhe conto. São quatro horas da tarde. É espantoso sim, mas vovô morrerá hoje. Mais espantoso ainda é que ele estará morto antes mesmo de morrer de fato. Com oitenta e dois anos, apesar de forte e saudável, vovô morrerá hoje. E será no início da noite. E atrapalhará o jantar. Este é o meu jeito estranho de recordar o que ainda vai acontecer. Como não pode ser de outro modo, acompanho os antecedentes de atropelo. [...]

Vovô, de modo surpreendente, morto antes de morrer, retumba como um trovão fora das nuvens. Papai não sabe o que fazer. Olha para todos os lados. Ninguém pode fazer nada. Vovô para de roncar. Seus ossos se quebram e a alma se vai. Está morto enfim. Mas parece mentira (VÔTE!, 1992, p. 4).

O conto retrata o fim de um ciclo, de um século, de um projeto e, até mesmo, de uma geração. Percebe-se, porém, que há uma fina ironia da autora, que empresta duplo sentido na “lembrança do futuro”. Trata-se de lembrança da morte, de antecipação do fim ou de vontade de matar? O narrador não nos oportuniza o esclarecimento, afirmando que acompanha os antecedentes de atropelo, invertendo-se a ordem dos acontecimentos. Particularmente, interpretamos como uma “vontade de morte”, uma postura proativa de extinção do passado, de fim de um ciclo, uma fase, mesmo que inconsciente.

Com a morte de Silva Freire, não se seguiu nenhum outro projeto coerente de identidade cuiabana ou mato-grossense, sobretudo ligada à democratização cultural que a literatura freiriana propunha. Portanto, pode-se interpretar que o conto de Lucinda Persona se refere à morte tardia (ou à vida insistente?) do projeto literário fundador – o velho estilo que teimava em não morrer, concomitantemente com o século que insistia em prosseguir, mesmo com todos os sintomas desenganados. Era preciso matar o passado e, para tanto, havia hora marcada para fazê-lo.

Destaca-se esse conto dos números apreciados da revista *Vôte!*, por ter ele antevisto o que estava para acontecer: um longo período de espera, uma transição literária difícil, a passar necessariamente pelas exéquias da produção canônica de D. Aquino Corrêa e os seus contemporâneos que, não por coincidência, nunca foram citados na revista *Vôte!*, com exceção de um conto de José de Mesquita. O estilo romântico na prosa e parnasiano na poesia debatia-se sem fôlego. Ainda indefinido, o novo projeto literário estava prestes a se consolidar.

Para entender exatamente o que propunha a publicação coordenada pelo artista gráfico Wander Antunes, é preciso estudar alguns editoriais em particular:

Uma revista em Cuiabá com quadrinhos, ficção e poesia?

É isso mesmo. Falam que Cuiabá não tem memória, que o Brasil não tem memória, e no entanto artistas, escritores, poetas e desenhistas estão aí criando e contando, produzindo e resgatando nossas memórias. [...]

Vôte! Uma revista inteirinha falando de Cuiabá? Sim. Mas não só de Cuiabá, mas dos cuiabanos, o que eles fazem e inventam²⁵ [grifo nosso].

Vôte! de volta em dezembro/janeiro. Antes de mais nada, dizer que é muito bom estar aqui de novo. Dizer que a receptividade valeu, e que a nova equipe da UFMT assumiu de pronto a semente iniciada na gestão anterior. Muitos bons frutos ainda virão, e como Vôte! traz um sabor bem regional, podem aguardar as delícias da manga, as chuvas do caju, o cheiro da goiaba e a luminosidade dos pequis²⁶ [grifo nosso].

Vôte! retorna com o firme propósito de ser uma janela para o quadrinho, o conto e a poesia produzida em Mato Grosso, espaço aberto para o autor mato-grossense ou para aqueles de qualquer Estado, país ou planeta que vivam por aqui. Sim, o autor mato-grossense que viva na Sibéria, na Patagônia, Nova York (como a Tereza Albuês, que estreia em nosso próximo número) ou qualquer outro lugar está convidado. Mas aí é preciso ser mato-grossense mesmo. De nascimento! Vale tudo! Em nossas páginas não há compromisso com o regionalismo ou com uma temática específica. Toda a expressão vale a pena e tem espaço garantido na Vôte!²⁷ [grifo nosso].

Enchente, Tarantino, estrada de ferro, UDN, PSD, um açougueiro ávido de toda a carne, Zabud, maleita, milicos torturadores, grandes transformações, ancestralidade, tradição... Vôte! chega ao terceiro número atirando em todas as direções, com você na linha de fogo²⁸ [grifo nosso].

O primeiro número de *Vôte!* revela duas propostas que não são novas: “resgatar” a memória cuiabana e, de outro lado, “falar de Cuiabá e do cuiabano”. Nesse aspecto, o periódico poderia integrar tantos outros conservadores que visavam à reprodução da cultura erudita e academicista. Ocorre que, mesmo Aclyse de Mattos tendo textualmente se referido ao “resgate”²⁹, o que *Vôte!* apontava era para uma nova fórmula de literatura: (a) amplo uso de imagens: desenhos, pinturas e fotografias; (b) sensualidade nas histórias em quadrinhos; (c)

²⁵ Editorial do nº 1, escrito por Aclyse de Mattos, em out. 1992.

²⁶ Editorial do nº 2, escrito por Aclyse de Mattos, em dez./jan. 1993.

²⁷ Editorial do nº 5, escrito por Wander Antunes, em jan. 2001.

²⁸ Editorial do nº 3, sem autor, jun. 1998.

²⁹ É preciso dizer que, nos três primeiros números da *Vôte!*, publicou-se a ‘História ilustrada de Mato Grosso’, um projeto editorial que foi descontinuado nos números seguintes, o que representa a perda de interesse no “resgate” da narrativa histórica tradicional. No lugar da narrativa de Moacyr de Freitas, o texto de Wander Antunes, ilustrado por Mozart Couto, estava mais interessado em discutir o coronelismo e o jaguncismo mato-grossenses, afinados, aliás, com as obras de Ricardo Guilherme Dicke e de Tereza Albuês.

valorização de Cuiabá como centro de produção cultural; (d) participação da crítica literária formada por professores da Universidade Federal de Mato Grosso.

Os escritores da primeira geração não foram citados em *Vôte!*, tampouco tiveram sua obra reproduzida, com a única exceção já citada de José de Mesquita, lembrado com o expressivo conto ‘Corá’. Como padrão literário, objeto de desejo ou admiração, optou-se por outros autores como Manoel de Barros, Wladimir Dias-Pino e, principalmente, Ricardo Guilherme Dicke³⁰, este último publicado em quatro números. Era para eles que apontava a bússola da nova geração. Ver-se-á que, mais tarde, esse mesmo grupo repetiu o padrão nas outras publicações das quais participaram.

A revista nº 1 circulou com o conto de Ivens Scaff – ‘O Homem que aprendeu a voar’ – como prenúncio de uma geração que estava se descolando do tradicionalismo literário mato-grossense, ainda que o cenário usado pelo escritor tenha sido o Rio de Janeiro. Ilustrada com a pintura de Márcio Aurélio dos Santos, estampada na contracapa, a revista inaugural publicou ainda, na última página, uma expressiva foto de Guilherme Alves Filho antecipando a discussão sobre o meio ambiente que viria depois. Tratava-se de contrapor dois cenários, dois movimentos, duas realidades. A tônica da geração era o salvacionismo – do ambiente e da tradição.

Na *Vôte!* nº 3, a poesia de Eduardo Ferreira entrou em cena, confrontando-se com o intenso fluxo migratório, tendência que se configurou nessa geração de transição. A visão negativa do autor sobre o fenômeno pode ser claramente indicada pela escolha das expressões “forasteiros”, “mal-vindos”, além do tom ameaçador contra os “invasores da terra”. Vejamos:

Nada de novo na cidade fantasma
Tudo velho no Centro Oeste BAR NIGHT
Crianças armadas até os dentes
Fogo cruzado entre barricadas espelhadas

A guerra nunca terminou
Sabemos que jamais haverá vencedor
Por eras a fúria toma conta dos ares
Artilharias disparando por intermináveis horas

³⁰ Sobre o nascente grupo literário dos anos 1980/1990, Everton Barbosa (2009, p. 160) fez uma menção que uniu os escritores em torno de Dicke, espécie de bandeira estética dessa nova geração: “A ‘ascensão’ de Dicke está associada não à tradição literária regionalista da Academia Mato-grossense de Letras, mas àquele novo *boom* de escritores e editoras. Há um ‘resgate’, uma revalorização realizada por alguns escritores da nova geração (como Lorenzo Falcão e Juliano Moreno), que buscavam, com certeza, manifestações locais da literatura que escapassem do discurso tradicional regionalista e principalmente apresentassem qualidade literária. A ascensão estaria associada também à busca dos acadêmicos e professores das universidades locais (como Hilda Gomes Magalhães, Mário César Leite, Gilvone Furtado, Miguel e Juliano Moreno) por autores ainda não trabalhados no âmbito da crítica literária, no intuito de revelar novas personalidades literárias, escapar ao cânone nacional já exaustivamente trabalhado (a exemplo de Guimarães Rosa) e, por que não, incentivar a pesquisa local e a revelação de qualidades literárias locais”.

Dentes de aço mordendo gargantas
Nada de novo na cidade fantasmagórica
Fumaceira cobre dos olhos paisagens imaginárias
A cidade é dos fantasmas

Forasteiros são mal-vindos
As fronteiras estão armadas
Melhor não se aproximar muito
Os guardas estão de olho ao menor movimento (FERREIRA, 1998).

Curiosamente, Wander Antunes alertou no Editorial da revista *Vôte!* nº 5 que não havia um projeto motivador regionalista, o que não se mostra factível na análise do material. Todavia, essa preocupação com o bairrismo cuiabano devia ser importante, na medida em que o periódico também albergava autores que chegaram a Cuiabá vindos de outras regiões brasileiras. Foi o caso de Lucinda Nogueira Persona, Antônio Carlos Lima e de Marta Cocco, por exemplo, escritores que nasceram fora do território mato-grossense, mas que se entrosaram por afinidade estética com o grupo que já produzia desde os anos 1980.

Na nova fase da *Vôte!*, em janeiro de 1998, houve novamente um discurso de resistência, mais contundente. Num artigo, Patu Antunes (1998, p. 5) afirmou:

A cidade cresce, se desordena, ganha minicidades e a impressão é de que reina o caos absoluto. Fora das antigas ruas do Meio, de Baixo e de Cima, e em sua volta, entretanto, existe uma espécie de redoma. Ela classifica casas, propriedades privadas, com um nome pomposo – patrimônio histórico – e ganha o ódio de quem vive a vida para fazer dinheiro e nem pensa que existe cultura a ser preservada.

Patu desnudou o discurso contraditório da sociedade tradicional chamada de cuiabania – ao passo que pretendia defender os valores culturais da terra, investia contra o patrimônio da cidade, boicotando o projeto de preservação para tocar adiante a modernização que dividia opiniões.

Nesse mesmo número, a revista incorporou a temática mato-grossense, com poemas de Aclise de Mattos e Ivens Cuiabano Scaff, fotografias de quilombolas, de seringueiros e dos ícones urbanos de Cuiabá, como o “gogó de ema” e a estátua de Maria Taquara. O registro fotográfico intensificou-se nas revistas posteriores, retratando cenas urbanas de abandono, figuras indígenas, festas do folclore, casarões tradicionais e imagens da terra. Portanto, ainda que tratassem da cuiabanidade numa postura defensiva e excludente quanto ao forasteiro, os autores não se referiam à “velha Cuiabá”, isto é, àquele núcleo aristocrata de poucas famílias fundadoras. Outros cenários e personagens da mesma cidade ganharam visibilidade na publicação, diferença marcante na estética e no repertório do grupo editado por Wander Antunes.

Em novembro de 1998, circulou mais um número da *Vôte!*, com o tema voltado para o urbanismo. O grupo de arquitetos convidados para a matéria assinada por Aline Cubas tinha a preocupação com a ausência dos parques como opção de lazer e a falta de cuidado com a orla do rio Cuiabá. Rica de fotografias regionais (Silvio Vince Esgalha, José Maurício e Laércio Miranda) e de pinturas que evocavam a cultura ribeirinha, onde o pescado era a tônica central (Benedito Silva, Gervane de Paula e Wender Carlos).

A revista *Vôte!* marcou uma fase de transição entre dois séculos. Na edição 10, ano 7, nº 6, o escritor Gabriel de Mattos fez uma excelente radiografia do princípio do século XXI. Diz ele que, diante da ânsia de produção e da falta de condições para materializar livros na década de 1990, a fórmula encontrada foi a produção de periódicos, como a própria revista *Vôte!*. E concluiu seu breve artigo afirmando que

nem é preciso dizer que a sintonia com essas conversas pode gerar editoras sérias que surgem na esteira das revistas, e que é assim que se possibilita uma efervescência criativa, que arrebenta os muros de um grupo ou instituição, que se agita um certo lugar onde os criadores estão na rua, nas conversas, nas mesas de bar, nas páginas de uma revista. Como a *Vôte!* (VÔTE!, 1999).

De fato, Gabriel de Mattos estava certo. Essa percepção também era a dos professores de universidades, conforme se verá mais adiante. A editora Entrelinhas, de Maria Teresa Carracedo, e a Carlini & Caniato, dos sócios Ramon Carlini e Elaine Caniato, surgiram nos anos 1990, publicando obras que dormitavam nas gavetas dos autores mato-grossenses, especialmente dos componentes da Geração Coxipó.

No número seguinte da revista *Vôte!* e o último que circulou, Mário César Silva Leite e Wander Antunes comemoraram a 10ª edição, na mesma linha traçada por Gabriel de Mattos:

Enfim, dez anos! Parece pouco, parece infância, parece muito trabalho. É preciso recorrer ao tempo (velho inevitável) para saber da Cuiabá de dez anos atrás, da literatura e das histórias em quadrinhos em Mato Grosso e dos esforços para manter, inovar, renovar e publicar. A revista *Vôte!* é, antes de tudo e com tudo, um importante documento dessa produção. É preciso dizer, que se por um lado, a literatura de Mato Grosso e seus novos autores teve pouco fluxo de publicação em livros, por outro, foram acolhidos, publicados e divulgados pela Revista, encontrando entre HQs o seu espaço privilegiado e de direito. O percurso e a trilha de *Vôte!* nesses dez anos é, sem dúvida, o percurso e a trilha da produção literária do estado e sua capital, Cuiabá. E sua, talvez para alguns, pequena história é de algum modo, a história de nós mesmos, do que lemos, do que fizemos, do que falamos...

O que se observa é uma mudança paulatina no projeto da revista *Vôte!*. Inicialmente, circulou com um viés mais regionalista, afirmando tradições essencialmente cuiabanas – “de Cuiabá para os cuiabanos”. Depois, o tempo encarregou-se de transformar essa pretensão nativista para abrir a publicação em favor de autores migrantes e dos primeiros críticos literários formados pela UFMT. No entanto, essa “abertura” não prestigiou outras cidades antigas de Mato Grosso, mantendo o enfoque cuiabano de produção e leitura, território legítimo para se defender os valores mato-grossenses.

Curiosamente, o que se autointitulou “revista literária mato-grossense” não contemplou nenhum escritor residente noutra cidade do Estado e excluiu deliberadamente um conjunto expressivo de autores radicados na AML. A geração da virada do século XXI era fechada em si mesma, no grupo de autores recorrentes que participavam de diversas outras publicações, concomitante ou sucessivamente. Tanto que a publicidade da revista *Vôte!* anunciava somente obras do próprio grupo, lançamentos de Gabriel de Mattos, Mário César Silva Leite, Wander Antunes, Ivens Cuiabano Scaff e outros escritores da Geração Coxipó.

No último número da *Vôte!*, Gabriel de Mattos (2002, p. 19) escreveu que: “Neste momento a *Vôte!* já é uma embaixadora do estado”. É provável que, vinte anos depois da efervescência do “Baixo Coxipó”, a geração consolidada e produtiva acreditasse que a própria publicação tinha uma representatividade hegemônica. Extrai-se do discurso de um dos mais assíduos e produtivos colaboradores do periódico que os escritores que compunham o *casting* da revista adquiriram a consciência da coesão e do novo sistema literário que haviam ajudado a forjar, reivindicando o poder de representar a literatura produzida em Mato Grosso, passando ao largo da tradicional Academia Mato-grossense de Letras.

No artigo comemorativo da 10ª edição de *Vôte!*, Gabriel de Mattos (2002, p. 19) encerrou o registro da trajetória da publicação da seguinte forma:

É uma longa trajetória, como pode ser visto, e que felizmente não terminou. Ao longo desses anos todos, a *Vôte!* resistiu e se adaptou ao seu papel de agitadora cultural, de canal para o contato de mão dupla com a Aldeia Globalizada, funcionando como uma vanguarda de resistência e proposição. Pronta para os próximos dez anos, e quantos mais vierem por aí.

Os conceitos apresentados são discutíveis. Tudo o que a Geração Coxipó menos almejava era a globalização e seus valores universalizantes de livre fluxo de pessoas e capitais. A internacionalização dos bens materiais e culturais sofria a resistência dos intelectuais dos anos 1980, que identificavam no processo a invasão, homogeneização e

dominação cultural do elemento nativo. Além do mais, a “via de mão dupla”, citada por Gabriel de Mattos, não se verificou.

Nas sucessivas fases de *Vôte!*, o que se percebe é a produção autorreferente de um grupo que pretendia se consolidar. Afora a publicação de um único conto de José de Mesquita, o intercâmbio entre escritores de gerações diversas, o acolhimento de autores de outras regiões e, finalmente, a troca de experiências com escritores da grande “Aldeia Globalizada” não se deu da forma alardeada pelo editorial. Desde o primeiro número, a revista engajou-se exclusivamente com a temática da cuiabanidade, sua visão negativa da migração e das transformações urbanas.

Rômulo Carvalho Netto (1992, p. 8) lamentou o resultado das mudanças no cenário urbano e rural. Publicou cinco poemas na 1ª edição da *Vôte!*. Um deles foi selecionado por tratar da recorrente imagem de degradação ambiental como resultado da “ganância urbana”:

O tuiuiú parado no pantanal
olha a piava sem fôlego;
não podendo socorrê-la
sorve um gole de mercúrio

Chega a noite
imensa lua cheia
povoa nossas tortas ruas
estreitas
Um homem passa devagar
casadoiras acotoveladas
nas janelas seculares.
O tempo deixou muitas marcas
mas a ganância urbana
aos poucos destrói nossa memória
Triste de nós
somos um povo sem passado.

O “povo sem passado” do poema de Netto refere-se mais às comunidades mato-grossenses do que ao povo brasileiro de forma genérica. O processo de urbanização que “destrói nossa memória” é o culpado por apagar as marcas da tradição anterior. Como se vê, novamente, coordenam-se os temas nativistas, que reclamam salvação: o meio ambiente pantaneiro e a tradição regional. O primeiro tema é tratado de forma antagônica com a geração de Aquino-Mesquita. Ao contrário de alardear Mato Grosso como “celeiro do mundo” (MESQUITA, 1930), no final do século XX, cuidava-se de denunciar os resultados da marcha invasora, que foi o resultado das políticas públicas de ocupação da Amazônia Legal.

No 2º número do periódico, o editorialista Aclyse de Mattos (1993, p. 3) registrou: “VÔTE! traz um sabor regional, podem aguardar as delícias da manga, as chuvas de caju, o cheiro e a luminosidade dos pequis”. De fato, o número e os seguintes são publicações essencialmente regionais, fazendo de Cuiabá a protagonista de artigos, reportagens, prosa e poesia dos autores convidados. Até mesmo o universo imagético das revistas esteve intrinsecamente ligado às imagens mato-grossenses, fosse da natureza, fosse da degradação registrada no período.

Vôte! retomou a publicação após um lapso de cinco anos. Apoiada pela lei estadual de incentivo à cultura, em janeiro de 1998, o periódico foi retomado com o selo da fictícia editora “Tempo Presente”, espécie de alterego de Wander Antunes. Entretanto, o viés permaneceu o mesmo. Com a temática centrada na cuiabanidade, a revista voltou a discutir o problema da identidade, atacada de fora para dentro, e também do interior da própria sociedade cuiabana. No conto ‘Adalgisa na varanda’, Gabriel de Mattos (1998, p. 21) alfinetou novamente os forasteiros, mais particularmente os sulistas:

E estou aqui, sozinho com Adalgisa que olha o horizonte. Fico imaginando o final de ano em Cuiabá. Os paranaenses foram passar o *réveillon* no sul com as famílias, a cidade fica mais calma. Eu viajaria também, de carro, pra qualquer lugar, mas estou aqui com Adalgisa, porque a família dela é amiga da minha família, somos quase sócios. Se eu me casasse com Adalgisa, seria bom para os negócios.

Nota-se que a figura do paranaense é tomada como um transtorno para o cuiabano. Nas férias, o povo sulista, que não tem por Cuiabá qualquer afeto, desloca-se quase todo para suas origens, deixando a cidade “mais calma”. Dessa forma, o cuiabano apenas suporta o migrante, torcendo para que ele algum dia se vá e permita que a cidade volte à normalidade de um tempo pretérito.

Por mais que o editorial do nº 2 de *Vôte!*, em 1998, diga que a revista “é de Mato Grosso”, na verdade, a publicação é essencialmente de Cuiabá. A Geração Coxipó não fez nada diferente do que fizeram as gerações literárias anteriores quanto à centralidade cuiabana. O periódico traz uma reportagem especial sobre o centenário casarão de Bem-Bem, no centro da capital, o relato histórico ‘Viagem a Cuiabá’, de Luiz César Faria, a poética de Manoel de Barros e fotografias de marginalizados na capital.

Não foi diferente o nº 3 da revista, naquele mesmo ano. A publicação começou com nova reportagem de Patú Antunes (1998, p. 4-7) intitulada ‘A cidade da memória’. Ivens Cuiabano Scaff foi o personagem principal da matéria:

Para o médico e poeta Ivens Scaff, nascido em 1951, a Cuiabá de sua infância e juventude tinha sede de modernidade. O modelo a ser seguido era o Rio de Janeiro, a capital até o começo da década de 60, e nesse sonho perseguido não cabia, por exemplo, uma Igreja Matriz com ares de igreja de província.

‘Por que derrubamos a catedral? É que havia uma ideia equivocada de renovação. Cuiabá queria ser moderna, estava cansada de ser velha; além do mais, aqui não acontecia nada’, resume ele. [...]

Ivens Scaff destaca como primeiro estouro da década a construção da UFMT em 71. Não para superar o isolamento, mas para melhorar a qualidade de vida da população. ‘Foi o que permitiu que os de menor poder aquisitivo se formassem e aí Cuiabá começou a mudar’.

Mas o que deixou uma sensação de futuro incerto foi mesmo a divisão do estado em 77, cujas tensões foram sentidas por toda a população. Por Ivens, meio a conta-gotas. ‘Eu vinha para Cuiabá todo final de semestre e em Campo Grande tudo mudava. Em Cuiabá, não. Quando muito, uma casa era pintada. A divisão gerou polêmica porque todo mundo achou que seria muito prejudicial para Mato Grosso e acabou sendo uma surpresa a virada’.

No mesmo número, Aclyse de Mattos (1998, p. 14) reforçou a relação negativa entre o desastre ambiental e a figura do forasteiro. Abaixo, um trecho do poema ‘A cheia’:

[...] Este é um dia de cheia num verão de chuvas,
em que a murada do porto (caiada de branco)
ficou apinhada de rostos para ver as águas,
e para a praça todos acorriam
olhando e comentando o volume do rio.
Eu e meus irmãos também estávamos,
e as árvores tinham silêncio e murmúrios
ao invés de flores e frutos. Um velho
vaticinou que enquanto os paus-rodados
descessem das barrancas mais acima
era sinal de chuvas fortes e águas
varrendo e arrastando matas à beira do rio.

O velho que vaticina sobre os paus-rodados representa a força da tradição, a sabedoria que antevê o destino da terra diante da enchente. A expressão “paus-rodados” está claramente identificada com o aspecto danoso da desordem, seja natural, seja humana. É preciso esperar que os paus-rodados parem de chegar. Até lá, a desordem assola o rio, a mata ciliar e a vida dos ribeirinhos.

Já o conto ‘Diário de Jack: ocorrência policial n. 01’, de Eduardo Ferreira (1998, p. 14; 21), fustiga o migrante de forma diferente. Trata-se da história do cuiabano que toma o táxi pilotado por um forasteiro. O chegante “falava sem parar... Da família, da vinda para Mato Grosso, aqui estava o futuro, aqui tudo recomeçava”. Ao final, o cuiabano assalta o taxista, aparentemente sem propósito, porque o narrador confessa que “nunca vivenciara nenhum

assalto. Tampouco eu assaltara alguém outra vez...”. O ato de violência representa uma vingança, um ato desarrazoado a que o cuiabano foi motivado.

Na *Vôte!* n. 5, de janeiro de 2001, após três anos de lapso na publicação, Wander Antunes reiterou no editorial que: “Em nossas páginas não há compromisso com o regionalismo ou com uma temática específica. Toda expressão vale a pena e tem espaço garantido na *Vôte!* Do regional ou universal. Ou as duas coisas ao mesmo tempo, por que não?”. Pela segunda vez, o editor-geral da revista destacava que o regionalismo não constituía a linha condutora da temática e nem elemento de seleção dos textos enviados.

Ocorre que, ao cotejar o conteúdo da *Vôte!* n. 5, percebemos a mesma recorrência do cuiabanocentrismo, posição bairrista exacerbada nos autores do *casting* da publicação. Por mais que Antunes sublinhasse no editorial que não havia a preferência pelo regional, Cuiabá era o centro da produção literária, o personagem principal dos contos e das poesias publicadas na revista.

O croniconto de Gabriel de Mattos, ‘Ligados com o mundo’ representa o esvaziamento da vida comunitária cuiabana em razão da chegada das novas tecnologias. Retrata a resistência em se desligar dos padrões cuiabanos e o condicionamento do olhar global à visão regionalizada. Foram selecionados três trechos que dizem respeito ao sentimento do narrador diante das mudanças no tradicional modo de vida cuiabano:

Naquele tempo ficávamos acordados até bem tarde, na sala de jantar já vazia, eu e meu irmão ouvindo o rádio grande de mamãe. Meu pai colocara um fio comprido, apoiado num bambu no quintal para funcionar como antena mais potente. Dali eu e meu irmão Zeca ouvíamos o mundo. Isso deve ter sido faz tempo, porque em 69 chegou a televisão em Cuiabá e nunca mais a sala de jantar lá de casa ficou vazia; também nesse tempo meu irmão foi servir exército e o bambu do quintal quebrou. Depois cimentaram o quintal e a gente nunca mais ficou tão ligado com o mundo. [...]

Era gozado, a gente se sentia meio mal de estar num lugar que não falava a nossa língua; mas também não era estar no lugar, no meio das pessoas, era estar por ali sobrevoando, sabendo que tinha gente, e que estávamos bem longe de casa. Eu me desesperava um pouco e olhava prá lua, porque a lua é a mesma no mundo todo, e talvez se alguém olhasse nesse país pra lua, era a mesma coisa que olhar do nosso quintal em Cuiabá. [...]

Assaltaram a casa do Seu Vitória e ele consta ruiu um muro alto que não dá mais pra ver o capim do quintal dele. Não temos mais bananeiras no nosso quintal e numa noite de chuva a mangueira velha caiu. Pra arrematar, umas pilhas que esqueceram de trocar melaram ácido dentro do transglobe; meu contato com o resto do mundo ficou impossibilitado desde então. Que droga! (*VÔTE!*, 2001, p. 6).

No croniconto de Gabriel de Mattos, a ligação do cuiabano com o mundo é remota. O garoto que cresce e vê descaracterizado o quintal da antiga casa não consegue se afastar da capital mato-grossense e, quando o faz, tem a esperança de encontrar a referência de Cuiabá na lua que brilha igualmente em todos os lugares do mundo. A separação física da cidade provoca dor e mal-estar. Muito embora o personagem cuiabano queira se atualizar das novidades de fora, não suporta se afastar do próprio quintal.

Quando retorna, a capital mato-grossense está transformada. O quintal representa a memória afetiva do garoto, que se surpreende com a decadência dos símbolos em derrocada – o muro, a bananeira e a velha mangueira. O capim cresce alto denotando falta de cuidado ou abandono. O meio de comunicação com o mundo, resumido à intimidade de um rádio, está arruinado. Alguém se esqueceu de trocar as pilhas e, por isso, o aparelho ficou inutilizado. Antigas formas de comunicação de uma “cidade *voyeur*” extinguiram-se.

O cuiabano não poderia mais observar o mundo no conforto do quintal, protegido por muros e árvores nativas. Obrigava-se, nessa nova fase, a abandonar a vida introspectiva e previsível para se relacionar com desconhecidos ou mesmo deslocar-se para um local onde “não se falava a mesma língua”. Portanto, a inconformidade com a transformação dos costumes, a fixação da passada memória sentimental como paradigma de vida urbana, o forçoso convívio com situações inusuais e pessoas estranhas resumem não só o espírito do tempo da cidade a partir dos anos 1980 como também o paradoxo que a Geração Coxipó constituiu para si. A modernidade não é um mal em si, desde que condicionada ao ritmo, ao volume e à estética propriamente cuiabana. Avançar demais causa estranhamento, quando não repulsa.

A *Vôte!* nº 6 (edição 10, ano 7) incorporou uma linguagem científica, pela interseção de professores da Universidade Federal de Mato Grosso. Participaram Hilda Gomes Dutra Magalhães, Mário César Silva Leite e Ludmila Brandão. O longo editorial de Gabriel de Mattos fez um apanhado sobre o hiato da nova geração com o público. Portanto, a preocupação dos escritores mais maduros já não era a autoafirmação e sim a conquista do público interno e externo. Pela primeira vez, uma crítica aberta à Academia foi realizada. Entretanto, Gabriel de Mattos referiu-se à Academia Brasileira de Letras, que só dava entrada a escritores que apresentassem livros convencionais.

Seria um ensaio para o que se chamaria “ACADEMIA DOS MORTAIS”? Percebe-se que já amadurecia a percepção de que os novos escritores deveriam encontrar um *locus* próprio, que lhes assegurasse reconhecimento e, de outro giro, as instituições que vazavam uma aura de literatura eram compostas, na verdade, por profissionais liberais que produziam textos técnicos.

O ressentimento de Gabriel de Mattos com a ABL justificava-se, na medida em que a Geração Coxipó não detinha ainda uma farta produção de livros. Aliás, a publicação errática foi uma das características que marcou o grupo entre os anos 1980 e 2000. Em vinte anos de movimentação, poucos escritores mantiveram a periodicidade e fizeram uma produção literária consistente. No mais das vezes, lançaram alguns livretos, cujas páginas vendiam individualmente, cópias mimeografadas de brochuras improvisadas e poucos livros, entre lapsos de uma década. O que os jovens do “Baixo Coxipó” acreditavam ser vanguarda ao lançar esses livretos (*Pé no Céu que a Terra pirou*, de Antônio Carlos Lima; *Borracharia astral* e *Acochand’um brau*, de Luiz Renato, por exemplo) não ficou para a posteridade como registro apreciável de produção literária.

Nem se diga que a modesta produção desse período deveu-se à ausência das editoras. De fato, tanto a Entrelinhas como a Carlini & Caniato surgiram em meados dos anos 1990, mas a Gráfica da UFMT e outras que se estruturaram no final dos anos 1980 dariam conta da produção literária, caso os escritores contassem com textos maduros para a publicação. É muito provável que eles estivessem, além dos eventuais *happenings* do Coxipó, mais preocupados com sua qualificação profissional e a inserção no mercado de trabalho. Isso para não citar a óbvia dificuldade financeira que empurrava Antonio Sodré, por exemplo, à venda ambulante de poemas.

A despeito do melindre com a exigência das academias de letras por livros convencionais, Gabriel de Mattos (2002, p. 5) intuiu uma nova fase para a Geração Coxipó:

Nem é preciso dizer que a sintonia com essas conversas pode gerar as editoras sérias que surgem na esteira das revistas, e que é assim que se possibilita uma efervescência criativa, que arrebenta os muros de um grupo ou instituição, que se agita um certo lugar onde os criadores estão na rua, nas conversas, nas mesas de bar, nas páginas de uma revista.

A quais muros Gabriel de Mattos se referia? Quais instituições deveriam ser tomadas pela nova geração? É muito provável que, uma vez amadurecida a produção da Geração Coxipó, o próximo passo a ser alcançado seria o reconhecimento institucional. Daí os reclamos por publicações convencionais, pela crítica especializada e, talvez, por espaço na Academia Mato-grossense de Letras. Na *Vôte!* de 2002, a propaganda de livros mato-grossenses dizia respeito apenas ao próprio grupo, nunca aos lançamentos de outros escritores mais antigos.

Estruturava-se o “sistema” de Candido, ao qual Mário César Silva Leite (2002) se referiu. De um lado, os escritores com suas obras. De outro, os veículos de publicação e leitores para

recepcionarem essa literatura que foi amadurecendo lentamente. Com o auxílio da UFMT e da graduação em Letras, outro vértice surgiu para consolidar a Geração Coxipó – a crítica literária. Por meio de Mário César, por exemplo, Luciene Carvalho teve destaque nas publicações da *Vôte!* e de outras publicações. Hilda Gomes Dutra Magalhães, mesmo vivendo no distante Araguaia, chamou a atenção para Marilza Ribeiro e Tereza Albues, reforçando a revista com textos de escritores de fora do núcleo cuiabano, ou cuiabanos até então não publicados.

É por isso que, na última edição que circulou da revista *Vôte!* (edição 11, ano 10, n. 7) de 2002, Mário César Silva Leite propôs no Editorial criar uma coluna dedicada à crítica dos autores mato-grossenses, a fim de “oferecer aos leitores um panorama da produção literária do estado, bem como dados biográficos, bibliográficos e textos críticos (caixas abertas) onde alguns críticos comentam as obras dos autores”. O primeiro selecionado foi Wladimir Dias-Pino, comentado pelo professor Sérgio Dallate. Vê-se, a partir de então, que a Geração Coxipó já projetava em Silva Leite a esperança de construir uma ponte com a crítica literária especializada, firmada na Universidade Federal de Mato Grosso.

Nesse último número da *Vôte!*, dez anos depois do lançamento da primeira edição, não por coincidência, foi anunciado o livro *Na margem esquerda do rio*, uma reunião de textos dos autores da Geração Coxipó, projeto coordenado por Juliano Moreno e Mário César Silva Leite. A obra marcou uma nova fase da produção literária do grupo, que deixou de lado os periódicos para começar a publicação de livros, coletivos e individuais. Completou-se o primeiro ciclo da nova geração, que imprimia folhetos na gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso com o apoio de Wladimir Dias-Pino nos anos 1980, passou a convergir na publicação da *Vôte!* e de outros periódicos e, após 2002, amadureceu o suficiente para publicar livros pelas novas editoras que começaram a atuar em Cuiabá: primeiro, a Entrelinhas e, logo depois, a Carlini & Caniato.

3.3 – Estação Leitura e a luta de Wander Antunes por um público leitor

FIGURA 14 – Capa da primeira edição da revista *Estação Leitura* (fev./mar. 2004).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

A Estação Leitura³¹ surgiu no começo de 2004, como resultado do amadurecimento editorial de Wander Antunes. Os dez anos de circulação de *Vôte!* fizeram com que a Geração Coxipó amainasse o discurso contra o elemento exógeno e acrescentasse outras leituras nos editoriais. Wander Antunes, o editor-geral dos dez números da nova revista, principiou da seguinte forma:

Você deve estar se perguntando: por que Estação Leitura? Porque parte de nossa tiragem é distribuída nos terminais de ônibus de Cuiabá, mas também, e principalmente, porque esta revista se propõe a ser uma estação, um elo de ligação entre autores e leitores mato-grossenses – porque é preciso levar ao

³¹ Foram analisados os seguintes números de Estação Leitura: Estação 1 – fev./mar. 2004; Estação 3 – mai. 2004; Estação 4 – set./out. 2005; Estação 5 – dez. 2005; Estação 6 – fev. 2006; Estação 7 – 2006; Estação 8 – 2007; Estação 9 – mar. 2008; Estação 10 – abr. 2008.

público a literatura de altíssima qualidade produzida aqui (que incrivelmente não faz parte da vida da gente). E, num momento em que, aparentemente, tantos parecem não entender cultura como produção e circulação de ideias e repete, a exaustão, que é preciso restaurar, resgatar (?) e preservar nossa cultura (não que a gente não concorde!, o que não aceitamos é que seja só isso), nós queremos dizer, com essa revista: sim é preciso preservar o patrimônio histórico, mas também é preciso publicar revistas de literatura, produzir teatro, cinema... E é preciso cuidar para que o público tenha acesso a esses produtos. É isso! (ANTUNES, 2004, p. 2).

Há diferenças entre a *Vôte!* e a *Estação Leitura*. A primeira foi inicialmente patrocinada por uma única empresa (Supermercado Modelo) e teve várias fases e formações. Muitos autores apareceram na *Vôte!*, para nunca mais retornar. Grande parte não publicou nenhum livro. De 1992 a 2002, formou-se um grupo seletivo de autores com os quais Wander Antunes podia contar para colaborações periódicas: Gabriel de Mattos, Aclyse de Mattos, Lucinda Persona, Juliano Moreno, Ivens Cuiabano Scaff, Lorenzo Falcão. Outros autores apareceram ocasionalmente, como Odair de Moraes, Santiago Villela Marques e Ricardo Guilherme Dicke.

O projeto editorial de *Vôte!* estava amplamente ligado à visualidade. Desde o primeiro número, fotografias e artes plásticas dos artistas regionais ilustraram as páginas do periódico. Artistas da nova geração, como Gervane de Paula, Adir Sodré, Nilson Pimenta, Clóvis Irigaray, Jonas Barros e Márcio Aurélio formavam o time principal dos convidados. Nos dez anos de circulação, a *Vôte!* oscilou de forma, ora ligando-se à Universidade Federal de Mato Grosso, a dar espaço para ensaios de professores, ora oportunizando um espaço maior ao texto literário.

Finalmente, a *Vôte!* continha um discurso editorial dissociado do conteúdo apresentado. Enquanto prometia uma publicação aberta e democratizada, deliberadamente não regionalista, seu conteúdo não se afastava um só momento de Cuiabá, suas tradições, seus cenários urbanos e rurais, suas memórias das primeiras décadas do século XX, reprisando as crônicas memorialistas de gerações pretéritas ao grupo do Coxipó. O conteúdo da primeira fase de *Vôte!* foi resumido pelo 1º editorial de Aclyse de Mattos – uma revista cuiabana e de cuiabanos. Isso por que, no começo da década de 1990, era preciso firmar o grupo de escritores que acompanharia Wander Antunes nos próximos projetos. A autorreferência era uma evidência, ainda que fosse sistematicamente negada pelo editor-geral.

A *Estação Leitura* circulou em outro momento histórico e sob novas circunstâncias. Resultou de um projeto de captação de recursos públicos da ALIMENTO – Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense, formada pelo mesmo grupo que constituiu a Geração Coxipó. O financiamento garantiu periodicidade e tiragem fixa à revista, o que proporcionou uma marcada diferença da *Vôte!*, que oscilou durante dez anos. Ainda que a *Estação Leitura*

tenha tido vida muito mais curta do que a *Vôte!*, ela pode ser tomada como um desdobramento amadurecido de uma geração, onde o *casting* de autores estava decantado. Essa seleção já fora realizada desde 1992 e, em 2004, com o lançamento de *Estação Leitura*, o editor Wander Antunes já sabia com quem poderia contar.

Os autores de *Estação Leitura* firmaram-se na literatura e iniciaram as publicações autorais de forma periódica. Portanto, ficaram cada vez mais distantes do grupo inicial de *Vôte!*, qual seja, Eduardo Ferreira, Luiz Renato, Amauri Lobo, Ana Marimon, Antonio Sodré e Antônio Carlos Lima, todos autores de publicação errática e/ou inconsistente ao longo do período. Ainda que os livros dos últimos citados guardassem estreita ligação estética e temática com o restante dos escritores que prosseguiram publicando, constituindo a Geração Coxipó, não lograram consolidar sua carreira literária. É o caso de Eduardo Ferreira, com um único livro em trinta anos de movimentação cultural; assim como Antonio Sodré e Amauri Lobo.

Se *Vôte!* nunca declarou a tiragem e era produzida no caro papel couchê, *Estação Leitura* começou com 5.000 números distribuídos gratuitamente e logo passou para 15.000, impressos em papel-jornal colorido, fato que indicava o caráter popular do periódico mais recente. No expediente da *Estação*, o editor declarou que a revista era “vinculada ao RG Dicke – Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso/MeEL/UFMT”.

Noutras palavras, contava com o apoio dos professores da Universidade Federal, sobretudo com o integrante da Geração Coxipó que se tornou crítico literário, Mário César Silva Leite. Percebe-se, com a manutenção dessa ligação, que alguns membros do grupo profissionalizaram-se, em termos acadêmicos e/ou editoriais. No 2º editorial da *Estação Leitura*, percebe-se uma abordagem diferente da revista *Vôte!*. Ao comemorar a tiragem expressiva, Wander Antunes (2004, p. 3) afirmou:

Já pensaram no efeito provocado por cinquenta mil exemplares de uma revista de literatura circulando por esse Estado, sendo lida em cada uma de nossas cidades, descobrindo e publicando autores fantásticos que talvez nem você nem eu ainda tenhamos tudo o prazer de conhecer? [...]

Falando em descobertas nesse caso, descoberta para mim, porque eles já estão na estrada há tempos, ambos com livros publicados – esta Estação traz dois autores muito bons, desses que a gente encontra e, diante da qualidade do trabalho deles, fica se perguntando ‘como é que esse encontro demorou tanto pra acontecer?’ Não que a gente não conheça a resposta, que passa pelas distâncias, pelas tiragens pequenininhas e pela dureza que é editar – quase sempre autoeditar – livros em Mato Grosso, Mas, enfim, a terna Gláucia Olivieri e o delirante Paulo Sesar Pimentel, ela de Barra do Garças e ele de Sinop, estão no meio de nós!

Outros dois aspectos demandam comentário. O projeto literário da nova geração era estender a literatura para todo o Estado de Mato Grosso, por um lado, e dar espaço para que outros autores fossem recebidos “no meio de nós”, grupo autoral, até então bastante endogâmico. Finalmente, resta pontuar a angústia com a carência de editoras profissionais, que foi objeto das colocações passadas de Gabriel de Mattos, ainda na revista *Vôte!*.

A *Estação Leitura* sofreu uma suspensão entre os números 6 e 7 (fev. 2006) e, quando retornou, foi comemorada pelo editor-chefe. No editorial da revista 7, Wander Antunes deixou claro o surgimento de uma nova geração de escritores, nominalmente identificados. Ao comentar sobre a “descoberta” do talento de Odair de Moraes, o editor afirmou que:

Não vai demorar para o leitor colocar o Odair ao lado de talentos imprescindíveis de nossas letras, como Ivens Cuiabano Scaff, Lucinda Persona, Juliano Moreno, Gabriel de Mattos (que também está nesta edição), Ricardo Guilherme Dicke, entre os grandes. Talvez demore um pouco por conta do silêncio ou ausência de crítica literária por essas paragens – mas eu boto minhas fichas nesse cara.

O texto de Wander Antunes é rico em sinais. Primeiro, porque nominou quem, na visão do grupo, já se tornara canônico, apontado como “imprescindível”. Segundo, porque constatou a falta de interesse da crítica literária (comunidade universitária) no estudo da produção de Mato Grosso, um diagnóstico real que só mudou com o trabalho de alguns professores da UFMT e, sobretudo, mais adiante, com o surgimento e fortalecimento da Unemat nos vários núcleos do interior do Estado, mormente com a criação do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), em 2009.

Além da “ausência de crítica literária”, vê-se outra ausência, constatada no 10º número da *Estação Leitura*. Trata-se do último número, com direito à despedida do editor Wander Antunes, que denunciou: “Se Mato Grosso não tem um público leitor bem maior do que tem hoje em dia, isso se explica justamente por conta da histórica falta de vontade política de se investir em literatura – em cultura, de um modo geral”. Portanto, ainda não estava firme o tripé que sustentaria o *boom* literário dos anos seguintes – editoras sólidas, crítica consistente e apoio para a distribuição das obras.

A consolidação da nova geração de escritores no princípio do século XXI trouxe consigo as questões da contemporaneidade: (a) perspectiva cética e/ou pessimista quanto ao presente; (b) marcante individualismo; (c) futuro incerto; (d) constatação de uma paisagem deserta, caótica e transformada; (e) busca pelo marginal e/ou distópico. Podemos apontar, nos dez números da *Estação Leitura*, essas características na escritura do grupo:

a) A perspectiva cética e/ou pessimista

[...] continuou pensando que tudo estava bem. Que lhe bastavam os sonhos. Que não precisava de mais nada. sua vida era o que devia ser. Não, ela não mudaria o modo de agir, não abriria as portas para o que desse e viesse. Não provocaria nenhum movimento que quebrasse aquele ritmo tão igual e, sendo igual, mais facilmente digerível.

Isso tudo foi o que pensou e cultivou por um certo tempo, até o misterioso dia em que, sem avisar em casa, vendeu o carro e comprou uma passagem para Paris. Só de ida (Lucinda Persona, no conto 'Uma longa viagem – *Estação Leitura* nº 1).

[...] Só o espelho infame insistindo em guardar fragmentos da memória... A pobreza subcutânea e permanente; a mãe eternamente grávida, desovando um filho a cada ano. Talvez um pouco mais de sombra verde nos olhos apagasse... O cheiro de bebida barata, impregnada ao suor do pai com mãos sempre a espreita, prontas pra tocar seu corpo. Talvez um pouco mais de perfume apagasse... o choro dos irmãos menores cada vez mais numerosos, com suas bocas sempre famintas. Talvez um pouco mais de batom vermelho nos lábios apagasse... Ela gostaria de poder jurar que vive do talento da sua voz afinada, cantando as guarânias dos seus ancestrais. Gostaria que o aplauso do público indicasse o final da sua noite de trabalho. Gostaria... (Luciene Carvalho, no conto 'Carmita Surana' – *Estação Leitura* nº 5).

[...] Na solidão de mulher velha de memória falha, pouco lhe restara: só a cadeira de balanço, as lembranças e esse pequeno ir e vir entre a varanda e o quintal; a conversa com as árvores e os passarinhos o que faz quando bem entende; esses vestidos de cores alegres e decotes mais frescos que só pode ter após a viuvez.

É verdade que muito, muito da memória se perdeu, porém, dentre o que restou, é recorrente a lembrança de um certo Cabo Tomé que frequentou-lhe a casa quando os 40 anos gritavam a urgência do corpo. O rosto dele lhe volta aos olhos com mais força cada vez que sua caçula – a rapa do tacho – vem lhe visitar. Na hora de abençoar a filha na despedida, chama-a de Tomezinha e não se importa quando escuta o que sussurram de viés, lhe chamando de caduca (Luciene Carvalho, no conto 'Cadeira de balanço', *Estação Leitura* nº 9).

b) O marcante individualismo

Só eu mesmo vou assim devagar
por estas ruas desajustadas

Como um cão sem dono a passear sua sombra

Venço o asfalto adverso
com a animosidade dos que nutrem esperança alguma.

Vou na velocidade de um manco!
Com o meu olhar coletor de níqueis
e o gigante dedo de Deus sobre as costas

A vida é este caminhar solitário

que eu conheço bem (Odair de Moraes, na poesia ‘Serenos serenando...’ – *Estação Leitura* nº 6).

Como a um país desconhecido
a solidão me mapeia
e escreve sem cor em seu livro
de traços mal definidos
meus ossos de pó e de areia [...]

Nas linhas que a mão de destina
o enigma da curva jornada
em páginas me descaminha
e enquadra, mas não explica
esta alma geometrizada (Santiago Villela Marques, na poesia ‘Cartografia’ – *Estação Leitura* nº 10).

c) A incerteza do futuro

[...] Nasceu seu primeiro filho, nessa manhã fria de uma terra quente. E ele sente-se pequeno, perdido. Num lampejo, relembra as garotas que poderiam também ser a mãe daquela criança, das suas dúvidas, da sua vida um tanto inútil até agora. Faltam a árvore e o livro, o filho já tem. Como a vida é complicada, pensa. Será também assim para o meu filho? Precisa conversar com ele sobre isso, prepara-lo. Ser... pai. Respira fundo nessa manhã estabelecida. Podem ter esquecido dele por agora, mas ele vai voltar. Vai tomar o seu lugar. Afinal, ele vai ter só esse filho, sabe disso. E para surgir outro exemplar, precisarão dele. Entra no carro, finalmente sentindo um cansaço bom. Isso mesmo. E talvez o segundo seja uma menina. Uma filha (Gabriel de Mattos, no conto ‘O primeiro filho’ – *Estação Leitura* nº 7).

[...] Num choro, querido, guarda tudo pra daqui a um pouco, o sol já está nascendo, trazendo na sua carroça de fogo seu amanhã – é você vai ser cachorro grande. Falei que tinha um plano, que essa minha cabeça-de-fósforo pensava, rodava suas engrenagens de brinquedo. Só não esquece que te amo, num esquece, num acredita na maluca que vão te mostrar, que você vai descobrir. Lembra, guarda no fundo desse seu coração toc-toc que toda essa confusão não passou de um plano, um ato de guerra pra capturar um futuro melhor, fazer real uma visão que sua mãe teve, agora dorme, economiza o choro pro nosso show de daqui a pouco (Juliano Moreno, no conto ‘O plano’ – *Estação Leitura* nº 10).

d) Paisagem deserta, caótica e transformada

[...] Já fazia tempo respeitável que andava me esquecendo onde estacionava o carro. Problema típico que a gente só enfrenta na hora do vamos ver. Não parava num estacionamento fixo. Cada dia num lugar, rua, diferente. Rotina não é comigo não. Raiva pouca é bobagem. Consegui ludibriar essa lembrança inútil e sai andando, meio a esmo, achando que meu pau véio, impregnado de papéis e papiros modernos amarelando esquecidamente no banco de trás, onde talvez estivesse a paciência perdida, poderia estar na direção que segui. Pisei duro na calçada inocente e encardida, não evitei encontrões. Queria encrenca, quem sabe. Bufava.

Percebi que estava destoando por completo do ambiente vário e desagradável que é uma rua movimentada, na hora do lusco-fusco, aonde o conjunto de pessoas que vai e vem forma uma espécie de formigueiro humano (Lorenzo Falcão, no conto ‘Adolescentes’ – *Estação Leitura* nº 6).

Gado

pregado

empregado

do frigorífico (Antônio Carlos Lima, poesia sem título – *Estação Leitura* nº 9).

e) Busca pelo marginal e/ou distópico

[...] Sentei-me em meu computador e iniciei esse relato, tendo eu agora a certeza de que não terei tempo até que a empregada chegue ou que minha empreitada esteja concluída. Elas estão quase rompendo a porta e o tapete. Acho que não posso fazer mais nada. até porque agora são as teclas do computador que estão se pressionando espontaneamente. Uma delas já pulou do teclado e acertou a minha testa. Acho que meu olho esquerdo foi cegado por um Esc. Meu dedo mínimo foi mordido pelo enter. Enquanto estas me atacam, sem que eu tenha mais qualquer vontade de resistir, as letras continuam se movendo num ritmo alucinante, cada uma dizendo ou soletrando o signo que representa. Já não posso mais ver. Outra tecla, não sei precisar qual, me cegou o outro olho. Não posso mais escrever. Se amanhã, encontramos um corpo e uma narrativa, houver nos jornais uma divertida e bizarra história escrita pelas teclas de um computador, acreditem cegamente nelas. Eu acreditei, pois no fim de tudo, só elas mesmas restam... (Paulo Sesar Pimentel, no conto ‘As teclas’ – *Estação Leitura* nº 4).

Entregou o bagulho tudo do irmão na boca-de-fumo. O inocente teve que desembolsar uma nota pra recuperar as coisas depois. Seis meses internado, fazendo tratamento, vê se adiantou! Viciado. Drogado. Ladrão. Da outra vez o irmão ainda foi na delegacia retirar a queixa, quando descobriu que era ele. Dessa vez, condenado pela própria mãe: Deixa esse troço apodrecer na cadeia (Odair de Moraes, no conto ‘Círculo vicioso’ – *Estação Leitura* nº 7).

Em qualquer vitrine

Do mercado global

Você pode comprar

Sua opção:

Ser alienado

Ou desonesto

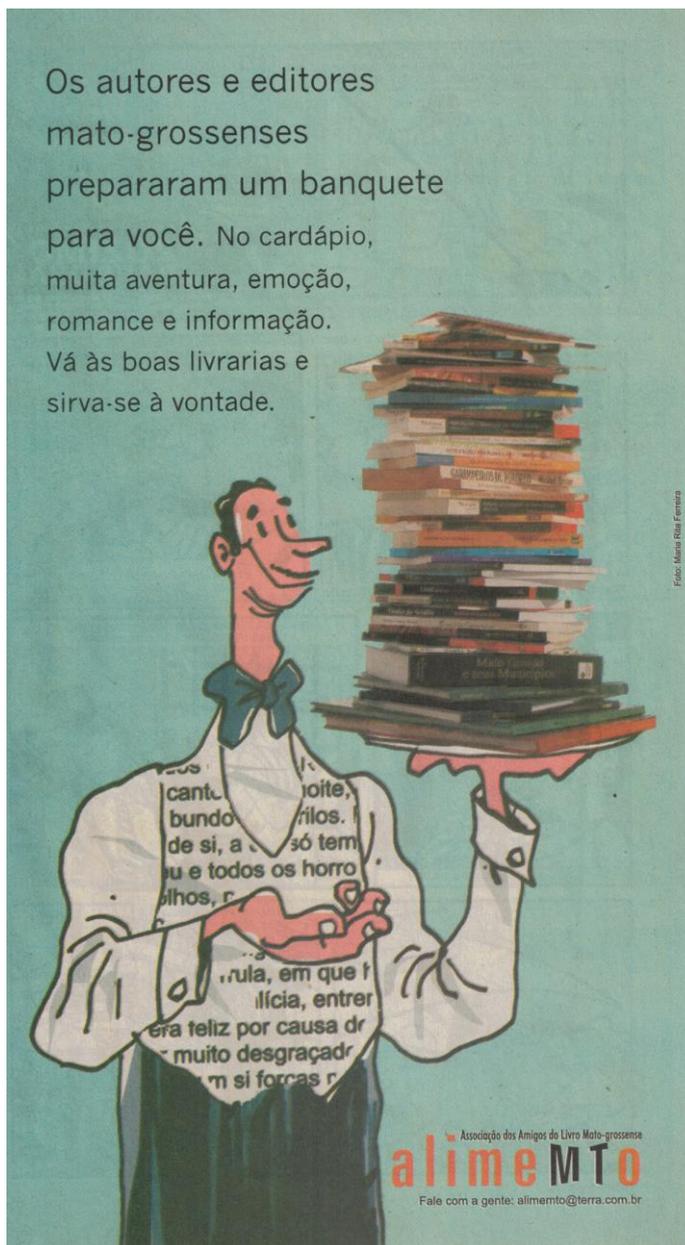
Ou escravo

Ou marginal [...] (Marta Cocco, trecho da poesia ‘A última tentação’ – *Estação Leitura* nº 7).

A *Estação Leitura* não pontificava a cuiabanidade como o fazia *Vôte!*. Ainda que os autores da Geração Coxipó estivessem presentes na publicação, Cuiabá começou a sair lentamente do protagonismo dos textos literários, dando lugar às angústias existenciais e desafios do contemporâneo. A superação do ressentimento com os migrantes sulistas, mesmo não completa, desarmou a predisposição negativa que se percebia na revista *Vôte!*. Os desafios eram outros:

divulgar os livros da própria Geração Coxipó, aumentar o mercado consumidor, levar a produção dos novos autores para a rede pública de ensino, firmar parcerias públicas e fomentar estudos críticos sobre os livros lançados por este conjunto de autores.

FIGURA 15 – Anúncio da Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense – ALIMENTO, no segundo número da revista *Estação Leitura* (abr./mar. 2004).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS 2019.

O circuito de publicização da nova geração iria ocorrer pouco depois. O nº 4 da *Estação Leitura* circulou entre os meses de setembro e outubro de 2005 e anunciava, na contracapa, o maior evento literário que Mato Grosso organizou – a Literamérica, feira sul-americana do livro.

Sob o comando de João Carlos Vicente Ferreira, a Secretaria de Estado de Cultura escutou os escritores da Geração Coxipó, sobretudo aqueles com autoridade acadêmica, como Mário César Silva Leite, e com notória visibilidade, como o jornalista especializado em cultura Lorenzo Falcão. Com base nas informações de ambos, a SEC escolheu três escritores para receberem homenagem: Manoel de Barros, Ricardo Guilherme Dicke e Wladimir Dias-Pino, justamente os que maior influência exerceram na trajetória literária da Geração Coxipó.

Como se vê, nenhum dos homenageados fazia parte da Academia Mato-grossense de Letras. Por outro lado, representavam uma literatura à margem do mimetismo da dupla Aquino-Mesquita, distante da métrica parnasiana e da idealização romântica do território mato-grossense. Manoel de Barros e Dias-Pino eram nacionalmente reconhecidos, este último ativo colaborador da Geração Coxipó desde a década de 1980. Antiacadêmicos convictos, Dias-Pino e Dicke nunca flertaram com a possibilidade de concorrer a uma das vagas da instituição que completava, na época, 85 anos. A seleção de homenageados, portanto, tinha um duplo significado: reconhecer o trabalho dos três escritores e dar voz à estética dos novos autores que, por sua vez, estavam representados por Mário César Silva Leite, ele mesmo egresso da UFMT e colega dos jovens escritores do período.

As publicações organizadas pela Geração Coxipó são marcadamente autorreferentes, talvez pela necessidade de consolidar o movimento e reivindicar o estatuto do cânone. No editorial da *Estação Leitura* nº 7 (sem data de circulação), o editor Wander Antunes ([200-], p. 2) apresentou o jovem Odair de Moraes da seguinte forma:

Não vai demorar para o leitor colocar o Odair ao lado de talentos imprescindíveis de nossas letras, como Ivens Cuiabano Scaff, Lucinda Persona, Juliano Moreno, Gabriel de Mattos (que também está nesta Estação), Ricardo Guilherme Dicke, entre os grandes. Talvez demore um pouco por conta do silêncio de crítica literária por essas paragens – mas eu boto minhas fichas nesse cara.

Além das recorrentes citações aos autores da Geração Coxipó e daqueles que interagem com as publicações de Wander Antunes, estava formada a consciência da própria colocação desse grupo consolidado. No longo editorial da *Estação Leitura* nº 9, que circulou no mês de março de 2008, o editor justificou a importância do financiamento público ao projeto literário da seguinte forma:

A empresa chamada para construir um hospital está claramente atendendo a uma necessidade e seu construtor não precisa ficar o tempo todo justificando e defendendo a importância de sua atividade. Já os artistas, os produtores culturais, parecem precisar. E por quê? Se nós também somos construtores! Nós,

com nosso talento, também estamos erguendo alguns prédios. Belas edificações, diga-se de passagem e sem falsa modéstia (ESTAÇÃO LEITURA, 2008, p. 3).

Nos primeiros anos da década de 2000, não havia mais pudor entre o editor e os autores de se autoproclamarem “grandes” e “consagrados”. Havia, entre eles, a percepção de que a Geração Coxipó (mesmo que não se denominasse dessa forma) estava produzindo mais e melhor do que os membros de qualquer outra instituição mato-grossense, sobretudo a AML, que nunca foi mencionada nos dez anos de publicação dos periódicos *Vôte!* e *Estação Leitura*.

A reclamação já não era mais pela ausência de livros. De posse de títulos lançados por editoras locais, uma nova questão se impunha: a premência da crítica especializada. Os escritores acusavam a falta de profissionais que refletissem sobre a produção das décadas em que atuaram, proporcionando-lhes visibilidade, notabilidade e lastro acadêmico.

Por mais que a *Estação Leitura* não focasse na cuiabanidade, era impossível escapar à recorrência temática nos textos publicados de autores da Geração Coxipó. Ivens Cuiabano Scaff, apresentado como “romancista, contista e poeta, é autor, entre muitos outros, de *Uma maneira simples de voar*”. Na época, porém, o escritor não havia lançado nenhum romance. Ainda assim, estava consolidado como escritor em razão da experiência com publicações que iniciaram com o livro *Mil mangueiras*, em 1986, organizado por Maria Teresa Carrión Carracedo, antes mesmo de fundar a editora Entrelinhas.

Na edição nº 5 de *Estação Leitura*, de dezembro de 2005, Scaff (2005, p. 5) publicou o conto ‘Fragrância’, onde a imagem nostálgica de Cuiabá é reprisada.

Servidos os doces, o café e o licor, acabara-se a sua função. Deviam ter por certo que já fora dormir. Aquilo era assunto de homens.

Numa outra noite isso seria perfeitamente plausível. Como se interessar por aquelas conversas e maquinações sem fim? Mas nessa noite, ao cruzar a varanda cuiabana, que é como era conhecida a varanda fechada que naquelas casas coloniais dava para o jardim interno e o quintal, foi pega de surpresa pelo cheiro intenso da floração das mangueiras. Todo ano sempre igual fechando julho e abrindo agosto, as muito mais de mil mangueiras da pequena Cuiabá floravam de uma só vez.

A necessidade de se reencontrar com a memória afetiva de uma Cuiabá do passado é a tônica da produção de Ivens Cuiabano Scaff e de muitos autores da Geração Coxipó. Os textos em prosa geralmente são ambientados no passado, por volta das décadas de 1930 a 1960, quando a capital mato-grossense ainda não havia sofrido as transformações causadas pelas “invasões bárbaras”. Percebe-se uma sociedade refinada, afeita ao serviço completo de mesa, cujas famílias se voltavam para o interior dos próprios quintais. A vida idílica,

embalada pela brisa que trazia o cheiro das frutas da estação, tinha a previsibilidade da floração de cajueiros e mangueiras e do ulterior ciclo de chuvas.

Ivens trabalha com imagens universais porque (re)liga o leitor com um passado enraizado nas identidades familiares e geográficas. Provavelmente, é esse o apelo estético mais expressivo da literatura regional, erroneamente rotulada por alguns críticos como “menor”, mas que repercute intensamente na recepção do leitor. O recorte espaço-temporal de Scaff remete-se à civilidade, não à barbárie. Ao contrário do clichê crítico de considerar o regionalismo como uma expressão de segunda categoria, o texto de Scaff e de muitos outros da Geração Coxipó não apelam para a exclusividade topográfica, mas reclamam uma leitura amorosa, repleta de nostalgia e identidade, formando um elo emocional com os leitores locais e, caso fossem melhor distribuídos, com leitores de qualquer outra localidade.

Antônio Carlos Lima (Toninho) participou do penúltimo número da *Estação Leitura* e retomou o discurso defensivista que já se registrava desde o *Saco de Gatos*. Os quatro poemas publicados na 9ª edição da revista retratam os males do avanço tecnológico, da degradação ambiental e da invasão territorial pelo forasteiro depredador, identificado com o demônio no poema ‘A peteca do capeta’:

Pra escapar do tédio
de um inferno pacato,
de terno, sapato e capote,
o capeta catou seu pacote,
saiu de pinote e caiu
...logo em Cuiabá.

Chegou pra encarar, pra inquirir
e querer tocar fogo em tudo que já arde
aqui, no mundo e no País:
mato, barraco, índio, mendigo, juiz...

Mas o pobre-diabo logo entrou de tacape
na oca de uma cabocla louca de pacote
e não segurou a peteca:
deixou cair a munheca
antes de ralar a mandioca
e, sem molhar a minhoca,
capotou e empacotou
com o calor de Cuiabá.

Bem feito! Quem foi que mandou
não tirar o capote, o sapato, o terno,
o tédio do inferno pacato, o pacote?

A estética de boa qualidade do poema, repleto de trocadilhos e dubiedades, encerra uma narrativa conhecida da Geração Coxipó sobre o forasteiro que devasta o meio ambiente mato-grossense por meio da queimada. Inicialmente, é relevante destacar a forma como o diabo apresenta-se vestido na capital: “de terno, sapato e capote”, isto é, roupas típicas de migrantes acostumados ao clima temperado, não ao calor do inferno. Desde aí, é possível perceber que o diabo está identificado com o empreendedor capitalista, que chega para “tocar fogo em tudo que já arde”. O migrante sulista é a representação do diabo de Antônio Carlos Lima.

Outras referências a episódios locais podem ser evidenciados. O diabo aporta de forma acintosa em Cuiabá, tal qual eram retratados os migrantes sulistas pela comunidade cuiabana nos jornais da época. A entidade maléfica tem a intenção de destruir a floresta, mas não só. Quer incendiar “mato, barraco, índio, mendigo, juiz”, referindo-se ao ecossistema, à população pobre e, finalmente, ao juiz Leopoldino Marques do Amaral, cujo corpo foi encontrado carbonizado em 1999.

A descrição pejorativa do migrante prossegue. O intento diabólico não logra êxito, porque o diabo se vê diante da impotência sexual frente à mulher cuiabana. Nas entrelinhas, deixa-se subentendido que o migrante pode ser fraco ou mesmo homossexual: “não segurou a peteca / deixou cair a munheca / antes de ralar a mandioca / e sem molhar a minhoca / capotou e empacotou / com o calor de Cuiabá”.

Finalmente, o poema encerra com a chave para o migrante conquistar a ambiência cuiabana, código não observado pelo diabo. Bastaria que se livrasse do “capote, do sapato, o terno” para que se aclimatasse, ou seja, retirasse de si os símbolos incompatíveis com os costumes cuiabanos. Do migrante, exigia-se o deliberado apagamento de valores, hábitos, tradições e todos os outros elementos caracterizadores de sua identidade alienígena para assumir os símbolos cuiabanos: o linguajar, o traje, o paladar. Como a troca simbólica não se operou a contento, o diabo-migrante acaba sucumbindo no meio ambiente hostil.

Estação Leitura parou de circular em abril de 2008, com o fim do projeto de fomento público. Em razão da não continuidade do apoio do Conselho Estadual de Cultura, Wander Antunes (2008, p. 2) lamentou-se no último editorial:

Nós, enfim, que produzimos literatura neste Estado continuamos os mesmos, fazendo o que sempre fizemos e acreditando no que sempre acreditamos: que a literatura faz um bem danado à vida das pessoas e que elas querem ler, sim senhor! É que se Mato Grosso não tem um público maior do que tem hoje em dia isso se justifica justamente por conta da histórica falta de vontade política de se investir em literatura – em cultura, de um modo geral.

Nesse número, os poemas de Santiago Villela Marques, um dos poucos autores de fora de Cuiabá, foram publicados pela primeira vez nos periódicos da Geração Coxipó. Professor da Unemat em Sinop, norte de Mato Grosso, Santiago Villela é o nome literário de Paulo Sérgio Marques, premiado escritor, distante do cuiabanocentrismo. A *Estação Leitura* despediu-se do público antes de consolidar a ligação entre os escritores da Geração Coxipó com outras cidades mato-grossenses, o que viria a acontecer muito mais tarde, por articulação do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Unemat que, no ano de 2009, foi instalado na cidade de Tangará da Serra-MT.

3.4 – Revista *Fagulha*

Finalmente, o mesmo grupo voltou a se aglutinar em volta da revista *Fagulha*³², editada por Juliano Moreno. A distribuição estava centrada no Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, ensejando uma única edição por ano. Na publicação, não houve qualquer tipo de manifesto literário, mas em compensação constata-se o que havia de mais maduro produzido por essa geração. A crítica social, que já se ensaiava noutros periódicos anteriores, ficou mais visível na *Fagulha*. A produção dos textos literários descolou-se um pouco da culpabilização do forasteiro para concentrar atenção no retrato do meio ambiente degradado e no crescimento do agronegócio.

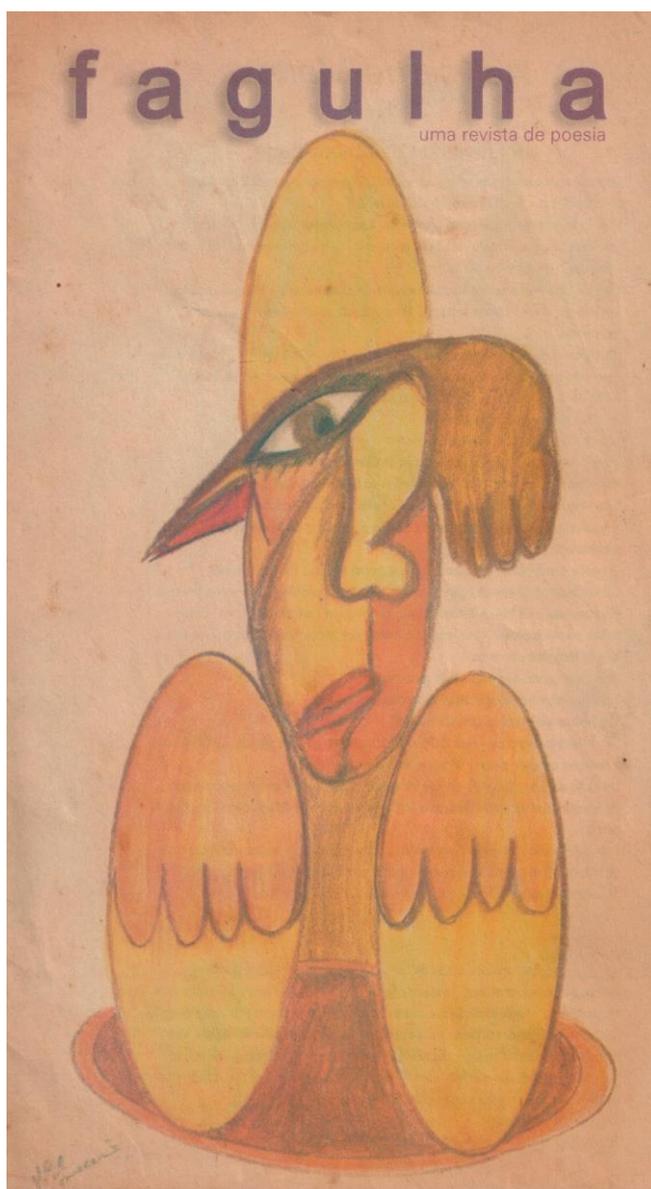
“À beira da estrada, todas as noites, senta-se João. À espera de seu único filho que, há dezoito anos, foi trabalhar num garimpo de diamantes no Norte” – é assim que começa Odair de Moraes (2006, p. 6) no 1º número de *Fagulha*, falando do pauperismo como resultado dos garimpos no distante, inacessível, desconhecido “Norte”. A leitura do interior de Mato Grosso não era a tônica da Geração Coxipó, embora os escritores que a compõem admirassem Ricardo Guilherme Dicke e Tereza Albues, dois autores de cujos trabalhos exurgiam recorrentes imagens do sertão mato-grossense. Lentamente, entretanto, a visão dos integrantes da nova geração literária foi se ampliando e amadurecendo em nuances até então não percebidas como, por exemplo, as frustrações do povo pelo progresso que nunca chegava.

Nos primeiros anos do século XX, alguns autores da Geração Coxipó perceberam que deveriam descentralizar o foco de atenção da capital para discutir o resultado do intenso fluxo migratório retratado na primeira fase da produção nos anos 1980. A meta de *Fagulha* era a distribuição nos festivais culturais em Chapada dos Guimarães e, talvez por isso,

³² *Fagulha* circulou sem data expressa no editorial. No entanto, como o 1º número coincide com o 22º Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, sabemos por dedução os anos de lançamento: *Fagulha* nº 1 – 2006; *Fagulha* nº 2 – 2007; e *Fagulha* nº 3 – 2008.

justifica-se a recorrência temática perceptível nos vários números. No periódico de Juliano Moreno, o *casting* de autores não se diversificou com relação às publicações anteriores editadas por Wander Antunes, mas a temática dirigiu-se à questão ambiental, identificada ou não com a ação dos migrantes.

FIGURA 16 – Primeira edição da revista *Fagulha* – Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, em 2006.



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019

A criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães deu-se em 12.04.1989 por força do Decreto-Lei nº 97.656. Parte do grupo de escritores da nova geração era extremamente comprometida com o meio ambiente. A preservação do Cerrado constitui o

cerne do trabalho de Cristina Campos, Amauri Lobo e a primeira fase da produção de Lorenzo Falcão. Não por coincidência, Cristina Campos lançou obra infantil intitulada *Conferência do Cerrado*, em parceria com Durval de França; Amauri Lobo publicou *Cerrado serrado*; enquanto Lorenzo Falcão divulgava o seu *Mundo Cerrado*. Uma boa parte da produção literária publicada pela revista *Fagulha* relacionava-se com essa diversidade ambiental típica de Mato Grosso e sua interação com o elemento humano.

Longe da temática comum em sua obra, Lucinda Persona publicou a poesia ‘Taturanas’, delineando imagens relacionadas à depredação da paisagem mato-grossense. O fogo contrapõe-se à água, invertendo uma imagem clássica na poesia produzida no Estado. Indispensável registrar que os poetas alinhados à visão romântica da primeira geração literária de Aquino-Mesquita recorriam às águas como imagem relacionada à fertilidade, à paz e à integração com outras regiões.

Os escritores da Geração Coxipó elegeram outro cenário. O fogo e a fumaça são símbolos recorrentes nas obras dos mais engajados na causa ambiental e não passam despercebidos nem mesmo na escritora que mira no tempo e no cotidiano a sua poética. Lucinda Persona publicou o poema novamente relacionando a depredação ambiental com o inferno, tal qual Antônio Carlos Lima já havia feito na revista *Estação Leitura*. A narrativa, porém, não aponta responsabilidades. Limita-se a expressar os efeitos deletérios do fogo:

No coração do cerrado afetado pela seca
o fogo surgiu de súbito
de um desconhecido foco inicial
tomando um rumo qualquer

No inferno que se fez
o reino animal se pôs em fuga
Seriemas e lagartos (seguidos por labaredas)
pediam passagem à vida.

Como não poderia deixar de ser, a cuiabanidade não desapareceu da temática dos autores convidados. Todavia, de 2000 em diante, o ufanismo convencional arrefeceu. O poema de Alan Borges, na 1ª edição da *Fagulha*, aponta para o debacle da tradição cuiabana, a hegemonia do centro histórico e seu casario colonial. Não era mais a cidade das doces lembranças a ser cantada, das chuvas de caju e das floradas nas mangueiras, das cheias do rio e da vida ribeirinha. Ao contrário. O tema central tornou-se a decadência da velha capital, com a ruína do centro esvaziado das famílias tradicionais que empobreceram ao longo das décadas, ou seja, passa a ser retratado o resultado do confronto de Cuiabá com o crescimento acelerado.

me chamam casarão abandonado
assim que me chamavam antes mesmo de ser (1)

de casarão que fui só paredes restam
os pudores que guardei explodidos em cometas
caíram num céu sem estrelas (2)

um menino faz cama em cima de minha parede (3).

No poema, não só desaparece o tom laudatório da 1ª geração de poetas mato-grossenses como também não há qualquer tentativa de defesa, de contraponto contra a migração dos paus-rodados. O que se vê é a constatação da derrota e da entrega de um pomposo cenário envelhecido. Trata-se da visão de um escritor que não fazia parte da Geração Coxipó e, por isso, não comungava com a visão nostálgica de Gabriel de Mattos, de Ivens Cuiabano Scaff e de Aclyse de Mattos, por exemplo. De outro lado, não apresenta o ressentimento contra as “invasões bárbaras” de Amauri Lobo, Cristina Campos, Eduardo Ferreira e Antônio Carlos Lima. Limita-se a constatar a derrota da cuiabanidade e de seus signos mais caros.

No 2º número da *Fagulha*, o pessimismo com as transformações em Mato Grosso prossegue de forma clara. Lorenzo Falcão (2007, p. 5) publica a poesia ‘Mundo cerrado’, oferecendo um panorama conhecido e compartilhado na Geração Coxipó:

Na paisagem do cerrado
a folha seca seca
a lágrima do tamanduá.
Como procurar no chão
a sombra
da asa do urubu?
As perguntas parecem vespas.
Vêm de cima, dos lados e de baixo
e me atingem
na hora mais cheia do sol.
Aqui no cerrado, dizem,
já amanhece meio-dia.
A economia do vento
que rarefaz a chuva
só precisa dar tempo ao tempo.
O pé de pequi
me dá saudades do amarelo
e a casa de marimbondo
brinca de zumbir na minha imaginação.
Entre as árvores tortas do cerrado
meus versos procuram o fim da picada.

Destaca-se o fato de que Lorenzo Falcão não é cuiabano e sim fluminense. É interessante como o eu lírico expressa sua “saudade do amarelo” do pequiheiro. O escritor, ele

mesmo um migrante, não só se aclimatou a Cuiabá, mas também absorveu a pauta dos cuiabanos, assumindo a defesa da memória tomada de empréstimo. Não foi um caso isolado na poética de Falcão. Vários outros poemas utilizam-se de expressões tipicamente regionais, imagens e costumes que foram absorvidos como tributo para estar inserido na Geração Coxipó. Essa não foi a única ambivalência do escritor e dos outros autores do período, porque a adesão aos valores cuiabanos era uma condicionante intelectual. O “estar junto” pressupunha uma boa dose de alinhamento na percepção sobre o meio ambiente e os movimentos de desenvolvimento do modelo capitalista no sertão mato-grossense.

A duplicidade da palavra “seca” no poema de Lorenzo Falcão reforça a noção de oposição entre água e fogo, na contradição já desnudada entre água/força/opulência e fogo/crise/decadência. Trata-se de uma oposição comum em terras pantaneiras, onde a imagética da água cede espaço para uma imagética do fogo. Outro autor menos conhecido, Afonso H. R. Alves (2007, p. 6), na prosa poética publicada na *Fagulha* nº 2, seguiu o mesmo caminho:

As cinzas estão aqui para transir a pele serena. No estreito do rio, o pó é tragado pelos redemoinhos e diluído na profundez da nossa visão. As ideias alheias parecem se irradiar, não sei se ouço algo a mais, somente surgem lembranças anacrônicas, reminiscências de tempos que não vivi. A luz aprendida do fundo do rio Cumbuco é negra-essência. A cor que matiza é inquieta, não que ela me incomode, mas minha mão treme se colocada na água. Onde estou, vejo pegadas de capivara, rastros pequenos e nodosos, isso me distrai, mas o vento, a fome, o cansaço trazem-me para o instante. Talvez não queira rezar como os outros e nem perceber as faces ruidosas, flamejantes, aspirantes, mas apenas olhar e não lembrar como esse pó há poucos dias era cancro, era sinuoso aceitar.

Temos a completa inversão do significado tradicional da água na poesia produzida em Mato Grosso no século XX: o poeta não se sente à vontade com a água, treme ao menor contato, o que seria impensável num tempo de fartura e de comemoração. A mão treme quando colocada em contato com a água, paradigma passado de prosperidade e contentamento. O cenário mato-grossense apresenta-se sob novo ponto de vista. Há fome e esgotamento, uma sensação de fracasso e entrega.

Nesse contexto, poucos autores constituíram exceções à aridez que se apresentava na produção literária mato-grossense. Ivens Cuiabano Scaff permaneceu no mesmo projeto de cantar a sua terra, ressaltando o cenário líquido, próspero e belo. Mesmo ele, porém, sentiu algum tipo de decadência na virada do século e a revelou no poema ‘Perdas’:

Tem gente que vive perdendo malas
Na volta de Paris, Hong Kong ou Austrália

Outros perdem chaves
Do escritório, do carro, baús
Ou coisa que o valha
Uns perdem a identidade
Melhor nem falar
Como perder o que nunca tiveram (SCAFF, 2007, p. 8).

As perdas são múltiplas no poema de Scaff. Cada um perde o que parece ser importante. No entanto, “Uns perdem a identidade / Melhor nem falar / Como perder o que nunca tiveram”. É clara a crítica ao que se pode chamar de “entreguismo cuiabano”, isto é, as relações entre membros da sociedade tradicional e os migrantes. Questiona se, de fato, perde a identidade quem nunca a teve, refletindo sobre o vazio simbólico do cuiabano que aceita o intercâmbio cultural, de um lado, e do migrante que se descaracteriza para ser integrado à sociedade local. “Melhor nem falar” é a saída encontrada, muito embora as entrelinhas já tenham se encarregado de reforçar a antiga hostilidade.

No 3º número da *Fagulha*, encontra-se o mesmo cenário de transformação, abandono, seca e desolação. O retorcido do Cerrado não é mais “sensual” e sim agressivo. A terra não se mostra mais generosa, mas hostil. Esse novo ambiente, depredado pela migração maciça, sofre um radical giro simbólico e passa a ser expresso, por Juliano Moreno, como deformidade. De outro lado, Aclyse de Matos³³ perceberá o movimento das águas de forma diversa da tradicional emulação:

ainda espero
que da
treva profunda
da monstruosa
corcunda

rompa
uma fissura na
queda,
uma leveza crua
contra o que

impera no corpo-
pedra para,
além de fera,
sobrevoarmos a
selva escura

semeando
céu em cada fenda
da terra
dura... (MORENO, 2008).

³³ Poemas ‘Selva Escura’, 2ª parte, VII canto; e ‘Eu canto as coisas simples de minha terra’, respectivamente.

Por exemplo as águas
Que afogam banhistas
nos fins de semana
e se transformam em fogo
dançando amarelas pelas casas negras (MATOS, 2008).

Percebe-se uma leve modificação na tônica das composições que tratavam da natureza. A exuberância cede lugar ao grotesco, provavelmente resultado da degradação denunciada nos anos precedentes. Da década de 1980 à virada do século, a defesa nativista criou um rico repertório de imagens paradoxais – águas que se transformam em fogo e terras com monstruosas corcundas são amostras de amadurecimento na elaboração imagética de um grupo que estava em plena produção e publicação. *Fagulha* marcou a reta final da fase dos periódicos, que iniciou com a revista *Vôte!*, ciclo de aproximadamente vinte anos em que se constituiu, amadureceu e se fortaleceu a denominada Geração Coxipó.

3.5 – A tradição que vive no passado

Cumprida a tarefa de demonstrar como se formou a geração contemporânea, a partir do final dos anos 1980 e, principalmente, da intensa movimentação dos anos 1990, torna-se essencial apontar para o paradigma literário contrário, isto é, o que ainda restava da geração fundadora, do modernismo tardio e de um longo período de *intermezzo* que mimetizava a produção anterior, com menos originalidade. Paralelamente ao sonho de democratização da literatura de Wander Antunes, da distribuição em Chapada por Juliano Moreno, da anarquia produtiva de Eduardo Ferreira e Amauri Lobo, houve o veículo oficial de comunicação, que lançou um ‘Suplemento Cultural’, absolutamente vinculado à aristocracia cuiabana, de um lado, e à estética academicista de Aquino-Mesquita.

O que se vê no ‘Suplemento Cultural’ do *Diário Oficial* é absolutamente diferente do que propunham as publicações da nova geração. A “velha guarda” compunha o *casting* de escritores do *Diário Oficial*, imprensa ligada ao Estado de Mato Grosso. O Suplemento começou a circular em 31.07.1986, no governo de Wilmar Peres de Faria, e teve o seu último número na circulação do dia 17.08.1995, já no governo de Dante Martins de Oliveira. Ali, publicava-se o que estava cristalizado na memória, constituindo uma espécie de “pedagogia cuiabana” acerca das “cousas de antanho”, como Mesquita gostava de falar.

O passadismo era a tônica. A integração regional viria do culto às personalidades, aos heróis, às instituições, identificando-se com a geração fundacional da literatura mato-grossense. O estilo de Nilo Póvoas, ao apelidar personalidades masculinas de “Varões

Cuiabanos”, foi amplamente mimetizado no ‘Suplemento’, assim como a massificação do imaginário hegemônico da Academia de Letras, com o jurista Clóvis de Mello discriminando os patronos de cada cadeira da AML. Até mesmo o formato – ensaios longos redigidos em blocos de uma ou duas páginas, era próprio de uma elite que tinha acesso às publicações oficiais que saíam por conta do Estado.

A união entre a elite intelectual – que se constituiu como uma espécie de aristocracia e os empregos públicos distribuídos por um determinado governo que necessitava de amparo entre os formadores de opinião – foi um fenômeno sentido no Brasil, principalmente no período democrático, até 1964. Sérgio Miceli (2001, p. 197) explica que:

Se os anatólios eram polígrafos que se esforçavam por satisfazer a todo o tipo de demanda que lhes faziam a grande imprensa, as revistas mundanas, os dirigentes e mandatários políticos da oligarquia, sob a forma de críticas, rodapés, crônicas, discursos, elogios, artigos de fundo, editoriais etc, os intelectuais recrutados pelo regime Vargas assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios de atividade. Durante o período populista (1945-64), verifica-se uma ampliação das carreiras reservadas aos intelectuais ao mesmo tempo que se intensifica o recrutamento de novas categorias de especialistas; muitos deles se alçaram aos postos-chaves da administração central, dos quais foram sendo excluídos outros grupos de intelectuais e especialistas que resistiam à implantação das diretrizes e dos programas adotados pela nova coalisão dominante nos últimos quinze anos em que os militares se apoderaram do controle do Estado.

Em Mato Grosso, tal concentração se tornava mais evidente pela ausência de ensino superior. Além do mais, estendeu-se até meados dos anos 1970. Explica-se tal retardamento histórico por um motivo simples. Os estudantes, oriundos de famílias abastadas ou ainda capazes de mandar os filhos estudar nos grandes centros, voltavam formados e dispostos a recuperar a posição social, galgando cargos a convite – eram economistas, médicos, engenheiros que compunham o *staff* dos governos mato-grossenses e, principalmente, os juristas que chegavam e, de imediato, se encaixavam em postos de alto prestígio – promotoria e juizado.

Daí que não foi nenhuma coincidência que o grupo de intelectuais mato-grossenses pertencesse à seara jurídica. Introjetado em posição oficial, isto é, ligado ao serviço público, o bacharel almejava o reconhecimento não só técnico como intelectual. Na AML, ingressaram dezenas de juristas, com parca ou nenhuma produção literária, fazendo da instituição uma parada obrigatória de legitimação complementar. Era esse o grupo rechaçado pela modernidade mato-grossense, que não dialogava com os escritores contemporâneos. Evidentemente, os novos escritores ficavam à margem das publicações oficiais (sem

investimento privado), enquanto a antiga geração do *intermezzo* mato-grossense detinha a exclusividade de publicar no ‘Suplemento Cultural’ do *Diário Oficial* e aparecer como porta-voz da cultura mato-grossense.

O ‘Suplemento’ tratava de outro tipo de reação às transformações contemporâneas, com atores completamente diversos. Nomes conhecidos e integrantes da Casa Barão de Melgaço (Instituto Histórico ou Academia de Letras) somavam-se naturalmente a nomes da elite cuiabana: Maria de Arruda Müller, Luis-Phillipe Pereira Leite, João Antonio Neto, João Alberto Novis Gomes Monteiro, Marta Arruda, Ubaldo Monteiro, Lenine de Campos Póvoas, Maria Luíza Canavarros Palma, Dunga Rodrigues, António de Arruda, Otávio Canavarros, Octayde Jorge da Silva, Júlio de Lamônica Freire, Pedro Rocha Jucá, Corsíndio Monteiro da Silva, Aduino Alencar e, ainda, as historiadoras Elizabeth Madureira Siqueira e Luíza Volpato, as duas últimas com ativa participação na Universidade Federal de Mato Grosso.

Contudo, o caderno não apresentava grande valor literário. O ‘Suplemento Cultural’ (ou ‘Diário Oficial Cultura’)³⁴ constituía-se, quando muito, de um registro histórico de tradições, mais do que uma expressão propriamente literária. Colmatado por textos convencionais, geralmente crônicas e memória histórica, a Cuiabá idílica era lembrada e relembada, assim como os “grandes vultos” do passado – D. Aquino, José de Mesquita, Estevão de Mendonça, além dos vetustos patronos das cadeiras da AML, numa longa série escrita pelo jurista Clóvis de Mello. O estilo repetia a miscelânea comum nos jornais da capital, garantindo espaço para história, folclore, casos pitorescos, memória pessoal, uma cultura própria da Baixada Cuiabana.

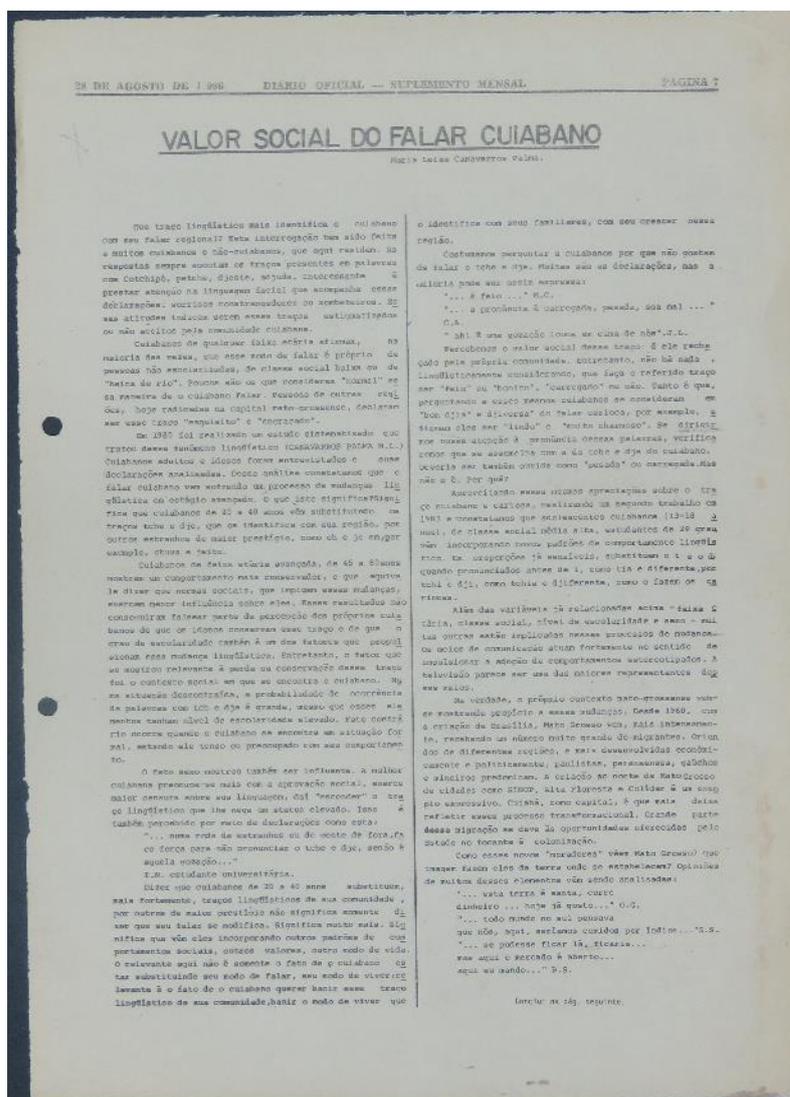
Não se vê qualquer projeto intelectual específico ou formação de um agrupamento literário novo. Tratava-se de preservar o mesmo padrão do princípio do século XX, com loas aos governantes e muita verborragia desimportante, quando não preconceituosa. O caráter oficial da publicação, patrocinado diretamente pelo governo do Estado de Mato Grosso, privilegiava um “resgate cultural”, isto é, a reprise da cuiabanidade como valor essencial de produção intelectual. Não por outra razão, os editores do ‘Suplemento’ elegeram autores

³⁴ Ano: I – N°: 01 – 31/07/86; Ano: I – N°: 02 – 28/08/86; Ano: I – N°: 03 – 25/09/86; Ano: I – N°: 04 – 06/11/86; Ano: I – N°: 05 – 04/12/86; Ano: I – N°: 06 – 29/12/86; Ano: I – N°: 07 – 05/02/87; Ano: I N°: 08 – 27/02/87; N°: 09 – 29/05/87; N°: 10 – 04/08/87; N°: 11 – 19/10/87; N° 12 – 05/01/88; N°: 13 – 04/04/88; N°: 14 – 03/08/88; N° 01 – Jul. 1987 (16/0787); N° 02 – Jul. 1987 (31/07/87); N° 03 – Ago. 1987 (14/08/87); N° 04 – Ago. 1987 (28/08/87); N° 05 – Set. 1987 (14/09/87); N° 08 – Nov. 1987 (04/11/87); N° 09 – Dez. 1987 (02/12/87); N° 11 – Set. 1988 (01-15/09/ 88); Ano I – N° 01 – 30/08/91; Ano I – N° 12 – 31/07/92; Ano II – N° 16 – 30/11/92 ; Ano III – N° 27 – 29/10/93; Ano III – N° 30 – 31/01/94; Ano III – N° 31 – 28/02/94; Ano III – N° 32 – 31/03/94 ; Ano IV – N° 38 – 30/09/94; Ano IV – N° 44 – 31/05/95; Ano IV – N° 46 – 17/08/95 (Documentação completa obtida no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso).

canonizados, se não pela crítica especializada, pelo imaginário afetivo da tradicional sociedade cuiabana.

Era preciso, uma vez mais, defender Cuiabá e seus valores. Para cumprir fielmente a missão, linguistas foram convidados a reproduzir estudos encetados na Universidade Federal de Mato Grosso, sempre alinhados com o paradigma imagético esperado. Foi o caso do artigo de Maria Luíza Canavarros Palma, intransigente defensora não apenas do linguajar regionalista, mas também da cultura cuiabana em geral. Não se tratava de um discurso científico, mas de um panfleto opinativo que fustigava o forasteiro, sempre acusado de predar os valores locais. Canavarros Palma era respeitada por pertencer ao segmento acadêmico, concomitantemente à atuação em movimentos populares, como o Muxirum Cuiabano.

FIGURA 17 – Página 7 do ‘Suplemento’ mensal do *Diário Oficial*, de 28.08.1986.



Fonte: ACERVO DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO, 2019.

Como, por exemplo, no caso de Maria Luíza Canavarros Palma, assídua colaboradora do ‘Suplemento’, que escreveu sobre o ‘Valor social do falar cuiabano’:

Que traço linguístico mais identifica o cuiabano com o seu falar regional? Esta interrogação tem sido feita a muitos cuiabanos e não-cuiabanos, que aqui residem. As respostas sempre apontam em palavras como Cotchipó, petche, djente, adjuda. Interessante é prestar atenção na linguagem facial que acompanha essas declarações: sorrisos constrangedores ou zombeteiros. Essas atitudes indicam serem esses traços estigmatizados ou não aceitos pela comunidade cuiabana. [...] Pessoas de outras regiões, hoje radicadas na capital mato-grossense, declaram ser esse traço ‘esquisito’ e ‘engraçado’ (PALMA, 1986, p. 7).

Cuiabana, de família tradicional, encerrou o seu duro ensaio com expressões de duplo sentido:

Como esses novos ‘moradores’ veem Mato Grosso? Que imagem fazem eles da terra onde se estabelecem? [...] O diferente seria muito bom, muito enriquecedor, se se processasse entre eles um sistema de troca; pelo que podemos sentir na análise de muitas opiniões, o sistema que prepondera é o da substituição. E por que é o cuiabano quem substitui a sua linguagem? Por que é o cuiabano quem ouve, aos domingos, o programa Rincão Gaúcho? Por que não há reciprocidade? Porque esse contato é hierarquizado (ibid., p. 7).

E concluiu com uma exortação bastante moderna, pela convergência, união e fusão cultural:

Nesse estágio hipotético, estariam os cuiabanos e não-cuiabanos, que aqui se estabelecessem, dançando o siriri, o cururu, o São Gonçalo; comendo carne com banana, ensopado e petche; falando tchuva e djeito. Por sua vez, também, estariam os cuiabanos participando dos costumes e das crenças dos sulistas e mineiros, por exemplo, e adquirindo traços linguísticos desses falares. Mas sem necessidade de NEGAR os seus. Completa harmonia, perfeito sistema de trocas. Nem opressores, nem oprimidos (ibid., p. 8).

Na mesma edição, Dunga Rodrigues (1986, p. 10) fez uma referência ao escritor da nova geração Ivens Cuiabano Scaff:

[...] que vi pequenino de chinelo e anzol na mão, pescando lambaris, hoje doutor, doutor de curar gente; torno a vê-lo poeta-menino-médico, debruçado à beira do rio Cuiabá, chorando a sua desnutrição, a debandada de cardumes fugidios, entulhados dos desbarrancamentos sem os sarãs a protegê-lo. Também sinto como você a derrocada, as por que cruzar os braços? Por que não reagir?

Na edição de 28.02.1994, Rubens de Mendonça fez uma comparação dos migrantes com ratos. Iniciou seu artigo lembrando Hoffmann, que narra a praga dos ratos em Hamelin. Ao final do texto, Rubens concluiu citando Moutinho: “Hoje, porém, têm desaparecido completamente, e em seu lugar vieram os ratões ainda mais nocivos. Não há roupa que resista

à sua voracidade, nos quintais e roças não há plantas que eles não devastem” (MENDONÇA, 1994, p. 4). Com sua típica ironia, o escritor e historiador acrescentou: “Felizmente, os ratos daquela época eram de quatro pernas!” (ibid., p. 4).

A noção de “invasão” hostil do migrante perdurou. O cuiabano era tomado como vítima do desenvolvimento, apresentado como sujeito passivo da própria história. Na edição de 04.12.1986, Maria Auxiliadora de Freitas publicou um artigo intitulado ‘O que restará?’, onde ponderou:

Hoje, as coisas mudaram. De uns 15 anos pra cá, Cuiabá ficou ‘mais perto’; é o Portal da Amazônia. De uma geografia distante, passou a ser perto. Subitamente, nos vemos invadidos por ‘colonizadores’ que derrubam nossos casarões e confinam nossas tradições em pitorescos restaurantes e museus. Assim, as nossas festas populares vão morrendo. No interior do Estado, nas fazendas tradicionais, hoje nada mais resta. Os transístores transformaram as cantigas de roda, as toadas de siriri e cururu, em boletos e *rocks* que nada dizem à alma simples do nosso povo. Nas cidades, temos a estranha mania de destruir o passado (FREITAS, 1986, p. 9).

Em 1991, com a intervenção do poeta Ronaldo de Castro, o ‘Suplemento’ tentou introduzir mais literatura e menos memorialismo em suas páginas. O começo desse caminhar deu-se justamente com a morte de Silva Freire, em 11 de agosto. A edição de 30/08 fez uma homenagem ao falecido escritor:

FIGURA 18 – ‘Suplemento’ mensal do *Diário Oficial*, de 30.08.1991, p. 4-5.



Fonte: ACERVO DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO, 2019.

Entretanto, os escritores selecionados para a publicação no ‘Suplemento’ não eram os que agitavam a capital com uma produção independente. Ligavam-se, quase sempre, à Casa Barão de Melgaço, ou seja, ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e à Academia Mato-grossense de Letras. Invariavelmente, pouca inovação estética pode ser percebida nos textos publicados no *Diário Oficial*.

O ‘Suplemento’ trazia a versão oficial e autorizada da literatura da época, vinculada às instâncias tradicionais de poder. Não havia oportunidades para a divulgação de autores de outras cidades além de Cuiabá, tampouco para outros assuntos que não tratassem do padrão memorialista cuiabano. Na falta de editoras fortes, com autonomia financeira para investir em obras literárias, a imprensa era o veículo para o acesso de escritores ao público, tradição corrente do século XIX. No caso do ‘Suplemento’, o “filtro cuiabano” não deixava vazar nada que se opusesse ao programa aquiniano de 1919.

Não só funcionava como veículo de reforço ideológico da cuiabanidade, embora circulasse por todas as cidades mato-grossenses, como também anunciava como “novidade” antigos livros com mais de cinquenta anos de publicação. O periódico fazia as vezes de *longa manus* da AML, elegendo a maioria dos acadêmicos como articulistas fixos. Enquanto os jovens escritores da Geração Coxipó estavam às voltas com dificuldades de financiamento para revistas e produziam erraticamente em *happenings* de fins de semana, em toalhas de mesa para bares da capital, em periódicos cuja circulação era falha em razão da carência de apoiadores, o governo de Mato Grosso priorizava antigas imagens centradas em instituições hegemônicas, ao largo de maiores referências aos novos escritores.

Silva Freire configurou-se uma exceção, muito provavelmente por remodelar o espírito de cuiabanidade, convertendo-o para uma nova linguagem. Era considerado uma personalidade bem-vinda em razão da ampla rede de relação pessoal que a advocacia proporcionou, muito mais do que a admiração que a obra moderna inspirava. A poética estampada no ‘Suplemento’ era, no máximo, uma forma nova de dizer o mesmo. Importava somente reforçar o capital simbólico com o instrumento oficial à mão, prática conhecida desde a circulação do primeiro número da revista do IHGMT e da AML, ambos subvencionados oficialmente por sucessivos governos estaduais.

Se percebermos as estratégias do nativismo cuiabano, não causará surpresa a edição de 28.02.1994. Em plena efervescência dos novos autores e publicações literárias, fazia-se propaganda de obras circunscritas aos membros da AML e do IHGMT, não sobrando lugar para a divulgação de outros autores fora do circuito tradicional. Os “autores mato-grossenses”

já haviam falecido, como era o caso dos sempre onipresentes D. Aquino Corrêa e José de Mesquita. No rol de ofertas, somente homens, cuiabanos, ou, como foi o caso do cearense Pedro Rocha Jucá, membro das duas instituições da Casa Barão de Melgaço, motivo de “validação” de seus escritos.

FIGURA 19 – Detalhe de página do ‘Suplemento’ mensal do *Diário Oficial*, de 28.02.1994, veiculando propaganda de autores da AML.

CUIABÁ, 28 DE FEVEREIRO DE 1994

Livros de autores matogrossenses



Adquira na sede da ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS - Rua Barão de Melgaço, nº 3.869 - as seguintes obras de autores matogrossenses, aproveitando preços de promoção:

Dom Francisco de Aquino Corrêa
OBRAS COMPLETAS (08 volumes)

José de Mesquita
GENEALOGIA MATOGROSSENSE

Luís Philippe Pereira Leite
JOÃO VILLASBOAS - PARLAMENTAR MATOGROSSENSE

Antônio de Arruda
RELEMBRANÇAS

Isac Póvoas
ISAC PÓVOAS - ESCRITOS E DEPOIMENTOS

Samuel A. Alves Corrêa
RECORDAÇÕES INÉDITAS DE VIRGILIO CORRÊA FILHO

Leone de Campos Póvoas
MATO GROSSO - UM CONVITE À FORTUNA

João Moreira de Barros
PERÍODOS CONTURBADOS DA POLÍTICA MATOGROSSENSE

Natalino Ferreira Mendes
EFEMÉRIDES CACERENSES (02 volumes)

Adauto Dias de Alencar
ROTEIRO GENEALÓGICO DE MATO GROSSO

Paulo Pitanga Costa e Silva
ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DA HISTÓRIA, GEOGRAFIA E ETNOLOGIA DE MATO GROSSO

Pedro Rocha Jucá
A IMPRENSA OFICIAL EM MATO GROSSO

João Alberto Naves Gomes Monteiro
O BOATEIRO E SUA JANELA MÁGICA

Rômulo Vandoni
AO LONGO DO ARAGUAIA

E ainda continuam em oferta as revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (anos de 1955 e de 1976 a 1991) e da Academia Matogrossense de Letras (anos de 1982, 1985 e 1993 - Nova Série, nº 01). Prestígie a cultura local. Fortaleça-a e fortaleça-se. Visite os "stands" da

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS
Rua Barão de Melgaço, nº 3.869
CUIABÁ - MT

Fonte: ACERVO DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO, 2019.

Na edição de 31.05.1995, o ‘Suplemento’ publicou uma reportagem de página dupla, cujo título era ‘A Academia de Letras na vanguarda do processo cultural matogrossense’, com a foto de José de Mesquita já maduro, falecido mais de 30 anos antes.

FIGURA 20 – Páginas 4-5 da edição de 31.05.1995 do ‘Suplemento’ mensal do *Diário Oficial*.



Fonte: ACERVO DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO, 2019.

O sumário das matérias que circularam no ‘Suplemento’, de 1986 a 1995, demonstra que, afora raríssimas citações às cidades do interior, a quase totalidade dos textos tratou de Cuiabá. São nove anos de um discurso monotemático, com mais de 90% dos artigos tomados por reminiscências cuiabanas:

Ano: I – N°: 01 – 31/07/86.

– A expansão urbana de Cuiabá – Pedro Rocha Jucá, p. 10.

Ano: I – N°: 02 – 28/08/86.

– O fim do peixe – Lenine Póvoas, p. 6;

– Valor social do falar cuiabano – Maria Luíza Canavarros Palma, p. 7;

- Cuiabá, cidade dos olhos d'água – Leônidas Querubim Avelino, p. 8;
- A força da terra – Dunga Rodrigues, p. 9;
- Última tourada em Cuiabá – António de Arruda, p. 14.

Ano: I – N°: 03 – 25/09/86.

- A história do jornal e a história da nossa cultura – João Antonio Neto, p. 4-5;
- O arquivo da Cúria metropolitana de Cuiabá – Otávio Canavarros, p. 8;
- História mato-grossense em todas as escolas – Pedro Rocha Jucá, p. 9;
- Uma “wall “strett” cabocla – Octayde Jorge da Silva, p. 10;
- Notas para uma história do espaço urbano de Cuiabá – Carlos Rosa, p. 11-12.

Ano: I – N°: 04 – 06/11/86.

- Dom Aquino Corrêa: pensamento religioso – Conde de Affonso Celso, p. 6;
- Cuiabá e o mito do isolamento – Jesus da Silva Brandão, p. 7;
- Ideologia e saber da dona-de-casa – Maria Luíza Canavarros Palma, p. 10;
- Antônio Pires de Campos, o descobridor de Cuiabá – Pedro Rocha Jucá, p. 11.

Ano: I – N°: 05 – 04/12/86.

- Memória, palavra da moda – Octayde Jorge da Silva, p. 2;
- O velho Morro do Tambor – Marta Arruda, p. 3;
- Chá e cuiabanês – António de Arruda, p. 5;
- Uma tradição definitivamente morta em Cuiabá: as touradas – João Moreira de Barros, p. 7;
- O que restará – Marta Auxiliadora de Freitas, p. 9;
- O porto das lanchas e a rua grande na década de 30 – Ubaldo Monteiro, p. 10-11;
- Cuiabá – reflexão sobre o futuro da cidade – Júlio de Lamônica Freire, p. 15.

Ano: I – N°: 06 – 29/12/86.

- Os presépios do natal cuiabano – Dunga Rodrigues, p. 3;
- História oral no avanço do tempo – Pedro Rocha Jucá, p. 6;
- De empréstimos e de fiado – Antônio de Arruda, p. 7;
- Os Aquino Corrêa: descendentes – Luis Philippe Pereira Leite, p. 8;
- Cuiabá vive um milagre urbano – p. 9;
- Basílica do Senhor Bom Jesus: apontamentos históricos – Gabriel Francisco de Mattos, p. 14-16.

Ano: II – N°: 07 – 05/02/87.

- Afrânio Corrêa: um cuiabano brilha na Bahia – Marta de Arruda, p. 3;
- Os 260 anos da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá – Ubaldo Monteiro, p. 6;
- Da arte da conversação – António de Arruda, p. 7.

Ano: II – N°: 08 – 27/02/87.

- O linguajar cuiabano – António de Arruda, p. 2; 11-15;
- Mato Grosso: no tempo do 44 – Marta de Arruda, p. 3;
- A fartura do ouro nas minas de Cuiabá – Pedro Rocha Jucá, p. 4-5;
- O processo histórico da rusga – Elizabeth Madureira Siqueira, p. 6-8;
- Os índios paiaguás lutaram até o fim – Ana Mesquita Martins de Paiva, p. 9-10.

Ano: II – N°: 09 – 29/05/87.

- É proibido matar passarinho! – Octayde Jorge da Silva, p. 3;
- Meios de transporte para Cuiabá – Lécio Gomes de Souza, p. 4;
- História da justiça insólita – João Antonio Neto, p. 7.

Ano: II – N°: 10 – 04/08/87.

- Miguel Sutil, uma vítima da luta pelo poder – Pedro Rocha Jucá, p. 4;
- Morbeck x Carvalhinho – Elizabeth Madureira Siqueira, p. 6;
- Cemitérios de Cuiabá: arte e sociedade – Hélio Ferreira Pimentel, p. 10;
- Virgílio Corrêa Filho: centenário – p. 12.

Ano: II – N°: 11 – 19/10/87.

- O cuiabano que foi vice-rei do nordeste – Marta de Arruda, p. 3;
- O primeiro meteorologista de Cuiabá – Jorge Bombled, p. 4;
- O maior estadista da capitania de Mato Grosso – Pedro Rocha Jucá, p. 6;
- Concluído o diagnóstico dos arquivos públicos de Cuiabá – Otávio Canavarros, p. 11.

Ano: III – N° 12 – 05/01/88.

- A primeira imprensa oficial do Centro-Oeste – Pedro Rocha Jucá, p. 2;
- José de Mesquita – António de Arruda, p. 3;
- AML: posse de Ubaldo Monteiro – Pedro Rocha Jucá, p. 5;
- As festas de São João em Cuiabá – Dunga Rodrigues, p. 7;
- Eis onde estão as alfaias e os lampeões de Cuiabá – Vera Randazzo, p. 10.

Ano: III – N°: 13 – 04/04/88.

– O nome Cuiabá corresponde ao pantanal mato-grossense – Pedro Rocha Jucá, p. 3.

Ano: III – N°: 14 – 03/08/88.

– Catálogo bibliográfico da história de Mato Grosso – Pedro Rocha Jucá, p. 2;

– A produção açucareira em Mato Grosso – Elizabeth Madureira Siqueira, p. 10;

– Memorial dos titulares do governo de Mato Grosso – Eliane Maria de O. Morgado, p. 13;

– A república em Cuiabá, no século XVIII – Carlos Francisco Moura, p. 18;

– Rua sete de setembro – Maria Auxiliadora de Freitas, p. 20.

Ano II – N° 01 – 16/07/1987.

– Memória mato-grossense – Sem autor, p. 4.

Ano II – N° 02 – 31/07/1987.

– Fundação Cultural cria o Centro de Memória Mato-grossense – Sem autor, p. 1;

– Biblioteca Pública Estadual e o Plano Nacional de Obras Raras – Sem autor, p. 3;

– João Só na Casa Cuiabana – Sem autor, p. 4;

– Memória mato-grossense: Tesouro do Estado – Sem autor, p. 4.

Ano II – N° 03 – 14/08/1987.

– Cuiabá vai proteger seu Centro Histórico, p. 1;

– Memória Matogrossense: Casa Cuiabana, p. 4.

Ano II – N° 04 – 28/08/1987.

– Sebastião Carlos participa da reunião da executiva nacional do Fórum de Cultura – Sem autor, p. 3.

Ano II – N° 05 – 14/09/1987.

– A arte em Mato Grosso – Sem autor, p. 3;

– Memória Matogrossense: chafariz do Mundéu – Sem autor, p. 4.

Ano II – N° 08 – 04/11/1987.

– Concurso Literário: Prêmio Fundação Cultural de Mato Grosso – Sem autor, p. 3;

– Memória mato-grossense: igreja São Gonçalo – Sem autor, p. 4.

Ano II – N° 09 – 02/12/1987.

– Memória mato-grossense: Igreja do Rosário – Sem autor, p. 4.

Ano III – N° 11 – 01-15/09/1988.

– Memória mato-grossense: Casa Cuiabana – Sem autor, p. 4.

Ano I – N° 01 – 30/08/91.

– Breve memória sobre a imprensa em Matto-Grosso – Estevão de Mendonça, p. 3;

– A luz de Silva Freire – João Vieira, p. 4;

– Silva Freire: poeta inteiriço da cuiabanidade inconsútil – Ronaldo de Castro, p. 4;

– Canto-murmúrio para minha cidade – Silva Freire, p. 5;

Ano I – N° 12 – 31/07/92.

– A família Azeredo em Mato Grosso – Aduino Alencar, p. 3;

– A lição dos antigos – João Vieira, p. 6;

– Lavagem de São João – João Fortes, p. 8.

Ano II – N° 16 – 30/11/92.

– Hotel Centro América – Rubens de Mendonça, p. 7.

Ano III – N° 27 – 29/10/93.

– Dr. Estevão Alves Corrêa (médico e político) – Nilo Póvoas, p. 6;

– Denominação de ruas e praças de Cuiabá – João Fortes, p. 7;

– Patronos das Cátedras Acadêmicas – Clóvis de Mello, p. 7;

– Trovas cuiabanas – Sem autor, p. 8;

– Sátiras Anônimas – Indalécio Leite de Proença, p. 8.

Ano III – N° 30 – 31/01/94.

– Uma terra bendita – João Alberto Novis Gomes Monteiro, p. 2;

– Mato Grosso: crônicas quinhentistas – Paulo Pitaluga Costa e Silva, p. 7.

Ano III – N° 31 – 28/02/94.

– Complementos históricos – Rosário Congro, p. 1;

– A invasão dos ratos – Rubens de Mendonça, p. 3;

– Patronos das cátedras acadêmicas – Clóvis de Mello, p. 3;

– Artes Plásticas em Mato Grosso – Celso Molina, p. 4-5;

– João Batista das Neves (Almirante) – Nilo Póvoas, p. 7;

– Escrever é tatuar imagens: W.D.P, p. 8;

– Wladimir Dias Pino na visão de Almandrade – p. 8.

Ano III – N° 32 – 31/03/94.

- “Lufada” – Dom Aquino Corrêa, p. 2;
- Cuiabá – São Benedito – Octayde Jorge da Silva, p. 2;
- O rio Cuiabá – Rubens de Castro, p. 4-5;
- O cinema e o colégio Estadual – Cássio Veiga de Sá, p. 6;
- Patronos das cátedras acadêmicas – Clóvis de Mello, p. 6.

Ano IV – N° 38 – 30/09/94.

- Sonetos – Pedro Trouy, p. 3;
- Poemas e Sonetos – Agenor Ferreira Leão, p. 5;
- Duas histórias – Rubens de Mendonça, p. 6;
- O sonho do trem de ferro – João Fortes, p. 8.

Ano IV – N° 44 – 31/05/95.

- Minha tia Glorinha – João Alberto Novis Gomes Monteiro, p. 3;
- A Academia de Letras na vanguarda do processo cultural mato-grossense – Celso Molina, p. 4-5;
- As sedes do IHGMT – Pe. José de Moura e Silva, p. 6;
- “História das Revoluções em Mato Grosso”, de Rubens de Mendonça – Paulo Pitaluga Costa e Silva, p. 7.

Ano IV – N° 46 – 17/08/95.

- 2ª Mostra de Imprensa Alternativa Cuiabana – Celso Molina, p. 3;
- Bucólica I – Virgílio – Sem autor, p. 4-5.

Do apanhado das publicações oficiais, surgem algumas apontamentos preliminares: 1) Nenhum dos escritores da revista *Vôte!*, *Estação Leitura*, *Fagulha* etc, participavam do *casting* do ‘Suplemento’ do *Diário Oficial*; 2) A temática do ‘Suplemento’ era a tradicional, emanada diretamente dos integrantes da Casa Barão de Melgaço – um misto de romantismo literário, ufanismo histórico e memorialismo repetitivo; 3) O insistente recontar histórias locais, a institucionalidade do IHGMT e da AML e a consagração de biografias cuiabanas eram a tônica do ‘Suplemento’, formado por um time essencialmente masculino e profundamente ligado à religião católica; 4) Tamanha era a resistência do conservadorismo da

geração passada que os espaços no jornal eram cedidos à memória de autores falecidos, mas não franqueados aos novos escritores; 5) A crítica literária ainda não havia exercido todo o seu potencial sobre a produção mato-grossense, o que ampliava o poder dos editores de jornais e revistas como únicos veículos de divulgação e reconhecimento público.

Não há ocorrência sobre o que se passava no panorama literário contemporâneo³⁵, nenhuma menção às revistas que já estudamos ou aos autores que atuavam na periferia da Casa Barão de Melgaço. Mesmo a poeta Lucinda Persona³⁶ – premiada e publicada fora de Mato Grosso – não teve sequer uma única alusão. Os modernistas também ficaram de fora, tanto os autores quanto suas publicações. Nenhuma palavra sobre *Pindorama*, sobre o Manifesto Graça Aranha, sobre *Japa*, *Sarã* ou *Arauto de Juvenília*. Não são citados Cavalcanti Proença, Antonio Tolentino de Almeida, Lobivar Matos, Gervásio Leite. A dupla Wladimir Dias-Pino e Silva Freire foi lembrada apenas no N° 01 – 30/08/91, ou seja, somente com a nova direção do ‘Suplemento’.

É possível, portanto, notar, num mesmo espaço/tempo, dois movimentos de resistência intelectual: a fala conservadora idealizada pela geração fundadora, mimetizada no ‘Suplemento Cultural’ do *Diário Oficial* de Mato Grosso, centrada em Cuiabá, romântica, parnasiana, patriótica, católica e memorialista; e a fala modernizada da geração que publicava nos anos 1990 que, em análise mais detida, não divergiu da primeira quanto ao defensivismo da cuiabanidade e dos valores que circundam a tradição.

Os grupos intelectuais que se constituíram em Cuiabá no final do século XX não se misturavam, não se frequentavam e, sobretudo, não se admiravam. É por isso mesmo que,

³⁵ Já citei o livro *A poesia em Mato Grosso*, do acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. Publicado no ano de 2003, o autor propõe fornecer um panorama da lírica mato-grossense. O levantamento, ainda que contemple 107 autores e configure uma pesquisa de fôlego, é interrompido com a morte de Silva Freire, em 1991, isto é, não contempla a “nova geração” de autores da transição do século XX, da qual o próprio autor foi, de certo modo, participante. Isso porque Sebastião Carlos, além de ex-presidente da Fundação Cultural, também foi citado aqui e ali nas revistas literárias e até mesmo no *Saco de Gatos*. Portanto, não resta dúvida de que tinha ciência de que uma nova geração de colegas escritores estava compromissada com a realização cultural alternativa à cultura elitista e centralizadora da AML. Talvez por isso, na antologia organizada, falte Acllyse de Mattos, Antônio Sodré, Antônio Carlos Lima, Juliano Moreno, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Luiz Renato, Marta Cocco. Também não faz qualquer referência a Natalino Ferreira Mendes, um dos maiores representantes da poesia do interior do Estado, com vários livros publicados. Curiosamente, porém, faz constar na listagem de poetas o contemporâneo de todos os já citados, Ivens Cuiabano Scaff, na época com dois livros – *Mil mangueiras* (1988) e *Uma maneira simples de voar* (1997). Essa seleção – que é sempre arbitrária e movediça, é bem verdade – pode ser um indício a mais da minha propositura: quem é considerado e destacado em publicações é o escritor: (a) próximo da proposta literária da geração fundadora ou, pelo menos, que não lhe faça oposição direta; (b) nascido/reconhecido em Cuiabá, capital e centro hegemônico do fazer cultural mato-grossense.

³⁶ Antes do início do séc. XXI, Lucinda Persona recebeu diversos prêmios como, por exemplo: 1988: Prêmio Literário Autor Mato-grossense-Poesia, Fundação de Cultura e Turismo de Mato Grosso; 1993: Prêmio Literário – Primeiro lugar em Crônicas, Fundação de Cultura e Turismo de Mato Grosso; 1997: Prêmio Especial do Júri – concurso Cecília Meireles, para o livro *Por imenso gosto*, União Brasileira de Escritores (UBE).

anteriormente, interpretamos o conto de Lucinda Persona como uma “vontade de morte”, um inconsciente desejo de mudança; e, da mesma forma, o conto de Ivens Cuiabano Scaff, que dá poder de voar ao garoto que não suporta o cotidiano *blasé* em que está imerso. A única semelhança entre as gerações era a resistência ao fluxo migratório e à descaracterização do meio ambiente urbano e rural.

De fato, esse movimento foi bem refletido por Achugar (2006)³⁷. Ao se referir aos projetos culturais reacionários da elite uruguaia contra a modernização e a migração, afirma que

uma dessas respostas parece consistir precisamente em acudir o passado, a aldeia, a tradição e, a partir dali, resistir. Esse tipo de resistência, que se manifesta de diferentes maneiras, não supõe, no entanto, um projeto alternativo duradouro a longo prazo ou, ao menos, não apresenta ainda outro projeto que não seja uma acirrada defesa do passado. Uma defesa que, diferentemente da inamovibilidade do passado implicada no projeto hegemônico, supõe uma ancoragem no projeto de modernidade e pensa que esse ainda é viável. Em um desses modos, ou versões, chega-se a posições restauradoras do espírito romântico do antimaquinismo (ibid., p. 87).

Ao analisar o ‘Suplemento’ do *Diário Oficial*, em contraposição com as revistas da geração literária seguinte, vê-se que, se é verdade que as publicações zelavam pela identidade cuiabana, não menos verdade é que não apresentaram um projeto novo para discutir a terra. Oscilaram, portanto, entre uma reação romântico-memorialista, de um lado, e o fluxo estético moderno, de outro. O que distingue os grupos é a distância do acesso ao poder: ao poder de definir, ao poder de escolher, ao poder de inventar imageticamente a própria terra. A imprensa oficial estava nas mãos de um grupo cujo projeto identitário era o de Aquino-Mesquita, publicando gratuitamente no *Diário Oficial* que circulava por todo o Estado, enquanto os jovens escritores se cotizavam para labutar em “revistinhas” de circulação e distribuição incertas. A distância era significativa.

No ‘Suplemento’ do *Diário Oficial*, onde escreviam apenas os membros da AML e do IHGMT, nem os forasteiros paus-rodados, nem escritores da nova geração, nem literatos de outras cidades, nada do que era realmente discrepante da tradição literária assentada foi referenciado. Os poucos forasteiros que escreviam artigos faziam referências às tradições

³⁷ O autor realiza uma autocrítica intelectual latino-americana ao desnudar o projeto dos intelectuais que excluíram e/ou se esqueceram de vários segmentos sociais na formação oficial da identidade nacional: “[...] o que os letrados fizeram foi ignorar o Outro; desse modo, as memórias dos grupos marginalizados não fizeram parte da memória oficial e ficaram relegados ao âmbito do oral ou, no melhor dos casos, ao âmbito da escrita privada” (ACHUGAR, 2006, p. 112). Ele identifica os “donos da palavra” com os “donos da nação”, ou seja, o direito de fala está umbilicalmente relacionado ao direito de um grupo de poder ditar o que, temática e esteticamente, seria o padrão nacional.

cuiabanas, à história mato-grossense e a todo o conjunto imagético do programa fundacional de Aquino-Mesquita. Em plena transformação do cenário mato-grossense, nenhuma palavra foi dita sobre as cidades fundadas nas últimas décadas, sobre a produção rural crescente, sobre exportações para o mercado internacional, sobre aspectos culturais que não fossem os signos de uma endogenia planejada e mantida com suporte oficial.

Ignorar a realidade é apagar dolosamente uma parcela da memória de um grupo vencido para adotar o ponto de vista hegemônico. A estratégia do programa cultural dos últimos 100 anos foi, de um lado, a massificação de conceitos em diversas publicações e, de outro, o silêncio. Ter acesso aos órgãos oficiais de publicação e circulação garantiu aos escritores alinhados à tradição não só a hegemonia de um determinado ponto de vista sobre a terra como também o apagamento de quem abordava um ângulo diverso. A violência do banditismo em Dicke, as referências míticas de Albues e mesmo o telúrico pantaneiro de Barros foram expressões sistematicamente ignoradas. Não foi novidade que a Geração Coxipó não tenha se integrado às publicações patrocinadas pelo veículo oficial de publicação.

3.6 – A crise de legitimidade da Academia Mato-grossense de Letras

Em fins do século XX, enquanto a pujante movimentação literária fomentava revistas especializadas, patrocinadas por empresas particulares ou mesmo por quotas entre escritores, a Academia Mato-grossense de Letras perdia-se numa severa crise de identidade. Ao admitir personalidades que não tinham relação alguma com a literatura e até mesmo sem ter publicado qualquer livro, era francamente questionada pelo meio intelectual. Tanto é assim que o discurso de Archimedes Pereira Lima (1991-1992, p. 95), tradicional jornalista, ao receber o também jornalista e poeta Ronaldo de Arruda Castro, dava conta dos comentários que circulavam:

O ingresso de Ronaldo em nossa velha e sofrida Academia, fundada por José de Mesquita, cujo centenário de nascimento se comemora hoje, é bastante significativo, pois alguns ádvenas, felizmente poucos, acusam-nos de nada fazer pela cultura. Na opinião desses parvenus, que são exceção, está a nossa instituição desatualizada e irrecuperável, motivo pelo qual torna-se significativo o ingresso de Ronaldo, justamente agora, na casa de José de Mesquita e Dom Aquino Corrêa. Ele significa renovação e fortalecimento do propósito básico da instituição de total recuperação iniciada por Lenine Póvoas em sua acidentada e dificultosa gestão, agora sob a responsabilidade do Presidente Clóvis de Mello, figura prestigiosa, professor, advogado e ex-magistrado [...].

Na mesma Revista da AML (Edição 1, ano 1991-1992), há outras defesas da tradicional instituição contra duas severas acusações que “se ouve dizer”: a primeira, de ser uma entidade

movida por xenofobia em relação ao migrante; a segunda, de admitir personalidades sem um único livro e, pior, não ligadas ao mundo da literatura. A reação academicista já estava ensaiada em casos anteriores, mas, no período, veio renovada no discurso de recepção a Satyro Benedicto de Oliveira, proferido por Lenine de Campos Póvoas (1991, p. 55):

[...] A eleição de um mineiro para preencher a Cadeira 2 em que foi o último ocupante o jurista Gervásio Leite, uma das mais fulgurantes cintilações do talento cuiabano, demonstram, mais uma vez, que somos um povo hospitaleiro, imune à xenofobia e ao bairrismo inconsequente, um povo para o qual a cultura não tem fronteiras e deve ser exaltada qualquer que seja sua pátria. [...]

Há tempos tenho observado que reina por aí, na opinião de alguns, uma ideia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas e que tenham dezenas de obras publicadas.

Essa não é, no meu entender, uma visão correta do fato.

As Academias – a não ser o caso de algumas expressas exceções – não se denominam ‘Academias de Literatura’, mas sim de ‘Letras’, o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade. [...]

Também não comungo da ideia de exigir do candidato ao ingresso nas Academias a apresentação de dezenas de obras publicadas como prova de sua capacidade intelectual.

Num país como o nosso, no qual publicar um livro é um ato de coragem, reservado quase sempre aos que possuem recursos financeiros, e num país de cerca de 150 milhões de habitantes que só possui 600 livrarias, no qual, portanto, quase ninguém lê, acho absurdo cobrar-se de alguém tal prova.

Ressalte-se, ainda, que nem sempre a edição de um livro comprova a cultura de quem o escreveu. Muitos existem, por aí, que melhor seria nunca tivessem sido escritos.

A vingar esse critério não deveríamos reconhecer em Gregório de Mattos Guerra um dos fundadores da literatura nacional, nem em Frei Francisco de Mont’Alverne, um dos maiores oradores que passaram pelas tribunas sacras ou profanas no Brasil, em todos os tempos.

Percebe-se o esforço retórico para dar conta de que o empossando, no caso, Satyro Benedicto de Oliveira, ainda que afamado jurista, carecia de livros publicados, contudo. A geração dos desembargadores – contemporânea de Mesquita – deixou um legado de juristas que se disseminou: não havia diálogo entre o que estava sendo produzido na literatura mato-grossense na transição para o século XXI e a Academia Mato-grossense de Letras, engessada por homens de estatura social sem qualquer publicação literária de relevo. Tanto é assim que traçamos aqui um pequeno levantamento das biografias, ligadas ou não com a literatura mato-grossense, na composição da AML de 1996 (AML, 1996): Cadeira 01 – Vaga; Cadeira 02 – Satyro Benedito de Oliveira (jurista); Cadeira 03 – Vaga; Cadeira 04 – Vaga; Cadeira 05 –

Clóvis Pitaluga de Moura (médico); Cadeira 06 – Roberto de Oliveira Campos (economista); Cadeira 07 – Maria de Arruda Müller (poeta); Cadeira 08 – Moisés Mendes Martins Jr. (poeta); Cadeira 09 – Leopoldino Marques do Amaral (jurista); Cadeira 10 – Corsíndio Monteiro da Silva; Cadeira 11 – Antonio de Arruda (jurista); Cadeira 12 – Ronaldo de Arruda Castro (poeta); Cadeira 13 – José Eduardo do Espírito Santo (jornalista); Cadeira 14 – Nilza Queiroz Freire (contadora); Cadeira 15 – Natalino Ferreira Mendes (poeta - Cáceres); Cadeira 16 – Valdon Varjão (jurista); Cadeira 17 – Pe. Pedro Cometti; Cadeira 18 – Hélio Serejo (poeta – Campo Grande); Cadeira 19 – Vera Iolanda Randazzo (poeta); Cadeira 20 – Benedito Pereira do Nascimento (jurista); Cadeira 21 – Luis-Philippe Pereira Leite (historiador); Cadeira 22 – Pedro Rocha Jucá (jornalista); Cadeira 23 – Tertuliano Amarilha (poeta); Cadeira 24 – Vaga; Cadeira 25 – João Antonio Neto (poeta); Cadeira 26 – Benedito Pedro Dorileo (poeta e cronista); Cadeira 27 – Ubaldo Monteiro da Silva; Cadeira 28 – Gilmar Ferreira Mendes (jurista); Cadeira 29 – Elizabeth Madureira Siqueira (historiadora); Cadeira 30 – Francisco Leal de Queiroz (jurista); Cadeira 31 – Adauto Dias de Alencar (jurista); Cadeira 32 – José Ferreira Freitas (jurista); Cadeira 33 – Lenine de Campos Póvoas (jurista e historiador); Cadeira 34 – João Alberto Novis Gomes Monteiro (médico); Cadeira 35 – Clóvis de Mello (jurista); Cadeira 36 – José Couto Vieira Pontes (jurista); Cadeira 37 – Bernardo Elias Lahdo; Cadeira 38 – Yasmin Jamil Nadaf (crítica literária); Cadeira 39 – Maria Benedita Duchamps Rodrigues (poeta, contista, cronista); Cadeira 40 – Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (poeta, cronista, historiador).

Como se vê, das 40 cadeiras da AML, apenas 11 estavam ocupadas por ficcionistas e poetas. Nenhum romancista, convém anotar. As demais estavam dominadas por profissionais liberais, a maioria juristas – promotores, juízes, desembargadores e até por um futuro Ministro do Supremo Tribunal Federal. Não que estes também não escrevessem. Sim, faziam principalmente crônicas e registravam memórias sobre épocas passadas. Mas não produziam literatura, o que gerava uma perplexidade: uma nova geração de poetas, contistas, romancistas fora da Academia Mato-grossense de Letras e uma porção de personalidades sem qualquer ligação com a literatura ocupando as cadeiras vitalícias.

Na transição para o século XXI, ainda era hegemônica na AML a visão da geração fundadora e, por conseguinte, a produção interna também seguia a mesma esteira, ligada essencialmente às crônicas evocativas de Cuiabá, uma espécie sedimentada de memorialismo sem pretensão à literatura. De igual sorte, pouquíssima representatividade havia em termos femininos e de outras cidades mato-grossenses. Basicamente, Campo Grande (em razão da

unicidade estadual pré-1977), Barra do Garças e Cáceres estavam representadas. Cerca de 90% das cadeiras estavam ocupadas por moradores de Cuiabá. A questão do centro de gravidade impunha-se: quem escrevia nos veículos oficiais de comunicação, quem ocupava o espaço ligado ao poder era, essencialmente, personalidade tradicional que mais zelava pelo prestígio, pela posição e pelo *glamour* do que pela literatura, que ficou à margem.

Às críticas acerca do imobilismo cultural³⁸ e do mimetismo estético desde Mesquita/Aquino, respondiam genericamente os acadêmicos de uma tribuna vazia de significado. “Dizem por aí”, “falam alguns”, “estão comentando” eram formas comuns nos discursos acadêmicos de responder às críticas externas à incapacidade/ilegitimidade da Casa Barão de Melgaço de fazer frente à contemporaneidade.

No dia 08.12.1995, assumiu na Academia Mato-grossense de Letras mais um desembargador, Benedito Pereira do Nascimento, não tendo apresentado nenhum livro escrito, fosse de literatura, fosse propriamente jurídico. O discurso de recepção realizado por João Antonio Neto (2015, p. 93-94) foi sintomático:

E nem se diga que há aqui juristas que não escreveram livros, como há gerais que não travaram batalhas e que, todavia, cabem perfeitamente bem nesta galeria de notáveis.

Ademais, teria o jurista, necessariamente, que produzir livros e literatura para ingressar nestes sodalícios? Ou o próprio trabalho especializado seria suficiente para qualificá-lo como escritor? Creio que a segunda hipótese é inteiramente aceitável. Há sentenças, ou votos, que são verdadeiras obras de arte, pela forma e pelo fundo, assim como há tratados de direito que constituem expressão acabada de estética literária. É sabido que Pothier e Troplong, entre outros, escreveram direito maravilhosamente bem; quem não se encanta de Jhering, do Maître Maurice Garçon ou do encantador Edmond Picard? Os temas jurídicos tratados por Piero Calamandrei não perdem, em nada, para as mais belas páginas da literatura italiana. E, entre nós, como não saborear o direito literário de Roberto Lyra, senior e mesmo o suave Clovis Beviláqua, o hoje injustamente esquecido Lafaiete Rodrigues Pereira? Quem pode ignorar o estilo lapidar e renovador da linguagem do imenso jurisconsulto que foi Orozimbo Nonato? Daí, não poder-se condenar pela raiz

³⁸ Mesmo no meio científico, as críticas à AML das décadas de 1990-2000 foram uma constante. Diante do crescimento urbano de Cuiabá e da transformação da paisagem mato-grossense, a Academia permaneceu silente e pouco reativa, perdida nos desvãos de um projeto literário ultrapassado. Maria Luíza Canavarros Palma (2005, p. 158-159), em artigo publicado no livro *Vozes cuiabanas*, tece duras críticas à instituição: “Não podemos fechar o presente estudo sem analisar essa mudança de rumo da história de Mato Grosso, sem uma abrangência maior. Quando criticamos o blábláblá da Academia de Letras, por não trazer contribuição alguma ao povo mato-grossense, ao contrário, por provocar uma alienação, por levar em conta modelos desgastados de linguagem, tendo como referencial musas e deuses do Olimpo, longe das necessidades e do cotidiano do povo mato-grossense, também temos de voltar os olhos para a nova possibilidade que se descortina. Para uma nova expectativa. [...] A expectativa é de que os deuses do Olimpo e as musas que antes representavam o tema dos discursos da elite teórica se transformem em homens reais, trabalhadores mato-grossenses reais, que suas condições de vida sejam alteradas, como o Estado está sendo. Essa expectativa toda faz sentido porque o desenvolvimento tecnológico, científico, deve necessariamente incluir o povo que está ao seu redor, o povo mato-grossense, particularmente o rural, no presente caso”.

os juristas como escritores simplesmente formais, pétreos e insensíveis, sem aquelas três virtudes básicas da escrita literária: a força, a clareza e a graça. Assim, que há uma estética jurídica é fato indiscutível e facilmente verificável, especialmente da parte dos advogados do Júri, como entre nós o velho Otávio Cunha e o nosso contemporâneo Silva Freire. E é também oportuno lembrar que muita vez o jurista não possui a chama do estilo florido – mas é o mestre da linguagem correta e sóbria, a qual vale pela exatidão e limpidez dos conceitos e da expressão linguística.

Da fala de João Antonio Neto, ele mesmo um escritor que pendeu para o desembargo, depreende-se uma comparação com generais que travam batalhas e generais de gabinete, estes últimos não citados expressamente. Os primeiros estão na vanguarda da guerra e ostentam a patente por merecimento, mas há aqueles que galgam o mesmo posto sem necessidade de uma batalha. No caso do empossando, um livro sequer. O próprio Benedito Pereira do Nascimento (2015, p. 101) confessou em seu discurso: “Aqui compareço, Senhores Acadêmicos, pobre de ideias, mas rico de ideais. Nada vos trago, mas chego consciente das tradições desta augusta Casa e do valor dos vultos que por aqui passaram e dos que atualmente a compõem”.

De fato, a inconsistência intelectual seria, na virada do século, o principal alvo da crítica antiacadêmica, fosse ela oriunda da Universidade Federal de Mato Grosso, fosse dos escritores que compuseram a Geração Coxipó. Com o tempo e a ajuda das novas editoras, os jovens que circulavam pelo “Baixo Coxipó” tornaram sua produção mais expressiva. Estaria aberto o caminho para, anos mais tarde, surgir a blague da ACADEMIA DOS MORTAIS, porque, se, por um lado, a Academia Mato-grossense confessava-se enfraquecida, por outro, a maioria dos melhores escritores estava fora da agremiação, salvo raras exceções, como Silva Freire e Ronaldo de Castro que, no entanto, não mudaram substancialmente o ranço academicista dos “generais em tempos de paz”, de juristas “pobres de ideias”.

A diferença entre a tônica do ‘Suplemento Cultural’ e da revista *Vôte!*, por exemplo, era tão grande quanto a distância entre a rica produção de Lucinda Persona, os irmãos Matos e a carência de livros de muitos acadêmicos que, por força do timbre da tradição, ainda eram conhecidos como escritores. Afora a única exceção contida no discurso de posse da acadêmica Yasmin Nadaf, o questionamento sobre a ausência de literatos foi realizado a partir de um ponto de referência distante da AML, que se manteve fechada mesmo depois da virada do século XXI. Nem mesmo ela, profissional da literatura, mudaria o cenário que havia exposto ao público.

CAPÍTULO IV

4.1 – A PRODUÇÃO COLETIVA DA GERAÇÃO COXIPÓ

1. Um artista pode ser revolucionário em política e, por mais que se empenhe, consciente e politicamente, não o ser em arte;
2. Vice-versa, um artista pode ser, consciente ou subconscientemente, revolucionário em arte e não o ser em política.
3. Ocorrem casos excepcionalíssimos de um artista ser revolucionário em arte e em política. O caso do artista pleno.

(César Vallejo, 1973)

O crítico Ivan Marques (2011, p. 24), ao analisar o modernismo mineiro, além de traçar um inventário da produção local e compará-la com a dos paulistas, aborda a delicada ambivalência nos escritores que se autointitularam modernos:

É a verificação das obras que permite medir a modernidade de um artista, e não a leitura de manifestos e artigos de ocasião, quase sempre carregados de retórica e compromisso. Para não sobrevalorizar as contribuições, é preciso confrontar as intenções manifestas com os resultados alcançados. Abster-se do juízo crítico sobre as criações literárias é um modo de evitar a conclusão desanimadora de que, por trás dos fumos de renovação, o que se esconde muitas vezes, esvaziando qualquer veleidade de disputa, é a ausência de uma estética propriamente modernista.

Tomando-se a provocação de César Vallejo (1973) acerca a dubiedade da revolução estética e política, pode-se compreender melhor o que Ivan Marques (2011) quis dizer: diante de um clima de enfrentamento, aparentemente, os opositores de uma tradição, autointitulados “novos”, “modernos”, “vanguardistas”, oferecem mais um questionamento estético do que temático. Para além da grandiloquência discursiva dos manifestos, que são mais panfletos do que obras literárias, há que se confrontar o ideário modernizante com os livros publicados, a fim de verificar a ocorrência ou não do propalado rompimento com a tradição precedente. No caso da Geração Coxipó, formada por cerca de uma dúzia de autores que efetivamente publicaram pelo menos um livro, é possível empreender tal análise.

Na maioria das publicações coletivas, como a *Vôte!*, por exemplo, que amalgamaram a Geração Coxipó, o que se vê é a ocorrência da modernização estética aplicada na forma poética ou romanesca, mas o conteúdo conservador no trato da temática. Defensivismo, xenofobia e bairrismos de toda ordem configuraram a postura antimoderna dos escritores, que reagem contra as “invasões bárbaras” e perpetuaram essa reação nos livros que lançaram, dos anos 1990

em diante. Outros que se integraram mais tarde ao grupo sequer desconfiavam desse nativismo incubado, mas acabaram por se somar às pautas antiprogressistas dos jovens estudantes, que festejavam a contracultura nos bares do “Baixo Coxipó”. De fato, diante das circunstâncias da época, o enfrentamento entre os escritores da nova geração e a longa tradição mato-grossense tinha como elemento central a noção de progresso, desejada pelo grupo antigo e rechaçada pelo grupo moderno, constituindo uma paradoxal disputa ideológica.

Não seria desarrazoado tomar a observação de Miceli (2012, p. 37) sobre Mário de Andrade e Jorge Luiz Borges para os escritores da Geração Coxipó. Comentando sobre os objetivos de ambos, o sociólogo pontua que

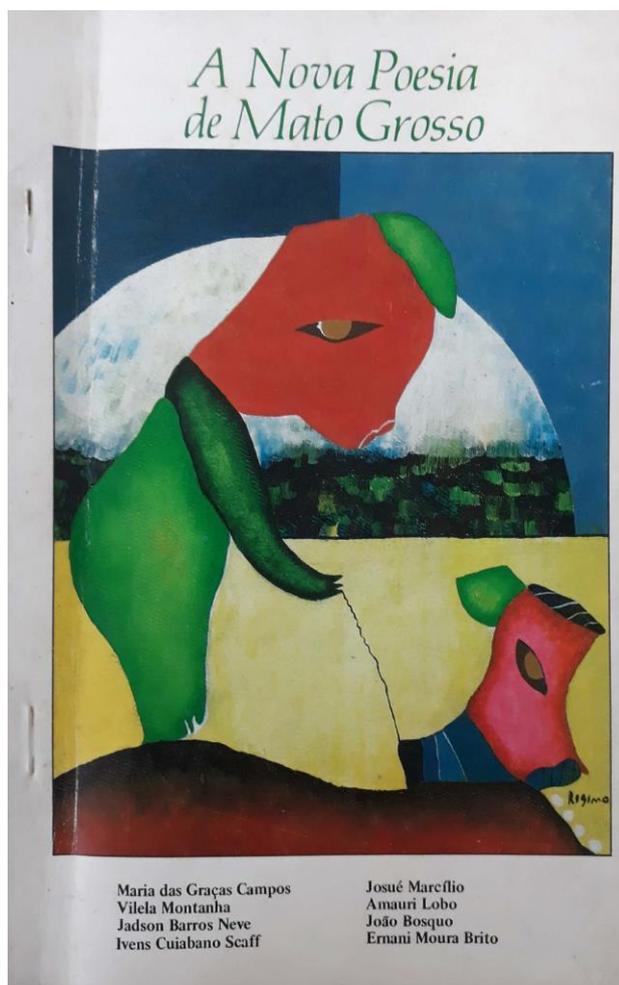
[...] buscaram infundir uma feição nacionalista, até nativista, à produção poética e ensaística, o que também os ajudou a eufemizar as marcas de classe, o rechaço dos imigrantes e das dissonâncias culturais derivadas de sua presença, esfumando, assim, certa nostalgia elitista, tão vibrante no estoque expressivo de frações arruinadas e mesmo o entranhado conservadorismo social e político. A consecução desses alvos, na aparência tão contraditórios, viabilizou-se em parte pelo alarde em torno da adoção das formas, linguagem e estilos importados dos repertórios vigentes nas metrópoles europeias. Tal lenda modernizadora engendrou o relato triunfalista da historiografia literária.

O procedimento ambivalente que se percebe, desde o *Saco de Gatos*, consolidou-se mais tarde. As publicações literárias da Geração Coxipó deixaram o amadorismo de gráficas para ganharem consistência com as primeiras editoras. Essa transição, contudo, demorou dez anos, até 1992, com a circulação da primeira revista *Vôte!*.

As revistas deram lugar às publicações em brochuras, em geral coletâneas de autores, método de divulgação literária barateada. Os pequenos concursos eram outra forma de publicar e projetar o trabalho. Da mesma forma que se deu com as múltiplas revistas *Vôte!*, *Fagulha*, *Estação Leitura*, *Borboletas*, *Verso & Prosa*, entre outras, as coletâneas não se inclinavam para o antológico e sim para fragmentos, trechos ou pequenos contos. Quase sempre, o mesmo grupo apresentava-se simultaneamente nas revistas, nas coletâneas e nos concursos, lutando para sobreviver no primário mercado mato-grossense. Essa batalha coletiva consolidaria a geração literária vindoura.

O livro mato-grossense, nesse período de transição, não sustentava os autores. Servia mais como complemento do que se fazia em termos de periódicos, colocando um determinado autor em destaque. Grassava a mentalidade coletiva em razão das vicissitudes já arroladas. A miscelânea de textos, em prosa ou em verso, indicava o amadurecimento autoral dos componentes da Geração Coxipó sem que houvesse fôlego editorial suficiente para lançamentos individualizados, que eram raros.

FIGURA 21 – Capa da brochura *A nova poesia de Mato Grosso*, produzida em 1986.



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

Na brochura *A nova poesia de Mato Grosso*, dos oito poetas selecionados para a publicação, nenhum pertencia à Academia Mato-grossense de Letras. Portanto, a “nova poesia” era uma maneira de anunciar a novidade, uma forma estética inovadora. Afinal de contas, em 1986, além de Silva Freire já doente e lutando contra o câncer, não havia nenhum outro escritor com um projeto literário próprio e inovador. Daí que a conclusão torna-se óbvia, ao constatar que o livro nasceu de um concurso no qual a comissão julgadora era formada por nomes como Ferreira Gullar, Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dicke e Antônio de Moraes; posteriormente, foi publicado em parceria entre os jornais *Fim de Semana* e *O Dia*, além da própria UFMT.

Ocorre que o prefácio assinado pelo jornalista Dielcio Moreira (1986, p. 7), em tudo contradiz uma conclusão precipitada: “A nova poesia de Mato Grosso. Nova porque moderna, de pouca idade. Nova porque os poetas são novos. Trazem na sua arte as contradições e as

incertezas destes tempos de crises”. Portanto, não se estava anunciando uma nova geração e sim um conjunto de jovens poetas, rapazes e moças que venceram o concurso. Ou, pelo menos, à míngua de consciência do nascimento de uma nova geração literária, o prefaciador não percebeu que já estava em formação a Geração Coxipó.

Conflitando com o prefácio, temos a contracapa assinada pelo presidente da Cia. Editora e Impressora Mato-grossense, Alves Ferraz (1986, p. 4):

Não nos comove o debate que se trava hoje sobre a validade ou não dos concursos, mas a importância do poeta, deste fazer artístico, fundamental para a evolução da poesia em Mato Grosso. À Companhia Editora e Impressora Matogrossense, empresa promotora do concurso importa, antes de mais nada, abrir espaço, dar a conhecer os novos poetas.

A intenção do proprietário do jornal *Fim de Semana* era abrir o espaço que estava fechado, romper com o monopólio de uma poesia parnasiana cultuada pelos escritores tradicionais, divulgar quem nunca teve oportunidade e que vivia às margens do centro hegemônico.

A “nova poesia” de Mato Grosso aderiu à velha abordagem sobre o pau-rodado e os males ocasionados pela ação deletéria do migrante. A nostalgia da prosa memorialista, praticada à larga dentro da AML, era traduzida sob linguagem mais acessível, ainda que a lógica tenha sido a mesma. Referir-se ao passado idílico de uma terra idealizada, cantar essa natureza intocada que foi, posteriormente, conspurcada pelo migrante era recorrência nos anos 1980 e 1990. De Maria das Graças Campos (1986, p. 14), reproduzimos o poema ‘Que pena’:

O Coxipó não é mais de ouro
é de lama
O Cuiabá não é mais dos peixes
é das redes
O pescador não é mais dos rios
é dos barcos
O remo não é mais da brisa
é do remanso
E chegará no vazio o jacá balançando
como tarrachas no ar soprando o barro
do resto de tudo,
E xingar bem alto o Buiá, lambendo:
as águas dos esgotos. E pensará:
– Quem inventou o olho negro da onda?
Foram os resíduos das fábricas, as
descargas dos restos orgânicos dos
homens! Estes urbanos senhores,
que nos devoram até engolir as esteiras
de peixes mortos, no leito dos rios,
vermelhos, sangrentos, velando a
morte perene das águas claras.

O texto indica a transformação do modo de produção artesanal para industrial, a exploração dos meios naturais em alta escala. No início do texto, ao contrapor ouro/lama e peixes/redes, Maria das Graças Campos promove a ligação com o resultado da exploração, mais adiante descrito – “chegará no vazio o jacá balançando”, ou seja, sem peixe. O esgotamento dos rios (e da natureza em geral) é imputado aos “urbanos senhores”, provavelmente ligados às “fábricas”, isto é, à produção em alta escala. O que se contrapõe, na verdade, é não só a vida bucólica e farta do passado com a ruína do presente, mas principalmente o modo de convivência entre pessoas com mentalidades diferentes acerca da interação do homem com o meio ambiente.

No mesmo sentido, Ivens Cuiabano Scaff (1986, p. 49) fazia a própria apresentação: “Nascimento, infância e adolescência no Porto, que hoje a gente tem que explicar como era aos novos cuiabanos”. Mais adiante, questiona-se: “Cuiabá é a mesma? Cabe um retorno ou a senda é o porvir? Todo cuiabano é um Ulisses navegando / eternamente retornando à sua Ítaca”. Desde cedo, oriundo de duas famílias tradicionais de Cuiabá, o poeta Ivens reagia contra o que considerava uma invasão. Em razão de suas raízes, era mais próximo dos escritores da 1ª geração, sobrinho de Ulysses Cuiabano, um dos fundadores da Academia Mato-grossense de Letras. Não por outra razão vai se referir à capital mato-grossense como Ítaca, terra de Odisseu, objetivo idílico a ser alcançado pelo herói grego que voltava à terra após longa ausência.

Além do poema ‘Réquiem para o rio Cuiabá’, publicado depois em outros periódicos, vale a pena consultar ‘Paisagem vista da ponte’:

As pessoas
Nos carros que passam velozes
Não viram os apanhadores de areia
Junto às suas canoas
Estacionadas no meio do rio.
As pessoas, observando a corrente verde,
Também não viram.
Não existem mais os apanhadores de areia.
Todo mundo estava tão ocupado
Que ninguém reparou
Quando eles saíram de cena (SCAFF, 1986, p. 55).

O texto traz a palavra “velozes” a se referir aos carros, quando, na verdade, está se referindo ao ritmo frenético da cidade, revelando depois que “todo mundo estava tão ocupado que ninguém reparou”. Os apanhadores de areia representam o antigo modo de desassorear o rio, retirando bancos de areia que se formavam e eventualmente atrapalhavam a navegação.

Representam, no conjunto do poema, o “fazer artesanal” ou simplesmente a própria “tradição”. O sumiço dessa categoria de trabalhador diz respeito a três problemas: a inutilidade do trabalho local diante das empresas maiores, a profunda transformação dos costumes locais e, finalmente, o apagamento da cultura cuiabana da memória popular.

Amauri Lobo, outro poeta selecionado pela comissão julgadora que pertence à Geração Coxipó, não discrepa dos colegas. A tônica do texto replica a tendência temática constante de todas as publicações do grupo: degradação ambiental e reificação dos valores tradicionais. Destaca-se o poema sem título, que termina com uma ilustração de lixo que originou, vinte anos depois, o *Cerrado serrado*, seu primeiro livro autoral:

cidade de cuiabá invadida, dividida, escamoteada
cidade cacofônica no meio do (c)serrado
queimado vendido pisado
lixreira e lixeira
o paradoxo universal da repetição do erro
e do fim da festa ali/começo doutra aqui

lá onde urubus rasgam sanitos
e aquele verde crespo ondula por trás das cercas
e faz um tapete mágico
voando longe pra bem perto
de você andando por cima das montanhas
subindo as encostas do continente

por que aqui deste mar me sinto dele
marujo desta terra
fera deste pedaço

que não serro nem cerro
abro o olho e vejo
inteiro
inacabado
LIXO.

A influência do grupo do “Baixo Coxipó” era mais evidente em Amauri Lobo. A poesia mais aguda, os termos menos metaforizados e mais diretos são o resultado da linguagem contestadora do grupo que se formou a partir da Universidade Federal de Mato Grosso. O discurso dispensa figuras de linguagem para afirmar que a cidade foi invadida e dividida. Tal alusão ao migrante, responsável pelas “cercas” e pelo “lixo”, é mais uma das inúmeras formas pejorativas de tratar o elemento estranho, que se recusa a se aclimatar culturalmente.

Na brochura *A nova poesia de Mato Grosso*, publicada em 1986, havia sinais inequívocos de que estava em gestação uma nova geração literária que, de novidade, teria muito pouco a oferecer. A visão preconceituosa, limítrofe da xenofobia, eximia-se de refletir

sobre a responsabilidade do cuiabano no processo de transformação da cidade, concentrando as críticas integralmente no migrante, principalmente aquele que chegava do sul, orgulhoso dos traços culturais daquela região. Se, de um lado, não houve qualquer questionamento de cunho social, de outro, carecia aos autores debruçarem-se na realidade política local da qual todos se abstiveram de tratar. Mário Leite (2005, p. 237) chamou a atenção para esse reducionismo regionalista de cunho autorreferente:

A meu ver, esse é o sentido da literatura mato-grossense. A linha ininterrupta espaço-temporal, literariamente falando, engendra-se, e debate-se, basicamente nesse drama de construção-elaboração de identidade(s), de região, de literatura(s), de cultura(s). É isso que garante e garantirá o sistema. A amálgama do sistema é o discurso regionalista. Ou melhor, os discursos regionalistas nos embates pela hegemonia, unicidade e legitimação. A princípio, parece-me que há dois discursos literários regionalistas mais identificáveis e hegemônicos com variações e perspectivas relativamente diferentes. Embora organizados em torno do regionalismo, manifestam-se no plano artístico de maneira diferenciada um do outro, mas ideologicamente falando talvez as diferenças não sejam significativas. Se, por um lado, inicialmente apresentam-se como diferentes e até mesmo opostos, vão, por outro lado, aproximar-se e associar-se – e até misturar-se – com o passar do tempo.

Ao imaginar que a capital mato-grossense é um local para o qual, desde o século XVIII, convergem ondas migratórias, não haveria razão para a hostilidade que exsurge dos poemas dos escritores da Geração Coxipó. Eles mesmos, em sua maioria, são filhos ou netos de migrantes que “chegaram” a Cuiabá. Com uma diferença fundamental: a negociação simbólica, o autorrefinamento, o tributo tribal que pagaram à tradição da cuiabanidade. Por isso mesmo é que o regionalismo nunca deixou de ser a tônica da literatura produzida em Mato Grosso, porque, em resumo, é o maior valor simbólico a ser negociado, para o qual convergem quase todas as temáticas, mesmo com estéticas completamente diferentes.

O programa fundacional desenhado por Aquino-Mesquita era fugir do sentimentalismo romântico e do ideal clássico distante da realidade regional. Como foi pontuado anteriormente, o início do século XX foi marcado pela tônica regionalista, que ecoou por mais de cem anos. Inicialmente, sublinhar a opulência da terra servia para atrair migrantes a fim de que aderissem à Marcha para o Oeste. Décadas depois, a persistente fixação regional serviu justamente para rechaçar o forasteiro que havia aderido à propaganda oficial dos governos que buscavam a integração nacional.

A contradição entre o que se quer e o que se realiza é a percepção de Philadelpho Menezes. Ao refletir sobre as supostas rupturas da vanguarda na modernidade, Menezes

(1994, p. 76) poderia perfeitamente estar se referindo à tradição literária mato-grossense, porque identifica que:

[...] nessa busca de afirmação da individualidade de seu espaço, de sua sensibilidade e de sua linguagem enquanto elementos contestadores da vida moderna, é que o escritor modernista mais reforça seus vínculos com essa sociedade, mais se apresenta como um retratista, ainda que muitas vezes às avessas, da mentalidade, do período. A contradição do modernista é parte fundamental das contradições da modernidade, e esta é, por excelência, o período de contradições: do irracional dentro da racionalidade; do passado dentro do futuro; do belo dentro do horrível; do efêmero dentro do histórico; da barbárie dentro do progresso; da contestação dentro da adaptação; da destruição dentro da construção.

O “marujo desta terra” que o eu lírico de Amauri Lobo projeta é, em muitos sentidos, a mesma romantização dos cuiabanos feita pela tradição de Aquino, Mesquita e Virgílio, uma raça de bravos que comanda Cuiabá, defendendo a capital contra investidas de especuladores gananciosos, paus-rodados oportunistas, gente sem enraizamento ou comprometimento cultural. Lobo e seus companheiros da Geração Coxipó eram as novas “feras do espaço”, espécie de guardiões contra as invasões de bárbaros sulistas.

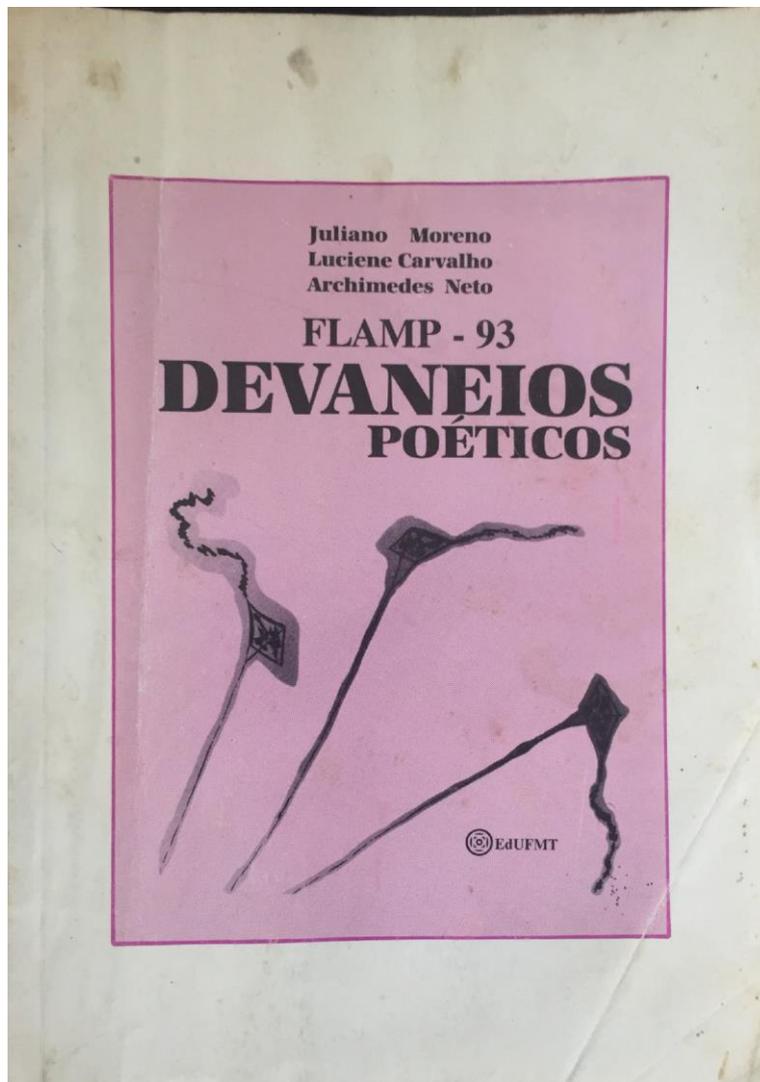
O que a publicação coletiva traz a lume é a nostalgia de uma *belle époque* cuiabana. Com a memória afetiva profundamente ancorada nas décadas de 1960 e 1970, os escritores que despontavam em concursos e publicações pretendiam cantar uma devastada terra natal aquiniana, porém sem perder a referência imagética dos rios, das pontes, dos quintais, das frutas, tudo o que uma cidade grande dissolve no processo de crescimento. Reside aí uma inconsciente aproximação intergeracional por alas intelectuais aparentemente antagônicas, consoante leitura de Philadelpho Menezes (1994, p. 81):

[...] as vanguardas, no seu projeto central de romper com a ordem estabelecida, acaba recebendo em suas fileiras indivíduos cuja iconoclastia se dirige, em diversos momentos, à restauração de uma ordem ainda anterior àquela contra a qual o projeto vanguardístico se insurge. A conduta iconoclasta muitas vezes esconde no seu bojo a intenção de restauração do velho para combater um outro velho mais poderoso e oficial.

A complexidade no estudo dessa geração de escritores reside na percepção de que, frente às circunstâncias, a novidade não estava representada nos novos escritores. Talvez a contradição anotada pelo prefaciador de *A nova poesia de Mato Grosso* entre o “novo” e a “novidade” esteja se comprovando por meio de uma mirada mais ampla dos primeiros vinte anos de atuação dos jovens do Coxipó.

4.2 – *Devaneios poéticos*: os prêmios regionais

FIGURA 22 – Capa de *Devaneios poéticos*, publicado pela UFMT em 1994.



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

Os festivais da UFMT colmataram uma geração de alunos e professores que se reuniam em saraus, ora de forma desinteressada, ora em concursos. A publicação do Flamp – 93, *Devaneios poéticos*, apresentada por Fernando Tadeu de Miranda Borges, indica os três vencedores – Juliano Moreno, com outros títulos anteriores; Luciene Carvalho, a se destacar pela *performance* na declamação da própria poesia; e Archimedes Ferreira Lima Neto, o neto do vanguardista jornalista homônimo, um dos poucos que enxergou o modernismo mato-grossense com bons olhos. Lentamente, confirmava-se a influência da Universidade Federal como novo centro de legitimidade intelectual de Mato Grosso.

O Festival Livre de Arte e Música Popular (FLAMP) foi criado em 1983 pelo Diretório Central dos Estudantes da UFMT, na gestão de Miquelão (Agronomia) e Helder Molina (secretário-geral). Durante os primeiros anos, o formato do festival mudou e ganhou força. O circuito adquiriu maior evidência no ano de 1992, com premiação em dinheiro, algo pouco convencional na época. As apresentações deram-se no dia 27.01.1992 e a premiação foi divulgada em 30.01.1993. Firmou-se, na UFMT, a tradição de competições desta natureza, evidenciando novos escritores.

Já em 1993, a premiação ofereceu a edição de um livro para os três primeiros ganhadores – atrativo interessante para os estudantes que não tinham condições de lançar as suas próprias obras. A seleção de 1993 rendeu, ao livro lançado no saguão da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso, em 20.11.1994, a primeira publicação, com apresentação individualizada, de Juliano Moreno e Luciene Carvalho.

No texto inicial de *Devaneios poéticos*, Mário César Silva Leite (1994, p. 9) comentou:

A alma feminina de Luciene expõe ao mundo não apenas sua visão dele processada por ela, mas ela mesma filtrada e dividida entre o jogo lúdico-dolorido do ser-sentir e ser-dizer. Entre a ‘escrava e a princesa’ que sentem e conservam e a ‘louca e a bruxa’ que refletem. Luciene mira-se e expõe-se no lago profundamente transparente de Narciso, que é a poesia.

Foi essa a primeira apresentação da poesia de Luciene Carvalho, uma autora fora de todos os padrões convencionais da sisuda tradição literária mato-grossense: negra, pobre, bissexual, flertava com drogas e magia, a poeta apresentava uma tônica absolutamente desconhecida na conservadora capital ao desterritorializar-se do centro histórico, ao iluminar a figura da mulher sensual, ao abordar de forma direta o preconceito, ao questionar a própria sanidade e a dos outros.

Da Geração Coxipó, Luciene foi a única que se dedicou a expressar questões sociais da cidade em que vive, sem o ranço defensivista da cuiabanidade, nem a idealização de uma Cuiabá do passado. O tempo da poesia de Carvalho é, em geral, o presente suburbano, pobre, vibrante. A destacada variação do que faziam os contemporâneos não apagou a capital mato-grossense da literatura produzida pela escritora, mas fez diferenciá-la quanto à topologia da cidade. Os prostíbulos e pequenas lojas do Porto, a vida urbana das empregadas domésticas, as cenas no transporte coletivo, remetendo em tudo ao igualmente corumbaense Lobivar Matos.

Os poemas ‘Mutantes’, ‘Senhores’, ‘Estória de uma menina’, ‘Lúbrica’, ‘Da loucura’ e ‘Nós’ são exemplos da inadequação da nova poesia e da nova poeta ao cenário tradicional da literatura que se praticava em Cuiabá. Mulher sensual que sofre pela condição feminina,

mulher negra excluída do adestramento social, mulher louca e bruxa que foge da fogueira e dos olhos da sociedade.

Vocês não sabem
Nada da minha tristeza e busca
É mais fácil acreditar:
‘Não passa de uma louca
De uma bruxa’
A ferro e fogo sigo a correnteza
Dorme em mim
A escrava e a princesa
No mesmo corpo, pele e substância
Caminham de mãos dadas
Desde a infância
Brincaram sob as mesmas
Saías, tão rodadas.
Andam em mim a plebe e a realeza
Como um caso bipolar da natureza
 Sim e Não
 Vida e Nada
 O horror e a Beleza
Uma quer! A outra espera
Uma é santa; a outra vira fera
Uma é chão; a outra é quimera
Uma planta lágrimas no sonho
A outra lê pro mundo os versos que componho (CARVALHO, 1994, p. 12).

É particularmente interessante a imagem dual neste poema. Sobretudo porque podemos entender a “plebe” que ela representa, mas não exatamente a “realeza”. De que ponto de vista a nobreza pode ser compreendida? “Um caso bipolar da natureza” talvez signifique não só a condição pessoal da escritora, mas também reflita um sentimento nobiliárquico local. De qualquer forma, o dualismo centrado na condição de mulher discrepava completamente da literatura produzida por mulheres em Mato Grosso. Afora raros casos de poemas que notabilizavam os desejos femininos, mormente ligados ao sexo e à expressão política, a literatura produzida por mulheres era, no entender de Marli Walker (2013, p. 113), de menor qualidade estética:

Junto com Marilza Ribeiro, os nomes de mais quatro mulheres compõem a fase Pós-Moderna a que se refere Magalhães. Amália Verlangieri, Lucinda Persona, Luciene Carvalho e Marta Helena Cocco trazem características modernas em sua poesia, tanto nos temas quanto na forma. Os elementos regionais aparecem aqui e ali, não constituindo, porém, a matriz da produção; ao contrário, manifesta liberdade de conteúdo, forma e expressão. O amor que as vozes líricas enunciam, no XX e início do XXI, traz um novo tom revelador de novas imagens. Nesse grupo de poetisas não se encontra o rigor formal verificado na constância dos sonetos, do período anterior, o XX. Esse aspecto, porém, acentua as características da lírica moderna, sobre as quais falou Friedrich (1978, p. 165), de que ‘nos bons líricos, as liberdades formais não são anarquia, mas uma bem refletida pluralidade de sinais

significativos'. Não se diz com isso que o grupo de poetisas que produziu no XX apresente menor qualidade estética.

O que ocorreu foi que elas escreveram sob a influência que imperava no período em Mato Grosso, aliás, não apenas romântico-parnasiana, como apontou Magalhães, mas também, e significativamente, simbolista.

Contando a própria história, Luciene Carvalho definiu-se como “crisálida”, no poema de mesmo nome, um estado delicado de mutação. Essa temática rompia com o que era tradicionalmente esperado da mulher – o feminino, o virginal, o pueril e a busca da estável beleza contemplativa. Era o padrão de Aquino-Mesquita, canonizado por Rubens de Mendonça e outros pretensos historiadores como Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. De acordo com Marli Walker (2013, p. 193):

Raras exceções, as mulheres escritoras são relegadas ao esquecimento, como ocorre nas pesquisas de Rubens de Mendonça e Carlos Gomes de Carvalho que trazem um ou dois nomes femininos; ou citadas em final de capítulo no espaço destinado a ‘outros autores’, como ocorre na *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, de Hilda Magalhães, que descreve e comenta apenas a produção lírica das poetisas Arlinda Morbeck e Marilza Ribeiro, no século XX.

De fato, os parâmetros fixados pela Academia Mato-grossense de Letras não só marginalizavam a estética moderna e a temática ligada à questão social, mas também evitava ao máximo que mulheres expressassem emancipação. Se Lobivar Matos lutava contra o cuiabanocentrismo e, com ele, a estética romântico-parnasiana para expressá-lo, Luciene Carvalho destacou-se da Geração Coxipó por apresentar uma visão contemporânea sobre a cidade e principalmente sobre a mulher.

A tônica presenteísta de Carvalho, longe da nostalgia e do lamento pelo passado fugidío, não só demarca a diferença interna do grupo que orbitava o “Baixo Coxipó” como também distancia a única autora negra do período da longa tradição de mulheres que reforçam na literatura um lugar de subordinação, sob pena de apagamento da historiografia e recusa ao reconhecimento artístico. Talvez seja em Luciene Carvalho, portanto, que a Geração Coxipó expresse sua verdadeira oposição ao cânone literário mato-grossense. A escritora manteve-se produzindo com regularidade (ao contrário de parte dos contemporâneos) e descolou-se do discurso monotemático do ressentimento xenofóbico.

4.3 – Fragmentos de gerações

A editora Entrelinhas também lançou, em 2003, um apanhado de autores regionais, em *Fragmentos da alma mato-grossense*, contemplando Manoel de Barros, Silva Freire,

Wladimir Dias-Pino, estampados na parte superior da capa, e Lucinda Persona, Ivens Cuiabano Scaff e Ricardo Guilherme Dicke na parte inferior. A publicação revela muito da produção mato-grossense do período, porque travou um diálogo entre autores de geração diversa, quase todos antiacadêmicos ou, pelo menos, distantes da AML.

O uso da palavra “fragmentos” denota um duplo sentido. Primeiro, os fragmentos são amostras, exemplos, um bocado antológico da produção de cada autor destacado; segundo, a expressão também pode ser percebida como estilhaço, caco, restos de um outro tempo, de um outro estilo ou geração. Finalmente, a “alma mato-grossense” revela-se fragmentada e não coesa como tentou fazer crer a geração fundacional de Aquino-Mesquita.

Ao compulsar a produção literária a partir dos anos 1960, com a morte de José de Mesquita, o que se encontra é o fragmento da velha cuiabanidade. Barros refletindo o cenário pantaneiro, Dicke retratando os conflitos sertanejos diante da exploração financeira, Dias-Pino propondo uma estética visual estranha à tradição, Albues discutindo o coronelismo violento. Noutras palavras, a visão monista de prosperidade havia acabado.

FIGURA 23 – Capa do livro *Fragmentos da alma mato-grossense*, de 2003.



Fonte: ACERVO DE MARIA TERESA CARRIÓN CARRACEDO, 2019.

É preciso observar a capa do *Fragmentos da alma mato-grossense* com a máxima atenção. Os autores estão organizados em dois grupos. Acima, Manoel de Barros, Silva Freire e Wladimir Dias-Pino representando a geração que se sobressaiu na segunda metade do

século XX e, na parte inferior, a geração que se destacou na transição para o novo século: Lucinda Persona, Ivens Scaff e Ricardo Guilherme Dicke – talvez os três mais significativos autores daquele momento. Persona, pela qualidade estética a escrever sobre o tempo e o cotidiano; Ivens, pela renovação da visão sobre a terra; e Dicke, pelo estilo singular ao tratar dos sertões do planalto central brasileiro, seus dramas e conflitos.

Anote-se que Dicke, embora não se ligasse diretamente com a Geração Coxipó nos *happenings*, unia-se estreitamente em incentivo. Era ele o ícone de escritor a ser admirado pelos jovens. ganhador de prêmios nacionais, correspondente de grandes nomes, autor de uma série de romances mítico-sertanistas, Ricardo Guilherme Dicke estava, por isso, alinhado com a perspectiva de novidade que perseguia a Geração Coxipó. Além do mais, as publicações de seus manuscritos inéditos só foram viabilizadas com o apoio dos integrantes da nova geração literária por meio de injunções junto à Universidade Federal de Mato Grosso ou, futuramente, através da editora Carlini & Caniato.

As editoras perceberam o surgimento de uma nova geração literária, quer pelo convívio dos autores nas publicações, quer pela contaminação recíproca. É o que se sobressai do trato com os periódicos da Geração Coxipó. Os três autores – Ivens, Lucinda e Dicke – foram solicitados a participar, sempre na condição de protagonistas. Eles contribuía com textos para os editores Wander Antunes e Juliano Moreno, tanto na *Vôte!* como na *Estação Leitura* e, ainda, na *Fagulha*.

Entretanto, os escritores da nova geração que foram selecionados por Maria Teresa divergiam no trato temático da terra. Persona estava ligada a uma poesia moderna de cunho existencial, enquanto Dicke e Ivens percebiam Mato Grosso de forma completamente diferente. Por que foram agrupados assim? O que havia entre eles que pudesse agrupá-los pela experiente editora de Entrelinhas?

A primeira consideração a se fazer é que nenhum dos três escritores pertencia à Academia Mato-grossense de Letras e, portanto, não estavam jungidos àqueles moldes estéticos passados. Aliás, nenhum escritor da transição do século XX que se destacasse pertenceria, pela repulsa, à tradição academicista. O caso de Silva Freire é particular. O festejado escritor fez uma composição negociada, almejando a imortalização de um projeto que, infelizmente, não conseguiu levar adiante. Embora a poesia silva-freiriana esteticamente seja distinta do conjunto de crônicas e poesias passadistas, cujo alvo era o memorialismo, ainda assim o poeta preferiu ser festejado como “sucessor” da tradição fundadora, o ícone da cuiabania.

A segunda anotação relevante é a cristalização de um grupo literário emergente de qualidade que propunha uma nova visão para Mato Grosso, embora não houvesse um projeto específico, como foi o caso da geração anterior. Estava suficientemente madura a conjunção de escritores para afirmar ser mera coincidência a escolha da editora Entrelinhas. Os três, ainda que não aparecessem em qualquer espaço oficial de Mato Grosso, eram responsáveis por publicações especializadas, premiados regional ou nacionalmente e despertavam interesse da crítica nascente, unindo-se aos professores universitários, formadores de opinião e outros artistas.

O terceiro elemento a merecer destaque é a omissão do sobrenome “Cuiabano” do escritor Ivens Cuiabano Scaff. Em nenhuma publicação anterior Ivens havia usado apenas dois nomes. Nem foi uma questão de espaço ou de diagramação, porque, nesse caso, o nome de Dicke viria somente como Ricardo Dicke, suprimindo-se o Guilherme. Ademais, nos outros livros de Ivens (antes e depois do período), como, por exemplo, *Mil mangueiras* (1988), *Uma maneira simples de voar* (2006), *O menino órfão e o menino rei* (2008), o sobrenome “Cuiabano” está presente, o que continuou sendo constante na obra do escritor, até a atualidade, com o livro *Asas de Ícaro* (2017).

É claro que a supressão pode ter sido uma decisão arbitrária da editora. Mas não é demais lembrar que, na contracapa de *Mil mangueiras* (1988), a perspectiva de Maria Teresa Carrión Carracedo era apresentar para o Brasil um novo e talentoso poeta, isto é, a projeção nacional foi, desde o começo, um alvo editorial da nem sequer fundada Entrelinhas.

Portanto, tudo indica que a intencionalidade dos “fragmentos” era a de sublimar a centralidade cuiabana para assumir o estatuto de mato-grossense. Como era hábito, se foi esse o intento, a obra não obteve sucesso. A seleção de textos permaneceu expressando a tradicional cuiabanidade, ainda que distante da estética romântico-parnasiana.

Auto-retrato falado (*Manoel de Barros*)

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes,
aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e
lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los, me sinto como que
desonrado e fujo para o Pantanal, onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora, sou tão ocaso!

Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis. No meu morrer tem uma dor de árvore (BARROS, 2003, p. 14).

Raízes da raça (*Silva Freire*)

[...] Nossa indiferença (e a história é testemunha) nunca foi inércia, mas o estar acima. Como toda cidade garimpeira, nascemos rente ao topográfico, rasgando a geografia em veias. Nossas ruas não são tortas. São anguladas como o bordado tropeiro na rede lavrada: – o diamante, no carinho da lapidação, é que ganha intimidade humana! Somos piçarra-filtro da civilização, somos o tropeiro, depois da lição de abstração, que não pisa no ornamento armadilho pelo estrume do gado, depois da malhada.

O despojamento da conduta da raça cuiabana é consequência da relatividade nervosa da convivência com linhas de fronteira, que lhe dão seu nítido caráter de discrição.

Somos um Povo que, ao dar um nó cego no Paralelo 16, descobrimos o centro da americanidade – o ferimento (Miguel) sutil da ponta do compasso (FREIRE, 2003, p. 48-49).

Ambos, Manoel de Barros (2000) e Silva Freire (1991;1999), confundem-se com a terra. O primeiro, na condição de pedra e planta; o segundo, como chão. O “lugar decadente” de Manoel de Barros é uma paisagem já devastada pelo garimpo, marcada pela sensação de carência. O cuiabano de Freire é uma espécie de filtro civilizatório, resultado otimista da miscigenação de raças. O que Manoel de Barros enxerga como decadência, Freire enxerga como beleza. As “ruelas entortadas” do primeiro são “anguladas como o bordado tropeiro da rede lavrada”.

Embora vejam Cuiabá com olhares diversos, os autores coincidem no profundo sentido telúrico da poesia, expressando o vínculo indissociável com a capital mato-grossense. O passado será sempre uma referência positiva na memória dos escritores mato-grossenses, enquanto o presente é fruto da degradação, cujo responsável é, em geral, o migrante. Não é diferente a poética de Lucinda Persona e Ivens Cuiabano Scaff, respectivamente:

Os restos mortais do cerrado (*Lucinda Persona*)

Rajadas de um vento quente
depois das queimadas
trazem os restos mortais do cerrado
para dentro de casa. Todos os anos.
Por isso
já não me intimido mais
quando aranhas estorricadas
descem por meus cabelos
ou orquídeas em pó assomam à minha face;
quando de meus dedos pendem
abrasadoras samambaias.
Nem me assombram os bicos das seriemas
levitando pelas salas

sem os olhos sem as penas sem as vozes.
Choro tudo: a resina do carvão
os ossos à tona das cinzas.
Choro também os homens. Todas as vezes (PERSONA, 2003, p. 86).

Réquiem (*Ivens Cuiabano Scaff*)

te vendo assim meu rio
costelas de fora
com desnutrição
meus olhos se enchem de água
presenciando a destruição

onde comerão frutinhas
teus lambaris
se se foram a mata das margens
balançando às aragens
escondendo bentevis?

por onde passarão
teus cardumes
se nem meus queixumes
te aumentam a vazão.

rio verde
que contava a barcarola
já não espera a aurora
rebojando ao luar

desbarrancas
assoreias teu leite
e eu fico sem jeito
de mesmo te olhar

não gosto de te ver
feio assim
é triste pra mim

dói demais rio meu
entre os culpados
também estou eu (SCAFF, 2003, p. 114).

Como se percebe, Lucinda faz da depredação ambiental uma cena cotidiana. Grande parte da poesia da escritora é o processo de metaforizar o prosaico e não seria diferente com o meio ambiente em que se insere. A poeta, mesmo acostumada, continua se lamentando com as perdas do presente. Chora a terra e os homens que se dissolveram no ar. Ainda no presente, Ivens usa o gerúndio “presenciando a destruição”. A cena é o agora, enquanto escreve. Não aponta os migrantes sulistas como os culpados exclusivos, mas compartilha a culpa no ápice do poema: “entre os culpados / também estou eu”. O eu-lírico de Ivens Cuiabano Scaff ajusta-se com perfeição à fala coletiva da Geração Coxipó. A culpa autodenunciada resume-se por

não ter reagido a tempo, um sentimento comum entre os “nativos”, desde o movimento Muxirum Cuiabano.

Nessa altura, percebe-se a persistente idealização da geração anterior. Enquanto Ivens afirma “entre os culpados / também estou eu”, Freire diz que o cuiabano não era inerte, mas que “estava acima”. Ambos queriam expressar o descontentamento com o presente, divergindo na visão sobre o resultado das migrações. De qualquer forma, Cuiabá continuava sendo o centro das atenções e quem não se aclimatasse seria excluído ou, no mínimo, responsabilizado pela degradação.

Lentamente, vê-se uma leve correção no roteiro tradicional de culpabilizar o forasteiro. Scaff, ao apontar o dedo para si mesmo (noutras palavras, para a cuiabanidade), abre caminho para que outros escritores, muito mais tarde, reconheçam que as transformações havidas no cenário urbano e rural de Mato Grosso não deveriam ser imputadas exclusivamente aos forasteiros sulistas. Ao contrário: a reflexão de Ivens, um dos pivôs da articulação da Geração Coxipó, é um olhar cáustico para a própria ambivalência da cuiabanidade que, a um só tempo, almejava a modernidade de fora, mas rejeitava quem a proporcionou. A frustração com a debacle do bucolismo provinciano, com a ruína das memórias de infância, com a ocupação de espaços tradicionais em postos-chave da sociedade, com a exploração predatória dos migrantes que viam em Mato Grosso uma oportunidade de negócio, todo esse sentimento de angústia e abandono está resumido no *mea culpa* de Scaff: “entre os culpados / também estou eu”.

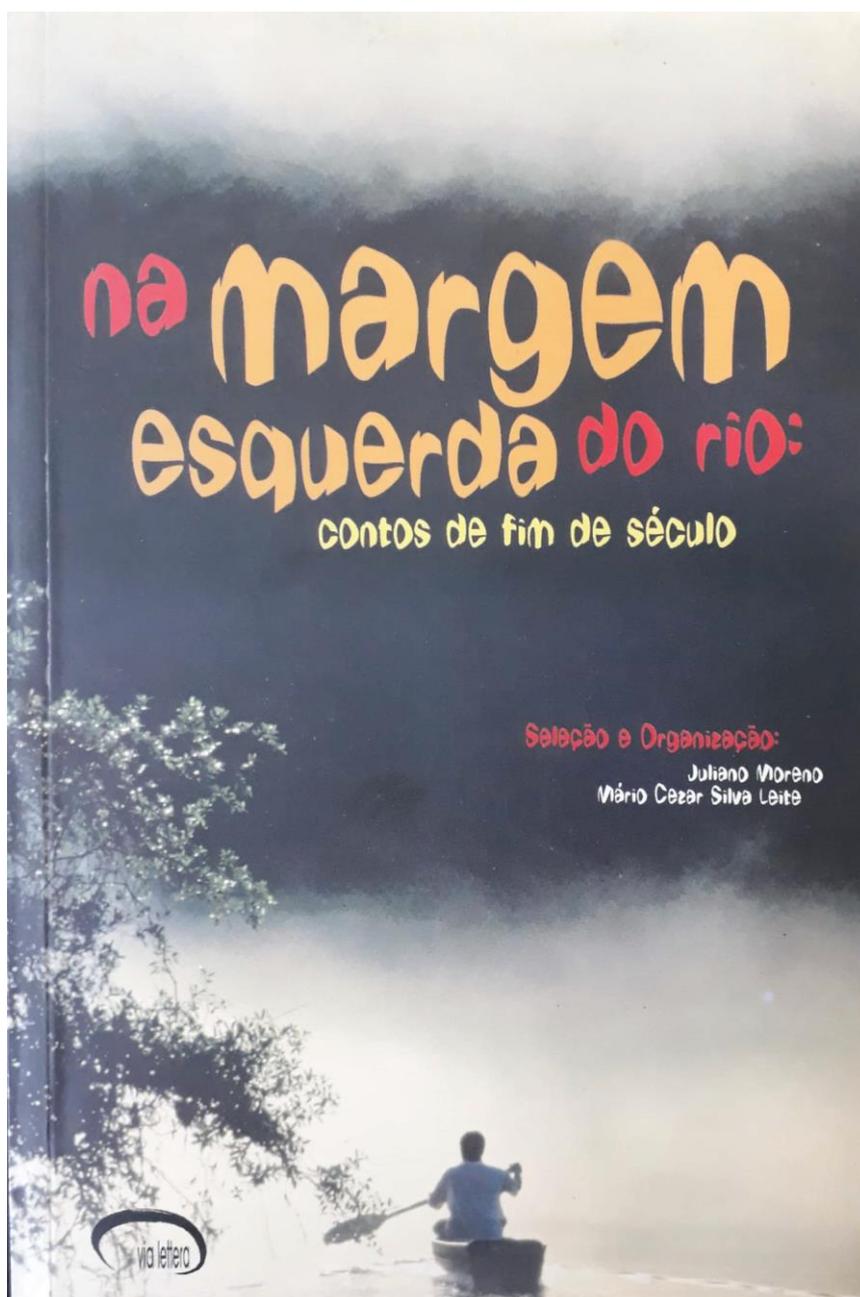
4.4 – O projeto Palavra Aberta e a consolidação da Geração Coxipó

O projeto Palavra Aberta, liderado por Juliano Moreno, alcançou financiamento público e conseguiu o intercâmbio de escritores distribuídos nacionalmente para Mato Grosso. José Castello, Ana Miranda e Cristovão Tezza compartilharam com escritores mato-grossenses e o público convidado suas experiências na crítica e na produção literária, com o intuito de profissionalizar o escritor e o editor em Mato Grosso. O que Moreno pretendia era ampliar a base de leitores e criar um circuito autossustentável de literatura, um projeto da Geração Coxipó que já se prenunciava desde os últimos números da revista *Vôte!*.

Foi com o Palavra Aberta, nascido em 2000, que surgiu o livro *Na margem esquerda do rio – contos de fim de século*, uma coletânea que reuniu uma vez mais o grupo que orbitava em torno dessas publicações alternativas: Ricardo Guilherme Dicke, Lucinda Persona, Lorenzo Falcão, Aclyse de Mattos, Marta Cocco, Mário César Silva Leite, entre outros autores. O título já adiantava a natureza identitária que cerzia todos os textos: tratava-se de prestigiar autores

mato-grossenses, autores de uma geração que, enfim, chegava à legitimidade por meio do acesso a projetos culturais patrocinados pelo Estado e alguns poucos empresários.

FIGURA 24 – Capa de *Na margem esquerda do rio*, publicação coletiva organizada por Juliano Moreno e Mário César Silva Leite (2002).



Fonte: ACERVO DE RAMON CARLINI, 2019.

Em artigo publicado no *Diário de Cuiabá*, edição 10.435, de 12.10.2002, Lorenzo Falcão deu testemunho da sua experiência no projeto Palavra Aberta:

Tive a oportunidade de conhecer a escritora Ana Miranda, que esteve por aqui na realização do Palavra Aberta, evento idealizado por Juliano Moreno, escritor que virou produtor cultural, na marra. Digo isso sobre o cara só pra ter a oportunidade de expressar minha opinião a respeito da ‘ginástica’ que é ter uma vida de artista aqui neste pedaço calorento de Brasil, quando a pessoa pretende ser bem-sucedida. [...]

Mais ou menos por volta das dez e trinta – hora de criança dormir antigamente, nosso seletor grupo se desfez. Fui pra casa feliz da vida, com o ego inflado e felicíssimo por ser um autor da literatura mato-grossense contemporânea, elogiada espontaneamente por Ana Miranda. As coisas que são escritas nesta terra estão galgando espaço nacional. Os prêmios nacionais que Aclyse de Matos e Lucinda Persona conquistaram recentemente, mais a verve torrencial de Ricardo Dicke, que ainda precisa ser explorada mais a fundo, comprovam que Mato Grosso vem se mostrando cada vez mais uma terra de letrados inspirados. ‘A margem esquerda do rio’, coletânea de contos, a maioria de autoria de nossos escritores, é a melhor maneira pra você, caro leitor ou leitora, passar a limpo o que estou afirmando. Ocê qué vê, escuta! (FALCÃO, 2002, p. 2).

A assunção de escritores da nova geração a postos de poder e legitimidade contribuiu para a mudança das políticas públicas com relação ao livro. Com Ivens Scaff, Lorenzo Falcão, Mário César Leite, Luiz Renato, Eduardo Ferreira, todos se revezando em conselhos de cultura, apareceram concursos literários que retroalimentaram os melhores escritores do período. Os ganhadores do Prêmio Mato Grosso Ação Cultural foram, respectivamente: Marta Cocco, com o livro *Meios* (1ª edição, em 2001) e Lorenzo Falcão, com o livro *Motel Sorriso* (2ª edição, em 2002).

Cumpriu-se o longo percurso de formação de uma geração literária. O primeiro passo se deu com pequenas participações em revistas e outros periódicos; escreveram em jornais de circulação restrita; e participaram de interações com outros artistas que estavam lutando para se firmar. O segundo passo foi a seleção para as primeiras publicações de livros coletivos, chancelados por uma instituição pública de ensino superior ou mesmo por uma editora independente. Finalmente, o terceiro passo foi a produção de livros autorais. Quanto mais subiram no conceito coletivo, mais a grande mídia cobriu os lançamentos individuais e coletivos.

O que pode parecer mais um livro coletivo de autores da Geração Coxipó tem, na verdade, especificidades que merecem um olhar mais detido. De início, é relevante o duplo sentido do título – “Na margem”. Ao tempo em que passa a noção literal de cabeceira do rio (onde à esquerda está localizada Cuiabá), também oferece o conceito cultural de marginalidade, de oposição ao centro hegemônico, ao discurso dominante dos grandes centros. Essa primeira observação também pôde ser vista na percepção de Gilvone Furtado Miguel, que comentou o livro no artigo ‘Contos da margem – expressão da

contemporaneidade em Mato Grosso'. Margem, portanto, era uma realidade para a Geração Coxipó – forjada à margem do centro, à margem do cânone, à margem da estética passada.

A seleção textual dá-se com o trabalho de Juliano Moreno (coordenador do projeto Palavra Aberta) e de Mário César Silva Leite, autor e crítico, ele mesmo um egresso da Geração Coxipó. Como desnudam na apresentação, o trabalho de seleção é, antes de tudo, um exercício de poder. Com honestidade intelectual, os editores afirmam que a escolha é um processo de legitimação autoral e uma expressão afetiva – a seleção de gosto. O que denominam “gosto” é, na verdade, muito mais do que uma escolha arbitrária. Trata-se de uma opção estética, uma afinidade temática, uma noção solidária de pertencimento.

Incontornável é o depoimento de Mário César Silva Leite (2017, p. 210-211) sobre a consolidação da geração de escritores da qual ele mesmo é egresso:

Financiado pela Lei de Incentivo à Cultura, da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso, Juliano Moreno, escritor e ativista ou promotor cultural, manteve durante o início dos anos de 2000 o Projeto Palavra Aberta. Trazia para Cuiabá escritores de renome nacional para uma série de palestras nas Universidades e Escolas Públicas sempre acompanhado de um escritor local. Muito interessante e eficaz naquilo que se propunha na divulgação de literatura, nos processos criativos de cada escritor e na ampliação do leque de leitores ainda jovens. O acesso à Universidade nesses casos não era muito fácil e Juliano Moreno encontrou em mim um parceiro adequado e bem localizado num dos nichos que pretendia que o projeto acessasse. [...] Não sei bem a tramitação, mas o livro também recebeu apoio da Lei de Incentivo à Cultura. Poucas vezes trabalhei tanto. De escolha em escolha, recorte a recorte, dúvida em dúvida, chegamos a treze escritores, incluindo-nos. Dos treze, dos muitos contos que nos enviaram, escolhemos dois de cada autor.

Congregamos autores que publicavam desde os anos 1960, 1980 e 1990, e já consagrados, como Ricardo Dicke, Tereza Albues, Hilda Gomes Magalhães, Marilza Ribeiro e Lucinda Persona, com autores emergentes, em meados dos anos 1990, como Ivens Cuiabano Scaff, Gabriel de Mattos, Wander Antunes, e com a ‘novíssima geração’ que se postava no momento, Luiz Renato, Eduardo Ferreira, Antônio Sodré, Juliano Moreno e eu mesmo. Claro que boa parte de todos, incluindo os ‘novíssimos’, já produzia há mais tempo e era relativamente conhecida de um público mais interessado e restrito. Muitos dos novos deviam suas publicações e conhecimento público a Wander Antunes e à revista *Vôte!*. A escolha dos textos foi algo raro da qual tenho muita honra. Há ali preciosidades como ‘Vovô morrerá hoje’ e o ‘Menino que faz xixi’, de Lucinda Persona; a primeira edição de ‘A proximidade do mar’, de Ricardo Guilherme Dicke; ‘O grilo na palma da mão’, de Marilza Ribeiro; ‘O inventor do Martelo de Orelha’, de Antônio Sodré. E muitos outros que, para mim, dão proposição, substância, dimensão e inenarrável potência àquilo que chamo de literatura brasileira produzida em Mato Grosso.

A seleção, portanto, também notabilizava uma exclusão. A publicação foi uma das últimas iniciativas coletivas da Geração Coxipó, que começou a se formar com a *Vôte!*.

Albergou autores do grupo e excluiu escritores que estavam alinhados à Academia Mato-grossense de Letras. A proximidade anotada por Moreno e Leite era também uma forma de repulsa, ainda que a temática dos textos selecionados não rompesse com o mesmo roteiro elaborado pela tradição literária do século XX.

É na orelha que surge a chave para desvendar a citada “seleção de gosto”. Icléia Rodrigues de Lima e Gomes cita Michel Maffesoli ao pensar nesse “ser-estar junto” de fim de século. Nada mais apropriado, porque é em Maffesoli que se encontra o conceito de tribalismo pós-moderno, esse norte sociológico que vem auxiliando a compreender a formação da geração literária mato-grossense dos 1980/1990. Pressentindo o vínculo tribal, onde falar-escrever-vestir-estar-ser faz parte de um processo de contaminação mútua, Icléia reposiciona o “gosto” dos organizadores para o “pertencimento tribal”. Noutras palavras, constata em pouquíssimas palavras as novas relações que se deram nas últimas duas décadas do século XX: por eleição, uma grande tribo se formou. Daí falarmos em geração literária sem manifesto; portanto, mais difícil de ser percebida, mapeada, estudada.

Dos 14 autores selecionados, apenas João Gilberto Noll não fazia parte do *casting* de escritores mato-grossenses. Como outros autores, foi trazido pelo projeto Palavra Aberta para participar da interação com os colegas e público do Estado e acabou escrevendo um microconto dos mais interessantes intitulado ‘Mato Grosso’. Além de Tereza Albues, que morava nos Estados Unidos, e Hilda Magalhães, que se mudou pra Goiás, o restante dos autores faz parte da Geração Coxipó.

Na seleção, percebe-se retrospectivamente o que representou Wander Antunes para a geração nova. Isso porque boa parte dos contos reunidos já fora publicada na revista *Vôte!*: ‘Ligados com o mundo’, de Gabriel de Mattos, em *Vôte!*, de 05.04.2001; ‘Adalgisa na varanda’, do mesmo autor, em *Vôte!*, de 01.01.1998; ‘O açougueiro’, de Juliano Moreno, em *Vôte!*, de 03.07.1998; ‘Vovô morrerá hoje’, de Lucinda Persona, em *Vôte!*, de 05.04.2001; ‘O menino que fazia xixi’, da mesma autora, em *Vôte!*, de 04.11.1998; ‘O inventor do martelo de orelha’, de Antônio Sodré, em *Vôte!* de 05.04.2001. Portanto, dos vinte textos de autores mato-grossenses do livro *Na margem esquerda do rio*, seis foram publicados na *Vôte!* e um na revista *Verso & Prosa* nº 1, de 1998, o que soma 35% da produção. Com relação aos autores selecionados pelos organizadores, incluindo eles mesmos, todos compunham o grupo de forma mais ou menos próxima: alguns mais por admiração dos mais novos, como é o caso de Tereza Albues, Hilda Gomes Dutra Magalhães e Ricardo Guilherme Dicke, como já referido, eleito como ícone.

Na seleção, não houve o ímpeto hostil dos anos 1980. O tempo encarregou-se de depurar as reações mais acentuadas para legar apenas os aspectos literários de maior qualidade. Todavia, o registro da nostalgia cuiabana diante da acelerada urbanização foi pontificado por vários autores, a começar por Gabriel de Mattos, que cedeu o conto ‘Ligados com o mundo’, publicado anteriormente em *Vôte!*. Outros textos revelaram frustração com o presente, como foi o caso de ‘O grilo na palma da mão’, de Marilza Ribeiro, e ‘Macauã’, de Ivens Scaff.

Esses dois textos relacionam-se diretamente. De um lado, Marilza Ribeiro conta a história de um menino solitário que ficou fascinado por um pequeno grilo. No fim, coincidiram a fuga do grilo com a morte de Chiquinho, a fome e a miséria como pano de fundo, e a falta de fantasia protagonizando a narrativa, em destaque. Já Ivens Cuiabano Scaff apresenta um conto onde o personagem central, Bugrinho, trancafiado por seus próprios colegas de escola, transforma-se em gavião, o Macauã. Por força da frustração, dos maus-tratos e da exclusão, os dois personagens sofrem e morrem.

O Chiquinho de Marilza Ribeiro morre de fome, abandonado num barraco com a avó, que lhe dá um pão para que passe a dor no estômago. Fosse ou não um delírio, Chiquinho viu num pequeno grilo o escape de fantasia para toda a intensa carga de miséria a que está submetido no barraco. Encanta-se com o grilo e morre ao vê-lo pular para fora da casa. O retrato da exclusão social é uma constante na obra de Marilza Ribeiro, preocupada com as condições materiais da periferia marginalizada. Essa temática recorrente não deixa de remeter ao mesmo problema enfrentado pelos demais autores da época: o custo de um progresso desajustado, sem a respectiva recompensa social. Porém, enquanto os jovens escritores apontavam para a mecanização agrícola, para o desmatamento, para a degradação do meio ambiente, Marilza Ribeiro já se antecipava em forjar o resultado dessa exploração – a miséria plasmada em tipos extremamente vulneráveis.

Não deixa de ser a mesma a mirada de Ivens Cuiabano Scaff. Bugrinho é um personagem dúbio. Ele sabe. Sabe o que um menino da idade dele não pode saber. Sabe o que já aconteceu e sabe onde. Mistura-se indissociavelmente à terra, ao mais íntimo de Mato Grosso. Na escola, a professora dá a notícia de que uma embarcação vai atracar no porto, uma raridade nunca vista pelas crianças. Mas Bugrinho diz ter visto, não se sabe exatamente onde e em que condições. Os colegas, com inveja e despeito, trancam-no num armazém e o esquecem enquanto brincam na embarcação que, de fato, aporta às margens do rio. Quando já é tarde demais, lembram-se do Bugrinho, mas não o encontram. No alto da única janela, aparece um macauã substituindo o hiato deixado pelo desaparecimento do menino.

“Quem” ou “o quê” é o Bugrinho senão a força telúrica do povo cuiabano? O povo que conhece sem ver, que sabe sem olhar? O menino de Ivens Cuiabano Scaff é a tradição. Por isso, diante dos tempos onde não atraca embarcação alguma (modernidade), seja pelo assoreamento do rio, seja pela abertura das estradas de acesso, a tradição é rejeitada com hostilidade e, depois, esquecida – da mesma forma que acontece com o Bugrinho. A postura dos colegas do garoto é a mesma que o escritor percebe na contemporaneidade quanto às tradições cuiabanas: descaso, inveja, despeito, raiva e incompreensão. A exclusão a que é submetido pela ação coletiva é a mesma que a enfrentada pelos mais humildes conterrâneos, a gente simples do Porto Geral de Cuiabá, local do qual saíram autores que prezavam o desimportante, o prosaico, a tradição e a própria periferia: Manoel de Barros, Luciene Carvalho e o próprio Ivens Scaff, por exemplo.

Os dois meninos morrem, sendo que o último se transforma. Para que tivessem um desfecho idêntico, o Chiquinho de Marilza Ribeiro poderia virar o próprio grilo. Mas não foi o caso. O que importa é que ambos partilham da mesma sina: incompreensão e miséria, exclusão e carência. Retratos de um tempo deletério, no qual a sensibilidade dos escritores é o único registro da extinção de um “modo de ser”. Por esta razão, muito além da expressão lúdica de alta qualidade, os dois contos expressam o fim do século em Mato Grosso – melancolia, desarranjo e incerteza. Marilza e Ivens poderiam resumir a ótica da Geração Coxipó sobre o final do século XX.

A seguir, pode-se confirmar o viés da ótica cuiabanocêntrica nos textos mais contemporâneos e maduros de alguns escritores da Geração Coxipó. Não se almeja a liquidação da temática por meio da demonstração exaustiva dos engajados elementos regionalistas, constantes na prática literária tradicional que perdurou. A investigação da reiteração temática e da estratégia de abordagem usada por esses autores pode apontar para uma constante afirmação identitária que indica ser o ponto nevrálgico a aproximar escritores que se antagonizaram no campo intelectual, onde se disputava o poder de conceber as imagens a serem acolhidas e reconhecidas no intrincado sistema cultural mato-grossense.

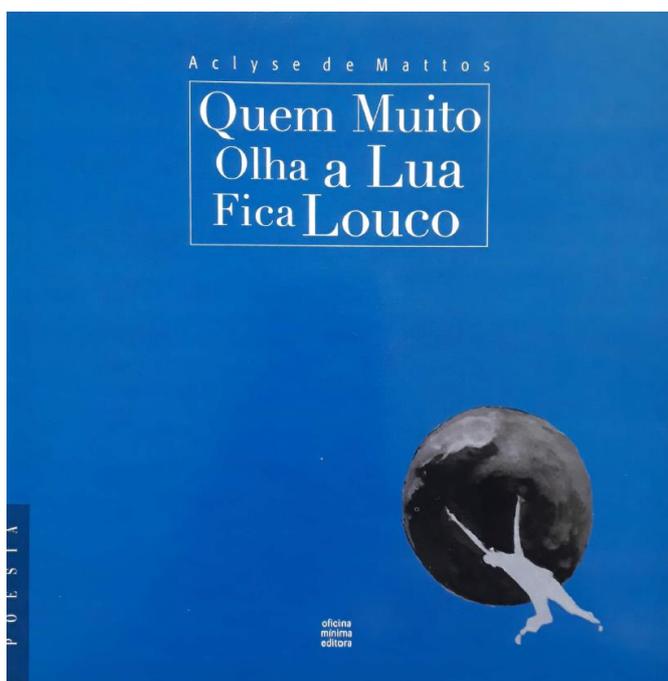
4.5 – Lamento, identidade e contemporização

Identificar o surgimento desse novo grupamento literário e sua gravitação pela temática regionalista não é, para nenhum deles, demérito. A consistência estética deverá ser objeto de estudos mais aprofundados e, de preferência, individualizados. O processo de canonização local está em curso, com trabalhos acadêmicos que privilegiam tanto a geração de Ricardo Guilherme Dicke, Benedito Sant’Anna da Silva Freire e Tereza Albués quanto sobre a expressiva produção

de Lucinda Persona, Aclyse de Mattos, Luiz Renato, Luciene Carvalho, Marta Cocco e outros integrantes da Geração Coxipó. No âmbito do presente estudo importa, contudo, não só proceder ao mapeamento da movimentação intelectual da tribo maffesoliana do Coxipó como observar a reiteração de pautas ao longo do tempo e eventuais variações sob o ponto de vista de enfrentamentos e alinhamentos com a tradição assentada nos últimos cem anos.

O que é possível apurar, concomitantemente aos lançamentos dos periódicos da Geração Coxipó, é a estruturação de duas editoras – Entrelinhas e Carlini & Caniato –, que alavancaram a produção literária individual dos escritores analisados. Com a oportunidade de expressão individual, cada integrante da tribo trilhou um caminho, a maioria não se descolando do viés regionalista, que dialoga com as imagens reiteradas desde os primeiros anos do século passado. O tom da resistência transforma-se sutilmente, porque a hostilização ao “pau-rodado”, identificado como golpista, será amainada diante do processo de amadurecimento autoral e, muito provavelmente, do convívio cada vez mais intenso entre cuiabanos e não cuiabanos. A artilharia crítica do remoque nativo, presente antes mesmo de Mesquita assumi-la e Aquino poetizá-la, transformou-se em lamento nostálgico pela perda de imagens gravadas na memória dos escritores em plena virada de século. O final dos anos 1980 e a década de 1990 foram marcados pelo decadentismo antimoderno.

FIGURA 25 – Capa do livro *Quem muito olha a lua fica louco*, de Aclyse de Mattos (2000).



Fonte: ACERVO DE MARTA COCCO, 2019.

Depois de um longo percurso fora de Cuiabá, Aclyse de Mattos reencontrou-se com a própria terra em 2000, com a publicação de *Quem muito olha a lua fica louco*. Com a capa de Wander Antunes, o livro foi o resultado da política de incentivo implementada pelo Conselho Estadual de Cultura³⁹, cuja autorização para captação levou o autor a angariar patrocínio do supermercado Modelo, Matos & Matos, O Boticário e Gabriela. Vários autores da nova geração beneficiaram-se da Lei nº 7.042/98 e mesmo de legislações anteriores, uma das formas de apoio à edição de livros com qualidade superior em relação àqueles dos anos 1980 e princípios dos anos 1990.

O livro constitui um reencontro de Aclyse com as tradições cuiabanas, sobretudo marcado pela memória e pelas senhas próprias da cuiabania. A figura recorrente do rio e da chuva remete à infância do autor, cujas lembranças são acessíveis e compartilhadas apenas entre cuiabanos. Nota-se não apenas uma linguagem cifrada, mas figuras próprias de uma tradição a ser rememorada e defendida. Embora o autor não tenha adotado o costumeiro tom defensivo da turma do “Baixo Coxipó”, os cenários, costumes e lendas compartilham uma visão singular da terra, próxima de Ivens Cuiabano Scaff, por exemplo. As singularidades da sabedoria e da experiência regional, inacessíveis aos não iniciados, marcam a lírica da 1ª obra de Aclyse de Mattos ao retornar para sua cidade natal. É o que se colhe do poema inicial ‘A cheia’, do qual foi extraído o seguinte trecho:

Carros, charretes, bicicletas paravam
longe, assim cem metros, ruas alagadiças
lomas chegando às portas do cinema
O Cine São Luiz, que a gente do porto
enchia e transbordava com flores de pipoca (MATTOS, 2000, p. 8).

Essa “gente do porto” a que o escritor se refere é, como diz reiteradamente Luciene Carvalho, uma “gente periférica” com relação à alta sociedade cuiabana. Daí que as memórias das águas, das brincadeiras e das tradições em *Quem muito olha a lua fica louco* não são as mesmas da “gente do centro”, isto é, da elite cuiabana. Outros dois poemas reforçam essa localização descentralizada da poesia contemporânea de Aclyse:

Avenida Beira-rio
e seu canteiro de flambloyants vermelhos
fila de tochas de fogo
que brotam da terra

³⁹ A composição do CEC, entre 1999-2000, foi: Ricardo Guilherme Dicke, Ivens Cuiabano Scaff, Aline Figueiredo, Marlene Cazarim, Nilza Queiroz Freire, Antão Divino Nery, Carlos Avalone Júnior, Roberto Pinto Victório, Gervane de Paula, Nicélio Acácio, Hugo Taques, Onofre Ribeiro, Luís Carlos Ribeiro e Clóvis Resende Matos. Dos 14 membros do Conselho Estadual de Cultura, 5 eram escritores e tinham livros publicados, reforçando o segmento da literatura, na época.

como um cortejo, um bacanal, um enterro
um funeral de titãs do sub-mundo (ibid., p. 30).

Toda a pressa acaba na ponte
onde o cheiro do peixe
e o pôr do sol
enchem de significado
a preguiça
que virou contemplação (ibid., p. 31).

A topologia poética de Aclyse está distante da Matriz do Bom Jesus de Cuiabá, do Palácio da Instrução e da Casa Barão de Melgaço. A nostalgia apela para a tradição ancestral dos ribeirinhos, um mundo próprio de imagens telúricas, com outra lógica e outro tempo – não há pressa. A preguiça, uma acusação comum de “paus-rodados” com relação ao cuiabano, é tomada como contemplação. Aclyse captura esse ritmo de vida visto da ponte, uma vida sem compromisso com a agenda moderna, com o progresso mecanizado, com o fluxo ininterrupto de informações. O significado da vida encontra-se na conexão com o ambiente, mas não uma paisagem atual. O presente de todos os escritores da Geração Coxipó é marcado pela decadência de uma cidade-modelo e a valorização de uma vida mágica, lúdica, descolada da modernidade.

As especificidades cuiabanas não cessam, em todo o livro. Mais adiante, novamente, a vivência do porto, geografia especialíssima de Cuiabá, volta a ser lembrada tão vivamente a ponto de, ao final do poema, confundir-se memória e realidade: “Ah, esses nomes de bairros! / Tão simples que só de lembrá-los / já é quase uma visitação” (ibid., p. 44). Noutro poema, ‘Eu canto as coisas simples da minha terra’, o poeta vai recorrer às águas, flores, telhados dos casarios antigos e, finalmente, retorna ao ritmo diferenciado do cuiabano, ao dizer: “Por exemplo as gentes / pelo caminho do dia / numa lentidão bailarina/ vagarosa, quente, sensual / inapreensível, inqualificável / um movimento imóvel / como se dançasse / até um ponto final” (ibid., p. 57).

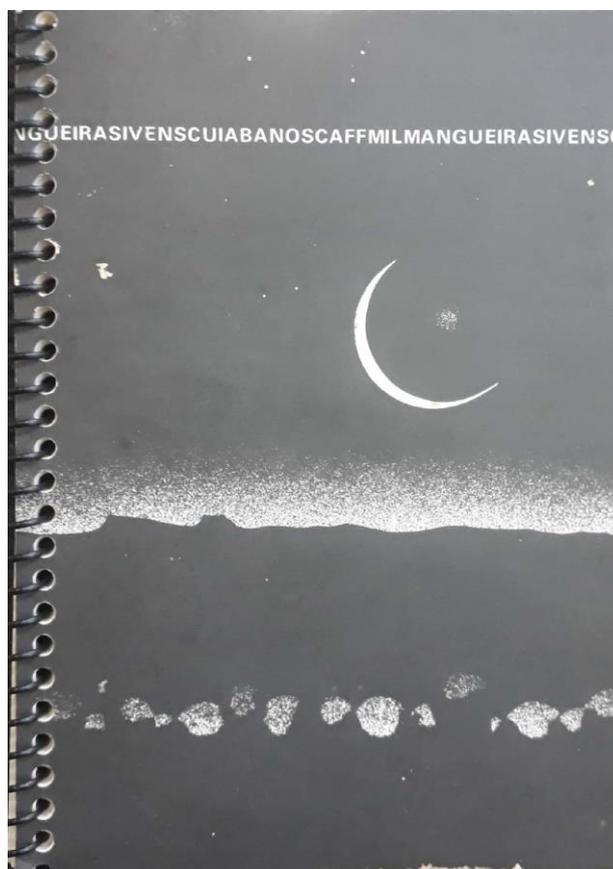
As “gentes”, figura constantemente referida na poética de Aclyse, remetem-se às margens cuiabanas que não se misturam àquela pequena burguesia central, com seus empregos públicos bem remunerados. Esse ritmo espaçado cantado nos poemas, completamente diverso do frenético cotidiano da modernidade, é a característica antimoderna comum à nova geração – uma lentidão vista positivamente como “bailarina”, imagem ligada à sensualidade feminina tão presente na obra citada. O que seria pejorativo, objeto de crítica da dinâmica de vida e trabalho do eixo Rio-São Paulo, é enaltecido. Uma espécie de “malemolência”, de “ginga”, de “jeitinho”, mas próprio do cuiabano.

Essa visão “macunaímica” da cuiabanidade pode ser tomada como estratégia. A memória é muito mais eficaz na integração do que a crítica. A redescoberta de um Brasil

autêntico, genuíno, profundo, mergulhado em tradições seculares que o modernismo paulista buscou como identidade também foi o apelo da Geração Coxipó. A mordacidade inicial do manifesto ‘Apelidar como quem roga praga’ foi temperada, muito provavelmente porque o enfrentamento se mostrou ineficaz diante do irrefreável fluxo migratório voltado ao agronegócio, que teve um substancial reforço a partir da década de 1980. Portanto, Aclyse usa de sofisticado apelo à memória para compartilhar as impressões de uma cidade envolvente: não duramente civilizadora, como diziam Mesquita, Gervásio, Lenine Póvoas, mas maternal.

A singularidade cuiabana identificada com a maternidade é reforçada no último poema do livro: “Nada é tão mãe/ (depois da mãe) / do que a sombra da mangueira” (ibid., p. 76). Aclyse de Mattos vai compor um subgrupo na geração dele: não hostilizam o outro, mas ressaltam senhas antigas cujas chaves pertencem àqueles indissociavelmente ligados à terra; resgatam geografias descentralizadas. Não se trata de um protesto aberto ou de uma acusação, mas, sem dúvida, percebe-se a reação do eu-poético, a forma encontrada por ele (e por alguns outros) de oferecer resistência.

FIGURA 26 – Capa da brochura *Mil mangueiras*, de Ivens Cuiabano Scaff (1988).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

A brochura *Mil mangueiras*, de Ivens Cuiabano Scaff, reforça o alinhamento antimoderno da Geração Coxipó. Lançado por Maria Teresa Carrión Carracedo em 1988, a publicação será aproveitada no livro *Kyvaverá*, de 2011, com poemas republicados pela já estruturada editora Entrelinhas. Os poemas são marcadamente românticos, usam versos livres e evocam imagens ricas da contemporaneidade cuiabana. O jogo semântico de Scaff aponta para a versatilidade da poesia engajada a questionar severamente o tempo e o local onde vive.

O aspecto urbano da capital mato-grossense, identificado como decadente, sujo e promíscuo, é um dos muitos aspectos da resistência cultural apresentada pelo autor diante das transformações dos anos 1980:

– rápido
que a cloaca imensa da quimera não sossega
e noite e dia descarrega nos cursos d'água

– é urgente
sua baba negra facilita a ação de seus micróbios
sua bocarra tecnológica com prótese de cimento armado e vidro
tritura gaviões e coelhinhos (SCAFF, 1988, p. 1).

Os detritos poluentes, descarregados pela cloaca imensa da quimera, personificam uma imagem maquinal de futuro. Scaff sofre a influência da tecnologia moderna, porque articula signos intrinsecamente ligados ao fazer técnico e ao produto fabril. Essa mistura contemporânea de mito e tecnologia empresta a força estética aos poemas. Ali, estão a quimera grega e os micróbios modernos, a baba negra mítica e as próteses de cimento armado e vidro.

O poema de abertura de *Mil mangueiras* é uma denúncia contra a mecanização agrícola e o envenenamento dos rios mato-grossenses. Tem prosseguimento a crítica com outro poema, que encerra a obra:

a poluição irrita meus olhos e garganta
o cheiro desagradável do lixo nas margens
a espuma dos detergentes na corrente
me desafiam a gritar:
não te amo mais, rio Cuiabá (SCAFF, 1988, p. 39)

Ao ler *Mil mangueiras*, observam-se vários poemas panfletários contra o progresso tecnológico sem respaldo sustentável e o desprezo com a vida quase provinciana de Cuiabá da primeira metade do século XX, como por exemplo, os já citados ‘Um monstro devora as campinas’ e ‘Não te amo mais, rio Cuiabá’, além de ‘Réquiem’, publicado diversas vezes em revistas. A fixação na paisagem cuiabana é circular. O esforço estético de Ivens Scaff, tanto em *Mil mangueiras* como em *Kyvaverá*, é voltado para promover variações da abordagem

sobre a mesma paisagem decadente, retratando o hiato das imagens irrecuperáveis de uma memória distante.

O que se passa com o rio Cuiabá está espelhado na alma do poeta. Angustiado com a descaracterização cultural da cidade e com o conseqüente apagamento das memórias afetivas que promovem e reiteram a identidade, Scaff usa dos sentidos para confrontar a tecnologia: o cheiro desagradável de lixo, a visão sobre o imundo refúgio industrial, o grito de protesto com o qual reage às transformações deletérias. A razão da irritação é a poluição, que pode ser interpretada de forma múltipla.

Uma das chaves para compreender o descolamento espaço-temporal da poesia de Scaff é o verso “não te amo mais, rio Cuiabá”. O poeta sabe que o rio existe, que prossegue com o mesmo nome, que continua emprestando o seu nome à cidade, mas o rejeita. A rejeição do rio atual, conspurcado em todos os sentidos, é a rejeição de uma paisagem transformada, de uma memória aviltada e de uma tribo invadida. Trata-se do rompimento conceitual, onde o eu lírico vai deliberadamente eleger o passado e rechaçar o presente.

Em *Kyvaverá*, Scaff prossegue, chamando a memória como testemunho de uma cidade desaparecida. O presente da capital mato-grossense é apenas despojos do processo de invasão. No poema ‘Córrego das estrelas’, o poeta ressenete-se:

esquece que o córrego da Prainha
hoje não passa de uma rua com piche
(mas como dói) (op. cit., p. 26).

Qual a ferida exposta por Scaff que tanto faz doer? É a perda de uma identidade fixada na cidade que a Geração Coxipó queria ver crescer. Aparentemente, configura-se um movimento contraditório: reclamar do caráter provinciano da capital mato-grossense, onde a pasmeira impedia a modernidade, ao mesmo tempo em que se lamenta pelas transformações advindas dessa mesma modernidade pretendida. Seja ou não possível um modelo autossustentável de crescimento, o fato é que a migração atendeu ao antigo anseio cuiabano, mas não se deu da forma esperada por uma elite que também lutava para conservar seus privilégios.

O movimento ambíguo de desejo e repulsa é muito natural. As condicionantes às novidades “de fora” são igualmente previsíveis. Essa ambivalência ideológica em nada desmerece o aspecto literário. Indica, no entanto, um alinhamento interno. Indubitável defesa contra o que foi considerado invasão. E quem seria o responsável? Quem é apontado como culpado? Vejamos uma das possibilidades que Scaff apresenta:

O que dói em todos os corações
é aquela imagem do sonho
aquela pátina do tempo
que viu crescer os cuiabanos
que acolheu os chegantes
japoneses, árabes, mineiros, sulistas, italianos
vai sendo apagada por um branco
mais branco que uma folha em branco (ibid., p. 36).

A “imagem do sonho” trazida no poema de Scaff não deixa de ser a consciência da artificialidade da *belle époque* perdida. Em que medida diferenciar a despedida do poeta das memórias de infância e a culpabilização pelo presente cuiabano transformado? Há o “acolhimento” ao migrante como argumento central do poema, mas tal sinalização não deixa de conter uma ambivalente sensação de ressentimento pelo resultado dessa acolhida. A responsabilidade indicada pelo autor é partilhada entre os nativos, que não defenderam a terra natal o suficiente, e os forasteiros, na reflexão mais madura em *Kyvaverá*.

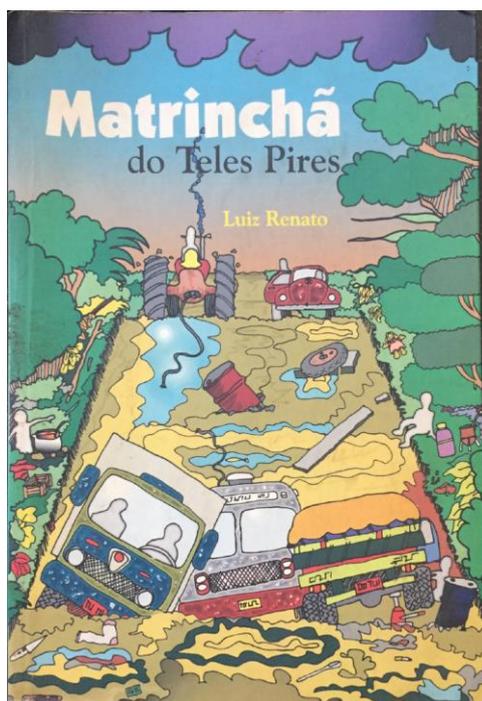
Essa mesma degradação está presente em um dos romances de Luiz Renato. Em 1998, o escritor lançou o seu primeiro romance, pela editora Entrelinhas. O projeto do autor, exposto numa das orelhas, era publicar uma trilogia até 2002. A capa de Amauri Lobo poderia perfeitamente estar inspirada nos poemas de Ivens Scaff: uma estrada líquida repleta de materiais tóxicos, onde atolam carros, ônibus e tratores, símbolos do agronegócio que invade as terras mato-grossenses.

A responsável pela apresentação da obra foi a colega e contemporânea Cristina Campos, que explicitou o objetivo de Luiz Renato, contextualizando a produção do romance:

Anos 70. A ocupação do norte de Mato Grosso assume um caráter de invasão territorial. Paisagens e modos de vida seculares são deletados; garimpos e desmatamentos desenfreados são letais. [...]
A tradição oral que caracteriza Mato Grosso está desaparecendo rapidamente. Apoio e divulgação de trabalhos como o de Luiz Renato são, hoje, politicamente importantes, pois configuram registros do que acontece na periferia do sistema capitalista, onde singularidades são banidas.

O livro propõe-se a constituir uma saga, retratando a migração maciça de sulistas para Mato Grosso. A tônica coletiva faz com que o autor prefira mais o trato genérico do que o aprofundamento dramático de cada personagem. Antes, porém, que haja qualquer equívoco, é preciso dizer que *Matrinchã do Teles Pires* tem um enredo independente – o processo de autonomia político-administrativa de uma vila homônima; é composto de personagens quase todos migrantes, que parecem falar a mesma língua e se identificar pelas origens – se gaúchos, catarinenses ou paranaenses.

FIGURA 27 – Capa do romance *Matrinchã do Teles Pires*, de Luiz Renato (1998).



Fonte: ACERVO DE MARTA COCCO, 2019.

Esse pequeno aldeamento é um microcosmo de todo o conjunto de ocupações que começou na década de 1960 e se estendeu até os anos 1990. Luiz Renato preferiu retratar a história não pelo ponto de vista das grandes empresas ou dos agentes políticos que articularam essa migração, mas pela ótica dos próprios personagens que se puseram em marcha, atolaram, morreram e mataram. O conjunto quase homogêneo é formado por pequenos comerciantes, prostitutas, caminhoneiros, madeireiros, garimpeiros, cozinheiras, religiosos e, em menor escala, representantes das grandes colonizadoras.

Não há, portanto, uma tensão tradicional entre protagonistas e antagonistas e sim a opção pelo registro de dois personagens centrais: Getúlio, o caminhoneiro, e Eleutério, o andarilho. O caminhoneiro é aquele que traz as novidades, transporta os produtos para os pequenos mercados, além de carregar o resultado do desmatamento para as cidades grandes. Getúlio é experiente e, como tem autonomia de entrar e sair da realidade de Matrinchã, desenvolve o senso crítico e o afastamento necessário para não mexer com os grandes interesses dos chefes locais. Já Eleutério assume a função do coro grego, da voz da consciência, de uma espécie renovada de Tirésias.

Nessa condição que sublima a vida prosaica, o gaúcho Eleutério torna-se um profeta que anuncia um futuro incerto, incomoda os capitalistas com críticas severas, pretende

reconfigurar o tabuleiro do poder regional. Não por outra razão, o incômodo adivinho-profeta-visionário será vítima do extermínio, consequência da crítica vedada pelo sistema de exploração que comanda Matrinchã com mão invisível.

Vê-se, em Matrinchã, uma interessante transformação na visão sobre o migrante. Ao longo do enredo, Luiz Renato não irá absolvê-lo pelo processo de invasão da terra, morticínio indígena e depredação ambiental, mas vai homogeneizá-lo enquanto “colono”, ou seja, promove uma interessante migração: o gaúcho não é, ele mesmo, o culpado, o responsável pela invasão. O forasteiro, embora retratado como bruto, não é tão hostilizado.

A questão da ocupação da terra, a mesma questão discutida pela geração literária de Luiz Renato, é visualizada em suas causas, no sentido macroeconômico e não mais inventariando os conhecidos sintomas: limpeza étnica, desmatamento, monocultura, envenenamento do solo, golpes financeiros, rompimento de tradições etc. Aí reside a inovação quando comparado aos textos anteriores.

— Sim, eu sabia que a gente ia chegá numa terra virge. Que ia tê de desmatá, destocá, essas coisas; mas acontece que a terra aqui é muito fraca, moço. O senhor sai por aí deitando a mata com os machado, abrindo com facão, criando calo e tudo, pra depois vê que é só areia, sô. É um solo muito arenoso. Aí, depois a Cooperativa manda uns técnico que num conhece a área. Te vende um muntuero de adubo sem fazê a análise do solo. Como é que vai produzi? Em quatro ano, minha terra num dava mais nem mandioca. E olha que aipim costuma dá inté no cascaio. Tive que vendê (op. cit., p. 29).

O Estado de Mato Grosso, como outros, terra de oligarquias que contribuíram para passar o rolo compressor sobre a cabeça dos colonos. Saqueadores com tecnologia e aparato ideológico oferecido pelo Estado, a fim de espremer a população. Controle exercido sobre a totalidade dos direitos do cidadão (op. cit., p. 74).

No falar simples do pobre campônio, percebe-se a nova posição do migrante que, mesmo sabendo do desmatamento e da degradação ambiental das plantações a que se propunha, acabou como inocente útil para a instalação das grandes propriedades de monocultura, articulação das colonizadoras que apressavam a conversão do colono de pequeno dono de terra para mão de obra barata. Ou seja, o forasteiro é o culpado pelo aviltamento do meio ambiente mato-grossense, mas conta com circunstâncias até então omitidas, que lhe minoram a culpa. A exploração capitalista das colonizadoras sobre a ingenuidade do migrante trabalhador, inserida na composição do drama, não tem o condão de isentar os forasteiros, mas oferece um ponto de vista alternativo sobre o fluxo migratório.

A antiga prosa de raposas velhas tomava conta daquela roda. Donizetti, Arlindo e a turma da Colonizadora, junto ao grupo dos sete, decidiam o futuro da vila. Estava próxima a decisão de emancipar Matrinchã. Ter um prefeito, verbas para novas obras, aquilo tudo parecia um sonho, para alguns; certamente pesadelo, para outro tanto (op. cit., p. 57).

Em *Matrinchã do Teles Pires*, o “colono sulista” é tão vítima da exploração quanto o “cuiabano”, pela descaracterização cultural. É tão explorado pelas grandes empresas de loteamento, limpeza de áreas e plantio quanto o índio que foi dizimado. Talvez por ser ele mesmo um migrante, Luiz Renato consiga enxergar o que escritores de períodos anteriores não alcançavam por completo: o sistema financeiro multinacional e seus magnatas, que não aparecem na terra invadida e, portanto, não estão individualizados. Não significa, contudo, que o romance propõe uma espécie de “paz” com os sulistas, até porque também eles são identificados como egoístas e oportunistas.

O romance histórico é fortemente engajado. O progresso econômico, evidente nas cidades que cresceram no bojo do agronegócio, é relativizado pelo autor, que usa o narrador para estabelecer um contundente contraponto à propaganda oficial dos governos militares quanto ao desenvolvimento das regiões Norte e Centro-Oeste. O enriquecimento não partilhado com os colonos e com os nativos é descredenciado, a transformação urbana é retratada pejorativamente e, finalmente, a iniciativa migratória está fadada à equação exploratória, uma recorrente visão nativa de pessimismo.

Essa visão engajada, costumeiramente unilateral, padece de hiatos. Em *Matrinchã do Teles Pires*, não estão partilhadas as culpas recíprocas, como o fez Ivens Cuiabano Scaff (1988) na poesia ‘Réquiem’: “entre os culpados, também estou eu”. Luiz Renato não revela a convivência dos nativos no processo de exploração da mata, do garimpo, do plantio, da criação bovina. Resume-se a culpabilizar o sistema capitalista, encarnado nas colonizadoras. Serão elas as únicas responsáveis pelo impacto ambiental? Terão agido sem qualquer participação dos donos de grandes propriedades que eram, eles mesmos, cuiabanos da alta sociedade?

Dante Gatto (2008) escreveu um interessante artigo sobre o livro, intitulado: ‘Matrinchã do Teles Pires, um romance histórico de Mato Grosso’ e chegou à conclusão:

Cabe lembrar de que Mato Grosso estamos falando aqui. A história regional indica uma totalidade extremamente complexa. Resumindo a questão, são dois os movimentos de ocupação de Mato Grosso: o primeiro ocorreu no período da colonização portuguesa, até o século XIX, e estabeleceu uma cultura típica, a cuiabania (baixada cuiabana e pantanais), forjada no bojo da miscigenação (europeu, negro e índio), resultando numa sociedade fortemente estamentada e anacrônica, com modelos primitivos e impenetráveis; o segundo fluxo migratório se deu já no século XX, com a

subida dos brasileiros do Sul do país, ocupando as porções mais ao norte da serra de Tapirapuã. No caso, é deste último Mato Grosso, em primeiro plano, que se ocupa Luiz Renato em Matrinchã. Inclusive as personagens principais, como vimos, tratadas horizontal e verticalmente, corroboram isto.

Essa “totalidade complexa”, citada por Gatto, com a qual é visto o fluxo migratório (a primeira fase, que redundou na identidade cuiabana; e a segunda, os novos horizontes mato-grossenses) não está completamente destrinchada no romance de Luiz Renato. A “função ideológica do narrador”, outra característica apontada pelo comentarista, não logrou uma visão mais ampla do fenômeno histórico, limitando-se a replicar visões políticas maniqueístas que tensionavam o capitalismo, que pretendia exclusivamente explorar as potencialidades da terra.

De qualquer forma, o grande mérito de *Matrinchã* é o alargamento da visão relacionada ao “colono”, reposicionando-o como mão de obra explorada e não o culpado como, até então, era visto. Essa primariedade na visão do “outro” foi bastante bem trabalhada. Luiz Renato humanizou o migrante. Fê-lo homens e mulheres solidários, repletos de necessidades, que buscavam um prometido Eldorado. Lentamente, ainda nos anos 1990, a nova geração literária começou a relativizar a figura depreciativa do migrante, o que redundou numa nova forma de ver a terra e as interações humanas que se deram em Mato Grosso. A culpa imputada exclusivamente aos “paus-rodados” começou a ser relativizada.

No processo de dissolução das hostilidades iniciais, concomitantemente à reflexão mais madura sobre a responsabilidade recíproca das transformações urbanas de Cuiabá, Wander Antunes publicou o livro *Isso é coisa de pirata!*, em 1997.

O primeiro livro de Wander Antunes deu-se como uma continuação do trabalho ao qual se dedicava: histórias em quadrinhos repletas de questionamento social. Foi lançado pela editora Tempo Presente, em 1996. A coordenação editorial está assinada conjuntamente com Ivens Scaff, inseparável parceiro da época⁴⁰, e os agradecimentos foram para ele, Aclyse e Gabriel de Mattos, Maurício Leite e Juarez Copertino.

Antunes substitui Peter Pan por Gonçalinho, um menino que mora em Cuiabá e, portanto, o cenário original de James Barrie é deslocado e ambientado com a geografia típica cuiabana. Em razão do crescimento de Pan, a fada Sininho pede ajuda a Gonçalinho e à sua turma para evitar que o Capitão Gancho e seus piratas roubem o ouro que está escondido

⁴⁰ A parceria Wander/Ivens estendeu-se por várias edições de gibis infantis, patrocinadas por empresas privadas, sobretudo. Foi criada a *Revista da Criança*, que circulou com, pelo menos, seis números. Eles também publicaram *A fábula do quase frito*, em 1996, cuja 2ª edição foi lançada no ano seguinte, pela editora Tempo Presente.

debaixo de uma igreja. Depois dos embates, Gonçálinho consegue derrotar Gancho, que volta para a Terra do Nunca.

FIGURA 28 – Capa do livro *Isso é coisa de pirata!*, de Wander Antunes (1997).



Fonte: ACERVO DE MARTA COCCO, 2019.

Há várias nuances dignas de nota. Os elementos que enriquecem a história foram pensados não só para “adaptar” mecanicamente a obra à realidade mato-grossense, como também açular a discussão política sobre Cuiabá, travada desde a Marcha para o Oeste. Onde morava Gonçálinho? Quem fazia parte da turma dele? Quem eram os piratas? O que significa o tesouro que roubariam de Cuiabá? São essas as questões que podem reger uma leitura crítica sobre o que parece ser a melhor metáfora construída sobre o controverso choque de diferentes tribos num mesmo espaço geográfico.

O autor não localiza exatamente onde mora Gonçálinho, mas dá pistas. A primeira delas é a ilustração da página 11, onde o menino flutua e atravessa a janela de uma casa simples de Cuiabá: a janela de folhas duplas (modelo antigo), telhas de cerâmica e um quintal, ao fundo. Além do muro, aparecem os prédios da cidade. Portanto, o que se conclui, à primeira vista, é que Gonçálinho não era um morador do centro, tampouco um personagem saído de uma família rica. Pelo contrário, depois de adquirir o poder de voar, seguiu direto para o Porto,

passando pelo rio e, na volta, sobrevoando o Mercado do Porto⁴¹. Gonçálinho é um personagem da periferia, pela forma como se veste e a adoção do linguajar cuiabano. Representa, portanto, o aspecto genuíno da cidade que ainda se conservava mais hígido do que o centro transformado.

São três os cuiabanos da história: Gonçálinho, Aninha e Dito, este ilustrado como negro, enquanto os outros dois têm as feições miscigenadas. Para completar, há Urbaninho, que evidentemente representa os garotos da cidade, do centro urbanizado, aqueles que já moram em apartamentos e não têm muito contato com a periferia cuiabana; e, por último, o Piá. Este último veste-se à moda sulista: lenço no pescoço, botina e chapéu. “Piá” é a forma análoga a “guri” para chamar os meninos nos estados do Sul do país. Tanto Piá como Urbaninho são ilustrados como “loiros” (op. cit., p. 42), marcando uma diferença de origem do resto da turma.

O elemento mais significativo da obra de Antunes diz respeito ao conceito de pirata. Ao inventariarem as igrejas de Cuiabá, sobretudo as mais antigas, a Matriz foi citada. Dá-se o diálogo que vai originar o nome do livro:

— Derrubaram? — Sininho ficou curiosa. — Por quê?
Aninha continuou, depois de ficar por um minuto tentando lembrar a história que ela tinha ouvido de sua avó.
— Parece que estava para cair. Disseram que, se não derrubassem, ia cair no meio da missa. — fez uma pausa e continuou: — O gozado é que, quando foram derrubar com dinamite, ela não caiu. Aí eles tiveram que explodir outra vez...
Sininho ficou intrigada.
— Essa história está mal contada. Se estava pra cair, como é que precisou explodir e... ainda por cima, duas vezes!
— Pois é! Parece que ela estava bem inteirona — falou Gonçálinho.
— Credo! Isso foi coisa de pirata — falou Sininho com um arrepio que sentia cada vez que se lembrava de piratas. — E eu pensando que em Cuiabá não tivesse piratas... Pois sim!
Os garotos riram da Fadinha.
— E não tem! Foi gente daqui mesmo.
— E pirata é só quem vem de fora? Foi pirata sim. Pirata daqui mesmo... — e olhou para a matriz: — Aí não deve ter mais ouro nenhum (op. cit., p. 14).

O episódio citado na passagem é a implosão da Igreja do Bom Jesus de Cuiabá, em 1968. Por ter sido dinamitada diversas vezes, a versão do arcebispo foi colocada em xeque por alguns cuiabanos. A dinamitação da matriz foi considerada um atentado às tradições da capital e serviu de símbolo da modernização desenfreada que tomava conta da cidade, preparando-a para o acelerado crescimento das décadas seguintes. Esse processo de supressão

⁴¹ O Mercado do Porto tem o nome do pai de Ivens Cuiabano Scaff – Hid Alfredo Scaff.

identitária, na visão de Wander Antunes, “é coisa de pirata” e, para que não sobrem dúvidas sobre o conceito, há “piratas de fora” e “piratas de dentro”.

Eis a profunda crítica à modernidade: os piratas (predadores) não são identificados apenas com os migrantes, nem com grandes empresas colonizadoras. Há “piratas de dentro”, isto é, elementos da própria sociedade cuiabana que implodem as tradições, na tentativa de “limpar” a identidade interiorana, regional, periférica. Foram esses “piratas de dentro” os responsáveis pela desestruturação dos hábitos cuiabanos, incluindo aí a vergonha do próprio linguajar que, no livro de Wander Antunes, encontra-se bem marcado em expressões como “vôte”, “agora quando” etc.

As omissões regionais no processo de apagamento identitário, de pasteurização midiática e de substituição cultural estão desnudadas na falta de reação da população de Cuiabá diante do navio do Capitão Gancho:

A cidade amanheceu sob a sombra do navio pirata. Gigante, ela se estendia por todo o centro.

– Nuvem faz cada desenho gozado... – pensou um garoto, indo apressado para a escola – e que nuvem escura.

Ninguém acreditou estar vendo um navio sobrevoando a cidade.

Ninguém não. Mas quem ia sair por aí falando que estava vendo um navio no céu? Um navio pirata! Quem viu não abriu a boca. Fingiu que não viu. Achou melhor nem ver. Ficou o dia todo olhando para baixo, torcendo para ele ir embora (op. cit., p. 34).

Como se vê, não houve enfrentamento direto, aberto, firme, contra o que o cuiabano sabia ser deletério à própria cultura. Os personagens revelam essa omissão com relação ao forasteiro, o “pau-rodado”. O constrangimento e a acomodação à nova realidade foram mais fortes do que o ímpeto reativo nativista. Era melhor fingir que a demolição do centro histórico e seu entorno, o acelerado desmatamento do Cerrado e da Amazônia, o assoreamento dos rios, o maciço genocídio indígena, nada disso estava se passando. No mais das vezes, combatiam-se os “piratas de fora”, quando havia outros até mais perigosos que apoiavam esse processo de modernização irresponsável. Eram autoridades civis, políticos, intelectuais e clérigos os “piratas de dentro”.

Aquela reação hostil dos anos 1980 transformou-se. O “Piá” foi incluído na “turma cuiabana” de Wander, ou seja, o migrante gaúcho já estava perfeitamente integrado, mesmo que ostentasse signos alienígenas em meio à identidade local. Tanto Ivens (indicando a culpa concorrente pela degradação dos rios), Luiz Renato (com a transformação do migrante em colono) quanto Wander (com os “piratas de dentro”) manifestaram, em suas obras, a corresponsabilidade do próprio cuiabano pela descaracterização cultural. O migrante, o

investidor, os executivos do agronegócio não eram os únicos “piratas” da terra. Daí vem a noção de “tesouro” procurado por piratas, depredadores da natureza.

Essa inclusão do gaúcho Piá também pode ser analisada como um processo de autorrefinamento do próprio autor, uma vez que Antunes também não era cuiabano de “tchapa e cruz”. Em seu livro, tudo indica que reprisou a definição de D. Aquino sobre o “pau-rodado” – há aqueles que são bravios, oportunistas, exploradores (os piratas) e aqueles que, mesmo forasteiros, são mansos e dispostos à integração. Piá é um desses forasteiros que vão se integrar, somando-se na defesa das tradições locais e, portanto, contribuinte do tributo simbólico à cuiabanidade.

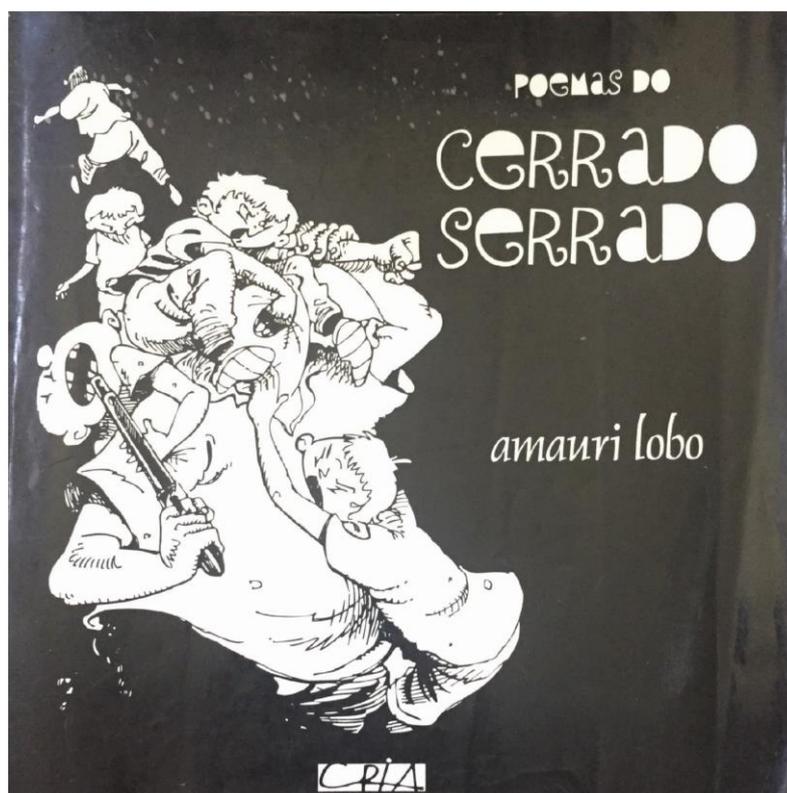
O que estariam procurando e do quê Gonçalinho e sua turma estavam se defendendo? O protagonista, mesmo menino, já tinha conhecimento de que a existência de ouro debaixo da igreja do Rosário é uma das muitas lendas de Cuiabá. O que os piratas viriam conquistar? Ficou nublado o objetivo de Gancho, considerando a ausência de ouro. Não cabe a mera literalidade. Os piratas não se referiam ao ouro que havia se esgotado. Além do mais, se o personagem de Gonçalinho já tinha conhecimento do esgotamento aurífero e do caráter lendário do ouro, por que defender a cidade? Está claro que essa defesa representava muito mais do que uma mera alusão ao metal.

Cuida-se do “ouro simbólico”, isto é, a tradição, os usos e costumes, o linguajar do povo cuiabano, aspectos mais significativos sublinhados por Wander. Por isso mesmo, há “piratas de dentro”, aqueles que, mesmo pertencendo ao contexto local, trabalham para destruir a cuiabanidade, compreendida como conjunto identitário. Gonçalinho e sua turma (até mesmo o Piá e o Urbaninho) estavam reagindo contra os “piratas de fora”, aqueles que chegavam postulando uma modernidade agressiva, ignorando valores regionais. Não é de se estranhar que os personagens que aparentemente são desligados do biotipo de Gonçalinho e que moram em outros locais da cidade também se somem a ele na defesa nativista. Esse é o processo de aculturação esperado pela cuiabanidade, não se resumido a uma mera recepção do migrante, mas o integrando no contexto cuiabano, desde que assuma a tarefa de sustentar a cultura regional.

Com ou sem Piá e Urbaninho, a reação nativista deu-se com os personagens da própria terra. O herói foi um cuiabano nato. Gonçalinho voltou ao navio do Capitão Gancho montado em jacarés do Pantanal, a fim de expulsar os piratas. No confronto identitário, foi a força telúrica que sobrepujou a dos invasores. O final da história era esperado. O menino que representa o futuro da cidade, montado em jacarés do Pantanal, logrou expulsar os “piratas de fora” da cidade que estava ameaçada de ser ocupada e pilhada. Uma vez mais, com a união dos esforços de cuiabanos e migrantes aculturados, a cuiabanidade foi salva.

Não é seleção arbitrária da crítica apontar para a xenofobia que estranha a cultura alienígena do chegante. O fenômeno já estava registrado na literatura produzida em Mato Grosso desde o princípio do século XX. Identificar equivalências imagéticas na leitura diacrônica comprova a tese da ambivalência da Geração Coxipó enquanto contradição programática de muitas outras expressões modernistas, que guardam um elemento de negação, rejeição, enfrentamento, antimodernismo.

FIGURA 29 – Capa do livro *Poemas do Cerrado serrado*, de Amauri Lobo (2002).



Fonte: ACERVO DE AMAURI LOBO, 2019.

Amauri Lobo é outro autor que se lançou em voo solo, ou seja, fez publicar um livro autoral em 2002 – *Poemas do Cerrado serrado*. Na orelha, em apresentação sem assinatura, sintetiza o caminhar da geração de autores contemporâneos:

Produzindo poesia, música e arte gráfica desde o começo dos anos 80, Amauri Lobo faz parte da geração que surgiu nos arredores da UFMT, em Cuiabá, Mato Grosso, que vivia, na época, acelerado processo de migração e explosão populacional.

Bares, lugares, cenas, pessoas e situações fizeram por gerar uma inconfundível linguagem característica de quem viveu vários tipos de contraculturas ao mesmo tempo.

Amauri Lobo foi um dos idealizadores e diagramadores do *Saco de Gatos* e contribuiu com a maioria dos periódicos dos anos 1990. Pertence à geração formada pela UFMT, que rondava o entorno da universidade. Como os demais autores da geração, a temática social e a preocupação com a “invasão migratória” e consequente “devastação ecológica” está plasmada no livro ilustrado por Wander Antunes. É possível ver coincidir na figura do migrante as culpas pela acelerada degradação:

quem nós somos?

bororos mecanizados
fascinados pela tecnomidicidologia
apaixonados pela chapada sensação certa
de estar tudo errado?

poetas do cerrado serrado?
tupiniquins tecnicolors?
Algo novo no ovo? (op. cit.).

No primeiro poema, o autor questiona a própria identidade diante da devastação do meio ambiente num jogo de homofonias “cerrado-serrado” e recorda a origem do povo Bororo. A mecanização das lavouras e o forte apelo tecnológico são tomados como a dessensibilização humana, contrapostos com a inspiradora paisagem chapadense. Sobre o futuro do planeta (ovo), o poeta quer saber se haverá algo de novo.

cidade de Cuiabá invadida, dividida, escamoteada
cidade cacofônica no meio do cerrado
queimado vendido pisado
lixreira e licheira
no paradoxo universal da repetição do erro
do fim da festa ali, começou doutra aqui

lá, onde urubus rasgam sanitos
e aquele verde crespo ondula por trás das cercas
e faz um tapete mágico voando longe pra bem perto
de você andando por cima das montanhas
subindo as encostas do continente

porque aqui desse mar me sinto dele
marujo desta terra
fera desse pedaço

que não serro nem cerro
abro os olhos e te vejo
inteiro
inacabado (op. cit.).

Na obra de Lobo, Cuiabá encontra-se “invadida”. Assim como Ivens Scaff menciona as “cloacas”, Amauri se refere aos “sanitos”, imagens manejadas para retratar a degradação ambiental, responsabilidade do forasteiro. O poeta reprisa o sentimento de “invasão” e conseqüente substituição de espaços – o “verde crespo” da plantação não é o mesmo verde original do cerrado. O tapete mágico da monocultura de soja estende-se para perto, enquanto o autor permanece distante, negando-se a contracenar com a devastação.

cuiachegaram
cuiaficaram
cuiacausaram
cuiabusaram
cuiadanou-se
cuiadanem-se (op. cit.).

Neste terceiro poema reproduzido acima, o autor abusa do neologismo por composição – chegaram em Cuiabá, em Cuiabá ficaram, em Cuiabá causaram, de Cuiabá abusaram, Cuiabá danou-se e eles que se danem. A mira de Amauri Lobo está apontada para o fluxo migratório e a resistência ao novo, ao forasteiro. Embora não seja nova, altera o eixo de “oportunistas” para “exploradores”, de “enganadores” para “capitalistas”, que são sinônimos. O abuso da terra foi a perdição de uma cidade vencida.

Outro autor egresso da Geração Coxipó é o jornalista Lorenzo Falcão. A nota inicial da brochura *dIFERENTE*, de 2005, retrata as dificuldades do mercado editorial mato-grossense:

Eu preciso mostrar meus poemas. Vitimar leitores e dar adeus ao caráter inédito de meus versos. ‘dIFERENTE’ vem basicamente disso. Para as pessoas que não concordarem que minha poesia é diferente, lembro ou sugiro que há outra coisa desigual neste impresso, que é a sua produção gráfica de uma forma que o seu custo seja bem popular ou quase isso. As informações a respeito do público leitor por esse mundão sem porteira me parecem muito imprecisas, mas há algumas certezas em terras brasileiras. O valor alto cobrado por um livro, em especial para quem ganha pouco, é uma realidade inconstestável. Por outro lado, a ninharia de 10% que normalmente cabe ao escritor como direitos autorais, é outra rudeza do ofício de lutar com as palavras. Coisas de mercado. E a gente tem que se adaptar a ele. Por essas e outras, faço ‘dIFERENTE’. Apresento meus poemas com um custo baixo, uma bagatela mesmo (FALCÃO, 2005).

Como todos os demais integrantes da Geração Coxipó, Falcão ambienta seus poemas em Cuiabá, abrindo mão do caráter evocativo do academicismo. Nos poemas ‘Tarde I e II’, percebe-se essa estética modernizada:

I

Na tarde cuiabana
Cai o tempo
Nesta terra sacana
Não sopra nunca o vento
E na folha de bananeira
Uma casa de marimbondo
Palpita na brisa ligeira
Que sopra se decompondo
No mormaço quente
Do nosso dia-sol
Como é bom morrer de repente.

II

Depois do almoço, mais tarde,
É que me veio essa mania
De sonolência. Cochilar num mar
De mormaço quente. Minha anatomia.

Suador lascado no pescoço
Com babação no travesseiro
E sonho com manga florescer caroço
Em vez de acordar sobressaltado e ligeiro

Fiquei a fingir continuar a dormir
Verborrágico sonholento de eu acordado
Verbo é palavra. Ação é vontade de ir

Dormir depois do almoço. Desacordado.
Eta preguiça brava. Coisa esquisita
E própria desta quentura terra. Bonita (op. cit.).

Cuiabá não deixa de ser uma temática recorrente da nova geração. Mas é uma cidade retratada com outra abordagem, no mais das vezes, ironicamente dessacralizada. Lorenzo Falcão debocha de si e do que vê no entorno. Vencedor do prêmio Adeptus de Literatura com o poema 'Cachorro', faz publicá-lo na coletânea *dIFERENTE*. Vamos a ele:

O cão que ladra
Mordeu a sambiquira de mamãe
Cachorro feladaputa que me desagrada
Canháin!

Mamãe deu sopa sentada
Na varanda na cadeira de balanço.
E o cão ali, de emboscada
Apenas se fingindo de manso.

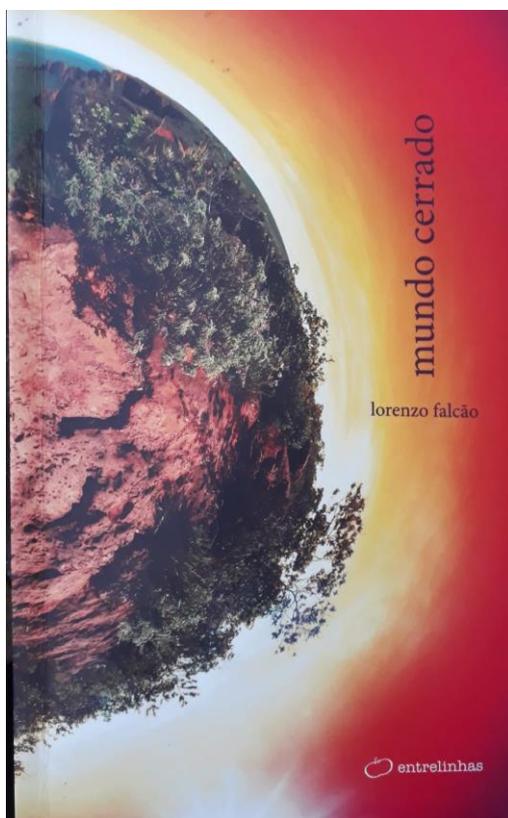
Vou mandar capar esse canino,
Acabar com a raça dele.
Cachorrinho vagabundo. Sem destino.

Vou bater com cansação nele

Quem mandou morder bunda de mamãe
Viralata podriqueiro. Canháin!!! (op. cit.).

No poema ‘Cachorro’, há todos os elementos convencionais do cenário cuiabano: o matriarcado da mãe, a varanda, a cadeira de balanço, uma vida prosaica com o cachorro de quintal. No entanto, o poeta subverte a composição tradicional para alcançar uma nova tônica flagrantemente humorística, usando-se do linguajar cuiabano. Esse “novo olhar sobre o mesmo quadro” é a paródia contemporânea, um revisitar constante das tradições para desconstruí-las e/ou ressignificá-las.

FIGURA 30 – Capa do livro *Mundo cerrado*, de Lorenzo Falcão (2001).



Fonte: ACERVO DE LORENZO FALCÃO, 2019.

Em 2001, Lorenzo Falcão publicou, pela Entrelinhas, o livro *Mundo cerrado*, apresentado por Marta Cocco e com orelhas de Ivens Cuiabano Scaff. A maioria das poesias apresentadas tratam do próprio ofício de escrever, uma espécie de estilo metalinguístico já constatado em outras publicações do mesmo autor. O despojamento de Falcão é uma pista errada de descompromisso, como bem alerta Scaff. Os poemas de *Mundo cerrado* dizem respeito ao íntimo do poeta, que não contém a própria verve irreverente.

Há referências evidentes à geração dos anos 1980/1990, tanto em termos estéticos como temáticos. O poema “aclyse” é um dos exemplos: a reincidência da natureza morta, queimada ou desaparecida é, como vimos, uma pauta para a nova geração de escritores. Lorenzo Falcão vai, ainda, fazer referência ao livro *Quem muito olha a lua fica louco*, um dos primeiros publicados por um dos escritores que formava o grupo. Finalmente, o uso de expressões regionais como “obrar”, por exemplo, e a junção do “boloflor”, ao se referir a Zé Bolo Flor (ou Bolo Flô), um personagem típico da cuiabania, completam o cardápio de referências à terra:

o futuro da natureza morta
é uma salada de frutas
que bate na minha porta
logo após o jantar.
amêndoas e trutas
agora enobrecem o meu paladar.

outrora
aurora boreal
fez-se de conta em eclipse
total
amanhã minha manha
é ênclise de grande façanha
aclyse

é o poeta de quem falo
de matos grossos
e versos com bife a cavalo
esticou o pescoço
e olhou muito a lua...
louco ficou e no meio da rua um boloflor obrou (FALCÃO, 2001, p. 24).

Falcão resgata a pauta inaugural da nova geração, ao reavivar as mesmas impressões sobre um cenário desolado, uma paisagem de Cerrado empobrecida pela usurpação da terra, seja pela queimada, seja pelo avanço do agronegócio em Mato Grosso. No poema ‘Cerrado’, essa referência à devastação é clara:

o cerrado
é um tronco do mundo
a desfocar a imagem
e encarquilhar o pensamento
o tronco é lenha
a senha
é não virar uma brasa
mora? (op. cit., p. 39).

“A senha é não virar uma brasa” é, na verdade, um desejo, uma aspiração, uma reação da geração dos 1980/1990. Insistindo no duplo sentido da palavra, o autor revisita o tema de outras formas. No poema ‘Mundo cerrado’, Lorenzo dá a receita para a recomposição da mata – “só precisa dar tempo ao tempo” – e, por isso, procura um nicho virgem, desabitado, longe da predação agrícola, usando a metáfora “fim da picada”. Por fim da picada, expressão dúbia, entende-se o início dessa vegetação ainda intocada.

na paisagem do cerrado
a folha seca seca
a lágrima do tamanduá
como procurar no chão
a sombra da asa do urubu?
as perguntas parecem vespas:
vêm de cima, dos lados e de baixo

e me atingem
na hora mais cheia do sol.
aqui no cerrado, dizem,
já amanhece meio-dia.
a economia do vento
que rarefaz a chuva
só precisa dar tempo ao tempo.
o pé de pequi
me dá saudades do amarelo
e a casa de marimbondo
brinca de zumbir na minha imaginação.
entre as árvores tortas do cerrado
meus versos procuram o fim da picada (op. cit., p. 69).

Antônio Sodré não foge da temática engajada na defesa do Cerrado e da Amazônia. Contudo, não se expressa quanto ao fluxo migratório, pelo menos no *Empório literário*.

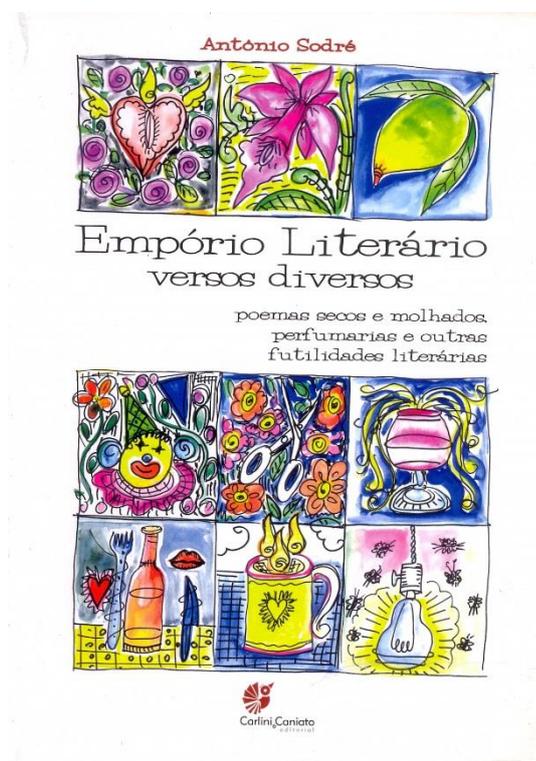
I

NENHUMA FLOR
RESTA
NA FLORESTA

II

NENHUMA
FLORESTA
NENHUMA
FLOR
RESTA (SODRÉ, 2005, p. 30).

FIGURA 31 – Capa do livro *Empório literário – versos diversos*, de Antônio Sodré (2005).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

Assim como alguns outros escritores do mesmo grupo, Sodrezinho não deixou de buscar uma lógica antimoderna em Cuiabá – a resistência ao tempo presente. O ritmo frenético da modernização não chega ao rincão cuiabano com a mesma intensidade, construindo a imagem da cidade, ou algumas partes dela, como trincheira ou bolha, onde as preocupações dissolvem-se em meio ao cenário regional. Pelo menos, assim era a esperança da Geração Coxipó, que buscava imagens apartadas da cidade transformada pelo crescimento.

I

Estávamos em plena primavera de 1992
E o país no estopim de mais uma crise

II

E o presidente, cai ou não cai?!
(era o comentário geral)

III

Enquanto isso, nos quintais de Cuiabá,
Alheios a todo esse drama
Sabi s e bem-te-vis saudavam a manhã com música (op. cit., p. 140).

O alheamento cuiabano   realidade nacional, mergulhado na bolha da nostalgia pretendida por autores das décadas de 1980 e 1990, revela a autorreferência do nativismo

cultural. Poder-se-ia apressadamente concluir que o movimento de fixação geográfica na temática do grupo constitui uma espécie de resistência cultural contra o processo de homogeneização decorrente da massificação dos meios de comunicação, do consumo em larga escala, da educação padronizada e, como não poderia deixar de ser, do crescimento urbano com a migração acelerada. Entretanto, ao perscrutar toda a tradição literária mato-grossense do século XX, as múltiplas nuances da mesma cuiabanidade e sua imediata reação ao forasteiro não adaptado compõem um capital simbólico próprio. Cuida-se, muito mais do que resistência cultural, de um código de conduta que promove a solidariedade endógena.

FIGURA 32 – Capa do livro *Bicho-grilo*, de Cristina Campos (2016).



Fonte: ACERVO DE CRISTINA CAMPOS, 2019.

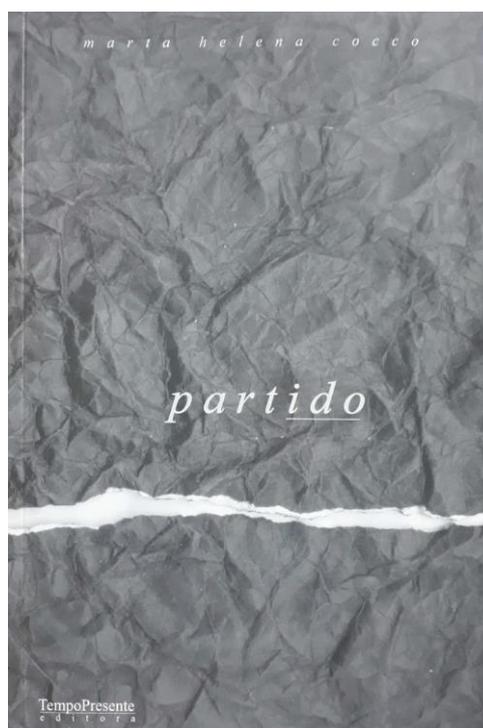
Percebe-se a sintonia temática nos integrantes da Geração Coxipó, quase todos engajados no defensivismo nativista. Sobre a transformação do rio Cuiabá, ícone imagético da capital mato-grossense, Scaff se refere às “cloacas”, Amauri Lobo usa a expressão “sanitos” e Cristina Campos é mais taxativa quanto ao “esgoto”:

Rios mingados a esgoto.
Mato Grosso reduzido a capim.
E o povo
– rebanho –
a pastar que nem vaca
nesta vida de cachorro (CAMPOS, 2019).

O Estado, rico em culturas indígenas ancestrais, está entregue ao agronegócio. Nesse ponto específico, divergiam as gerações na concepção de desenvolvimento, muito embora convergissem na defesa da identidade. Para Mesquita, Mato Grosso estava vocacionado a ser o “celeiro do mundo” e suas reiteradas imagens de fertilidade, prosperidade e oportunidade foram desdobradas pelas gerações de acadêmicos da AML, que se empenharam em divulgar as potencialidades das terras mato-grossenses. Para os escritores da Geração Coxipó, porém, o resultado das transformações decorrentes da política pública de ocupação do território (interpretado como invasão) foi o empobrecimento cultural, a degradação ambiental e a perda da identidade cuiabana.

Surge uma pitoresca fenda interna na concepção do grupo sobre o “pau-rodado”. Ao observar com mais acuidade a produção individualizada de cada escritor, a crítica poderá perceber variações aparentemente desimportantes, mas que sugerem a heterogeneidade ideológica quanto ao fenômeno migratório. A nuance do “colono explorado” de Luiz Renato, em *Matrinchã do Teles Pires*, foi enriquecida pela poesia de Marta Cocco. Como a migrante integrou-se à Geração Coxipó? De que forma assumiu as pautas ambientais que empunhavam seus amigos mais próximos? Como ela retrata o agronegócio, que a fez migrar para Mato Grosso em razão da atividade econômica tão criticada pelos intelectuais do meio literário ao qual aderiu com tanta proximidade?

FIGURA 33 – Capa do livro *Partido*, de Marta Cocco (1997).



Fonte: ACERVO DE MARTA COCCO 2019.

Marta Cocco foi a última a integrar a tribo dos escritores da nova geração, resultado da movimentação dos anos 1980 e 1990. Na época, conhecida como “Marta Helena”, a escritora chegara do Rio Grande do Sul na década de 1990, passada a fase de maior reação contra a migração sulista em Cuiabá. Sua visão sobre os mesmos temas trabalhados pela nova geração, senão discrepante da maioria dos colegas da época, acrescentou um ponto de vista alternativo: a força de trabalho do migrante, a produtividade do agronegócio, as duras intempéries pelas quais passam os agentes ligados às plantações.

Cocco não despreza a exploração capitalista do pequeno produtor, mas não culpabiliza o negócio ligado à agropecuária. Ainda que leve em conta alguns aspectos negativos da forma pela qual é tratada a terra, volta-se para os méritos das famílias pioneiras, dos trabalhadores envolvidos na lida agrária, da beleza do domínio da natureza, incluindo aí o brutal esforço para desmatar uma área que, até então, nunca foi do interesse econômico da sociedade cuiabana. É para esse “mato”, ou o “novo Mato Grosso”, absolutamente desconhecido e/ou desprezado pelas famílias tradicionais cuiabanas, que a abordagem se volta, de forma conciliatória. Por um lado, reconhece no migrante o valor pelo desenvolvimento da região e, por outro, responsabiliza as grandes corporações pela depredação ambiental e exploração do trabalho.

A visão de Marta Cocco aproxima-se da de Luiz Renato. Como já anotado, em *Matrinchã do Teles Pires*, o autor ressignifica o migrante-invasor para a figura do migrante-colono. Da imagem da exploração, surge a ambivalente semiótica do trabalhador explorado. Isso em 1995, ano em que foi lançado seu 1º romance. Dois anos depois, Cocco publicou o poema ‘Safrá do lavrador’ no mesmo sentido, acrescentando outras imagens – quase todas com referenciais positivos – ao trabalhador do campo. Para a caçula da Geração Coxipó, o migrante passou a ser considerado um desbravador, mas não como os “novos bandeirantes” de Aquino-Mesquita, idealizados como heróis. Cocco encarna os sonhos do homem da terra, a intimidade no trato agrícola, o cuidado com a semeadura e a colheita, a paciência da espera, os lucros magros e o reinvestimento necessário. O caráter do migrante relaciona-se, a um só tempo, com coragem e persistência.

Ara
Grada
lança a semente
peletizada de sonhos
Com as mãos e o peito.

Muda a terra.
O silêncio vai verdejando os sulcos
que se confundem numa homogênea esperança.

O plantador olha.
O olho que engorda o boi
quer crescer a planta
quer derrubar a chuva
quer deter o azul
tudo a seu tempo.
O tempo é moeda.

Os dias vão amanhecendo
os sonhos ganham textura
É hora de ceifar
o que já foi semeadura
e antes ainda,
a tarefa dura
de tombar o mato e abrir o chão.

É a hora do grão
São generosos e múltiplos.
Como um milagre.
São a casa
a comida
o salário
o imposto
a escola.
A vida da roça
e da cidade.

E chega a vez da permuta.
Do grão pelo cifrão
Mas o cifrão não basta
para o trabalho que elaborou o grão.
O plantador entrega em sacas
seus projetos de prata
Não bastam os sonhos.
Entrega o trator.
Não bastam as máquinas.
Vai-se um pedaço de terra.
A entrega é quase uma morte
É uma parte dos braços e dos olhos
que outro dia vislumbraram horizontes claros

O plantador
engole a amargura
o suor
a política (COCCO, 1997, p. 49-50).

Daí que a imagem da maciça destruição da mata e da formação de desertos – presente na obra de Amauri Lobo, por exemplo – é amainada para “tombar o mato e abrir o chão”. O lavrador o faz, não por cobiça – visão típica do grupo a que Marta Cocco se somou –, mas por esperança. O grão não vai redundar num “deserto verde” como era comum denominar as lavouras, mas passa a representar a vida do agricultor – sua casa, comida, salário, sua

sobrevivência, enfim. A “tarefa é dura”, reconhecida positivamente pela poeta, demandando trabalho, suor, respeito. Essa relação é completamente diferente do que vinha sendo produzido, mas não configura uma ruptura e sim um acréscimo na percepção da nova geração. O empenho, a dor e as angústias do lavrador são uma vez mais considerados em outro poema:

o preço mínimo
a frustração
a dor
simultaneamente e a contragosto.
E soma à esperança de safras melhores
outra ruga no rosto (op. cit., p. 51).

O migrante é ressignificado com a condição de que o culpado seja outro. Os responsáveis pela degradação deixaram de ser os chegantes oportunistas e depredadores. Com a produção de Luiz Renato e Marta Cocco, a culpa pelo estado ambiental caótico passou a ser das empresas colonizadoras que aderiram ao plano urdido pela ditadura militar e as instituições de crédito, que exploravam o lavrador ignorante e esperançoso. O “trabalhador” não é tratado meramente como migrante, nem forasteiro. Está muito distante da decantada imagem do “cavalheiro de indústria” que Dunga Rodrigues usou em *Marphysa* para falar do migrante golpista. Ao contrário: os trabalhadores rurais são bravos, resilientes, vencedores.

Infere-se uma troca simbólica proposta pelos escritores que chegaram – aderir à pauta ideológica dos escritores da terra, mudando o foco da culpabilização pela depredação ambiental e descaracterização cultural. Enfim, transacionou-se a relativização da responsabilidade. É a senha que a tribo demanda, o óbolo simbólico necessário para a aclimatação cultural.

O livro *Meios*, de 2001, foi vencedor do Concurso Ação Cultural, promovido pela Secretaria Estadual de Cultura de 2000. O projeto gráfico continuou a cargo de Wander Antunes, a arte da capa foi assinada por Adir Sodré, sob a revisão de Luiz Renato. Como se vê, a autora já estava bastante integrada à geração literária contemporânea de Mato Grosso, morando em Cuiabá e interagindo com outros escritores em periódicos e outras plataformas literárias.

Não é surpresa perceber o alinhamento de Cocco com a antimodernidade dos demais autores. No poema ‘A neo-*rapunzel-borrallheira*’, o eu-lírico da escritora rompe com as formas modernas de viver. Essa visão de fruição no cotidiano e nas margens é predominante na obra, embora ainda se sinta “estranha” em terras cuiabanas. As impressões de Cocco são valiosas para marcar a compreensão da formação heterogênea do grupo literário. Portanto, destaca-se o poema ‘Uma porção de Cuiabá’:

Entre cores raças
ruas e praças
sob um sol contundente
e um falar tão diverso
a cidade se move.

Lenta e apressadamente
altera seus retratos
edita seus postais
com bons e maus tratos

Ecos do Pantanal
desenhos de Chapada
passado e pessoas
convergem para ela

Já a vi em tantas telas
e pensei fazê-la em versos
Cuidei que fossem leves
de um concreto digerível
e ao sabor de suas noites:
Cuiabá... um poema tropical (COCCO, 2001, p. 71).

Com o olhar de fora, Cocco percebe a acelerada mudança na cidade indicando a “edição dos postais”, ou seja, o giro entre a tradição e a modernidade, entre “maus e bons tratos”. Nesse poema, a escritora aborda, ainda, uma alternativa estética à descaracterização cuiabana, o “concreto digerível”. É na convergência para Cuiabá que o poema está construído. Passado e presente, pessoas de todos os lugares, lenta ou apressadamente. A centralidade da capital mato-grossense não deixa de ser destacada, mesmo com um giro significativo no trato da geografia urbana e dos fenômenos sociais do final do século XX.

Da leitura de algumas obras individuais da Geração Coxipó, exsurtem diversas nuances sobre a cuiabanidade: 1) o reclamo nostálgico pela *belle époque* e o protesto pela vida, de Ivens Scaff; 2) o lúdico de quintais, do porto e das festas, de Aclise de Mattos; 3) a aguerrida defesa do patrimônio ambiental, de Amauri Lobo e Cristina Campos; 4) o esforço pela adesão linguística, de Lorenzo Falcão; 5) a cidade suburbana, popular e feminina, de Luciene Carvalho; 6) a saudade da infância perdida, de Gabriel de Mattos; e, finalmente, 7) o olhar alternativo sobre a migração e colonização, de Luiz Renato e Marta Cocco. A Geração Coxipó, ainda que tenha se mantido fiel ao nativismo defensivista, fazendo da capital mato-grossense a matéria-prima para a produção literária, abriu perspectivas para o início da desterritorialização nas obras que viriam a seguir, amainou críticas aos forasteiros, compondo com eles bandeiras identitárias, frutos de novos acordos simbólicos.

CONCLUSÕES

Mas é você que ama o passado
e que não vê
É você
que ama o passado
e que não vê
que o novo sempre vem!

(Como nossos pais – Belchior)

FIGURA 34 – Reunião de alguns autores da nova geração literária mato-grossense, em 2008.



Da esquerda para a direita, em pé: Antônio Sodré (Sodrezinho), Eduardo Ferreira, Luiz Renato e uma amiga. Agachados: Ana Amélia Marimon, Cristina Campos, Marta Cocco, Lorenzo Falcão e Antônio Carlos Lima (Toninho).

Fonte: ACERVO DE MARTA COCCO, 2019.

A Geração Coxipó não é passado. Ela continua produzindo e se firmando como cânone por força dos estudos da crítica literária. Prossegue com suas ambivalências, pouco percebidas ou comentadas. Ainda propõe o contraponto antiacadêmico que, por sua vez, se mantém ativo e igualmente tradicionalista. Tanto que, no dia 07.11.2018, os discursos proferidos por ocasião da posse do advogado e professor Valério Mazzuoli na cadeira 36 da AML reprisaram

a tese do “general sem guerra” de que João Antonio Neto se utilizou para cancelar a entrada do desembargador Benedito Pereira do Nascimento na instituição.

Destacado para receber o novo acadêmico, o ex-presidente da Academia Matogrossense de Letras, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, relembrou as críticas que fustigaram a agremiação desde Lobivar Matos e, para elas, reprisou as mesmas justificativas que, desde a fundação da AML, foram usadas pela dupla Aquino-Mesquita:

Desde os seus primórdios esta Casa vem acolhendo em seu seio homens e mulheres que se sentem fustigados pelo fogo sagrado da criação intelectual. E aqui, onde no passado se encontraram, se encontram hoje e nas gerações vindouras se encontrarão poetas, jornalistas, críticos literários, cronistas, historiadores, professores e juristas, todos na celebração milenar do amor ao saber, na vetusta expressão pitagórica. Em suma, esta não é uma Instituição que acolhe somente aqueles que se dedicam ao beletismo, ou seja, à literatura *stricto sensu* (RAML, 2019).

A reafirmação de que a AML não acolhe somente os “beletristas” fez o percurso da antiga reivindicação de técnicos que pretendem ser reconhecidos à míngua de produção literária. A distinção entre letras *stricto sensu*, isto é, da literatura que não passa de repisada tese para franquear a escrita técnica, e literatura, enquanto arte da palavra, é um dos pontos de discórdia com a Geração Coxipó, formada essencialmente por escritores.

O advogado Valério Mazuoli (RAML, 2019) repetiu o tradicional rol de justificativas que implementou a sua posse, reprisando discursos anteriores de juristas cuja obra não passa de petições e sentenças nos processos judiciais. O discurso principiou por afirmar que não era o primeiro na condição de “jurista” a ingressar na AML:

O que dizer, assim, de outro – não sou o primeiro! – jurista em uma Academia de Letras? Por sua vez, o que são ‘letras’ para o fim de concorrer a uma vaga em uma Academia de Letras? Seriam tais letras apenas as letras da literatura ou ficcionistas? Ou também poderiam ser as letras jurídicas, as letras históricas, as letras médicas, as letras econômicas, as letras filosóficas, e assim por diante? [...]

Ilustres confrades e confreiras! O que se acaba de expor é verdade inexorável, evidente, de todo clara, incontestável. Ora, letras são letras. Só os incultos para não perceber essa evidência solar. Pensar diferente é faca sem gume, que não corta; provém de quem só tem da realidade uma notícia anedótica, de oitiva, por ouvir falsos profetas. As letras devem dialogar entre si e não emudecer-se umas com as outras, com respeito mútuo. Se nós, juristas, respeitamos e exaltamos as letras e a ficção, por que também não ser respeitados e exaltados por elas? Os ficcionistas não valorizam a igualdade, senão apenas a sua própria realidade?

Coordenando o discurso com o anterior de Sebastião Carlos, Mazzuoli (op. cit.) distinguiu letras *stricto* e *lato sensu*, reputando-se essencial as “letras jurídicas” porque “salvam-nos das injustiças”:

Ora, não é esta uma Academia de Literatura, tampouco uma Academia de História, uma Academia de Medicina, de Economia, de Filosofia, de Artes ou, enfim, de Direito. Esta Casa é uma Academia em sentido lato, que congrega todos os variados ramos do conhecimento, de todas as ciências, dentre as quais, sempre estiveram (e sempre estarão!) as Ciências Jurídicas. Sempre estarão! Por quê? Porque as letras jurídicas salvam-nos das injustiças, atribuem-nos direitos, fazem-nos compreender o que não pode o Estado – ou o Poder Público em geral – fazer contra o povo; nos afastam das violações de direitos e nos protegem contra arbitrariedades; nos fazem mais justos e mais valorosos, ampliando, portanto, a cidadania em favor de todos. Essa a tese que levo comigo desde o momento em que me inscrevi – com a inscrição nº 1 do pleito – para disputar a eleição da qual, ao final, sagrei-me vencedor. E assim me manterei, firme no propósito de que não se faz, absolutamente, necessário embrenhar-nos em outras vertentes do conhecimento apenas a título de alegoria.

Portanto, o questionamento antiacadêmico continua atual porque, institucionalmente, a Academia Mato-grossense de Letras não prioriza o ingresso de escritores em seus quadros, preterindo-os pela escrita técnica, desde que os eleitos estejam politicamente alinhados ao pensamento tradicionalista dos membros mais antigos.

Tampouco o defensivismo cuiabano deixou de ser tema para os escritores da Geração Coxipó. No dia 19.01.2020, Ivens Cuiabano Scaff publicou no seu perfil da rede social Facebook o ‘Poeminha angustiado de um pobre pau-rodado’. O diapasão nostálgico centrado na memória afetiva, o sentimento de derrota frente às transformações urbanas e o reforço da cuiabanidade permanecem presentes na produção contemporânea de vários escritores da geração estudada.

Você pensa que chegou
mas é logo corrigido por nobre vereador
De Vegê é claro
Aqui não é Cuiabá
Cuiabá não se chega de avião
Como não.
Atravessa o rio
Chega no Porto
Quer molhar os pés no rio
Quedê a descida do porto?
Pega a Avenida da Prainha
Onde está a areia fininha?
O padroeiro é o Senhor Bom Jesus
Que mora na Matriz
Mas a cuiabanada só quer saber

De São Benedito
Que mora em outro bairro
na igreja do Rosário
O bairro mais sofisticado é o bairro popular
Quem sai do Chopão
Madrugadinha
Não se aguenta em pé
Nem tem onde lavar os pés
Na avenida do Lava-pés
Não se encontra uma lixeira
Nem a árvore, nem onde se jogar lixo
Nas ruas lá da Lixeira
CPA é um caminho
Um aqui e um acolá
Miguel Sutil reclamou quando chegou
Do calor para um *boe* cuiabano
Mas o que se escuta nas ruas
É que nunca se fez tanto calor
Como está fazendo este ano
O pau-rodado fica perdido
Nem sabe porque o apelido
Nem que só vai ser considerado
Cuiabano autenticado
Quando um dia
Assim do nada
For convidado para um domingo
Aparece lá em casa
Vai comer uma peixada (SCAFF, 2020).

Qual é a diferença entre o conceito de “pau-rodado” de D. Aquino Corrêa e o de Ivens Cuiabano Scaff? Se o poeta parnasiano tratou de dois tipos de migrantes, um oportunista e outro pacífico, Scaff também rotulou o migrante, condicionando o novo estatuto de cuiabano à anuência da comunidade tradicional. Ambos reagiram de formas semelhantes, muito embora Aquino tenha lutado pela ocupação, enquanto Scaff resistiu à invasão de décadas mais tarde. De qualquer forma, o autor de *Mil mangueiras* indicou a necessidade de autenticação do tradicional espírito de cuiabanidade.

Tal “autenticação” também foi tratada por Antônio Carlos Lima (2008) no poema onde o diabo não se aclimata física e socialmente, porque não aceita se despojar dos símbolos sulistas e se reaculturar no caldo da cuiabanidade. Veja-se o que acontece com quem resiste a se adaptar:

Pra escapar do tédio
de um inferno pacato
de terno, sapato e capote,
o capeta catou seu pacote,
saiu de pinote e caiu
logo em Cuiabá

Chegou pra encarar, pra inquirir
e querer tocar fogo em tudo que já arde
aqui, no mundo e no País:
mato, barraco, índio, mendigo, juiz...

Mas o pobre diabo logo entrou de tacape
na oca de uma cabocla louca de paquete
e não segurou a peteca
deixou cair a munheca
antes de ralar a mandioca
e, sem molhar a minhoca,
capotou e empacotou
com o calor de Cuiabá

Bem feito! Quem foi que mandou
não tirar o capote, o sapato, o terno
o tédio de inferno pacato, o pacote (ESTAÇÃO LEITURA, 2008).

A diferença entre Aquino, Scaff e Lima é mais estética do que temática. No poema do autor de *Mil mangueiras*, o pau-rodado vaga perdido na região sem que logre reconhecimento ou acolhida. A posição de autenticador é a conhecida superioridade cuiabana, tratada com ambiguidade desde Indalécio Leite de Proença até Benedito Sant’Anna da Silva Freire, de D. Aquino Corrêa até Amauri Lobo. Se Cuiabá é espoliada pelo migrante, pelo menos detém o poder de negar o acesso à cuiabanidade, espécie de distinção afetiva. Em resumo, não deixa de ser uma reação tribal contra o forasteiro, exigindo-lhe o tributo da adesão às tradições internas.

Essa ambivalência entre desejos e realizações é analisada por Edgar Morin (1986, p. 323):

Toda a sociedade vive não só da vida, mas também da morte de seus indivíduos. Assim, não há nem progresso definitivamente adquirido, nem progresso que seja apenas progresso, nem progresso sem sombra. Todo progresso corre o risco de degradar-se e comporta um duplo jogo dramático de progressão/regressão.

A miscigenação, resultado do fluxo migratório para Mato Grosso a partir dos anos 1960, é aferida negativamente no poema de Ivens Scaff: “agora, porém, ninguém consegue separar nada de nada / é tudo uma cuiabanada só”. É assim porque, antes da segunda metade do século XX, as diferenças eram profundamente acentuadas e passaram a se esvanecer com a “invasão” nordestina, sulista, mineira etc. No entanto, tomada pela transfiguração, “Cuiabá não desiste”, como se eles mesmos – escritores da geração dos anos 1980 e 1990 – não desistissem das referências do passado.

Duas imagens resumem o sentimento de perda: “Cuiabá perde a pronúncia” e “a mangueira de cem anos tombou”. Como se vê, o crescimento da cidade é interpretado com pesar. A urbanização é vista com descrédito, desdém ou repulsa. A idade centenária da mangueira – um dos símbolos cuiabanos – diz respeito à tradição que desapareceu, assim como a perda da pronúncia característica, o linguajar que tantos outros autores registraram como o maior patrimônio da cidade. Em resumo: a *belle époque* cuiabana acabou por conta dos fluxos migratórios que foram responsabilizados por sobrepujar as tradições com uma cultura alienígena. Caiu a igreja, o muro, a mangueira e a hegemonia dos signos emulados por cem anos.

Finalmente, o poema finda com uma imprecação: “Quem muito atíça, Deus castiga”. Noutras palavras, o estímulo à migração, à modernização urbana, à acolhida do migrante “pau-rodado” é, de certa forma, um castigo divino. A falência comercial da cuiabania, a perda da identidade, a derrota política para os chegantes e até mesmo a demolição da antiga Matriz (em 1968, por ordem do arcebispo D. Orlando Chaves), compõem a ira divina que recaiu sobre a cidade. As transformações climáticas, a falta de identidade local, o esquecimento das tradições seriam a expiação.

Imagens recorrentes foram percebidas ao longo deste estudo: muros e árvores caídos em razão da urbanização, casarões decrepitos do centro histórico esvaziado, rios conspurcados pela poluição, ar turvado pela fumaça das queimadas, tudo por conta da dupla responsabilidade: a dolosa interferência de invasores na idílica natureza mato-grossense e a culposa omissão do cuiabano, que não reagiu frontalmente ao migrante. Este último, sobretudo sulista, deveria se transformar e ceder à cuiabanidade.

Cuiabá gerou um subsistema literário, em que os grupos que se combatiam mutuamente convergiram para a conservação do protagonismo cuiabano⁴². O contraponto com a Academia Mato-grossense de Letras é, para a sociologia maffesoliana, identificada como a tensão entre o egocentrismo e o logocentrismo, a primeira posição ligada ao indivíduo e a segunda, ao local.

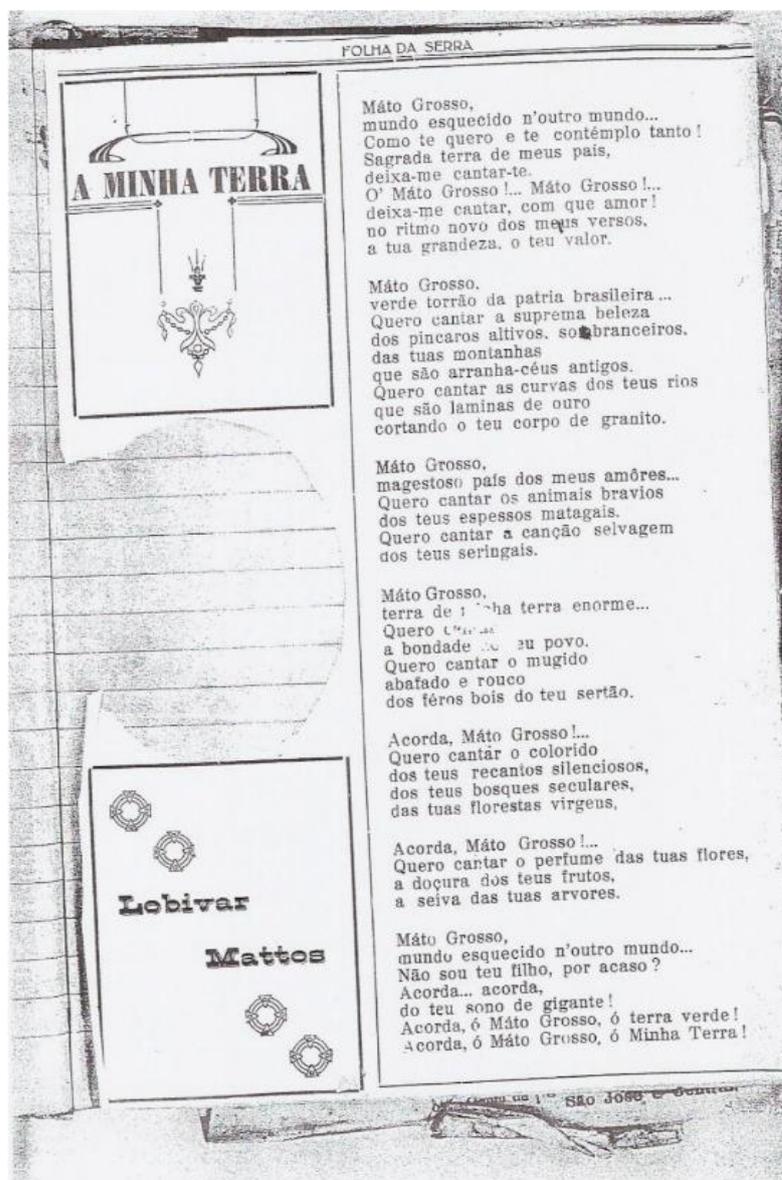
⁴² Sobre o tema, Maffesoli (2007, p. 68) afirma que “[...] existe sempre, para retomar uma expressão de Simmel, um comportamento secreto de grupo em face do exterior. É esse comportamento, mais ou menos afirmado conforme a época, que está na origem da perdurância societal, e que, para além dos declínios pontuais, assegura a perenidade do *phylum*. Será necessário acrescentar, ainda, que se trata, naturalmente, de um tipo-ideal que não existe em forma pura, que raramente é apresentado como tal pelos próprios protagonistas, coisa bastante normal. E, no entanto, é certamente esse “segredo” que permite medir a vitalidade de conjunto social. Na verdade, é preservando as etapas de uma revolução, os motivos de uma conspiração, ou, mais simplesmente, a resistência passiva ou o evidente ‘autocentrismo’ diante de um poder qualquer (político, estatal, simbólico) que se cria uma comunidade. Explosiva ou silenciosa, trata-se de uma violência cujos aspectos fundadores ainda não foram suficientemente destacados. É igualmente da potência que estamos tratando aqui”.

[...] existem culturas de dominante ‘egocêntrico’ e outras que seriam ‘logocêntricas’. As primeiras privilegiam o indivíduo e suas ações orquestradas, e as segundas acentuam o meio ambiente, quer seja ele natural, quer seja social. Podemos, igualmente, considerar que em uma mesma cultura são encontradas sequências diferenciais. Elas, às vezes, acentuam o que individualiza, e às vezes, pelo contrário, acentuam o aspecto coletivo, desindividualizante. Em todo caso, essa é a minha hipótese no que diz respeito à nossa cultura. Nesse sentido, a valorização do espaço, pelo viés da imagem, do corpo, do território, seria simplesmente, a causa e o efeito da superação do indivíduo em um conjunto mais amplo (ibid., p. 250).

Não havia alternativa a não ser adaptar-se, fosse parnasiano, fosse modernista. Mesmo Lobivar Matos, o mais “anticuiabano” dos escritores de sua geração, não deixou de depositar em público o óbolo evocativo de viés marcadamente romântico. Pouquíssimo se diferenciou dos escritores que tanto combateu quando recorreu a imagens como “sagrada terra”, “espessos matagais”, “bosques seculares”, “florestas virgens”. Assim como queria a dupla Aquino-Mesquita, Lobivar perseguia o progresso, chacoalhando os conterrâneos com a repetição: “Acorda, Mato Grosso!”.

O autor de *Sarobá* e *Areotorare* não fugiu do programa de construção imagética da própria terra. Muito embora tenha forjado a poesia com forte apelo popular, centrada nas periferias de Corumbá, a contraposição de Lobivar também cedia ao romantismo evocativo da época. Era preciso explicitar a adesão intelectual não à cuiabanidade, no caso do autor, mas a Mato Grosso. ‘A minha terra’, poema lobivariano reproduzido no jornal *Folha da Serra*, em tudo guarda relação com ‘Terra Natal’ de D. Aquino Corrêa, poema publicado em 1920. Comprova-se que o modernismo brasileiro (assim como o mato-grossense) contrapunha-se ao movimento literário anterior mais na estética do que na temática, uma vez que o antagonismo estava ligado às disputas intelectuais por hegemonia e não pela ruptura completa com a tradição.

FIGURA 34 – Detalhe do jornal *Folha da Serra*, com poema de Lobivar Mattos.



Fonte: ARAÚJO, 2009.

Aos originários de outras localidades, o apagamento da origem é a condição imposta para a incorporação à cuiabanidade. O forasteiro é estranho e assim permanece até que aceite os rituais da tribo na qual vive. A “peixada” de Scaff é uma metáfora para a outorga da cidadania sem a qual o migrante continuará perdido e considerado inautêntico. Esse processo de incorporação da tradição nativa foi analisado por Zigmunt Bauman (1999, p. 80-81):

Os estranhos étnicos-religiosos-culturais são com muita frequência tentados a abraçar a visão liberal da emancipação grupal (apagamento de um estigma coletivo) como uma recompensa dos esforços individuais de autmelhoria e autotransformação. Muitas vezes saem do seu caminho para se livrar de tudo

o que os torna distintos dos membros legítimos da comunidade nativa – e esperam que uma dedicada emulação das maneiras nativas os tornará indistintos dos hospedeiros e além disso garantirá sua reclassificação como pessoas de dentro, habilitadas ao tratamento que normalmente recebem os amigos. Quanto mais tentam, porém, mais rápido parece recuar à linha terminal. Quando por fim parece estar a seu alcance, um punhal racista é sacado e brandido da capa liberal. As regras do jogo são mudadas com pouco aviso. Ou melhor, só então os estranhos seriamente empenhados em se ‘autorrefinar’ descobrem que o que erroneamente tomaram por um jogo de emancipação era de fato um jogo de dominação.

O “autorrefinamento” indicado por Bauman no contato entre estranhos e nativos foi tentado de variadas formas pelos escritores que formaram a Geração Coxipó, mas que chegaram de fora. Marta Cocco, por exemplo, é gaúcha. A última escritora a se somar ao grupo reagiu a um dos mais representativos livros da época – *Isso é coisa de pirata*, de Wander Antunes. Como já mostrado, nele, Antunes narrou a história de um grupo de piratas que chega a Cuiabá para roubar o ouro escondido debaixo de uma das centenárias igrejas, mais uma das recorrentes referências às “invasões bárbaras” dos sulistas. Cocco (2014) respondeu com o poema ‘Transformação’, dedicado ao editor da *Vôte!*:

O pirata punk
pirou
ao chegar a Cuiabá
pra pilhar
o ouro brilhante e bonito
que diz que tem
debaixo da Igreja de São Benedito

Pudera!
tal era o calor
que ele logo provou
manga e caju no palito

Piradito da silva
foi pra beira do Cuiabá
e comeu por lá
cabeça de pacu frito
— Ai que beleza
não tem sobremesa?
Abusado,
O pirata se afundou no furrundu.

E esqueceu a proeza,
ou melhor, da malvadeza
de roubar o ouro...
Descobriu que dormir na rede
era uma paz, um sossego.
— Isto é que é tesouro...

Chega de vida cigana
pensava o pirata provando
a doce e crocante
farofa de banana.

Quando a noite veio
com uma lua elegante
o pirata se rendeu
à lindeza do céu.
Que vista gigante!
Que panorama!
Tudo isso o deixou transformado
galante
bacana
Mas pirado mesmo de uma vez
o pirata ficou
foi quando dançou
no olhar siriricante
de uma bela cuiabana

O poema de Cocco retrata uma narrativa diametralmente oposta à de Antônio Carlos Lima (2008), na qual o diabo-invasor morre em Cuiabá por não ter conseguido se relacionar com uma cabocla, mantendo intocados os símbolos estranhos à cuiabanidade⁴³. Já no poema ‘Transformação’, de Marta Cocco, o pirata projetado por Wander Antunes cumpre o ritual de aculturação e come a cabeça de pacu, maior signo de aceitação da cultura local. Descobre, então, que os valores cuiabanos são os verdadeiros tesouros e termina se envolvendo com a região e sua gente. A rendição do pirata retrata a rendição do eu lírico dos migrantes que compuseram a Geração Coxipó, não ao tradicionalismo academicista contra o qual continuaram lutando, mas às pautas etnocêntricas da cuiabanidade.

O poema de Marta Cocco transforma a visão sobre o migrante, não por força do combate deflagrado contra a cuiabanidade, mas pela aceitação do estatuto regional. O pirata abre mão da “vida cigana”, porque entende que a pilhagem que fazia rende menos do que a vida próspera que vai levar em Cuiabá. Trata-se do “bom migrante” de D. Aquino, pacífico e tranquilo, que crava as cem raízes nas barrancas que lhe oferecem asilo, o que comprova não só o fenômeno descrito por Bauman quanto à autotransformação compulsória do forasteiro, do diferente, do estranho, como também aponta para a manutenção de uma jurisprudência cultural ainda hegemônica.

A fim de reforçar a tese do autorrefinamento do forasteiro, destaca-se o poema ‘Regionalismo’, no qual Lorenzo Falcão dialoga diretamente com a “tradição” literária mato-

⁴³ O poema de Antônio Carlos Lima (Toninho) foi publicado na 9ª edição da revista *Estação Leitura* (2008) e está transcrito nas páginas 258-259 deste trabalho.

grossense, dizendo-se “ainda verde”, ou seja, um neófito nas tradições cuiabanas, onde o tratamento de “pau-rodado” parece despropositado.

sinto uma inveja lascada
dos poetas que cantaram esta terra
dos antigamentes.
acho que me faltou ter nascido aqui
e não pau rodado.
é que me soa meio falso
ou impróprio mesmo
quando versejo mais reto
em torno dessas coisas,
desses objetos diretos da cuiabania.
sinto o meu regionalismo ainda verde,
apenas malemá.
um dia, e deus ajuda,
ele ainda será manga perpitola! (FALCÃO, 2011, p. 94).

A ambivalência de Falcão evidencia-se no cruzamento de sentimentos contraditórios: de um lado, há “inveja” por não ser cuiabano de nascença, ao mesmo tempo em que reafirma sua estética moderna em “cantar a terra” quando “versejo mais reto”. É dizer – na busca do regionalismo mais refinado – “manga perpitola”; o forasteiro quer se integrar, porque reconhece o seu “ainda verde” conhecimento da cuiabanidade. É uma comprovação a mais de que a Geração Coxipó procurava modernizar a estética parnasiana de Aquino ao se confrontar com o academicismo mimetizado, ao mesmo tempo em que se mantinha antropológicamente fiel ao sentimento tribal de pertencimento, paradigma da cuiabanidade reforçada pela geração de intelectuais que esteticamente combatiam.

Os poemas de Scaff, Lima, Cocco e Falcão indicam um incontornável diálogo com a tradição que visavam combater ou debochar. Revelam que, no interior de toda vanguarda, há uma intrusa vontade conservadora. É próprio dos movimentos culturais de oposição, após galgarem o reconhecimento, articularem uma cartilha estética e temática, cristalizando-a em padrões autorreferentes. Ou, ainda, institucionalizarem-se dentro das conquistas obtidas pelo esforço questionador. Sobre esse giro simbólico, Eduardo Subirats (1991, p. 49) anota que:

As vanguardas são, fundamentalmente, um fenômeno cultural de signo negativo, crítico e combativo, cuja razão de ser primordial se estriba na oposição e resistência contra a opacidade, reificação ou alienação das formas culturais objetivas. Mas também é próprio da dialética das vanguardas que, uma vez cumprida sua tarefa iconoclasta e crítica, convertam-se elas próprias em um fenômeno afirmativo, de caráter normativo, e acabem afirmando-se com um poder também institucional e em seguida opaco. Assim, a vanguarda afirma sua própria necessidade como exigência crítica e como concepção

dialética, inclusive ou precisamente onde atraíçoa seu começo original revolucionário e se converte a si própria em força de signo conservador.

Como se viu, não foi a Geração Coxipó que teve a primazia de se opor frontalmente à tradição literária mato-grossense que, em Cuiabá, se consolidou e foi postergada em razão da influência da dupla Aquino-Mesquita. Lobivar Matos o fizera com mais contundência e sem lançar mão de qualquer irreverência. A crítica do corumbaense dirigia-se não só contra o parnasianismo ufanista de Aquino e ao moralismo carola de Mesquita, mas também contra o Centro Matogrossense de Letras, como se chamava a primeira formação da AML, e contra a cuiabanidade. Wladimir Dias-Pino permaneceu no mesmo caminho, embora o contato com o amigo e poeta Silva Freire tenha feito com que ele não se aprofundasse no confronto geopolítico, filtrando as críticas quanto ao centralismo cuiabano.

A terceira geração de antiacadêmicos produziu diferentemente das duas primeiras, gerando uma singularidade extravagante, do ponto de vista ideológico. Tratava-se de questionar a estética e manter a temática; enfrentar o estilo e aderir ao conteúdo; modernizar a literatura e reforçar a tradição regional. Essa ambivalência foi objeto de estudo de Harold Rosenberg. Em *A tradição do novo*, o crítico de arte estadunidense percebe a formação de tipos híbridos de modernismo:

[...] a única tradição vital da arte do século XX a que poderá recorrer a crítica é a derrubada da tradição. O que torna essencialmente cômica qualquer tentativa de crítica de arte contemporânea. Veem-se conservadores que desejam derrubar a tradição radical; embora, se nos livrássemos dessa tradição também, o resultado não seria como eles imaginam – a reconquista de alguma tradição mais importante – e sim a ausência de qualquer tradição, pura confusão e anarquia, conforme vimos no ex-radicalismo norte-americano e nos movimentos populistas. Em contraste com esses conservadores anarquistas vêm-se revolucionários tradicionalistas que, apoiados na arte radical de décadas passadas, atacam tudo o que seja novo, sob alegação de que não estará à altura do padrão revolucionário. Todavia, como pode o artista radical satisfazer-se com a terminologia das revoltas de ontem? (ROSENBERG, 1974, p. 54-55).

Por isso mesmo, em uma leitura desatenta das ambivalências do modernismo mato-grossense, equivocava-se Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (2004, p. 184) ao afirmar que:

O influxo de novas correntes de pensamento político e literário que alcançavam os rincões mato-grossenses foram gradativamente esmaecendo a influência do arcebispo e de sua poesia. Esta, nos tempos dos versos livres, da exclusão das rimas, da propagação de um pensamento filosófico desde Kant, Hegel, Nietzsche, sem querer citar a Marx, fustiga e contesta com a artilharia da dialética o pensamento tomista e, por consequência a sua

concepção de estética, coloca hoje a poesia aquiniana como um ponto de referência apenas.

Como se demonstrou neste trabalho, as nuances que permeiam a tradição e a modernidade, a vanguarda e o conservadorismo estão claramente visíveis na Geração Coxipó e muito possivelmente nas gerações que a sucederão. Afinal, como classificaríamos o trabalho daqueles jovens autores que perambulavam no “Baixo Coxipó:”? Seriam eles conservadores anarquistas ou revolucionários tradicionalistas? Se defendiam a centralidade cuiabana, o ponto de vista regional, o protagonismo da capital em detrimento a outras regiões e se posicionavam contra a chegada dos migrantes, da urbanização e do agronegócio, poderiam ser considerados conservadores? Mas, se estavam internamente descontentes com a estética artística que expressava um idílio ambiental isolacionista, seriam eles anarquistas ou revolucionários?

Além da rigidez na forma, o passado literário exalava a moral e a religião de modo incompatível com a onda *beatnik* que chegava à capital mato-grossense na década de 1980. Finalmente, o casarão histórico no qual está sediada a Academia Mato-grossense de Letras representava o que a juventude mais repudiava: a estagnação. A legitimidade cultural foi deslocada para longe, a Universidade Federal de Mato Grosso, que reivindicava o monopólio do discurso intelectual, deixando instituições antigas, como o IHGMT e a AML, numa crise de representatividade sem precedentes. À míngua de escritores consistentes em seus quadros, a Academia virou o alvo natural da artilharia crítica dos jovens do “Baixo Coxipó”.

Portanto, em meio a tantas ambiguidades, a Geração Coxipó surgiu e se desenvolveu sob o signo da ambivalência. Ao hostilizar o migrante e demonizar o agronegócio e as transformações ambientais dele decorrentes, os escritores, que buscavam romper paradigmas da tradição romântico-parnasiana, não imaginavam que seriam mais conservadores do que José de Mesquita, que projetava Mato Grosso como o “celeiro do mundo”. Todo o arcabouço da cuiabanidade, tradição forjada pela dupla Aquino-Mesquita e seus companheiros, que os mimetizavam até na apresentação dos livros, foi assumido com nova coloração pela geração que combatia a estética, mas não a temática ligada à terra idealizada, fonte de prosperidade e de alegria, origem das memórias afetivas, onde não havia conflito social, pobreza ou ignorância.

O abstencionismo político da Geração Coxipó assemelha-se ao de Aquino-Mesquita. Na década de 1980, os jovens *beatniks* poderiam mirar críticas ao governo federal, nunca na realidade local. Se combatiam a decadente ditadura militar brasileira, deixavam de apontar para a substancial desigualdade social da própria cidade em que moravam. Não eram como Lobivar Matos, que tratava dos marginalizados e do racismo. Nem tinham como pauta o

coronelismo e a violência no campo, a exploração capitalista da extração mineral e o sistema eleitoral fraudulento, como Ricardo Guilherme Dicke, Tereza Albues, Pedro Casaldáliga e Marilza Ribeiro. Talvez a única escritora que tenha enfrentado a realidade da capital em que vivia, abandonando o recorrente tom ufanista, tenha sido Luciene Carvalho.

É possível que, nos futuros estudos da crítica, a literatura produzida por José de Mesquita seja considerada modernista? Ou ainda: é possível que, no futuro, a produção literária dos anos 1980 seja considerada conservadora? Aí está a ambivalência resultante das circunstâncias singulares de Mato Grosso, mais especificamente de Cuiabá. Não há se falar em “literatura tardia”, porque o estilo passadista foi eleito deliberadamente pela dupla de escritores mais expressiva da primeira metade do século XX. Portanto, as respectivas reações de um “modernismo tardio” foram igualmente diferenciadas no contexto mato-grossense. Ligavam-se, ao contrário do que se passou em São Paulo, ao que havia de mais tradicional em Cuiabá.

A trôpega formação de público e o hiato na crítica literária especializada alongou a influência da Academia Mato-grossense de Letras, mesmo a despeito da rotação simbólica da intelectualidade para longe do centro histórico de Cuiabá. Nesse sentido, a graduação em Letras, a formação dos primeiros núcleos de estudos literários e os programas de pós-graduação das universidades (UFMT e Unemat) ofertaram suporte não só para os integrantes da Geração Coxipó como também para outros escritores, como Lobivar Matos, Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dicke, Tereza Albues, Manoel de Barros e Pedro Casaldáliga, o que fez aumentar a crise de legitimidade da centenária AML.

Dos subgrupos que se uniram por conta da publicação da revista *Vôte!*, a maioria dos autores prosseguiu produzindo, com exceção de Antônio Sodré, Eduardo Ferreira, Juliano Moreno e Amauri Lobo, que se limitaram à publicação de um único livro – *Empório literário*, *Eu noia*, *O açougueiro* e *Poemas do Cerrado serrado*, respectivamente. Após a virada do século XXI, alguns escritores lançaram livros de forma descontínua, como Luiz Renato e Antônio Carlos Lima; outros com periodicidade, como Lucinda Persona, Marta Cocco, Gabriel de Mattos, Luciene Carvalho, Ivens Cuiabano Scaff, Lorenzo Falcão, Cristina Campos e Aclyse de Mattos. De qualquer forma, todos constituíram uma geração coesa e reconhecida pela opinião pública, pela crítica literária e pela própria Academia Mato-grossense de Letras.

O movimento que culminou na irreverente blague da ‘Academia dos Mortais’ não teve base numa plataforma teórica plasmada em manifestos e acabou por se desfazer rapidamente. A fugaz aparição do grupo foi apenas um desdobramento natural da movimentação que fermentava desde os anos 1980. Essa irreverência só pôde ser escancarada na capa da revista

SUB, de Aclyse de Mattos (2010), porque a AML atravessava a pior fase de representatividade literária de sua trajetória e, por outro lado, os escritores já estavam fortes o suficiente para não temerem a enfraquecida instituição. Não fosse essa dupla condição, não teriam como afrontar tão abertamente a agremiação, que ainda tinha a credibilidade residual por conta dos extintos fundadores.

Mesmo os escritores da Geração Coxipó, que identificavam na Academia Matogrossense de Letras o repositório de uma estética ultrapassada, acabaram por com ela cerrar fileiras, sem que a acolhida demandasse a adesão literária ao projeto da dupla Aquino-Mesquita. Entretanto, as provocações mais contundentes foram amainadas, porque a temática da maioria dos escritores da geração estudada abandonou grande parte do defensivismo xenofóbico para fazer outras incursões, além de sofrer influências de visões diversas sobre o processo migratório, que se tornou irreversível. Esse jogo de espelhos é ironizado por Poggioli (1964, p. 186), que afirma: “[...] *la reacción del modernismo contra la tradición es también un vínculo sui generis con la misma*”.

Nesse mesmo sentido, encontra-se a observação de Juan José Sebreli (2000, p. 17; 369):

[...] *las oposiciones no son fijas e inmutables, se entremezclan, se influyen reciprocamente, interactúan, se deslizan unas en otras, produciendo extrañas contradicciones en los términos.*

[...] *La transgresión formal que provoca el desconcierto del público no es, de ningún modo, la manifestación de inconformismo en el contenido, a veces suele ser todo lo contrario.*

É provável que uma parte da própria Geração Coxipó ainda tenha fôlego para ajudar a promover o “desrecale localista” que Candido (2014, p. 129) identificava no modernismo paulista. A consciência da autonomia artística e sua interação com as instituições legitimadoras estudadas por Bourdieu (2015) está provocando nos escritores, que prosseguiram publicando depois da virada do século XXI, uma responsabilidade de transcender o regionalismo defensivo para perceber o vaticínio de Antonio Candido (2014, p. 55), que afirmava que “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar”.

A propósito dessa percepção da contemporaneidade literária em Mato Grosso, é relevante a entrevista de Lorenzo Falcão com Santiago Villela Marques, publicada no *Diário de Cuiabá*, Caderno DC Ilustrado, edição 12.580, de 01.12.2009:

Lorenzo: E a literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Pode falar sobre isso? Elencar características, recorrências etc., e também mencionar autores e/ou obras que são de sua preferência?

Santiago: Certamente, existe uma infinidade de gente bem mais capacitada do que eu para comentar a literatura produzida em Mato Grosso. A produção em Cuiabá dispensa comentários: são muitos os grandes autores e não vou correr o risco de omitir algum nome com uma lista. No geral, percebo maturidade suficiente para ombrear com a literatura nacional, o que me deixa muito feliz e orgulhoso do meu Estado (rs). Se eu fosse eleger uma leitura de cabeceira, dentre autores de Mato Grosso, eu apontaria Dom Pedro Casaldáliga. Talvez por um contato mais próximo que tenho desenvolvido com sua poesia, em função dos estudos na universidade, mas também pelo respeito que cultivo pela ousadia da poesia social. Uma coisa que acho curiosa é a tendência, da nova poesia em Mato Grosso, para uma linguagem mais universalista, com pouca recorrência ao elemento regional. Talvez o Mato Grosso – e Cuiabá principalmente – esteja se tornando cosmopolita. No caso de Sinop e de todo o norte do Estado, isto talvez seja ainda mais notável, uma vez que nossa cultura é mista, um ‘entre-lugar’ cultural edificado pelo fenômeno da imigração. O importante, nesse caso, é que já aparecem alguns escritores, nesta região, com produção de qualidade, dos quais talvez fosse interessante ressaltar um grande percentual de mulheres poetas, como Marcelina Oliveira, Marli Waker e Helenice Faria, só para ficar nas que já estão produzindo há mais tempo. É bom lembrar ainda que, se o Paulo Sesar hoje escreve em Cuiabá, nós também o pleiteamos como autor sinopense.

Lorenzo: Domingo à noite, quando conversamos por telefone, mencionamos de passagem o intenso fluxo migratório que Mato Grosso vem sofrendo nas últimas décadas, coisa que repercute em nossa produção cultural. As letras de Santiago Villela passam por aí?

Santiago: Totalmente. Meu último livro de poesia, *Outro*, foi todo concebido como um lugar onde eu pudesse manifestar minha identidade norte-mato-grossense. Eu o escrevi quase inteiro durante um ‘exílio’ em Araraquara (SP), para cursar o mestrado e o doutorado. Ali, distante do lugar que eu mais amava, movido pela saudade da floresta, escrevi a maior parte dos seus versos. Como disse acima, sou paulistano de nascimento e mato-grossense de criação. Sou uma identidade em trânsito, só consigo me definir pela ambiguidade. Do mesmo modo, costuma-se ouvir, aqui em Sinop, que ‘não temos cultura’, por causa de uma dificuldade de fixar uma tradição cultural autóctone ou ao menos hegemônica para o lugar. Acontece que nossa cultura, como eu já disse, é a de um espaço de fronteiras, de convívio de muitas culturas. Acredito que, se pudéssemos eleger um valor ou uma imagem que sintetizasse nossa cultura, seria o do ‘conflito’, a da ‘tensão’. Somos um pouco desterrados na própria terra. Sabemos que este lugar não era nosso e foi conquistado à base de conflitos. Queremos nos sentir donos de nosso lugar e somos continuamente impedidos disso por uma espécie de errância coletiva. Por outro lado, o convívio de tantas culturas diversas impede a hegemonia: diante da cultura ‘estranha’, qualquer uma dessas culturas em constante contato sempre relativiza os próprios valores. Somos, assim, sempre outros para nós mesmos.

Como visto, Santiago intuiu um novo projeto literário: de um lado, o desbotamento do regionalismo em favor de uma literatura mais cosmopolita “ombreado-se com a nacional” e,

de outro, uma outra temática, até então, não aprofundada – a do conflito e do estranhamento. Esse é o novo projeto literário que a geração dos 1980 e 1990 ajudou a colmatar de forma ambivalente, embora ainda sobreviva, na literatura produzida em Mato Grosso, as figuras do “bárbaro”, do “invasor” e do “pau-rodado”. Talvez o processo de “descuiabanização literária” aconteça como desdobramento na próxima geração de escritores que fizeram da Geração Coxipó um marco contestatório à tradição.

Santiago Villela Marques sente-se “desterrado na própria terra”, fazendo uma inevitável alusão a Sérgio Buarque de Holanda (2000), que usou a expressão em *Raízes do Brasil*. A um só tempo, reconhece Mato Grosso como “dele”, mesmo que não se sinta completamente acolhido. Falará em nome desses milhares de órfãos de origem, consolidando o início de uma literatura universalista que pouco se viu em Mato Grosso? Uma reflexão mais aprofundada ensinaria o questionamento sobre a qualidade estética da literatura, cujo protagonista é a geografia, inclusive dentro da própria produção regional. Tudo está a indicar que, mesmo em autores fortemente ligados ao espírito de cuiabanidade, o melhor da obra se constitui quando o aspecto central é o drama humano que passa ao largo da recorrente evocação da terra natal.

A pontuação de Villela Marques ilustra o que Stuart Hall (2015) chama de “tradução”. Trata-se de um discurso novo, forjado por migrantes: não são nativos a ponto de incorporarem completamente a mentalidade da terra e nem tão estrangeiros que vivam em guetos. Com o tempo, desenvolvem uma linguagem traduzida, capaz de ver a terra com maior distanciamento, sem desapegá-la, no entanto. Santiago tornou-se mato-grossense, mas não se sentia completamente mato-grossense. Essa transição é bem explicada por Hall (2015, p. 52):

Esse conceito (tradução) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas.

O fluxo migratório para Mato Grosso, das décadas de 1960 em diante, está gerando traduções não só na literatura como na própria crítica literária. Talvez comecem a se

multiplicar análises críticas mais distanciadas e menos acanhadas, assim como uma literatura desapegada do *locus* cuiabano como referência obrigatória. Vive-se na proximidade do fenômeno migratório e, por isso, é cedo para afirmar categoricamente qualquer coisa sobre o futuro. No entanto, é possível supor que a segunda ou terceira geração das famílias migrantes, estes novos mato-grossenses, auxiliados inclusive pela virtualização da produção cultural, enxerguem o Estado de forma mais descentralizada e menos ufanista. Talvez o século XXI apresente o “desrecale” regionalista, ao qual Candido condicionava uma literatura de maior qualidade. Essa intuição já se encontra registrada por Mário Leite (2015, p. 46-47):

Há, por outro lado, uma produção de muito boa qualidade, mais ‘despreocupada’ com o teor regional e que, ao lado dos ‘regionalistas’, tenta (com auxílio e legitimação de historiadores de literatura, críticos etc.) ultrapassar as fronteiras do local postulando-se e colocando-se na perspectiva de literatura nacional. [...]

Ainda de maneira muito incipiente e pouco conclusiva – tome-se como exercício de reflexão – noto a formação, em verdade, de alguns grupos e campos diferentes detentores de um certo poder simbólico – literário, cultural – em sutil, e gentil, disputa por uma supremacia e hegemonia da produção literária e cultural em Mato Grosso. Esses grupos ligam-se desde a pesquisadores já reconhecidos dentro do campo intelectual local até instituições já também estabelecidas e outras em tentativa de formação e estabelecimento. Não obstante ser assunto, com certeza, para outra pesquisa, por envolver uma série de outros fatores, há ligações e consequências com o todo aqui desenvolvido, uma vez que esses novos grupos e campos é que estão no momento em disputa para a criação de novos cânones culturais e literários e para a hegemonia de determinados escritores, críticos, historiadores como representantes legítimos do sistema contemporâneo intelectual de Mato Grosso.

Poderá surgir uma nova geografia em que Cuiabá continue sendo a capital, mas não o centro hegemônico. Os mapas virtuais não contemplam fronteiras e, portanto, os jovens escritores não pagarão o tradicional tributo laudatório. Nesse sentido, em plena fragmentação identitária, Silva Freire estava certo: “cuiabania não é toponímico”. Cada vez mais, os toponímicos perdem a importância e dão lugar ao sentimento de pertencimento, à sensação de acolhimento tribal, uma nova forma de se identificar, de se expressar e conviver com o outro. É com base nesses retalhos que se unirão os jovens escritores mato-grossenses do século XXI, que já começam a publicar seus primeiros livros.

Entretanto, essa é apenas uma percepção absolutamente precipitada, porque se configura mais uma esperança do que resultado de amostragem científica. A trajetória histórica, até aqui palmilhada, não indica que a polarização tenha prazo de validade. Ao analisar o impacto das migrações na produção literária mato-grossense, nada mais equivocado do que projetar no

contato entre nativos e migrantes uma integração pacífica e convergente, como o fez Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (2004, p. 26-27):

Aqui está surgindo, creio, a face do Brasil autêntico, moderno, não dicotomizado, isto é, um universo culturalmente integrado, sem ser uniforme, não um ‘arquipélago cultural’, mas um portentoso ‘continente nacional’. Não mais o desenvolvimento estanque e circunscrito, porém a integração cultural mais formidável que se pode ocorrer numa Nação, porque natural e espontânea, ampla e aberta, não dirigida e democratizante. Consta-se que os valores culturais, nos quais se incluem o linguajar e suas expressões típicas, a culinária, o folclore, todo um conjunto mental de gentes oriundas de todas as partes do Brasil aqui estão se mesclando de forma natural e convergente. Percebe-se que não está havendo supremacia de uma cultura sobre a outra, nem predominância de valores, mas eles se juntam para uma terceira resultante. A decantação do tempo fará com que surja uma expressão cultural única e promissora como fruto dessa rica simbiose. Mesmo porque seu reflexo já se faz sentir na composição étnica que se está formando.

O resultado do presente trabalho demonstra justamente o oposto da intuição subjetiva de Sebastião Carlos. Muito ao contrário da “integração cultural formidável”, o que se passou no entrelaço cultural foi uma reação tribal de ordem divergente, excludente e nada democratizante. Por enquanto, não há qualquer vestígio de uma “literatura integrada”, resultado de uma miscigenação, isto é, produto de uma pacificação entre dois grupos que se antagonizavam. Há, no meio intelectual de qualquer espaço geográfico, uma disputa narrativa, seja estética, seja temática. A “simbiose” esperada não aconteceu. No máximo, o que se conclui é a ambivalência de posturas intelectuais, nunca a integração pacífica, harmônica, apta a formar o portentoso “continente nacional”.

Essas imagens mais tratam de reiterada propaganda emulativa do que de sentimento genuíno plasmado nos textos publicanos nesse longo percurso da escrita em Mato Grosso. Ao ler a análise de Sebastião Carlos, é possível espelhá-la noutra anterior, da escritora Dunga Rodrigues que, em 1969, lançou *Reminiscências de Cuiabá*:

É nosso convite para você fluir dessa vidinha pacata que já vai acelerando o seu ritmo em coordenação com a marcha do progresso que promete um novo MATO GROSSO. [...]

Cidade simples, por vezes tão mal compreendida pelos que, na urgência de se tornarem conhecidos pela excentricidade, no afã de se erguer de sua mediocridade, a difamam, a insultam.

Cidade onde é fácil o convívio e o bem viver.

Se houve animosidade um dia, foi apenas manifestada em chiste, como nestas quadras de Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, criador da expressão PAUS RODADOS, para os filhos de fora desocupados que aqui vinham explorar politicagem. [...]

Hoje a cidade abriga num abraço fraterno pessoas de todo o país que nela encontram um segundo berço (RODRIGUES, 1969, p. 11-12).

Tanto o egocêntrico academicismo quanto a defesa da cuiabanidade e seu respectivo questionamento vêm de longe e estão vivos ainda hoje, sem sinais de refreamento. De um lado, a Academia Mato-grossense de Letras se mantém canonizando escritores e não escritores e, de outro, há a relutância dos autores atuais de se afastar do programa ideológico de D. Aquino Corrêa, José de Mesquita e Virgílio Alves Correa Filho. São poucos os representantes de outras localidades mato-grossenses que têm assento na AML, mesmo que já sejam economicamente mais significativas do que a própria capital. Por outro lado, uma boa parte dos atuais componentes da agremiação mantém-se convicta do nativismo programático de Aquino-Mesquita.

Esse jogo político na literatura mato-grossense já havia sido intuído por pesquisadores anteriores, que se debruçaram sobre a construção da imagética regional, dentre os quais destaco Olga Maria Castrillon Mendes (2013). Ao estudar o ideário de Taunay na transição entre romantismo, naturalismo e realismo, e mirar a tradição literária regionalista, elaborou uma arguta observação:

Culturalmente falando, Mato Grosso se fez conhecido como Estado periférico, apanágio da periferia por ela mesma – movimento endógeno de produção cultural – que acaba por implodir qualquer manifestação de caráter mais abrangente. E o é, não só em relação ao panorama nacional, mas também nos seus aspectos internos. [...]

Tais fenômenos culturais envolvem questões externas, mas também internas, porque obedecem ao tempo histórico e têm a ver com domínios ideológicos, privilégios, facilidades, que apagam ou dão brilho a figuras e obras que irão fazer parte da ‘lista’ dos visíveis, ou seja, os fenômenos socioculturais contribuem para a fixação do cânone literário (MENDES, 2013, p. 168-169).

É dever deixar anotado o incômodo que a atual pesquisa pode causar, seja nas instituições culturais mais tradicionais, seja na crítica literária e nos escritores contemporâneos. Causa um previsível embaraço a demonstração de práticas de apagamento na disputa pelo discurso hegemônico, ao passo que o recorte empregado pode provocar constrangimento com a demonstração do hiato na comprovação científica de tema tão delicado quando evidente. Além do mais, percebe-se um certo desagrado na rotulação da produção “regional”, equivocadamente tomada como “inferior”, conforme já discutimos ao longo deste estudo. É preciso entender, no entanto, que a pesquisa científica não deve ter constrangimentos, porque a crítica literária, cada vez mais, abre mão das antigas taxonomias, que se limitavam em subjetivismos dicotômicos bom/mau, superior/inferior, maior/menor.

Trata-se de uma leitura empobrecida pela escala valorativa, que mais reflete os condicionamentos da leitura do crítico do que a expressão da própria obra.

O objetivo desta análise a partir do levantamento de um material vasto e inédito era comprovar o surgimento e a manutenção de uma tradição. Qualquer tradição demanda símbolos e rituais. Na literatura produzida em Mato Grosso, dado o seu caráter endógeno, os escritores percorreram o defensivismo com maior ou menor adesão, com justificativas plausíveis ou inconsistentes. Cuiabá é o grande totem das tribos, passadas e presentes. Alguns escritores submeteram-se a rituais de integração por objetivos dos mais diversos – aceitação, reconhecimento e até mesmo oposição à tradição, como foi o caso dos novos que ingressaram na Academia Mato-grossense de Letras. Este estudo não se dispõe a comprovar as razões ou desrazões de cada intelectual, porque se limita a enxergar suas expressões literárias diante dos fenômenos sociais a que foram expostos.

Quanto à Geração Coxipó, o amadurecimento dos escritores que a compõem e o ingresso dos mais significativos na AML são a maior prova de que não houve uma distância tão grande como se supunha entre a geração fundadora e a dos irreverentes jovens que circulavam pelos bares da cidade. Aqui, vale a mesma observação de Teles (1997, p. 277) sobre o modernismo paulistano, quando observa que: “[...] se é verdade que chegou a existir uma comutação de ideias e valores, a ruptura com o passado, como já podemos hoje deduzir, foi mais ou menos aparente, permanecendo a mesma essência cultural, apenas, é claro, enriquecida e dinamizada”. É claro que o ingresso dos jovens se deu com a perspectiva de fazer da agremiação um ponto de cultura, mais arejado do que pensaram os fundadores, mas não deixam de reconhecer que aquela instituição é uma referência incontornável da identidade literária local.

Em Mato Grosso, as tensões continuam, dessa vez dentro da própria Academia de Letras. Às vésperas de completar cem anos de fundação, a AML vive, pela primeira vez, a tensão entre o academicismo, que alberga a produção tecnocrata que quer se legitimar pela tradição, e os escritores, que conquistaram um expressivo lugar de inédita representação. Esse tensionamento, de agora em diante, será feito por dentro, com resultados imprevisíveis. É um movimento oposto ao que naturalmente ocorre com a contraposição entre intelectuais conservadores e outros que se dizem modernizantes. Nesta pesquisa, houve a tentativa de demonstrar que não só essa “taxonomia intelectual” é tão enganosa quanto volátil, em consonância com a hipótese de Ítalo Calvino (2006, p. 98): “[...] os homens da oposição revolucionária ao sistema percebem que a antítese que propõem ainda é parcial, que as duas

partes em luta condicionam uma à outra, que a linha divisória entre o que combatemos e o que desejamos ainda é enganosa e incerta”.

O conflito não foi resolvido. Talvez nunca seja. Apenas se agudizou, porque os representantes das duas alas – tecnocratas e escritores – agora convivem sob um mesmo teto, cada qual com uma bandeira ambivalente em que a crítica e a emulação andam de mãos dadas. Nessa complexa disputa, também estão, dentro do centro intelectual hegemônico, escritores que passam ao largo da pauta nativista, despertando outros desdobramentos para futuras análises sobre intencionais desterritorializações narrativas e poéticas. Nos movimentos de avanço e retrocesso, academicismo e vanguarda, conservadorismo e revolução, continuidade e ruptura, será sempre difícil rotular quem é conservador e quem é revolucionário na complexa tradição literária, que é mais um jogo de mútuas influências do que a história de irreconciliáveis rompimentos.

REFERÊNCIAS

A NOVA POESIA DE MATO GROSSO. Cuiabá: [s.n.], 1986.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre a arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ALMEIDA, Marinei. *Revistas e jornais*. Um estudo do modernismo em Mato Grosso. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2012.

ANDRADE, Oswald. O modernismo. *Anhembi*, São Paulo, a. 17, dez. 1954.

ANTUNES, Wander. *Isso é coisa de pirata*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.

ARAÚJO, Susylene Dias de. *A vida e a obra de Lobivar Matos*. O modernista (des)conhecido. Londrina, 2009. Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Londrina.

ARRUDA, António de. *Um olhar distante*. Cuiabá: Ed. do Autor, 1997.

AYRES, Francisco. *Discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras*. Campo Grande-MS: Tipografia da Livraria Nossa Senhora Aparecida, 1951.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Editora Leya, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres*. Paris: Gallimard, 1954.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

_____. Between us, the generations. In: LARROSA, J. (Ed.). *On generations*. On coexistence between generations. Barcelona: Fundación Viurei Conviure, 2007. p. 365-376.

BELÉM, Ivan César Corrêa do. *Liu Arruda: a travessia de um bufão cuiabano sob a inspiração de Augusto Boal*. Cuiabá, 2015. Tese (doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação – UFMT.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado*. Campinas: Papirus, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2013.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A produção da crença*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

CALHAO, Antônio E. P. *Harpejos poéticos*. Joaquim José Rodrigues Calháo: Poemas Cuiabanos de 1891. São Paulo, 2020. Tese (Pós-doutorado), Programa de Pós-doutoramento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. [mimeo.]

CALVINO, Ítalo. *Assunto encerrado* – discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EdUSP, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

_____. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Fapesp, 2017.

CANOVA, Loiva. O discurso eugenista de um intelectual cuiabano. *Revista Eletrônica Discente História.com*, Cachoeira, v. 1, n. 2, p. 83, 2013.

CAMPOS, Cristina. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.

CARVALHO, Luciene. *Dona*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

CARVALHO, Sebastião Carlos Gomes de. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

_____. *Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.

COCCO, Marta. *Partido*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.

_____. *Meios*. Cuiabá: Edição da Autora, 2001.

_____. *Doce de formiga*. Cuiabá: Tanta Tinta, 2014.

_____. *Mitocrítica e poesia*. Regimes, imagens e mitos na poética de Lucinda Persona. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. 2. ed.. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Poética*: Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor. v. 1. t. 3. Brasília: [s.n.], 1985.

COX, Maria Inês Paglarini; ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (Orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FALCÃO, Lorenzo. *Motel Sorriso*. Cuiabá: Edição do Autor, 2002.
- _____. *dIFERENTE*. Cuiabá: Edição do Autor, 2005.
- _____. *Mundo cerrado*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.
- FAVERO, Luigi. *As cartas pastorais de D. Francisco de Aquino Corrêa: apresentação histórica e ideias pastorais*. Campo Grande-MS: [s. n.], 1996.
- FLAMP-93. *Devaneios poéticos*. Cuiabá: Gráfica da UFMT, 1994.
- CARRACEDO, Maria Teresa Carrión. *Fragmentos da alma mato-grossense*. Cuiabá: Entrelinhas, 2003.
- FRAISSE, Luc (Org.). *A história literária no início do século XXI – controvérsias e consenso*. Paris: Editoras Universitárias da França, 2005.
- FREIRE, Benedito Sant'Anna da Silva. *Caderno de cultura*, n. 1, 1961. [mimeo.]
- _____. *Caderno de cultura*, n. 2, 1965. [mimeo.]
- _____. *Caderno de cultura*, n. 3, 1968. [mimeo.]
- _____. *Caderno de cultura*, n. 4, mai. 1971. [mimeo.]
- _____. *Caderno de cultura*, n. 8, 1973. [mimeo.]
- _____. *Caderno de cultura*, n. 11, 1978. [mimeo.]
- _____. *Presença na audiência do tempo*. Cuiabá: UFMT, 1991a. (Trilogia Cuiabana, 1.)
- _____. *Na moldura da lembrança*. Cuiabá: UFMT, 1991b. (Trilogia Cuiabana, 2.)
- _____. *Águas de visitaço*. Cuiabá: Edufmat, 1999.
- _____. *A japa e outros cronicontos cuiabanos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2012.
- GATTO, Dante. Matrinchá do Teles Pires, um romance histórico de Mato Grosso. *Revista Alere*, [s.l:s.n.], v. 1. n. 1, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/584/513>>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *A poesia de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: Edição do autor, 1982.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. Cidade: Edições Loyola, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- LEITE, Gervásio. *Terra agarrativa e linda*. Goiânia: Editora Gráfica Cinco de Março, 1969.
- LEITE, Mário César Silva (Org.). *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005a.
- _____. Literatura, regionalismo e identidades: cartografia mato-grossense. In: LEITE, Mário César Silva (Org.) *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005b. p. 219-254.
- _____. *Memorial (in?)descritivo auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- LIMA, Antonio Carlos. *A! Pô! Cá! Ali! Psiu!*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.
- LOBO, Amauri. *Poemas do Cerrado serrado*. Cuiabá: Cria, 2002.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.
- MACHADO, Madalena; MAQUÊA, Vera (Orgs.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Tangará da Serra-MT: Editora Unemat, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record., 2001.
- _____. *O conhecimento comum – introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. *O tempo das tribos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014.

- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Textos de autores mato-grossenses do século XX*. Cuiabá: EdUFMT, 2002a. (Coletânea.)
- _____. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 2002b.
- _____. *Herança*. Cuiabá: EdUFMT, 1998.
- MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- MATTOS, Aclyse de. *Quem muito olha a lua fica louco*. Cuiabá: Oficina Mínima Editora, 2000.
- MELLO, Franceli Aparecida da Silva; MELLO, Wanda Cecília Correa. Autores, autoria e poder: aspectos da constituição do campo literário em Mato Grosso. In: *Polifonia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFMT, Cuiabá: EdUFMT, a. 17, n. 20, p. 7, 2009.
- MENDES, Olga Maria Castrillon. *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2008.
- MENEZES, Philadelpho. *A crise do passado: modernidade, vanguarda, metamodernidade*. São Paulo: Experimento, 1994.
- MESQUITA, José de. *Da epopeia mato-grossense*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1930.
- _____. José de Mesquita. In: ROSA, Carlos (Org.). *Cadernos cuiabanos*. v. 4. São Paulo: Planimpress Gráfica e Editora, 1978.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo: Difel, 1979.
- _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- MIRANDA, Veiga. Um poeta matogrossense. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá, 1936.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo dos 100 anos*. Cuiabá: Edição das Autoras, 1994.
- NETO, João Antonio. *O modernismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Edição do Autor, 2001.
- _____. *Revelação das palavras*. v. 1. Cuiabá: Entrelinhas, 2015.
- _____. *Palavras grávidas*. v. 2. Cuiabá: Entrelinhas, 2015.
- _____. *Banquete de palavras*. v. 3. Cuiabá: Entrelinhas, 2015.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *Poesia, mito e história no modernismo brasileiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- PALMA, Maria Luíza Canavarros. *Discursos de posse de imortais (Academia Mato-grossense de Letras)*. Cuiabá: EdUFMT, 2002.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PINTO, Luiz Renato de Souza. *Matrinchã do Teles Pires*. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.
- _____. *Rica/bendita; pobre/mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915-1961)*. Cuiabá, 2005. Dissertação (mestrado), Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso.
- POGGIOLI, Renato. *Teoría del arte de vanguardia*. Madri: Revista de Occidente, 1964.
- PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1981.
- PÓVOAS, Isác. Os tropeiros do sertão. *Revista do Centro Mato-grossense de Letras*, 1930.
- PÓVOAS, Lenine de Campos. *Mato Grosso: um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda., 1977.
- _____. *Cuiabanidade*. Cuiabá: Edição do Autor, 1987.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerários de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

- RODRIGUES, Dunga. *Reminiscências de Cuiabá*. Goiânia: Editora Cinco de Março, 1969.
- ROSENBERG, Harold. *A tradição do novo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Nas malhas das letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SCAFF, Ivens. *Mil mangueiras*. Cuiabá: [s.n.], 1988.
- _____. *A fábula do quase frito*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.
- _____. *Kyvaverá*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e cosmopolitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- SEBRELI, Juan José. *Las aventuras de la vanguardia*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.
- SILVA, Rosana Rodrigues da. *O modernismo em Mato Grosso: o desencontro de vozes e a voz encontrada de Lobivar de Mattos*. *Revista Alere*, Tangará da Serra-MT: EdUnemat, v. 1, n. 1, 2008.
- SODRÉ, Antônio. *Empório literário*. Versos diversos. Poemas secos e molhados, perfumarias e outras futilidades literárias. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005.
- _____. et al. (Orgs.). *Poesia necessária*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2007.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.
- SPINELLI, Larissa Silva Freire. *A fidelidade telúrica de Silva Freire: poética em fluxo decolonial*. Cuiabá, 2018. Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT.
- SUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. São Paulo: Nobel, 1991.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda., 1984.
- _____. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos primeiros poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Petrópolis: Vozes, 1997.

TORRE, Guillermo de. *Historia de las literaturas de vanguardia*. Madri: Ediciones Guadarrama, 1971.

TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria*. A condição crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet., 2001.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILALVA, Walnice. Onde canta o sabiá: regionalismo(s) em dois projetos estéticos. In: _____. et al. (Orgs.). *Literaturas em foco*. Reentrâncias regionais. São Paulo: Arte e Ciência, 2014.

WALKER, Marli Terezinha. *Ruptura e continuidade em três séculos de poesia feminina em Mato Grosso*. Brasília, 2013. Tese (doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

DIÁRIO DE CUIABÁ. Caderno DC Ilustrado. Cuiabá, n. 7.651, 27 out. 1995.

_____. Caderno DC Ilustrado. Cuiabá, n. 12.580, 1 dez. 2009.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE MATO GROSSO. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 1, 31. jul. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 2, 28 ago. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 3, 25 set. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 4, 6 nov. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 5, 4 dez. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 6, 29 dez. 1986. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 7, 5 fev. 1987. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 8, 27 fev. 1987. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 9, 29 mai. 1987. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 10, 4 ago. 1987. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 11, 19 out. 1987. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 12, 5 jan. 1988. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 13, 4 abr. 1988. (1ª Série.)

_____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 14, 3 ago. 1988. (1ª Série.)

- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 1, 16 jul. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 2, 31 jul. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 3, 14 ago. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 4, 28 ago. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 5, 14 set. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 8, 4 nov. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 9, 2 dez. 1987. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, n. 11, 1-15 set. 1988. (2ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 1, 30 ago. 1991. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 12, 31 jul. 1992. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 2, n. 16, 30 nov. 1992. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 27, 29 out. 1993. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 30, 31 jan. 1994. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 31, 28 fev. 1994. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 3, n. 32, 31 mar. 1994. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 1, n. 38, 30 set. 1994. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 4, n. 44, 31 mai. 1995. (3ª Série.)
- _____. Suplemento Cultural, Cuiabá, a. 4, n. 46, 17 ago. 1995. (3ª Série.)

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Cuiabá, a. 1, n. 1-2, 1933.

- _____. Cuiabá, a. 2, n. 3-4, 1934.
- _____. Cuiabá, a. 4, n. 7-8, 1936.
- _____. Cuiabá, a. 9-10, n. 17-20, 1941-1942.
- _____. Cuiabá, a. 12-13, n. 23-26, 1944-1945.
- _____. Cuiabá, a. 16-17, n. 31-34, 1948-1949.
- _____. Cuiabá, a. 18-19, n. 35-38, 1950-1951.
- _____. Cuiabá, a. 14, n. 47-48, 1956.
- _____. Cuiabá, a. 25-26, n. 49-52, 1957-1958.
- _____. Edição comemorativa dos 60 anos da AML. Cuiabá: [s.n.], 1982.
- _____. São Paulo: Editora Resenha Tributária Ltda., 1985.
- _____. Nova Série. Cuiabá: Guató Editorial, n. 1, 1991-1992.

_____. Revista comemorativa do Jubileu de Diamante. Cuiabá: Gráfica da UFMT, 1996.

_____. Nova Série. Cuiabá: [s.n.], n. 2, 2000.

_____. Cáceres: Unemat Editora, v. 1, n. 1, 2015.

_____. Cáceres: Unemat Editora, v. 2, n. 2, 2015.

_____. Cáceres: Unemat Editora, v. 3, n. 3, 2016.

_____. Goiânia: Kelps, 2019.

REVISTA DE CULTURA. Cuiabá: [s.n.], n. 115, jul. 1936.

REVISTA DO CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS. Cuiabá, a. 1, n. 1, jan. 1922.

_____. Cuiabá, a. 1, n. 2, jul. 1922.

_____. Cuiabá, a. 5, n. 9, jan./jun. 1926.

_____. Cuiabá, a. 5, n. 10, jul./dez. 1926.

_____. Cuiabá, a. 7, n. 18, jan./jul. 1928.

_____. Cuiabá, a. 9, n. 18, jul./dez. 1930.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. Cuiabá, a. 1, t. 1, 8 abr. 1919.

_____. Cuiabá, a. 1, t. 2, 1919.

_____. Cuiabá, a. 2, t. 3, 1920.

_____. Cuiabá, a. 2, t. 4, 1920.

_____. Cuiabá, a. 11, t. 21-22, 1929.

_____. Cuiabá: EdUFMT, a. 63, t. 135-136, 1991.

REVISTA ESTAÇÃO LEITURA. Cuiabá, n. 1, fev./mar. 2004.

_____. Cuiabá, n. 2, abr. 2004.

_____. Cuiabá, n. 3, mai. 2004.

_____. Cuiabá, n. 4, set./out. 2005.

_____. Cuiabá, n. 5, dez. 2005.

_____. Cuiabá, n. 6, fev. 2006.

_____. Cuiabá, n. 7, 2006.

_____. Cuiabá, n. 8, 2007.

_____. Cuiabá, n. 9, mar. 2008.

_____. Cuiabá, n. 10, abr. 2008.

REVISTA FAGULHA. Cuiabá, n. 1, 2006. (22º Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães-MT.)

_____. Cuiabá, n. 2, 2007. (23º Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães-MT.)

_____. Cuiabá, n. 3, 2008. (24º Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães-MT.)

REVISTA VÔTE!. Cuiabá, n. 1, out. 1992.

_____. Cuiabá, n. 2, dez./jan. 1993.

_____. Cuiabá, n. 3, jun. 1998.

_____. Cuiabá, n. 6, 1999.

_____. Cuiabá, n. 5, 2001. (Nova série.)

_____. Cuiabá, n. 6, 2002. (Nova série.)

ANEXO 1

GERAÇÃO COXIPÓ: as guerras tribais na literatura mato-grossense. Produção de Eduardo Mahon. Cuiabá: Edição Sernon Nonres, 2020. 1 HD (2 h), son., color.